

DINASTIA DA NOITE



AUTORA BEST SELLER DO NEW YORK TIMES
KRISTEN ASHLEY

Dea
editora



Bem-Vindo à

*Fantasy*Land

Copyright © KRISTEN ASHLEY
Copyright © 3DEA EDITORA

*Título Original: **Fantastycal**
Fantasyland Novel
Book Three*

Publicado no Brasil pela 3DEA EDITORA

Editor-chefe Patrícia Azevedo

Produtor Editorial Daniela Soares

Assistente Editorial Valeria Bueno

Tradutor Vinicius Baird

Capista Murilo Guerra

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2016), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas o universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Todos os direitos desta edição reservados para 3DEA Editora.

Kristen Ashley

DINASTIA
DA NOITE

The logo for Dea Editora, featuring a stylized 'D' containing a '3' and 'ea' in a script font.
e d i t o r a

Sumário

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Glossário do Universo Paralelo](#)

Capítulo 01

Caramba

Ouvi pássaros.

Estavam cantando. Não piando. Cantando. Não era um canto de pássaros. Era apenas uma música simples e antiga, mas em silvos. Era difícil descrever, mas estava lá.

Muitos.

O que me fez abrir os olhos.

Então, pisquei e senti. Estava deitada em uma cama, mas não era a minha cama. O colchão era estranho, muito macio, muito luxuoso. Não estava sobre ele, estava nele. Envolveria parcialmente meu corpo como uma nuvem fofa, quente e confortável.

Que diabos?

Olhei para o sol que iluminava as paredes, senti a cama e ouvi o estranho canto dos pássaros.

Uma coisa eu sabia, com certeza. Não estava em casa.

Me sentei com um pulo na cama e olhei em volta do aposento.

Estava em uma cama com dossel, cortinas de organza lilás claro por toda volta, o dossel coberto por um tecido mais grosso, também lilás claro. As paredes do quarto eram de um lilás ainda mais claro e olhei em volta para a mobília branca e bizarra.

Um grande armário com pés ornamentados, as laterais curvas e um arco no topo. Era volumoso, mas, ainda assim, delicado. Um milagre da marcenaria. De maneira nenhuma aquele guarda-roupa podia estar de pé sobre aqueles pés frágeis e ornamentados, mas estava.

Dois aparadores altos: um que fazia um ziguezague no topo, ziguezagueava no meio e ziguezagueava novamente na parte inferior;

outro, cujas gavetas subiam como degraus de um lado, um milagre diferente da marcenaria, pois parecia oscilar e, ainda assim, se mantinha firme.

Em seguida, havia uma penteadeira com um grande espelho oval na parte superior e dois menores ao seu lado. A penteadeira também era delicada, com espirais curvadas como pernas, ao redor dos espelhos e esculpidas nas três gavetas embaixo do tampo, em ambos os lados. Estava coberta por delicados frascos de vidro facetado, todos em vários tons de lilás.

— Caraca, estou sonhando — sussurrei.

Tinha que ser isso. Eu estava sonhando. O sonho mais incrivelmente real que já tive em toda a minha vida.

De repente, a porta abriu. Pulei e olhei para a minha direita para ver uma mulher loira entrando dançando no quarto, usando uma camisola à moda antiga, ofuscantemente branca, do tipo volumoso, que tinha uma fita no decote e percorria toda a volta.

Caraca, como ela conseguia manter essa camisola tão branca? Nunca fui boa em manter o branco, branco. Sempre acabavam encardidos.

Devia ser nova.

Oh, espere, isto era um sonho. É claro que tinha que ser tão branca.

— Cora! — Gritou meu nome, girando pelo quarto. — Cora, Cora, Cora! Hoje é o melhor dia da minha vida!

Parou aos pés da cama, empurrou uma cortina diáfana para o lado e sorriu para mim enquanto eu olhava para ela.

Uau. Sério. Ela era linda. Olhos azuis brilhantes. Cabelo loiro e volumoso. Feições delicadas. Pequena. Estonteante

— Você acredita nisso? — Perguntou, em seguida, bateu palmas.
— Eu vou me casar hoje!

— Humm... — comecei, mas, ela girou rapidamente na ponta dos pés e depois dançou graciosamente até um dos dois conjuntos de portas francesas que ficavam de cada lado da penteadeira.

Ela as abriu, o canto dos pássaros parou, foi até um balcão estilo Julieta e abriu os braços. Então emitiu duas notas, belas e perfeitas, em um tom soprano maravilhoso, o canto dos pássaros começou novamente, desta vez para valer (e eu pensei que era sério antes) e pisquei através das cortinas quando vi um pequeno pássaro colorido (eu sabia que havia pássaros coloridos no mundo, mas, não que havia pássaros coloridos assim) pousar na mão estendida.

Ela aproximou o pássaro do seu rosto e o pássaro piou alegremente para ela em vez de voar para longe. Então, disse ao pássaro:

— Vou casar com o homem que eu amo hoje, Aggie! Isso não é maravilhoso?

O pássaro piou alegremente para ela e depois deu uma bicada no nariz dela, não como uma bicada, mais como um beijo. Ela riu e isso também soou como uma canção feliz. Uau!

Pisquei.

Foi quando eu soube.

Estava sonhando que estava em um daqueles filmes de animação. Uau.

Legal! Que sonho incrível!

Ela se virou e a ave pulou no seu ombro, de alguma forma permanecendo no lugar, enquanto ela dançava na ponta dos pés até a cama com mais graça do que qualquer ser humano que já vi. Então, novamente, visto que era parte de um sonho, era tão graciosa quanto qualquer personagem de filme de animação que a minha mente podia criar.

Ela jogou as cortinas laterais de lado e ordenou alegremente:

— Levanta, boba! Temos que nos preparar! Tanta coisa para fazer, tanta coisa para fazer! Tra- lá! Tra- lá, lá, lá, lá! Tra, lá, lá, lá, lá!

Ela emitiu o tra-lá-lá com a linda voz, enquanto girava em direção à porta e o pássaro voava para fora de seu ombro, indo para a cama enquanto ela girava. Em seguida, aterrissou na minha frente, olhou nos meus olhos e piou.

Deus, juro que sabia o que o pássaro estava dizendo

— Oi —

Caraca!

— Oi — sussurrei para o pássaro.

Foi quando pude jurar que os olhos do pássaro se iluminaram com um sorriso.

Caraca!

— Levante, Cora, você não pode ser preguiçosa hoje! Fiquei com você para me certificar que você levantasse e ficasse pronta com tempo de sobra. Como minha dama de honra, tem que estar quase tão bonita quanto eu! — Falou da porta, em seguida, jogou o cabelo loiro dourado, brilhante e cintilante para trás e deu uma risada musical antes de abaixar a cabeça novamente e dar um sorriso deslumbrante para mim. — Não que isto vá ser difícil, minha primorosa irmã.

Bateu palmas com alegria novamente e saiu pela porta, fechando-a atrás de si.

Olhei para a porta. Então olhei novamente para a ave, que ainda estava olhando para mim.

— Este é um sonho legal pra caramba — disse ao pássaro e ele inclinou a cabeça para o lado como se as minhas palavras fossem confusas.

Em seguida, deu dois saltos e, então, estava sobre a minha coxa.

Incrível!

Sem demora, disse:

— Piu, piu — que entendi significar —Você não está sonhando.

— Estou sonhando, completamente — falei para o pássaro.

O pássaro respondeu:

— Piu, piu, piriu, piu, piu — que chegou até mim como piados, mas eu sabia que significava —Não, isso não é um sonho, de verdade, Cora.

— É um sonho, pássaro, sei disso, em primeiro lugar porque as pessoas não falam com aves ou, pelo menos, sabem o que elas estão dizendo. A menos, claro, que sejam malucas — respondi.

O pássaro inclinou a cabeça novamente e, em seguida, piou.

— Piu, piu, piu, piu (com mais um monte de piados) que significavam —Você está doente? É claro que as pessoas falam com as aves. E coelhos. E veados. E ratos. E meu nome é Agglethorpe. Você e todos os outros me chamam de Aggie.

— Aí está — falei para o pássaro. — Seu nome é Agglethorpe. Esse é um nome perfeitamente ridículo que só poderia ser dado a um pássaro em um sonho ou em um filme da Disney.

Foi quando o pássaro pulou para a frente e bicou minha mão, com um pouco de mágoa, então olhou para mim e piou o que entendi ser

— Meu nome não é ridículo! Sei disso porque você me deu esse nome!

Mas eu estava olhando para a minha mão, onde o pássaro, ou Aggie, tinha bicado.

Essa bicada tinha *meio que* dóido. O quê?

Você não devia sentir dor nos sonhos, não é?

Então ouvi um barulho que nunca tinha ouvido na vida real, antes. O tipo de ruído que se ouve nos filmes quando cascos de cavalo estão batendo nas pedras ou os membros do Monty Python estavam rachando

cocos^[1]. Aggie voou até a janela e pousou sobre a balaustrada do balcão estilo Julieta.

Olhou para baixo, então começou a se movimentar para cima e para baixo enquanto girava a cabeça na minha direção e começou a chilrear loucamente, me dizendo:

— Venha rápido, Cora, oh, não! Venha rápido! O Dashiell está aqui! Com o Orlando e... — o pássaro olhou para baixo, em seguida, me apressou, chilreando com um piado horrendo. Sim, sério, um piado horrível. — Nocturno!

Algo no comportamento da ave me fez jogar as cobertas para o lado, lutar para sair da cama (sério, colchões de penas eram incríveis, mas difíceis como o inferno para sair) e corri (não graciosamente nem dançando na ponta dos pés, tinha certeza) para a varanda enquanto Aggie continuava arrulhando sobre mim.

— Não pode ser. Dashiell não pode ver a Rosa! Não antes do casamento! Se ele o fizer...

Me aproximei do balcão e olhei para baixo para ver que, de fato, três cavalos estavam no pátio. Mas perdi o senso de urgência quando vi o pátio pavimentado iluminado pelo sol, brilhando, ofuscante e dourado. Era flanqueado por fontes, suas águas brilhando sob a luz do sol. Havia também uma abundância de canteiros de flores de todas as formas e tamanhos, assim como vasos de flores e plantas pendurados. Havia flores aqui, ali e em toda parte, aleatoriamente, na casa, nas pedras, nos exuberantes gramados verdes. A pedra da casa por si só estava quase coberta por trepadeiras floridas ou projetando plantas com pétalas brilhantes e pendentes.

Uau. Inacreditável. Era tão bonito que quase não conseguia respirar.

Então olhei para cima e para os lados para ver o que cercava a casa. À minha direita uma colina alta, tipo uma montanha, com uma

queda d'água que desembocava em uma lagoa cintilante que alimentava a fina corrente de um rio, no lado oposto. Na frente, além do gramado bem cuidado, uma floresta verde escura, extensa, até onde os olhos podiam ver. À esquerda um rio sinuoso, tão límpido que você podia enxergar as rochas no seu leito, mesmo à distância.

Deus, minha mente estava imaginando uma merda realmente legal.

— Cora! — Aggie soltou um sonoro piado.

Olhei para ele, ainda levemente atordoada pelo espetáculo diante de mim.

— O quê? — Perguntei.

Ele virou sua cabeça em direção ao pátio e eu olhei novamente para baixo, vendo três cavalos com três cavaleiros que me chamaram a atenção porque também pareciam magníficos. Não apenas os cavalos eram magníficos, mas os cavaleiros também o eram.

Uau.

Não conseguia ver os seus rostos, apenas aquelas coxas poderosas.

Humm...ui!

Notei que um cavalo era branco, um cinza e o outro era negro.

O cavaleiro do cavalo branco estava usando um chapéu branco com uma pluma escarlate caindo pela lateral até as costas. Também estava usando uma túnica escarlate sobre uma daquelas camisas com mangas bufantes. Sua camisa era branca. Além disso, estava vestindo calça cor de marfim e botas marrom escuro.

O cavaleiro do cavalo cinza usava um chapéu cinza com uma pluma azul escura, caindo pela lateral até as costas. Estava usando uma túnica azul escura sobre uma camisa cinza azulada de mangas bufantes, calça cinza chumbo e botas combinando.

O cavaleiro do cavalo preto usava tudo preto. Chapéu preto. Camisa bufante preta. Botas pretas. Nenhuma túnica. Nenhuma pluma.

Humm. Interessante.

Observei ainda que o cavaleiro negro tinha o mais poderoso par de coxas dos três.

Humm. Muito interessante.

— Cora! — Aggie chamou.

— O quê? — Perguntei em voz alta e, então, senti. Três pares de olhos em mim.

Olhei novamente para os cavaleiros no pátio e vi todos os três olhando para mim.

Uh... uau!

Putá... merda... caraca! Esses caras eram quentes!

O cara de chapéu branco era loiro, tinha olhos azuis e era m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o, maravilhoso. O cara de chapéu cinza tinha cabelo castanho escuro com uma pitada de dourado, olhos castanhos e era l-i-n-d-o, lindo.

E o cara de chapéu preto tinha cabelos negros, mais comprido do que os outros dois, a pele bastante bronzeada, muito mais bronzeada que a dos outros dois (que eram bem bronzeados, podia acrescentar), suas feições mais marcadas, mais magro, mais forte, mas, apesar de toda a escuridão, roupas, pele, cabelo, tinha olhos azuis claros. Olhos azuis muito claros.

Ah, e ele era q-u-e-n-t-e, quente.

E a coisa mais sexy nele era que tinha uma cicatriz curva, da têmpora até bochecha.

Ultra quente. Uau.

Delicioso!

Como era possível que eu tivesse trinta e dois anos de idade e nunca haver tido um sonho tão bom como esse? Não era justo. Este

sonho era de arrasar!

— Oi — falei para os caras quentes.

— Cora, a primorosa — o cara de chapéu branco falou em resposta, um sorriso branco e ofuscante nos lábios cheios e gostei da maneira que ele me chamou. Era incrível.

— Sou eu, Cora, a primorosa — concordei, retribuindo seu sorriso.

— Cora! — Aggie piava desesperadamente, pulando freneticamente.

— O quê? — Gritei para o Aggie, em seguida, continuei.

— Pare de cacarejar para mim, seu pássaro doido. Estou falando com os caras quentes.

— Você está pouco vestida. — Uma voz grossa, profunda e dura, quase impossivelmente sexy veio até mim e olhei novamente para os homens. — Vá para dentro, mulher, pelo amor de todos os deuses, e se cubra.

Era o homem de chapéu preto.

Olhei para mim mesma e vi que estava usando uma camisola igual à da mulher que tinha dançado e cantado o tra-lá-lá através do meu quarto. Era feita do melhor tecido que já tinha usado para dormir na minha vida toda. Inferno, era o melhor tecido que já tinha usado em qualquer lugar na minha vida.

Meus olhos foram para o homem de chapéu preto.

— Cara, tem cerca de sete mil metros de tecido aqui em cima. Dificilmente, estou pouco vestida — falei para ele.

Vi suas sobrancelhas se erguerem, dando a ele uma aparência decididamente sinistra (ainda hipnotizante e definitivamente, totalmente, sexy) e, em seguida, seus olhos desviaram de mim e virou a cabeça para olhar para o cara de chapéu branco, que também tinha abaixado o rosto e estava olhando para ele.

O cara de chapéu cinza estava olhando para mim.

—Você está bem, Cora? — Perguntou. — O nome deste homem não é Cara. Como você bem sabe, este homem se chama Noctorno.

Oh, céus. Não era um grande nome. Por que não podia ser Dashiell? Dashiell era um nome legal. Você podia encurtar para Dash e Dash era um nome super legal.

Oh, bem. Não importava. Geralmente, como qualquer sonho bom que já tive, sempre acordava antes da parte realmente boa. Só esperava que pelo menos chegasse a beijar um deles. Não importava qual. Minha primeira escolha era o Noctorno (apesar do seu nome). A segunda era o de cabelo castanho escuro, principalmente porque não fiquei tão empolgada com o cara do chapéu branco dar à cor vermelha tanto destaque.

— Estou perfeitamente bem — respondi. — Obrigada por perguntar — adicionei como uma reflexão tardia porque era importante ser educada, mesmo em um sonho.

O cara de chapéu cinza sorriu um sorriso estranhamente surpreso, mas Noctorno falou novamente.

— Se você está bem, então está bem o suficiente para caminhar para o seu quarto e vestir uma roupa adequada — me informou.

Sonho ou não, esse cara era muito mandão e, podia acrescentar, um pouco puritano.

Coloquei a mão no quadril e senti meus olhos se estreitarem.

— Qual é o seu lance? Não é como eu estivesse dando em cima de você.

— Lance? — O cara de chapéu cinza perguntou para o cara de chapéu branco.

O cara de chapéu branco balançou os ombros e perguntou:

— Dando em cima?

Noctorno ignorou ambos e grunhiu:

— Vá para dentro e se vista.

— Me obrigue — respondi, me inclinando sobre a balaustrada.

Oh, oh. Erro. Soube disso porque me encarou por aproximadamente meio segundo, depois seus lábios se curvaram em um sorriso extremamente sexy, extremamente assustador e definitivamente malicioso.

E, juro por Deus, sonho ou não, senti aquele sorriso por toda parte.

Uau!

Então se endireitou na sela, como se fosse desmontar a besta negra, lustrosa e musculosa, mas parou quando o cara de chapéu branco falou em voz baixa.

— Tor.

Humm. Bem melhor.

Nocturno não era um bom nome, mas eu podia lidar com Tor.

Neste ponto, duas coisas aconteceram.

Aggie esvoaçou na minha linha de visão e piou em voz alta para mim.

— Cora!

E a segunda foi a porta do quarto se abrindo atrás de mim e a mulher loira entrando correndo no quarto, gritando animadamente.

— É o Dash?

Viu! Eu disse que abreviar o nome para Dash ficaria legal.

— Não! — Ouvi um grito masculino vindo lá de baixo e olhei para lá, confusa ao ver os homens girando os cavalos com o que parecia ser súbita urgência. — Não deixe que ela me veja, Cora! — Era o homem de chapéu branco; soube disso quando continuou falando.

— Não! — Aggie piou, voando ao redor do meu corpo com agitação. — Não deixe que ela o veja!

— Dash! — A mulher loira gritou de dentro do quarto, correndo e dançando até a porta.

— Caraca, o que está acontecendo? — Comecei.

— Eiaaa! — Noctorno gritou, batendo com força na anca do cavalo branco, tão forte que o som do estalo doeu na minha bunda e o cavalo branco saiu correndo.

— Deuses! Não deixe que ela... — era a voz do homem de chapéu cinza, mas chegou no segundo que a mulher loira alcançou o balcão e gritou:

— Dash! Meu amor!

— Não! — O cavalo do homem de chapéu branco tinha começado a galopar para longe, mas ele o virou, gritando profunda e imperativamente e começou a galopar de volta, mas eu não estava prestando atenção.

Isso porque no minuto que a loira chegou no balcão e gritou as palavras, tudo mudou. Exatamente assim, em um piscar de olhos.

Em um segundo, as flores eram brilhantes, o sol era ofuscante, o dia estava lindo.

No próximo segundo, o céu estava escuro; uma mortalha foi lançada sobre a casa, as flores, a colina- montanha, a floresta e o rio. Tudo o que outrora era vibrante e de tirar o fôlego estava envolto em trevas e cinza.

E o que tornou as coisas piores foi que, no mesmo instante que a escuridão caiu, um trovão rugiu no ar, tão alto e lúgubre que eu, que nunca tive medo de trovão, fiquei instantaneamente aterrorizada (a mudança imediata no meu entorno ajudou). Um relâmpago estalou através do céu, vários flashes vindo tão rapidamente que eram como um estroboscópio.

— Caraca — sussurrei. — O que foi isso?

— Cora — a loira sussurrou. — O que aconteceu?

Confie em mim para ter um sonho legal transformado em uma merda total.

— Tor, Orlando... vão! — Ouvi e olhei para baixo enquanto os braços da loira me abraçavam e o vento surgia, chicoteando nossos cabelos e nossas camisolas com tanta violência, que o tecido das nossas camisolas esvoaçava e estalava, açoitando minha pele onde batia.

Sim, açoitando.

E aquilo era meio doloroso também. Que... diabos?

Me segurei na loira, olhei para baixo e vi que os cavalos cinza e negro estavam sem cavaleiro e o cara de chapéu branco, que perdeu o chapéu extravagante para o vento (por sinal) estava desmontando.

— Cora! Leve-a para longe da janela. Feche-a bem! Depressa! — Gritou para nós antes de correr para dentro da casa.

— Agora, Cora! — Aggie piou antes do seu pequeno corpo ser arrastado pela força do vento.

— Aggie! — Gritei, estendendo a mão para ele quando seu pequeno corpo voou para longe. Enquanto o observava desaparecer, soube imediatamente que não havia esperança de salvar o Aggie, então tinha que salvar a loira. — Vamos! Entre! — Gritei sobre o vento e os trovões, o flash do relâmpago iluminando estranhamente seu cabelo e sua pele.

— Depressa! — Gritei, a empurrando para dentro. — Agora!

Eu a empurrei para dentro e estava pisando no limiar, ao mesmo tempo que alcançava as portas francesas quando ouvi. Sobre todo o barulho da tempestade repentina, ouvi uma gargalhada. Uma risada maligna de gelar os ossos.

Me virei e olhei por cima do ombro para fora da varanda e, diante do que vi, gritei até meus pulmões doerem.

Capítulo 02

Casamento Por Amor

Estávamos galopando pela floresta, eu e Noctorno, em seu corcel negro aveludado. Eu sabia que não estava sonhando. Sabia disso porque podia sentir o poder do cavalo cavalgando embaixo de mim.

Podia sentir o braço forte do Noctorno apertado em volta da minha cintura. Podia sentir o calor e a solidez do seu corpo. Podia sentir os galhos chicoteando contra o meu rosto, meu cabelo, meu corpo. Podia sentir a chuva forte e incessante batendo na minha pele.

Também podia ouvir o trovão em andamento, ver os relâmpagos contínuos, ouvir os cascos do cavalo batendo contra o chão da floresta.

Nada disso era agradável. E tudo isso estava durando muito, muito tempo. Não sabia onde eu estava. Não tinha ideia de como tinha chegado aqui. Só sabia que estava lá. Isso não era um sonho.

Isso era real.

E era um pesadelo.

Por último, estava muito além da conta de aterrorizada.

— Abaixo! — Noctorno grunhiu no meu ouvido, mas nem me deu a chance de me abaixar. O peito musculoso pressionado contra as minhas costas me empurrou para baixo e ouvi um ramo chicotear sobre as nossas cabeças.

Ele se levantou, levando-me com ele, mas fechei os olhos. Ao abri-los, mordi o lábio com força em uma tentativa de não chorar, foi quando vi aquela... aquela... coisa levando a loira embora, novamente.

Uma daquelas coisas quase me pegou. Se o Noctorno não tivesse chegado no quarto a tempo e me pegado pela cintura, me puxando para trás, ao mesmo tempo que puxava uma espada do seu

cinto e o cortado criando faíscas azuis que voaram para fora dele, em vez de sangue, teria ido embora como a loira.

Teria acabado do outro lado da balaustrada, apesar do homem de chapéu cinza (também conhecido como Orlando) ter tentado segurá-la enquanto Noctorno estava ocupado lutando com o meu atacante.

Mas ela não caiu nos pedregulhos lá embaixo. Voou pelo ar, presa por uma daquelas coisas. E então, desapareceu. Puf!

O homem de chapéu branco, o homem conhecido como Dashiell, estava muito atrasado, parado no balcão, e gritava com o seu coração vibrando em fúria, mas Noctorno não o viu. Lutou contra o monstro que tinha me soltado, até que aquilo gritou e deslizou para longe tão rápido que foi quase como se não estivesse lá.

— Segurança! — Orlando gritou para o Noctorno, já correndo para fora do quarto, puxando Dashiell com ele. — Leve-a em segurança. A maldição está sobre nós e, não importa como você se sente sobre ela, Tor, eles a querem também!

— Deuses, cara, eu sei! — Noctorno gritou em resposta e me carregou para fora do quarto atrás deles até o final do corredor, desceu as escadas e saiu pela porta da frente, onde me jogou sobre o seu cavalo, montou atrás de mim e partimos.

Mas não conseguia pensar naquilo. É horrível e muito assustador.

Tive que me concentrar para não chorar, não tremer, embora estivesse toda molhada e vestindo apenas aquela maldita camisola fina. Tinha que tentar descobrir como, em uma noite fui para a cama no meu apartamento, não muito depois de um não tão fabuloso dia da minha vida não muito fabulosa, apenas para acordar em outro maldito mundo!

Quero dizer, eu era uma assistente administrativa! Como é que acabei sobre um cavalo, em uma floresta, em uma tempestade diabólica com um homem vestindo calções, pelo amor de Deus?

Ao mesmo tempo que lutava com esses pensamentos, o cavalo galopava sempre em frente e cavalgamos em silêncio através da floresta, enquanto a chuva massacrava nossa pele.

Então Noctorno virou o animal e começamos a subir a colina-montanha. Exceto que aqui era menos uma colina e mais uma montanha. O terreno era parte matagal, parte árvores e parte rocha. Subimos e subimos, o cavalo galopando com o esforço pelo nosso peso, mas parecia saber exatamente onde estava indo. De repente, estávamos em uma grande caverna.

Assim como, de repente, Noctorno desmontou do cavalo, suas mãos enormes estavam na minha cintura e estava me puxando para baixo.

Sim, me puxando para baixo. Não tomou qualquer cuidado, absolutamente, e gritei de surpresa e dor enquanto a rigidez fria dos meus membros e os meus pés descalços acertaram os fragmentos de pedra que estavam no chão da caverna. Então, agarrou meu braço e me sacudiu.

Me sacudiu!

Minha cabeça ia para frente e para trás e tudo!

— O que você está fazendo? — Gritei, agarrando seus bíceps (de aço, eu podia acrescentar) para tentar fazê-lo parar e tentar me manter firme. Ele parou de me sacudir e o rosto moreno se aproximou, até ficar a um centímetro do meu.

— Como você pôde ser tão idiota? — Ele gritou e me encolhi diante da fúria na sua voz e no seu rosto.

— O... o quê?

— Você sabia que ela não podia vê-lo no dia do casamento — me interrompeu, os dedos fortes ainda me segurando firmemente.

— Como é que ela podia casar com ele, se não o visse?

— Comecei.

— Antes! — Ele gritou com outra sacudida.

— Pare de me sacudir! — Gritei e ele parou, só para aproximar o rosto do meu, de novo.

— Você sabia que colocaria a maldição em curso — grunhiu. — Você sabia e só ficou parada lá.

Eu o interrompi.

— Eu não sabia! — E a sua carranca ficou mais feroz ainda. — Não sabia! — Gritei. — Eu sou uma assistente administrativa! Eu não sei de nada.

Suas sobrancelhas se ergueram e ele estreitou os olhos.

— Você sabia, Cora, você sabia.

— Não sabia! — Rebatí. — E, de qualquer maneira, se ele não devia vê-la, por que vocês todos vieram cavalgando, todos arrumados com plumas e essa merda toda no dia do casamento? Isso não foi muito inteligente.

— Ela não devia estar lá, você sabe — ele disparou em resposta. Pisquei.

— Não devia?

— Não — ele falou entre os dentes, me soltando, tropecei para trás e bati no seu cavalo, que se moveu um pouco contra mim, como se quisesse impedir minha queda e se era isso o que queria, o cavalo conseguiu que eu não caísse. — Ela estava dormindo na casa dos seus pais e nós estávamos lá para tirar a sua bunda preguiçosa da cama. Rosa não devia estar na sua casa.

Humm. Não estava realmente gostando de ser conhecida como preguiçosa neste mundo. Claro, podia procrastinar com o melhor deles, mas não me descreveria como preguiçosa.

— Mas... — comecei.

— E se ela estava ali, e você sabia que estava, você devia ter evitado que visse o Dash. Mas não o fez. Só ficou parada lá,

tagarelando conosco como uma tola, não nos avisou que ela estava lá e quando ela chegou, você a deixou vê-lo. Você sabe sobre a maldição. Ela não.

Isso pareceu ridículo.

— Por que eu sei e ela não? Isso é ridículo. — Informei a ele.

Ele olhou para mim por um momento antes de perguntar em voz baixa:

— Qual o problema com você? Ficou louca?

— Acho que não — respondi, porque não tinha certeza. Tudo ao meu redor parecia louco, mas eu não me sentia louca.

Mas, por outro lado, nunca tinha sido louca.

Como eu saberia?

Algo sobre ele mudou e o observei com fascinação. Não estava menos assustador; apenas diferente.

— Nós não nos casamos por amor, nós dois sabemos disso, mas nunca teria suspeitado que você faria isso com sua irmã — falou baixinho.

— Nós... nós... — não consegui terminar.

Um casamento por amor? Sobre o que ele estava falando, exatamente?

— Você se importa com ela, profundamente, ou era o que eu pensava. E se não se importa com ela — seu rosto enrijeceu — nós dois sabemos que você se importa com o Dash.

Uh. O quê?

Ele continuou falando.

— Seus sentimentos por eles, meus sentimentos por eles, foi por isto que nos casamos em primeiro lugar.

Uh. O quê!

— Casamos? — Sussurrei.

Ele me encarou, em seguida, advertiu:

— Não me tente, Cora.

— Nós somos... nós somos... você e eu... somos... casados?

Ele inclinou o rosto até o meu novamente e grunhiu.

— Não me provoque, Cora. Caraca!

Eu era casada com esse cara?

— Então... humm, onde você estava na noite passada?

— Perguntei o que achei que era uma questão pertinente, considerando que era meu marido e acordei sozinha, e seu rosto ficou ainda mais duro.

— Você está me provocando — afirmou. Oh, céus. Eu estava provocando ele.

Maldição.

Eu o estudei. Era um cara grande. Muito grande. Muito alto. Muito amplo. Se vestia de preto. Tudo preto. Tinha uma cicatriz. Seu cavalo era enorme e poderoso. Carregava uma faca no cinto. Me assustava apenas pela maneira com a qual podia olhar para mim e não tinha problema em me sacudir tanto até a minha cabeça girar.

Estava pensando que não queria mexer com esse cara.

Também pensei que talvez não devesse dizer que não era realmente sua esposa, mas uma garota solteira que trabalhava para uma agência de publicidade e vivia em Seattle. Achei que não seria encarado muito bem.

O problema era, estava em uma terra de fantasia, ele era o único ser humano perto de mim, precisava que ele falasse comigo, precisava dele para voltar para o lugar de onde vim, que, definitivamente, não era aqui e não sabia o que dizer a ele.

O que sabia era que ele parecia não gostar muito de mim e então percebi que o meu melhor palpite não significava nada para ele.

O que significava que eu estava ferrada. Maldição!

— Eu... eu acho que preciso de um minuto para, uh... arrumar as ideias — disse a ele a mais pura verdade.

Estávamos bem na boca da caverna e a tempestade e as árvores lá fora significavam que a luz que entrava era fraca, mas vi os olhos escuros, duros e brilhantes me examinando, viajando pelo meu corpo. Pararam no meio do caminho e sua mandíbula se contraiu.

Olhei para baixo e vi que o tecido fino da camisola, não importava que houvesse um monte dele, tinha ficado transparente. Eu estava, felizmente, vestindo o que parecia ser um largo calção branco, mas na parte de cima, não deixava nada para a imaginação.

Dupla maldição!

Peguei punhados do tecido em ambas as mãos, os puxei em torno de meus seios e olhei para o rosto dele, para ver seus olhos voltarem para os meus.

— Humm — comecei, mas parei quando ele deu um passo para frente enquanto abaixava os ombros. Então, um ombro estava no meu estômago e fui erguida. Agarrei a parte de trás da sua camisa e gritei:

— O que você está fazendo?

— Quieta — ordenou.

Puxei sua camisa e balancei os pés.

— Me ponha no chão! — Gritei, entrando em pânico e imaginando o que ele ia fazer a seguir, mas achando que eu não ia gostar.

Não estava errada.

Senti o estalo da sua mão na minha bunda, soou quase tão alto como quando deu o tapa no traseiro do cavalo do Dashiell, mas uma vez que fez isso em mim, machucou... muito.

— Quieta — grunhiu, mas eu já tinha ficado quieta.

Ele me bateu. Me bateu, me puxou para fora do seu cavalo, me sacudiu, ficou me dando ordens, me chamou de preguiçosa e, vou

repetir, me bateu. Tão forte que doeu.

Muito.

Não gostava desse cara. De jeito nenhum.

Senti o ardor nas minhas narinas, que anunciava lágrimas.

Oh, Deus, precisava voltar para casa.

Capítulo 03

Totalmente

Me carregou para dentro da caverna, não muito longe, mas para onde me levou era mais silencioso e mais escuro. Então, se inclinou para me soltar e as minhas mãos automaticamente rodearam o seu pescoço, porque não queria pousar com força nos cacos de pedra e ele ia me largar, eu sabia disso.

Surpreendentemente, não precisaria ter feito isso, pois seus braços seguraram as minhas coxas e a minha cintura para aliviar a queda e me colocou em cima de alguma coisa macia.

— Você ganhou peso — grunhiu, enquanto se afastava de mim.

Maravilhoso. Simplesmente maravilhoso. Neste mundo eu era gorda. Maravilha.

— Tenho que ir até o Salem, arranjar madeira, encontrar alguma comida. Voltarei — me informou, em seguida, sem mais delongas, se virou e saiu.

Me deitei onde quer que eu tivesse sido colocada em cima e olhei para o buraco escuro que se abria para o espaço através do qual ele desapareceu. Ouvi o cavalo dar um relincho poderoso e trovejante através dos lábios e percebi que era sua saudação ao seu mestre.

Minha mente estava vazia. Tão vazia que não tinha pensado em nada até o momento que ele voltou. Ouvi o que pareceu como madeira caindo no chão da caverna, em seguida, saiu novamente sem olhar para mim. Voltou mais três vezes e houve três mais ruídos de madeira caindo. Então se moveu ao redor, ouvi mais madeira sendo reunida, ouvi o estalar de rocha contra rocha e, em seguida, havia um fogo fraco. Se moveu para a parede da caverna, pegou alguma coisa e caminhou

até o fogo. Eu o observei acender uma tocha, em seguida, levá-la de volta para a parede e afixá-la em alguma coisa. Fez isso mais quatro vezes e as tochas, junto com a fogueira, significavam que o espaço estava melhor iluminado. Não era exatamente uma luz resplandecente com a qual você conseguia ler, mas, pelo menos, podia enxergar.

E vi que estava sobre peles, várias delas. Foi quando percebi que estava tremendo violentamente. Rolei, puxei a pele que estava debaixo de mim e vi que sob pele escura no topo da pilha havia uma cama feita com o que parecia ser peles de carneiro macias, cor de creme. Me arrastei e puxei o cobertor para cima de mim e para o alto, envolvendo seu peso desajeitadamente em torno de mim o melhor que pude.

Quando meus olhos voltaram para ele, vi que estava parado com as mãos nos quadris me observando e não parecia mais feliz do que estava antes. Na verdade, parecia completamente irritado e talvez um pouco enojado.

Apertei os lábios, porque aquilo me assustou pra caralho.

— Agora, comida — resmungou. — Se você conseguir, não deixe que o fogo apague. Mantenha-o alimentado. Isso, é claro, exige que você se mova. Experimente, pode descobrir que não é tão difícil.

Novamente, os comentários sobre preguiça. Que babaca.

Depois se virou, foi até a abertura do espaço, algo que não tinha conseguido ver antes e, depois, outra pele larga e pesada caiu no lugar atrás dele, cobrindo a abertura para o espaço e me fechando lá dentro enquanto ouvia o ruído surdo das botas batendo na pedra solta lá fora indicando que ele estava saindo.

Inspirei de maneira instável e afastei o cabelo molhado do rosto.

— Ok, ok... pense — sussurrei enquanto olhava ao redor e tentava controlar os arrepios.

O lugar era pequeno. Parecia haver uma mesa improvisada com algumas coisas sobre ela, contra a parede. Havia uma pilha de madeira

que ele trouxe, no chão ao lado da mesa (montes de madeira, aparentemente ele podia transportar uma carga pesada ou havia um pouco lá, antes). Havia o que pareciam ser armas na parede, duas espadas, algumas outras que pareciam facas longas e outras peças com aparência letal. Havia uma fogueira no meio do espaço e inclinei a cabeça para trás para olhar para o teto e vi um espaço pequeno e natural por onde a fumaça conseguia passar. Achei isto curioso, visto que a chuva não entrava, mas ainda podia ouvir o trovão distante, mas deixei para lá.

Quando controlei os tremores, joguei a pele para o lado e decidi explorar o lugar. Notei que o chão de pedra neste espaço era macio, e não feito de pedras soltas da área externa. Fui até a entrada do primeiro espaço e toquei a pele. De vaca, eu acho. Um monte delas costuradas juntas para criar um painel grande o suficiente para cobrir a abertura.

Depois disso, fui até a mesa e vi uma pilha de ossos de animais no chão, ao lado da mesa. Obviamente, este espaço era bem utilizado e, embora anti-higiênico, por não descartar os ossos, pelo menos a pilha indicava que Noctorno era organizado.

A mesa tinha um monte de coisas na parte superior e uma prateleira sob ela. O material em cima incluía uma frigideira de cabo longo, o que parecia ser uma chaleira rudimentar e grosseira, uma lata que peguei, abri, cheirei e felizmente senti o forte aroma de borra de café, um jarro que após outra cheirada, notei que era água, uma garrafa (teste do cheiro: uísque), um copo, uma tigela, uma colher, um garfo e uma faca. A prateleira acima dela tinha um monte de varas de ferro que eu não fazia ideia para que serviam.

Continuei vagando, mas, exceto pelas peles no chão (que, após uma inspeção mais próxima, vi que também eram costuradas e as peles de ovelha estavam colocadas sobre uma cama de grama longa e seca,

que era outra razão para toda a coisa ser tão macia), não havia mais nada para descobrir no lugar.

Andei até a fogueira e fiquei ao lado dela, tão perto quanto me atrevi, e estendi a camisola em uma tentativa de secá-la.

— Certo... agora... o que faço? — Sussurrei, caminhando para frente e para trás ao lado da fogueira, balançando minha camisola e pensando.

Fui dormir em casa. Acordei aqui.

Talvez devesse ir dormir e acordasse em casa.

O problema era, estava longe de estar com sono.

— Vou casar com o homem que eu amo, hoje, Aggie! Não é maravilhoso?

A voz feliz da Rosa entrou na minha cabeça e fechei os olhos com força.

Tinha fodido tudo. Um grande momento. Claro, não tinha como saber disso, mas os que me rodeavam, incluindo Noctorno, Orlando e seu amado Dashiell (sem mencionar o Aggie, que esperava estivesse bem) não sabiam disso. E agora a Rosa tinha sumido.

Desapareceu com uma daquelas coisas.

Balancei a cabeça, abri os olhos e caminhei até a pilha de madeira. Pegando uma tora, caminhei de volta para a fogueira e cuidadosamente a coloquei sobre a fogueira, enquanto falava comigo mesma.

— Não pense nisso. Não pense na Rosa, no Aggie ou no Dashiell. Pense em como chegar em casa. Pense em como dar o fora daqui.

Voltei para as peles e me enfiei debaixo delas, olhando para o fogo e pensando: O que eu podia ter feito? Como cheguei aqui?

Puxei através das memórias recentes tudo que eu sabia sobre como essas coisas aconteciam nos filmes. Não tinha feito um desejo

para ter uma vida de conto de fadas em uma daquelas máquinas que simulam uma cartomante assustadora, em uma loja de mágicas assustadora. Na verdade, nunca tinha ido a uma loja de mágicas assustadora, principalmente porque eram arrepiantes.

Não tinha esbarrado acidentalmente (e, portanto, irritado) em qualquer pessoa de aparência estranha, como um mágico com luvas brancas e chapéu alto ou uma cigana com cabelo longo e saia fluida e esvoaçante.

Não tinha me deparado com qualquer objeto, digamos, um vaso mágico ou um cristal encantado, e o levado para casa. Não tinha sentado sob a luz de uma lua cheia nas margens da *Puget Sound*^[2] e desejado uma vida mais emocionante cercada por caras sexys e pássaros que falavam.

Não tinha feito nada disso. Então, por que estava aqui? Estas coisas não aconteciam fora dos filmes. E, ainda assim aconteceu, porque estava aqui, em uma caverna, usando camisola, sem sapatos e com um cara sexy que, aparentemente me odiava, e que eu não gostava tanto também, lá fora procurando comida.

O tempo passou e continuei alimentando o fogo enquanto continuava a não pensar na doce e cantarolante Rosa sendo levada, imaginando se o Aggie tinha sido ferido, mutilado ou coisa ainda pior quando foi pego por aquele vento, ou pensando que a Cora deste mundo se casou com alguém com quem claramente não se dava bem, enquanto abrigava, ao que parece, sentimentos pelo noivo da sua irmã.

Em vez disso, fritei o cérebro para descobrir o que fazer a seguir.

Nada me ocorreu.

O que notei foi que a madeira que o Nocturno trouxe era bastante seca. Queimava como fósforo e, para manter o fogo aceso, estava usando um monte dela. Sem falar que ele já tinha saído há bastante tempo.

Mas a madeira, além de seca, já estava separada, então alguém tinha providenciado isso e ele não tinha ido lá para fora, na chuva, e a reunido. E não teve que ir muito longe para pegá-la, então talvez houvesse um esconderijo em algum lugar. E se ele ficasse fora por muito mais tempo, a lenha que ele deixou iria acabar, o fogo apagaria e ele ficaria irritado.

Não queria deixá-lo mais irritado (o que parecia ser sua única emoção), pois não gostava de vê-lo assim. Portanto, já que precisava de algo para fazer, e não gostaria, particularmente, de congelar até a morte neste mundo (ou em qualquer mundo, por falar nisso), decidi ver se conseguia encontrar o esconderijo de lenha.

Não foi difícil. Afastei as peles para um lado, notei que os trovões e relâmpagos tinham ido embora, assim como a chuva, mas o dia ainda estava cinzento, triste e uma garoa persistente continuava caindo. A entrada da caverna era enorme, o espaço preliminar, porém, era grande, mas não muito. Havia duas antecâmaras ocultas cobertas, aquela na qual eu estava e outra que descobri estar cheia de madeira cortada, empilhada e mais armas como lanças, facas, punhais, machados, martelos, clavas e mais algumas espadas.

Hummm. Ao ver como sua caverna era fortemente armada, parecia que Noctorno tinha ganho aquela cicatriz por causa do seu estilo de vida.

Escolhendo o caminho cuidadosamente sob os pés descalços, cinco vezes (com cargas muito menores do que o Noctorno conseguia carregar) atravessei toda a superfície áspera do espaço principal da caverna e voltei, repondo o estoque de madeira, jogando mais um par de toras no fogo e entrei novamente debaixo das peles.

Mal tinha conseguido arrumá-las sobre mim quando ouvi o relincho de um cavalo e a batida dos cascos nas pedras do lado de fora.

Noctorno estava em casa. Droga.

Não muito tempo depois, a pele da abertura foi jogada para o lado e Noctorno estava lá. Olhei para ele. Ele olhou para mim. Então olhou para a fogueira. Virou a cabeça e olhou para a pilha de madeira. Em seguida, virou a cabeça novamente na minha direção e não tentou esconder sua surpresa.

Poxa! O quanto eu era preguiçosa neste mundo? Só uma idiota, ou alguém realmente preguiçoso, ficaria em uma caverna úmida, fria e escura e não manteria o fogo aceso.

Noctorno caminhou até a fogueira e notei que estava carregando algo sobre o ombro. Ele a rodeou e depositou duas carcaças pequenas, ensanguentadas e sem pele, penduradas em uma vara, no chão de pedra ao lado da lareira.

Olhei para as carcaças.

Caraca!

— Isso são... coelhos? — Perguntei, soando tão horrorizada quanto estava.

Ele estava se movendo na direção da mesa, mas parou, seu olhar deslizando novamente para mim e o lábio se curvando.

— Minhas mais profundas desculpas, Cora, não consegui caçar o seu prato favorito, veado — afirmou sarcasticamente.

Olhei para ele com horror.

Já íamos ter o *Tambor*^[3] para o almoço e ele estava se desculpando porque não íamos comer o Bambi.

Eca!

Não ia conseguir comer coelho. E, além disso, não estava com fome. Nem de coelho, nem de qualquer outra coisa. Esta era a primeira vez. Sempre conseguia comer de tudo. Mas, de jeito nenhum, comeria o Tambor.

Ele prosseguiu até a mesa, pegou as barras de ferro da prateleira de baixo, voltou para a fogueira e decidi não compartilhar o estado do

meu apetite, vendo que ele estava molhado, parecia (ainda) estar irritado e tinha saído para matar um par de bichinhos fofinhos, assim não morreríamos de fome em uma caverna. Portanto, percebi que devia manter a boca fechada sobre esse assunto.

Ele montou o aparato que era, essencialmente, uma grelha sobre o fogo e acomodou as carcaças dos coelhos sobre ela. Então, colocou mais lenha na fogueira, saiu e voltou (três vezes) com mais lenha para recarregar a pilha.

Imaginei que isso significava que ficaríamos aqui por um longo tempo.

Quando terminou suas tarefas, se abaixou perto do fogo, provavelmente pela mesma razão que eu estava lá, para se aquecer e secar as roupas.

O que não fez foi falar comigo.

O que também não fez foi girar os coelhos na grelha. Ele não girava a manivela que havia em uma extremidade das hastes de ferro. Isso significava que um lado ficaria torrado e o outro não. Além disso, mesmo que fossem coelhos, o que me assustava, todo o seu sumo cairia no fogo. Se fosse recolhido e utilizado para regar as malditas coisas, ficariam mais suculentos e saborosos.

Decidi não partilhar esta experiência culinária com ele. Em vez disso, saí de baixo das peles, fui até a frigideira e, em seguida, me movi para a manivela perto da fogueira. Segurei o máximo de tecido da camisola que pude com a outra mão (que era muito! Sério, havia uma enorme quantidade de tecido me cobrindo), o usei para proteger minha pele contra o calor da manivela e me abaixei, me esforçando para fazer isso como uma dama, junto ao fogo, enquanto girava a manivela e segurava a frigideira sob os coelhos para recolher seus sumos. Fiz isso por algum tempo sentindo seus olhos em mim antes de falar.

— Pelos deuses, o que está fazendo? — Nem olhei para ele quando respondi.

— Grelhando. Se você os cozinhar desse modo, um lado vai ficar torrado e o outro não vai cozinhar. E todo mundo sabe que precisa regar a carne.

Isto foi recebido com silêncio.

Continuei girando, em seguida, quando recolhi sumo suficiente, levantei a frigideira e derramei o líquido sobre a carne. Então segurei a frigideira sob a grelha novamente, enquanto girava a manivela.

Verdade seja dita, as ações eram tediosas, a frigideira era pesada e meus braços estavam começando a doer. Mas, pelo menos, tinha algo para fazer.

Depois de algum tempo, ele falou:

— Cora.

— Sim — respondi, levantando a panela, regando a carne, em seguida, a coloquei debaixo das carcaças, ao mesmo tempo girando a manivela.

— Cora — ele repetiu.

— Eu já respondi — rebati.

— Olhe para mim, mulher! — Ordenou.

Ergui os olhos para ele. Sua expressão era neutra, mas seus olhos estavam alertas e pensativos, presos em mim.

— O que você está fazendo? — Perguntou.

— Já disse — lembrei a ele.

— O que você está fazendo? — Repetiu e senti minhas sobrancelhas se erguerem.

— Cara, eu já disse para você — respondi e seu rosto ficou frio.

— Não me chame desse nome — ordenou. — Não gosto disso.

Olhei para ele e então suspirei. Em seguida olhei novamente para o fogo e murmurei:

— Tanto faz.

— Cora — chamou novamente e meu olhar voltou a fitar o rosto dele.

— O quê? — Rebatí.

— Explique-se — exigiu.

— Eu já fiz isso.

— Quando você aprendeu isso? — Grunhiu, inclinando a cabeça escura para os meus movimentos.

Oh, oh.

A Cora preguiçosa deste mundo claramente não sabia como regar a carne, nem se dignaria a fazê-lo. Oh, bem. Não importa.

Balancei os ombros e disse:

— Ouvi sobre isso em algum lugar e, se tiver que comer coelho, ele pode muito bem ter um gosto bom.

Ele me estudou, em seguida, me disse baixinho:

— Você está estranha.

A mão na manivela parou de se mover, olhei para ele e vociferei.

— Eu não estou estranha!

Seus olhos se moveram sobre mim, em seguida, voltaram para os meus antes de continuar falando com uma voz suave.

— Você não é você.

Humm. O que eu faço com isso?

Era a abertura perfeita. O problema era, estava pensando, já que ele tinha muitas armas, nenhuma delas eram pistolas, granadas ou bazucas, montava um cavalo e não tinha um fogão de acampamento, mas uma grelha de ferro, neste mundo também não existia filmes. Assim, provavelmente não responderia positivamente ao fato de que a Cora do meu mundo podia ter sido (um palpite) trocada com a Cora deste mundo que ele conhecia.

Por outro lado, existiam maldições neste mundo que não existiam no meu mundo, talvez, por isso, entendessem a magia. Talvez ele pudesse entender.

— Uh... — Comecei, mas não consegui pensar no que dizer.

— Isso não vai funcionar — disse para mim e pisquei para ele.

— O que não vai funcionar?

— Esta mudança — afirmou. Oh, céus.

— Uh, Noc...

— O que você fez foi imperdoável — me interrompeu e mordeu o lábio diante do olhar severo no seu rosto. — Vou te proteger, mantê-la segura de danos, mantê-la viva como prometi fazer como seu marido e pela sua irmã, porque tem um lugar no meu coração. Mas por nenhum outro motivo. Você não pode carregar madeira, cozinhar a carne e me fazer pensar que é doce. Conheço você. Sei que isto não é você. O que também sei é que a única energia que você vai gastar é para sua própria conveniência e são manobras para garantir o melhor para si mesma. Não cometa o erro de me julgar um idiota.

Engoli, em seguida, comecei.

— Eu...

— Planejou isso desde o início — ele terminou para mim. — A caça — continuou — me deu tempo para pensar. Você me aceitou porque não tinha escolha, mas também porque não podia ter o Dash, mas significava que poderia ter o que eu podia dar a você, sua casa, a vida preguiçosa que tanto gosta. Mas conspirou o tempo todo sabendo que não poderia ter o Dash, mas não querendo que a Rosa o tivesse também. Então você teve o que podia do acordo, mas fez com que a sua irmã não tivesse o que ela mais queria neste mundo.

Uau. Isso doeu. E, obviamente, era totalmente falso.

— Isso não é verdade — sussurrei.

— Eu não sou nenhum tolo.

— Não é verdade.

— É genuinamente você.

Encarei seu olhar e ele retribui o meu, o belo rosto marcado, uma máscara fria e sem expressão. De maneira nenhuma iria convencê-lo. Aparentemente, a Cora deste mundo não era uma maravilha. E não estava gostando de ser ela.

Tudo isso era uma merda enorme, mas agora era uma merda maior ainda.

Quebrei o contato visual, comecei a girar a manivela novamente e usei os sumos para regar os coelhos.

Olhei para ele novamente quando se levantou.

— Me chame quando estiver pronto — ordenou, girou sobre os calcanhares, caminhou até a abertura, empurrou as peles para o lado e desapareceu.

Olhei para o fogo e disse a mim mesma que foi a fumaça que deixou meus olhos molhados.

Mas não foi.

Capítulo 04

Arranjos Para Dormir

Eu comi o Tambor.

O que foi uma merda é que o Tambor não tinha um gosto tão ruim assim.

Comi porque não queria sofrer de desnutrição antes do que esperava, fervorosamente, ser meu final feliz e estar de volta ao meu mundo.

Quando usei uma das facas penduradas na parede para verificar que a carne estava pronta, chamei Noctorno. Ele tirou um coelho do espeto, o destrinchou em cima da mesa e me entregou uma tigela cheia de carne. Em seguida, observou enquanto eu comia a minha porção sem uma palavra (exceto para dizer obrigada quando a entregou, o que me fez ganhar uma carranca pesada, indicando que a Cora do seu mundo não era educada também) e comia a parte dele, arrancando os pedaços direto do espeto. Então, desapareceu novamente.

Isso significava que estava sendo deixada com meus pensamentos desagradáveis e não muito mais. Me levantava de vez em quando para alimentar o fogo, mas, fora isso, não tinha nada para fazer.

Pela pequena abertura no teto, pude ver que a noite havia caído. Não havia muita luz lá fora devido ao dia sombrio, mas não havia nenhuma quando a noite caiu.

Estava olhando para a abertura, meio dormindo e esperando que, quando acordasse, estivesse de volta à minha cama, no meu apartamento.

Não tinha expectativas altas sobre a vida que levava antes.

Apenas dois meses atrás, havia terminado com o meu namorado de quatro anos, Brian, porque ele se recusou a levar o relacionamento para o próximo nível, me dizendo que tinha ficado surpreso que houvesse um próximo nível. Por que ele achou que poderíamos namorar pelo resto das nossas vidas, era uma incógnita para mim. O que foi horrível, porque o amava, sentia falta dele e o queria de volta. Ele era divertido. Era engraçado. Não fazia cara feia para mim, me chamava de preguiçosa ou me acusava de conspirações. Claro, a verdade era, ele era preguiçoso, no caso em questão, achando que não precisava se esforçar em um relacionamento além do namoro. Mas ele era divertido e, além disso, tinha estado por perto por algum tempo, então estava acostumada com ele.

Meu trabalho não era uma maravilha, também. Era bem paga, porque já trabalhava lá há anos, mas o ar estava cheio de boatos sobre demissões, a agência não estava indo muito bem e todos sabiam que as pessoas que tinham os salários mais altos eram as primeiras a serem demitidas. A economia não estava em plena expansão e, embora fosse habilidosa, meu chefe me amasse e me daria boas referências, estava na agência esse tempo todo porque a coisa que mais odiava no mundo era sair à caça de um trabalho, então evitava isso a todo o custo, mesmo que estivesse trabalhando em um lugar que não me desafiava muito.

E decidi, pouco antes de terminar com Brian, que estava na hora de ter um imóvel próprio. Ainda morava no apartamento de um quarto para onde me mudei quando tinha vinte e três anos. Era pequeno, o proprietário se recusava a pintá-lo (então eu o fiz, com o meu dinheiro), os eletrodomésticos eram velhos, estragavam e quebravam demais, e o meu banheiro era amarelo mostarda. Não gostava de mudanças, mas achei que era hora de seguir em frente. Estes planos foram interrompidos, em primeiro lugar porque o Brian e eu terminamos e, em

segundo lugar, porque não tinha certeza de que estaria empregada por muito mais tempo.

Mesmo diante de tudo isso, queria voltar. Era familiar. No meu mundo, tínhamos celulares. No meu mundo havia encanamento. Certo, os pássaros não eram tão coloridos e a paisagem não era tão esplêndida, mas esse só foi o caso quando uma maldição ainda não tinha se estabelecido nessa terra.

Não havia maldições no meu mundo também, outra vantagem.

E eu sentia falta dos meus pais. Eu era filha única (e, se a Rosa fosse minha irmã aqui, e parecia ser tão doce, teria sido incrível conhecê-la melhor antes que fosse levada por criaturas malévolas), mas meus pais eram muito legais. Eram um pouco estranhos, visto que eram gritantemente *hippies* (e eu estava tão longe de ser uma *hippie* que não era engraçado, como saí das suas entranhas era uma incógnita), mas eram incríveis.

Sem mencionar os meus amigos, que também eram incríveis. Não parecia que a Cora deste mundo era muito simpática. Embora o Dash parecesse gostar dela.

Diante desse pensamento, ouvi as peles sendo afastadas e desviei o olhar da abertura no teto para ver o Noctorno entrar. Observei enquanto caminhava até as peles onde eu estava. Então assisti quando inclinou o corpo grande e tirou as botas. Vi quando afrouxou o laço do colarinho, levantou os braços e os dedos longos seguraram a camisa na parte de trás, entre as omoplatas. Então o observei arrancá-la e minha respiração ficou presa nos pulmões.

Caraca, suas costas eram fora de série! Não sabia que as costas tinham tantos músculos. Todos eles definidos, contraídos e firmes.

Uau!

Então as vi. Cicatrizes enrugadas. Três delas. Uma no ombro direito. Outra ao longo das costelas, do lado direito das costas. A última,

na linha da cintura.

Ou esse cara era frequentador assíduo de brigas de bar ou era um guerreiro.

Estava imaginado que, com o seu comportamento, era ambos.

Ele se endireitou, caminhou ao redor e apagou as tochas. Jogou um par de toras na fogueira, então o observei sob a luz da fogueira enquanto caminhava de volta para mim.

Uau! Maldição dos infernos, seu peito era ainda melhor e tinha mais cicatrizes, também.

Também tinha pelos no peito maravilhoso, todo escuro e sexy. Não ligava muito para pelo no peito, ou não ligava até que vi o dele. Não era pouco, nem muito... era apenas a quantidade certa.

Caraca!

Então se abaixou, afastou as peles e deslizou ao meu lado.

Me sentei com um salto, perguntando:

— O que está fazendo?

— Me preparando para dormir — respondeu tranquilamente.

— Aqui? — Perguntei, minha voz saindo estridente.

— Sim — respondeu, ainda tranquilo.

— Você não pode dormir aqui — afirmei.

O que foi recebido com silêncio. Ele estava de costas. Eu estava sentada sobre a minha bunda com o tronco virado para olhar para ele e seus olhos estavam sobre mim.

Então, perguntou:

— Onde sugere que eu durma?

— Não sei — respondi. — Você não tem um saco de dormir ou algo assim?

Ele se apoiou no cotovelo e respondeu:

— Não, não tenho um saco de dormir. Saí hoje de manhã com a incumbência de levar o meu irmão para a igreja e arrastar sua bunda para fora da cama. Não vim preparado para um acampamento.

Humm. Claro que ele estava certo.

— Talvez você possa pegar algumas peles e fazer uma cama no outro lado do fogo — sugeri.

— E talvez você possa fazer isso — retrucou. — Vou dormir aqui.

Em seguida, se deitou e puxou as cobertas, o que me fez oscilar quando as puxou de cima de mim. Segurei-as com firmeza e continuei olhando para ele.

— Não vou dormir com você — declarei.

— Como sabe, estou perfeitamente bem com isso. A única vez que levei você para a cama foi muito desagradável. Não estou ansioso por uma outra vez.

Pisquei e, quando abri os olhos, sabia que estavam arregalados.

— Nós dormimos juntos?

Sabia que esta, provavelmente, era uma pergunta louca, visto que éramos casados, mas, ainda assim a fiz.

Se apoiou sobre o cotovelo novamente e fez uma careta para mim.

— Por que você insiste nesta loucura?

Não respondi à sua pergunta, tinha uma missão, então repeti:

— Nós dormimos juntos?

Ele olhou para mim antes de suspirar e disse:

— Vou entrar nessa — murmurou. Em seguida, continuou. — Nós realmente dormimos juntos. Como você bem sabe, porque sangrou lá, depois do nosso casamento e de consumarmos a união. Dizer que

você foi a pior experiência que eu já tive, seria proferir a definição de um eufemismo. Você, Cora, é, sem dúvida, a pior coisa que qualquer homem pode ter.

Oh, Deus.

Ele continuou.

— Então você passou a noite na minha cama. Você roncou — fez uma pausa, em seguida, continuou — alto. Então continuou roubando os lençóis, se moveu uma enorme quantidade de vezes e ocupou a maior parte da cama. Aguentei isso, mas nunca quis repeti-lo. No entanto, aqui estamos, esse é o único lugar que temos para dormir e vou dormir aqui, com você, se for preciso. Se você preferir seguir com isso, fique à vontade.

Ok, não havia muito o que considerar.

Primeiro, o fato de que era meu marido e só fez sexo comigo uma vez, isso não correu muito bem (para dizer o mínimo) e só dormiu comigo em sua cama uma vez. Segundo, o fato de que estava tendo a sensação de que não morávamos juntos, o que não era surpreendente para mim, já que ele era um idiota e, obviamente, não gostava da Cora deste mundo. Terceiro, a Cora desse mundo não era como eu; eu não roncava e dormia como os mortos, geralmente em posição fetal, acordando na mesma posição na qual tinha adormecido. Último, o fato de que não sabia, exatamente, como separar as peles, portanto, tínhamos que entrar em um acordo, já que elas estavam costuradas.

Então, me veio uma ideia.

— Ok, que tal isso — comecei. — Eu levo as peles de ovelhas comigo, você fica com a pele de cima e a cama de palha.

— Não, você quer sair, você fica com a pele de vaca. Então, era couro de vaca.

Interessante.

— Isso não é justo! — Informei a ele. — As peles de ovelha são mais macias.

— Eu sei — respondeu. Idiota!

— Mas você vai ficar com a cama de palha! — Rebatí.

— Entendi isso, também.

Cerrei os dentes. Nocturno ficou em silêncio.

— Você é um babaca! — Disse a ele.

— Perdão?

— Um babaca! — Repeti, me virando ainda mais para ele e apontando um dedo na sua direção — Você! Babaca!

— Babaca? — Perguntou.

— Aff! — Murmurei, entendendo que não usavam esse termo aqui e decidindo não explicar a ele. Então, tomei mais uma decisão e caí de costas sobre as peles. — Tudo bem, que seja, vamos dormir juntos. Se mantenha apenas do seu lado e não me toque.

— Vou ficar do meu lado, mas você precisa ficar no seu.

— Sem problema — sussurrei.

— Besteira — murmurou.

— Que seja. — Rebatí, puxando as peles até o queixo, em seguida, me virando de lado, me afastando dele e dobrando os joelhos contra a minha barriga.

— Se me chutar, roubar as peles ou roncar, vou mandar você e a pele de vaca para o outro lado — disse em resposta.

Fechei os olhos e avisei:

— Se você me tocar, vou chutar suas bolas com tanta força que vai dar adeus a qualquer esperança de ter filhos.

— Já fiz isso há muito tempo — murmurou e, rapidamente, me virei para enfrentá-lo.

— Você sempre tem que ter a última palavra? — Rebatí.

— Sim — respondeu.

— Babaca! — Vociferei.

— Vaca! — Rebateu.

Meu Deus! Ele acabou de me chamar de vaca!

— Odeio você! — Falei entre os dentes.

— Esse sentimento, meu amor, é mútuo — retrucou.

— *Urgh!* — Resmunguei olhando para o seu rosto e rolei para longe dele novamente.

Estava tudo quieto enquanto observava a dança da luz do fogo na parede da caverna à minha frente. Então, ele chamou.

— Cora.

— O quê? — Rebatí.

— De nada pelo jantar e por salvar sua bunda dos vickrants.

Vickrants?

Que diabos era aquilo? Provavelmente, eram aquelas coisas.

Merda. Ele tinha ido lá fora, sob uma tempestade, para conseguir comida e tinha lutado, poderosamente e com grande habilidade e energia, contra aquela coisa que me pegou, me poupando de desaparecer como a pobre Rosa.

Merda!

Cerrei os dentes. Então inspirei pelo nariz. Então, sussurrei.

— Obrigada, Noctorno, pelo jantar e por me salvar dos vickrants.

Eu não queira dizer isso, mas não significava que não tinha que ser dito.

— Maldição — sussurrou em resposta, a voz baixa e rouca, com surpresa.

Tanto faz.

Fechei os olhos sabendo que nunca chegaria a dormir, mas, esperando que o fizesse e, quando acordasse, estaria em casa.

Capítulo 05

Os Termos

Eles me pegaram.

As garras pretas e assustadoras estavam sobre mim, me agarrando, as unhas compridas rasgando a minha camisola, enquanto as asas finas e cheias de veias batiam assustadoramente. Estava me levando, me puxando sobre a balaustrada atrás da Cora e podia ouvir seus gritos estridentes e aterrorizados misturados aos meus.

Acordei com um pulo e corri para fora das peles. Me lançando cegamente, corri para a parede de pedra, dura e fria.

— Cora — ouvi.

— Oh, meu Deus — sussurrei, me pressionando contra a pedra dura.

Eu não estava em casa. Por que não podia ter acordado em casa?

Fechei olhos e senti as lágrimas deslizarem pelo meu rosto.

— Cora — ouvi novamente e uma mão quente estava na parte inferior das minhas costas.

— Eles quase me pegaram — sussurrei.

— Cora.

— Eles pegaram a Rosa.

— Volte para a cama.

— Eles a levaram.

— Cora, volte para a cama.

— Eles voaram para longe com ela e, em seguida, puf!, ela desapareceu.

— Você está tremendo. Volte para a cama.

— Bem assim — sussurrei, minhas unhas arranhando a pedra. —
Ela se foi.

— Cora...

Noctorno parou de falar quando minha respiração ficou mais ruidosa e soltei um soluço.

— Maldição — murmurou, então me pegou no colo, deslizei meus braços ao redor dos seus ombros e aninhei meu rosto no pescoço dele enquanto me levava de volta para as peles.

— Quero ir para casa — funguei contra o pescoço dele.

— Você não pode — disse enquanto se inclinava sobre um joelho e me colocava sobre as peles, mas não soltei o seu pescoço, na verdade, o agarrei com mais força.

— Não gosto daqui — disse para ele, com a voz trêmula e as lágrimas não paravam de cair.

— Orlando vai trabalhar para... Eu o interrompi, lamentando.

— Eu comi o Tambor!

Então empurrei mais ainda meu rosto contra o pescoço dele e me arqueei contra o seu corpo.

— Tambor?

Afastei o rosto do seu pescoço e olhei para ele.

— Um coelho fofinho! Eu comi um coelho! Coelhos são bonitinhos! Você não come eles! — Gritei, depois enfiei o rosto no pescoço dele, apertei meus braços ao redor dos seus ombros e pressionei meu corpo contra o calor sólido dele.

— Maldição — murmurou, os braços deslizando à minha volta enquanto se deitava no seu lado das peles, seu corpo de frente para o meu, o meu apertado no dele, os braços em torno de mim.

— Quero ir para casa.

— Deixe o Orlando fazer o trabalho dele.

— Não gosto daqui — repeti.

— Cora, se acalme — ordenou, com um aperto dos braços.

Este era um bom conselho e eu o aceitei. Inspirei longamente, de maneira entrecortada, e fechei os olhos com força. Levou algum tempo, junto com as lágrimas aquilo me exauriu, e quando meu choro cessou eu estava um trapo. Mas não o soltei.

Ele era real. Era quente. Era forte. Me salvou daquela coisa. Me alimentou. Me levou para um lugar seguro, seco e quente (mais ou menos). Era um babaca, me odiava, mas estava cuidando de mim. Nesta terra estranha, se eu não o tivesse, estaria fodida. Mais do que já estava, quer dizer.

— Obrigada por cuidar de mim — sussurrei, chegando mais perto do seu corpo.

Um corpo que ficou tenso.

— Mas não quero mais comer coelho. — Ainda estava sussurrando.

—Tudo bem, Cora, não vou mais caçar coelhos — ele parecia um pouco divertido, um pouco surpreso e um pouco irritado, uma estranha combinação que ficava bem nele. — Vá dormir — falou, com um outro aperto dos braços.

Inspirei profundamente mais uma vez e o sono ficou mais perto.

Então, murmurei:

— Ore a Deus, para que aquelas coisas não a machuquem.

Seu corpo enrijeceu novamente.

— Ore a Deus — repeti baixinho.

— Durma — sua voz retumbou a ordem.

— Ela cantarolou e dançou na ponta dos pés. Qualquer um que cantarola e dança na ponta dos pés não deve ser ferido, nem mesmo por aquelas coisas. Não, especialmente por aquelas coisas.

— Cora, o que foi que eu disse? Fiquei em silêncio.

Em seguida, no limiar do sono, sussurrei tão baixo que foi quase inaudível.

— Espero que o Aggie esteja bem.

Senti seus braços me apertarem uma última vez antes de estar morta para o mundo.

Acordei me sentindo ótima. Mas esse sentimento não durou muito tempo porque a próxima sensação que me atingiu foi o conhecimento que o meu corpo estava enrolado em volta do corpo grande e firme do Noctorno. Ele estava deitado de costas, eu estava quase em cima dele, minha coxa jogada sobre as dele, minha cabeça no seu peito, meu braço apertado em torno dele.

Para piorar a situação, os dois braços dele estavam ao meu redor, também.

Caraca.

Ergui a cabeça, mas, antes que pudesse me afastar, estava aprisionada pelos olhos azuis claros.

— Você não ronca — sua voz soou sonolenta e, podia acrescentar, muito sexy.

Oh, oh.

— Humm...

— Ou se mexe.

— Humm...

— Ou rouba os lençóis.

Mordi o lábio.

— Deuses, você abraça — murmurou, os olhos se estreitando perigosamente.

Minha nossa.

— Eu... — comecei a tentar me afastar, mas os braços dele me apertaram mais ainda, então parei, principalmente, porque seus braços eram, de verdade, tremendamente fortes e eu não tinha escolha.

— O que é isso agora? — Murmurou, os olhos brilhantes, não mais sonolentos, se movendo sobre o meu rosto.

— O quê? — Perguntei.

— Sedução? — Perguntou ele, em resposta.

Oh. O quê? Então, me toquei.

— Não! — Gritei. — Eu...

— Não consigo imaginar você sendo boa nisso — comentou.

Oh, Senhor. Estava vendo que ele estava de volta ao modo babaca.

Me afastei do seu abraço e coloquei as mãos no peito dele para ter um impulso melhor. Não funcionou.

— Me solte.

— Embora — continuou, me ignorando — quando coloca alguma coisa na cabeça... — então, parou.

Oh, Deus.

— Nocturno, me... — empurrei com força — solte! Não cheguei a lugar algum.

Seus olhos desceram para a minha boca.

— Tenho em mente testar suas habilidades. Oh, oh!

— Me solte! — Repeti.

Não me soltou. Seus braços se separaram, um deles deslizou para as minhas costas e o outro deslizou para baixo, até minha cintura. A mão na minha cintura desceu até o meu quadril e seus dedos o pressionaram.

— Você está melhor agora, que há muito mais para pegar. Gosto dessas curvas. Quando você era pele e osso...

Parou de novo.

Ótimo. Que sortuda. Ele gostava que eu fosse gorda neste mundo.

— Não vou falar de novo — falei, dando outro empurrão. — Me solte!

Seus olhos se moveram novamente para os meus.

— Me beije e eu solto você. Meu corpo se imobilizou. Então gritei:

— Não!

— Não consegue nem mesmo dar isso ao seu marido — murmurou, sua expressão mudando de especulativa para assustadora.

— Exato. Não consigo. Você é um babaca e odeio você, lembra?
— Rebatí.

Seus braços me apertaram.

— Lembro — respondeu. — Mas não é isso. Você não consegue fazer isso.

— Não consigo fazer o quê?

— Me beijar.

— Eu posso te beijar. Só não quero.

— Aposto que pode, o que eu quero dizer é, você não consegue me beijar de um jeito que eu consiga gostar.

Foram meus olhos que se estreitaram diante disso.

Eu realmente não tinha ideia se beijava bem ou não. Brian não parecia se importar com a maneira que eu beijava. Na verdade, tudo o que precisava fazer era lhe dar um beijo longo e molhado e ele estava em cima de mim. Então, por outro lado, ele era um cara. Caras não precisavam de muita coisa e o Brian precisava de menos que a maioria (na minha, admito, não tão vasta experiência).

— Poderia beijá-lo de um jeito que você ia gostar, mas não vou fazer isso — respondi.

— Besteira — murmurou.

— Eu posso! — Rebatí.

— Nem com a melhor reza deste mundo — retrucou. Que babaca!

— Por que ainda quer que eu o beije? Você nem mesmo gosta de mim — lembrei a ele.

— Porque, meu amor, sou um homem e uma grande parte do seu corpo macio esteve pressionada contra mim a noite toda, o resto dele, em volta de mim. Isso acontece com um homem, não importa qual seja o corpo.

— Lindo — grunhi. — Exatamente as palavras que qualquer garota quer ouvir.

— São verdadeiras.

— Vou conceder isso a você. Agora, me solte — exigei.

Ele me soltou e comecei a me afastar quando agi. Não sei por que, talvez porque estivesse cansada de ter uma má reputação devido à Cora deste mundo ser uma cadela de marca maior.

O que importa é que agi.

E não devia ter agido. Realmente, não devia.

Levei uma mão até seu rosto, ergui a cabeça dele para olhar para mim e parti para cima. E não peguei leve. Me desfiz de todas as barreiras e fui com tudo. Pressionei meu corpo com força contra o dele, meus dedos deslizaram pelo cabelo espesso e macio na lateral da sua cabeça, pressionei os lábios nos dele, abri a boca sobre a sua e, quando a dele se abriu sob a minha, minha língua a invadiu e Cristo, ele tinha um gosto bom.

Sublime. Humm!

Foi quando *realmente* coloquei tudo para fora, me aproximando mais ainda e dando tudo de mim.

Ele aceitou e, com um gemido, seus braços se fecharam à minha volta, me colocou deitada de costas, o corpo grande sobre o meu, e assumiu o controle.

Oh, Deus, assim era melhor. Muito melhor.

Ele era um babaca, mas, caraca, o homem sabia beijar.

Meus dedos deslizaram pelo seu cabelo até a nuca e meu outro braço enlaçou as costas musculosas, enquanto minha perna forçava o caminho para sair de baixo dele e envolvia o seu quadril.

Ele tinha um gosto bom, a sensação de tê-lo em cima de mim era boa, o corpo tão quente e sólido, e sabia beijar.

Incrível.

Ele afastou a boca da minha e levantou um pouco a cabeça. Abri os olhos para ver os dele brilhando com uma nova luz, à medida que me encarava e sentia sua respiração pesada misturada com a minha.

Jesus, ele era sexy, e era ainda mais sexy aparentando estar excitado.

— Deuses — murmurou com sentimento. Ele tinha razão sobre isto.

— Maldição — continuou.

Tinha razão sobre isso, também.

Seus olhos percorreram meu rosto e queria que não fizessem isso, principalmente porque estava esperando que ele me beijasse de novo. Mas não o fez.

Em vez disso, seus olhos se voltaram para a pedra e ele sussurrou:

— Trapaceira.

Pisquei e minha pele gelou.

— Pequena trapaceira intrigante — continuou, e por algum motivo, de repente, senti vontade de chorar.

— Fique longe de mim — sussurrei.

— Você não vai fazer nada, não é, Cora? — Perguntou.

— Por favor — falei suavemente — se afaste de mim.

— Se tivesse me dado isso, até mesmo uma mínima sugestão disso na nossa noite de núpcias, meu amor, teria lhe dado uma casa melhor.

Conhecendo a casa que ele me deu, que parecia pertencer a um conto de fadas, não podia imaginar nada melhor, mas não compartilhei isso, principalmente porque estava concentrada nos músculos do meu estômago se contraindo, porque parecia que ele tinha me dado um soco no estômago.

Então empurrei seus ombros, resisti e gritei;

— Saia de cima de mim, seu idiota!

Ele se moveu só o suficiente para eu deslizar debaixo dele e me levantar. Dei vários passos rápidos para longe, em seguida me virei para encará-lo, minha mente procurando por uma enorme censura e não encontrando nada quando o vi deitado de lado, as peles na altura da cintura, apoiado em um antebraço, o peito magnífico em exibição, o cabelo preto despenteado e seus olhos em mim.

Diabos, ele era quente como o inferno e desejei que fosse tão feio quanto era babaca.

— Mencionei que odiava você esta manhã? — Perguntei maldosamente.

Ele sorriu. Sorriu! *Babaca!*

— Na verdade, sim — respondeu.

— Bom, não quero que esqueça — rebati.

— Oh, não vou esquecer.

— Excelente.

— Entretanto, — começou empurrando as peles para o lado e se levantando agilmente — se não quiser coelho na próxima refeição, vai ter que pagar um preço.

Oh, não.

Isso não pareceu legal.

— O quê? — Perguntei.

— Você não gosta de coelho — me lembrou.

Não era que não tinha gostado. Era que, mesmo saborosa, não podia deixar de pensar que era uma coisa brutal porque gostava de coelhos.

— Não — falei cautelosamente enquanto cruzava os braços sobre o peito.

— Você não quer coelho, amor, então tem que fazer alguma coisa para merecer o que quer.

Isso, definitivamente, não pareceu bom.

— Talvez você possa explicar — sugeri e, verdade seja dita, não queria que explicasse.

Fez o que sugeri.

— Um beijo por uma refeição.

Oh, oh.

— Eu...

— Se quiser qualquer outra coisa, como roupas, vai precisar ser criativa.

Oh, oh!

— Nocturno!

Ele se inclinou um pouco, mas ameaçadoramente.

— Tenho certeza de que você pode ser criativa, não pode, Cora?

— Decidi que gosto de comer coelho e minha camisola está perfeitamente bem, obrigada — rebati, passando os braços em volta da barriga, protetoramente.

— Vai precisar de um banho. Você gosta de tomar banho, eu acho.

Oh, merda.

Na verdade, gostava de tomar banho. De verdade, esperava que não estivesse suja.

— Noc...

— Você ganhou o café da manhã com o que me deu sobre as peles. Foi tão bom, amor, que ganhou uma viagem até o rio também. Qualquer outra coisa que queira, vai ter que fazer por merecer.

Tirei os braços de cima da barriga e plantei as mãos nos quadris, me inclinando um pouco.

— Quão mais babaca você pode ser? — Perguntei.

— Por que você não descobre? — Respondeu.

— *Urgh!* — Resmunguei, atirando os braços para baixo, minhas mãos fechadas em punhos, levantando a cabeça para poder olhar, com desgosto, para o teto. Então, meu queixo se inclinou acentuadamente para baixo e olhei para ele. — Odeio você! — Gritei.

— Já me disse isso.

— Bem, te odeio mais do que odiava antes.

— Realmente, não me importo.

— E o odiava bastante, antes — informei.

— Repito, realmente não me importo.

— Bem, você deixou isto claro — rebati.

Sua cabeça se inclinou para o lado e ele sorriu.

— Existe alguma coisa que você precisa fazer? — Perguntou.

— Planejar o seu assassinato? — Respondi.

Seu sorriso se alargou ainda mais e era uma merda que fosse tão *sexy*.

— Além disso.

Sim, havia algo que precisava fazer, e era ir ao banheiro. Em seguida, tomar banho (no rio, pelo amor e graça de Deus!). Então comer.

E precisava dele para todas essas coisas, estava supondo. Quer dizer, podia fazer a primeira e a segunda coisas eu mesma, mas ele

tinha que me proteger de vickrants ou qualquer outra coisa que estivesse lá fora quando eu fizesse isso.

Olhei para ele. Ele encarou meu olhar com calma.

Então, desviei os olhos dos dele e perguntei a mim mesma em voz alta:

— Por que beije esse babaca? Por quê? Foda-se o meu orgulho! Foda-se o inferno!

— Acho que isso significa que concorda com os termos da nossa relação contínua — observou e meu olhar voltou para ele.

— Babaca!

Suas sobrelanceiras se ergueram.

— Está dizendo que não?

— Vá para o inferno!

Ele balançou os ombros, em seguida, se moveu para sua camisa.

— Você poderia, é claro, sair por conta própria. Os vickrants irão caçá-la ou a Megera pode enviar os toilroys. — Ele balançou a cabeça e não gostei da ideia dos toilroys. Vickrants já eram ruins o bastante. Além disso, não sabia quem era a Megera, mas, quem quer que fosse, eu sabia, era uma má notícia.

— Maldição.

Ele enfiou a camisa enquanto eu falava.

— Tudo bem.

Ele só virou a cabeça para mim.

— Tudo bem?

— Tudo bem! — Rebatu. Ele sorriu.

Eu o encarei.

Agarrou suas botas e as calçou.

Quando se endireitou, apontou o braço para a abertura coberta pelo couro.

— Gostaria de um banho?

Grunhi sob a respiração e pisei nas peles. De trás de mim, ouvi uma risada viril.

Sério, eu odiava para caralho este mundo!

Capítulo 06

Escrito no Céu

Eu tinha um plano.

Provavelmente não ia funcionar, mas, pelo menos, tinha um plano.

Estava um dia nublado quando Noctorno me levou para fora, para um lugar isolado na floresta e me deu privacidade, enquanto eu atendia ao chamado da natureza... na natureza. Não era a minha coisa favorita naquele mundo, ou no meu. Na verdade, fiz isso no meu mundo apenas uma vez. Posso dizer que foi ruim o suficiente para não fazer novamente. Mas, naquele momento a floresta era a única opção para atender a minha necessidade.

Então me levou de volta para a caverna, me colocou sobre o seu cavalo, Salem (que pareceu bufar uma saudação para mim, embora não pudesse entendê-lo como pude entender o significado quando o Aggie piava, foi apenas uma impressão que tive), montou no Salem atrás de mim e começamos o que parecia ser uma longa viagem até o rio.

Meu banho não foi tudo o que esperava que seria visto que ele tirou as botas e entrou na água comigo, nós dois ficamos totalmente vestidos, não tínhamos sabão e, embora o rio fosse lindo (independentemente do dia cinzento), cristalino e claro, estava imensamente frio.

Ensopados, cavalgamos de volta, ele alimentou o fogo enquanto me sentava próxima a ele, abraçando os joelhos e tremendo, então me informou que voltaria logo e saiu. Foi quando decidi sobre o meu plano.

Fiquei sentada, passando os dedos rígidos pelo cabelo, desembaraçando-o e esperando que secasse enquanto,

alternadamente, me levantava e alimentava o fogo, e decidi o que fazer para sair da minha mais recente situação terrível.

la dizer a verdade.

Ele provavelmente pensaria que eu era louca, mas, não me importava.

Tinha que fazer alguma coisa.

Ouvi cascos batendo na pedra e soube que ele estava de volta.

Mordi o lábio e senti um calafrio percorrer a minha espinha. Não sabia se esta emoção era medo ou qualquer outra coisa e não queria pensar nisso.

Tinha que me concentrar no que ia dizer para fazê-lo acreditar em mim.

As peles foram jogadas para o lado e ele entrou parecendo ótimo, apesar da camisa estar amarrotada e o cabelo bagunçado. Ou, talvez, fosse por causa deste último. Também estava carregando dois jarros com apenas um dedo, o restante dos dedos segurando um saco grosso e outro saco áspero na outra mão. Soltou os sacos e colocou as jarras em cima da mesa. Então se virou para mim.

— Voltei — anunciou o óbvio, um sorriso brincando nos lábios lindos.

— Bom — murmurei grosseiramente. Seu sorriso ficou amplo.

Urgh.

— É leite fresco — disse, inclinando a cabeça para os jarros. — E cerveja — continuou.

Eca. Odiava leite e cerveja. Ainda assim, era alguma coisa. Embora, desejasse saber como usar aquela geringonça parecida com uma chaleira. Tinha tentado e estava além de mim. Não havia nenhum filtro. E mesmo que tivesse, não havia água. E precisava de cafeína, agora.

— Certo — murmurei.

Ele chutou levemente um dos sacos com a ponta da bota.

— Aveia, pão, manteiga, açúcar e carne salgada — continuou.

Agora estávamos chegando a algum lugar.

— Fabuloso — murmurei.

Chutou levemente o outro saco.

— Roupas para você. E sapatos.

Oh, céus. Mordi o lábio.

Ele sorriu novamente. Oh, merda.

— Agora, amor — começou a caminhar na minha direção. —

Espero que você gaste seu tempo pensando em quão criativa pode ser.

Oh, merda! Comecei a recuar.

— Nós precisamos conversar — informei a ele.

Sua cabeça inclinou para o lado, mas não parou de se mover.

— Bem, isso é criativo, mas não era o que eu estava pensando.

Oh, merda!

Minhas costas bateram na pedra então levantei a mão, a palma para fora.

— Nocturno — sussurrei.

Seu peito encostou na minha mão e ele continuou se aproximando, empurrando-a para trás, por isso ficou presa entre os nossos corpos.

Sim, era o tão perto que estava. Caraca!

— Uh...

— Te advirto para não enrolar, Cora, estou com fome e seria uma vergonha eu comer antes de você — aconselhou.

Olhei para ele e tudo o que pude ver foram os olhos azuis claros. Eram muito azuis e muito claros. Como o céu em um dia ensolarado e sem nuvens.

— Seus olhos são como o céu em um dia ensolarado — deixei escapar e sua boca se curvou.

Oh, Deus. Por que disse isso?

Mas sabia que tinha dito isso porque estava muito perto e era muito sexy. Um cara sexy assim tão perto faria você deixar escapar qualquer coisa, mesmo que fosse um babaca.

Se aproximou ainda mais e senti seu calor atingir mais do que a minha mão e, me permita dizer, seu calor era quente.

Uau.

Sua cabeça abaixou então seu rosto estava perto do meu.

— Doce — sussurrou com sua voz profunda. Uau... e ... gostoso.

— Você é muito quente — disse a ele.

— Posso ficar mais quente — me disse. Caraca!

— Nocturno...

— Faça o que fizer, quero que o faça com a boca.

Oh, céus.

— E a língua — continuou.

Oh, Deus.

Meus dedos apertaram a camisa dele e falei rapidamente.

— Eu não sou deste mundo.

Ele piscou e fez isso lentamente. Em seguida, grunhiu.

— Perdão?

— Isso é sobre o que nós precisamos conversar.

Ele se endireitou em toda sua altura, virou a cabeça para o lado, sua mandíbula se contraiu, em seguida, murmurou:

— Deuses.

— Não, é sério — disse.

Sua cabeça se virou para mim.

— Sim, entendo. Você já usou o seu tempo pensando em quão criativa pode ser.

Este não era um grande começo.

Perseverei, principalmente porque não tinha outra escolha.

— Ok — comecei ficando na ponta dos pés, o que me deixou mais alta, mas, mesmo que fosse relativamente alta, ele era muito mais alto e nem sequer cheguei perto. — Me escute, está bem?

— Já disse a você, estou com fome — me lembrou.

— Vou me apressar, mas prometa me ouvir, ok?

Me encarou, mas não disse uma palavra. Encarei isso como um sim.

— Certo, certo. Não sou daqui. Eu sou de outro lugar.

— E de onde você é, Cora? — Perguntou com impaciência mal disfarçada.

— Humm... Terra? — Arrisquei.

Seus lábios se apertaram antes de falar.

— Eu sou da Terra também.

Bem, pelo menos nós residíamos no *mesmo* planeta... ou algo assim. Bom saber que não fui levada para uma galáxia diferente, apenas fui catapultada para um mundo paralelo.

— Ok, isso responde essa questão, mas sou de um universo alternativo da terra, onde temos computadores, celulares e, humm... TV a cabo.

Ele fez uma careta para mim. Prossegui.

— Sou uma assistente administrativa. Trabalho em uma agência de publicidade. Moro em um apartamento. Moro sozinha, assim, não me casei. Tinha um namorado, seu nome era Brian, mas ele não quis casar comigo, então tive que encarar minhas perdas e romper com ele antes, você sabe, da vida passar por mim.

Ele continuou mostrando a cara feia para mim, mas diante da menção do Brian, senti seu corpo enrijecer e vi seu rosto ficar duro.

Eram sinais ameaçadores, mas prossegui.

— Veja, fui dormir e quando acordei estava aqui. Quer dizer, fui dormir em casa, na minha casa, onde, você sabe, camas não são feitas

de penas, mas de... — Eu não sabia do que os colchões eram feitos, mas estava sentindo sua paciência diminuir, assim, me adiantei. — Outras coisas. E você não entende as aves e não existem maldições. Foi por isso que não sabia sobre a Rosa e a coisa com o Dash. Veja, nós não temos maldições, mas, mesmo que tivéssemos, não saberia sobre essa maldição porque não sou a Cora que você conhece. Sou uma Cora diferente, uma que é gorda, mas educada, não ronca e...

Ele me interrompeu com:

— Você não é gorda.

— Você disse que eu tinha ganhado peso.

— Ganhou. Também deixou o cabelo crescer. Agora estávamos chegando a algum lugar.

— Veja! — Exclamei. — Isso prova que não sou a Cora que você conhece.

— Não, isso prova que nos seis meses em que não a vi, você parou de prestar atenção em cada pedaço sangrento que colocou na sua boca e deixou o cabelo crescer.

Ele não tinha me visto durante seis meses?

— Você não me via há seis meses? — Perguntei.

— Pelo amor dos deuses — vociferou.

— Nós somos casados! — Exclamei. — Por que não me via há seis meses?

— Porque você me odeia, Cora, e não estou muito satisfeito com você.

Me apeguei a isso.

— Aí está. Veja, a Cora que eu sou sabe como dourar a carne e não é preguiçosa. Admito, vou evitar o que não gosto de fazer, mas, eventualmente, vou fazê-lo. Sou educada e meus pais e amigos me acham engraçada. Não quero me gabar nem nada, mas sou muito legal.

Se você me der uma chance, posso lhe mostrar que não sou a Cora que conhece.

— Aposto que pode. E aposto que vai se agarrar a isso a cada segundo do dia e viver com isso a cada respiração que tomar. Mas tudo isso será um ato de pura enganação.

Eita, se ele acreditava nisso, então a Cora deste mundo devia ser uma cadela de verdade.

— Ninguém consegue fazer isso — disse suavemente.

— Você consegue — retrucou. — Veja, meu amor, um ano e meio atrás fui para a cama com uma mulher tão fria, que foi uma maravilha meu pau não ter se partido em cacos de gelo quando o enfiei em você. — Engasguei diante das suas palavras, mas ele continuou falando. — E, apenas algumas horas atrás, a sua boca estava tão quente que acendeu um fogo dentro de mim. Se você consegue mudar isso, consegue fazer qualquer coisa.

Espalmei minha mão no peito dele, me estiquei ainda mais e disse calmamente:

— Mas, você não enxerga? Isso também prova que não sou a Cora que conhece.

— Essa bobagem que você está despejando só prova quão desesperada está para me manter ao seu lado, então vou mantê-la a salvo da Minerva e fazê-lo no estilo que você, sem dúvida, requer.

Minerva?

Nem tive chance de perguntar nada, ele continuou falando.

— Mas Dash acredita na sua performance, Rosa adora você e, portanto, por respeito a eles, vou mantê-la segura e alimentada, mas vou tirar o que puder de você, maldição, no processo.

Caí sobre as solas dos pés, mas mantive meus olhos nos dele, perguntando:

— Por que me odeia tanto?

Esta foi a pergunta errada. Soube disso quando o flash de raiva iluminou seus olhos, ao mesmo tempo que seu rosto ficou frio como pedra.

— Por quê? — Sussurrou.

Sabia que ele achava que eu não precisaria ter que perguntar, mas senti que deveria saber com o que estava lidando.

— Sim, por quê?

— Você se atreve a perguntar?

— Sim, Noctorno, já que não conheço você, afinal só o conheci ontem, ousei perguntar — falei com cautela.

— Então, este é o seu jogo agora?

— Não, isto é honestidade — falei com sinceridade.

O domínio sobre o seu temperamento vacilou e seu rosto se aproximou do meu, quando vociferou:

— Vaca astuta.

Humm... eita.

— Isso é mesquinho e não é verdade — respondi tranquilamente.

Ele continuou.

— Negra e cheia de trapaças é a sua alma sangrenta.

— Não é verdade — sussurrei.

Ele me encarou e me esforcei para enfrentá-lo. Quando estava prestes a desistir, ele cedeu.

— Este é o jogo que deseja jogar?

— Não é um jogo — o lembrei de algo que se recusava a acreditar.

— Este é o jogo que deseja jogar — decidi e suspirei.

Eu tinha razão. Ele se recusava a acreditar, ou, provavelmente, a Cora deste mundo era tipo assim uma completa cadela.

— Certo — continuou — então você joga o seu jogo, eu jogo o meu. — Isso não pareceu muito bom, me preparei e ele continuou falando, o que por sorte significava que ia explicar.

— Você é a outra metade da minha alma. Pisquei.

Então, sussurrei.

— O quê?

— Você ouviu.

— Eu sou a outra metade da sua alma?

— Em todo o reino, na nossa geração, há apenas dois homens cujas almas foram divididas ao nascer, a outra metade colocada em suas companheiras. Dash e a Rosa e você e eu. A Deusa achou por bem dar como prêmio ao Dash toda a doçura da Rosa e por algum motivo hediondo e sangrento, achou por bem me brindar com toda a sua sujeira.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, não era bom, mas também soava como algo que a Cora deste mundo merecia, então não respondi.

Nocturno falou.

— Qualquer homem, menos o Dash e eu, pode tomar qualquer uma como noiva. Para ele, era apenas a Rosa, razão pela qual você não pode tê-lo, não que ele quisesse você. Para conter a maldição que você começou a liberar ontem, e porque concordamos em fazê-lo, a fim de dar aos outros a felicidade que merecem, você tinha que liberá-lo para ela e casar comigo. E, para mim, era só você. Eu não tinha outra escolha.

Meu Deus.

Isso era loucura.

— Isso é loucura! — Exclamei, me encolhendo contra a parede.

— Malditamente certo que é — concordou com firmeza. Olhei para ele.

Mesmo tão louco quanto era, ficou pior. Porque ele parecia um homem que gostava de ter escolha, um homem que valoriza, acima de qualquer coisa, seu livre arbítrio, um homem que ia lutar e morrer por isso e, ainda assim, isso tinha sido tirado dele.

— Você não poderia, humm... protestar contra esta decisão?

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Para a Deusa?

— Uh ... sim? — Tentei.

Suas sobrancelhas se juntaram e seus olhos se estreitaram.

—Você é louca.

— Acho que você não questiona os deuses — murmurei.

— Não, Cora, nem mesmo você questionaria os deuses. Nossos destinos foram escritos no céu no momento em que nascemos.

Oh. Uau.

— Escritos no céu? — Sussurrei.

— Eu para você, você para mim, para todo o reino ver. Caraca.

Em seguida, outra coisa me ocorreu.

— Oh, oh — sussurrei.

— Perdão?

— Oh, oh — repeti.

— Oh, oh, o quê?

Acho que não tinham oh, oh aqui também. Fui além disso.

— Nocturno, eu não sou a outra metade da sua alma. A outra Cora é.

— Deuses — sussurrou, perdendo a paciência.

— Não! — Exclamei. — É verdade. Se você ficar em apuros estando com...

Parei de falar quando se aproximou mais ainda.

— Excelente tentativa, amor, mas isso não vai funcionar.

— Não, é sério...

Suas mãos apertaram os meus quadris e parei de falar.

— A Deusa escreveu que você é a outra metade da minha alma o que significava que eu tinha que me unir a você, mas isso não significa que não posso ir para a cama com quem eu quiser e eu vou. Assim, mesmo que você não seja a Cora do meu mundo, como continua dizendo que não é, nenhum dos deuses se importaria se eu te beijasse, tocasse, provasse você e te penetrasse, e também não se importariam se eu a deixasse fazer o mesmo comigo, exceto, obviamente, a última parte, então vamos apenas dizer que não vão se importar se você me montar... — Seu rosto chegou mais perto e falou: — Com força.

Suas palavras eram grosseiras, mas, mesmo assim, fiquei presa a algo que disse antes e, portanto, perguntei com descrença:

— Você me traiu?

Ele sorriu e seu sorriso era perverso.

— Se você não é minha mulher, então não.

— Você me traiu! — Gritei.

— Então você é minha esposa?

— Não!

— Então não.

Urgh!

— Afaste-se — exigi, minhas mãos indo até os pulsos dele e o empurrando.

— Não, acabamos com esta baboseira agora, você ganha sua comida e roupas e, estou te avisando, agora estou mais faminto do que estava antes, então não vou tolerar mais esse absurdo.

— Não estou dizendo um absurdo! — Minha voz estava se elevando. — Estou te dizendo a verdade!

Ele manteve o meu olhar, mesmo quando balançou a cabeça.

— Não se engane, Cora, eu vou comer na sua frente e você vai usar essa camisola até que ela se desfaça, se precisar chegar a isso.

— Tudo bem! — Rebatí. — Ótimo! — Gritei bem alto. — Faça o que quiser. Não vou ganhar mais nada que venha de você!

Ele acenou com a cabeça uma vez e murmurou:

— Sua escolha — me soltou e se afastou. E então, aparentemente, era isso.

Babaca!

Permaneci encostada na pedra, percebendo que estava respirando pesadamente e o observei se afastar.

Bem, não funcionou.

— Sabe o que mais? — Perguntei quando ele se abaixou na frente de um dos sacos e começou a tirar algumas coisas. Virou a cabeça para mim e continuei. — Quando a sua Cora voltar, e confio em Deus que ela vá voltar, não só para eu poder voltar para casa, mas também para poder ficar longe de você, vai se sentir como o babaca, idiota e estúpido que é!

Ele olhou novamente para o saco, murmurando:

— Vou assumir este risco.

Argh!

Capítulo 07

Só Pessoas Estúpidas Ficam Entediadas

Acordei na manhã seguinte com metade de mim em cima e completamente entrelaçada ao Nocturno novamente.

Ótimo. Simplesmente ótimo. Por que meu inconsciente não podia odiá-lo tanto quanto o meu consciente, te pergunto?

Rolei para longe, deitando de costas e ele rolou comigo, se apoiando quase totalmente no meu corpo.

Fabuloso.

Abri os olhos e olhei para os dele.

Jesus, é uma merda total que ele seja estupidamente lindo.

— Bom dia, amor — murmurou.

Olhei para ele pensando que não havia uma maldita coisa boa nesse dia. Primeiro, estava com dor de cabeça. Segundo, estava morrendo de fome. Terceiro, precisava de um banho, com sabão. Quarto, estava enojada e cansada de vestir esta maldita camisola. Quinto, estava cansada e malditamente enojada dessa caverna. Sexto, tinha que ir ao banheiro e isso significava que ele tinha que ir comigo, o que era humilhante. Sétimo, ele estava lá e eu o odiava, não importava quão lindo fosse. E, por último, eu ainda não estava em casa.

Não é necessário dizer que ontem não correu tudo bem. Ele me levou para responder ao chamado da natureza mais duas vezes e quando eu estava de volta à caverna, ele saiu (levando os jarros e sacos com ele, o rei de todos os babacas) e voltou depois de encher um jarro com água e me informar que podia beber à vontade. Isto foi bom,

pois eu poderia desidratar mais rápido do que morrer de fome, mas era ruim porque beber água provocava o chamado da natureza.

Fora isso, ele passou a maior parte do dia em outro lugar (porém perto, porque podia ouvi-lo fazendo coisas como murmurar para o cavalo, cortar lenha e o que imaginei ser afiar armas) e passei a maior parte do dia sozinha, ficando com mais e mais fome a cada minuto, uma dor de cabeça excruciante e, ao mesmo tempo, assustada além da razão.

Queria ir para casa.

— Preciso de café — informei a ele porque eu realmente precisava. Sabia que minha dor de cabeça não era porque estava com fome. Sabia que era porque o meu organismo precisava desesperadamente de cafeína.

— Café parece bom — sussurrou, seus olhos se movendo para a minha boca.

Oh, Deus. Lá vamos nós. Tudo bem. Tanto faz!

— Ok, tudo bem — rebati. — O que tenho que fazer por uma xícara de café?

Seus olhos se moveram novamente até os meus e eram sorridentes.

— Por que não faz o que acha que uma xícara de café vale e, quando tiver acabado, vou lhe dizer se você merece?

Eu o encarei por um segundo, desejando que meus olhos o aniquilassem.

Isto não aconteceu, então vociferei:

— Eu te odeio.

O sorriso não desapareceu dos seus olhos quando respondeu:

— Não me importo. O que...

Ah... Caralho!

Oh, bem. Foda-se. Uma garota como eu faria muito por cafeína e sendo eu, era óbvio que faria qualquer coisa.

Ambas as minhas mãos foram para os lados do seu rosto, finquei os pés nas peles, empurrei, rolando contra ele, o deixando de costas comigo em cima e o beijei, com força, de boca aberta, um beijo molhado, longo e quente.

Deus, oh, Deus, oh Deus, mas desejava que ele não tivesse um gosto tão desgraçadamente bom.

Quando terminei, um dos seus braços estava trancado sobre os meus ombros o outro estava apertado em torno da minha cintura. Levantei a cabeça e disse (infelizmente sem fôlego, de tão bom que foi aquele beijo):

— Isso me garante um café?

— Incrível — murmurou, a voz rouca mais rouca ainda, os olhos sexys mais sexys ainda e o braço se movendo dos meus ombros, de modo que os dedos puderam deslizar para cima, até a parte de trás do meu pescoço e entrelaçaram o meu cabelo. — Isso foi tão incrivelmente magnífico, que você vai ter café e mingau.

Uhuu!

O braço em volta da minha cintura se moveu, então a mão dele segurou minha bunda e levantou a cabeça, assim, seu rosto estava no meu pescoço.

— Extravagante merece roupas? — Falou contra a minha pele.

Estremeci. A mão dele era tão grande, tão quente, seu aperto tão firme e sua voz retumbante contra a minha pele tão quente que meu primeiro tremor foi seguido por um estremecimento completo.

Sem falar que eu queria tirar, tirar, tirar esta camisola. Merda.

— O que tenho que fazer para merecer roupas e um banho com sabão? — Perguntei cautelosamente.

Sua cabeça se apoiou novamente nas peles e seus olhos encontraram os meus.

— Eu tenho sabão — me disse. Senti meus olhos se arregalarem.

— Tem?

Ele assentiu.

— Sério? — Sussurrei. Ele sorriu.

— Sim, Cora.

Oh, Deus. Ele tinha sabão. E eu queria me lavar da cabeça aos pés. Queria muito. Merda!

Eu o observei enquanto ele esperava pacientemente, com as mãos quentes ainda sobre mim.

Humm.

— O que tenho que fazer para você não ser um babaca comigo o dia todo, a partir de agora até a hora de dormir?

— Perguntei.

Seus olhos se tornaram calorosos e, permita que eu diga, pareciam agradavelmente calorosos. Tão agradáveis que parecia que a minha barriga queria acompanhá-los, então o fez, ficando quente demais. Muito calorosa.

— Isso vai dar algum trabalho — sussurrou.

— Se eu, uh... fizer o trabalho completo agora, você vai, hum... ser bom o dia todo?

A mão na minha bunda deu um aperto.

— Você merece, você tem. Lambi os lábios.

Eu ia fazer isso? Merda. Merda! Merda!

Olhei nos olhos dele, senti seu corpo enrijecer sob o meu, então virei o rosto, apertando a mandíbula e fechando os olhos com força.

Não. Não, eu não ia fazer isso. De jeito nenhum.

Ele achava que eu era Cora deste mundo, mas eu não podia perder o domínio sobre o fato de que não era. Não merecia isso, mesmo que ele, genuinamente e com razão, acreditasse que eu fosse. Não iria me prostituir por sabão e roupas e para outro ser humano ser bom para mim. Não iria.

Me virei para ele e sussurrei:

— Acho que vou ficar com o café e o mingau.

Uma vez que acabei de falar, desviei o olhar e tentei me afastar, mas seus braços me envolveram novamente, me segurando onde estava.

— Cora — chamou, mas continuei olhando para as peles ao nosso lado.

— O quê?

— Olhe para mim.

— Apenas diga o que é.

— Olhe para mim — repetiu com um aperto do braço.

Olhei para ele que não tinha nenhuma expressão no rosto, os olhos enérgicos novamente.

— Vou dizer isso uma vez e a aconselho a levar a sério. Você pode jogar o seu jogo, mas não pode brincar comigo no meu.

— O quê? — Perguntei.

— Não me provoque. Oh, inferno.

— Eu não estava...

— Sem desculpas, sem mentiras, apenas leve isso a sério. *Estou entendido?*

Deus, não podia ganhar sem perder.

— Entendido — sussurrei.

Seus braços me soltaram e rolei para longe. Ele rolou para fora das peles.

Eu o vi caminhar até a mesa e pensei; eu odeio, odeio, odeio essa merda de mundo e odeio, odeio, odeio o Noctorno sei lá o quê.

E odiava, odiava, os odiava tanto que senti lágrimas caírem dos meus olhos, me virei para a parede e rezei para não fazer nenhum ruído com o meu choro, enquanto o ouvia atijando o fogo.

Felizmente, minha oração foi atendida.

— O que você está fazendo?

Noctorno estava falando atrás de mim.

Estava na entrada da caverna, o dia tinha um toque de umidade sob o sol que foi uma melhoria, mas nada como a beleza reluzente do mundo de conto de fadas no qual acordei dois dias atrás e desapareceu porque inadvertidamente fiz uma maldição cair sobre a terra.

Também estava sacudindo as peles da cama.

— Limpeza — respondi, sem me virar para ele e continuando a balançar sem jeito o pesado e enorme cobertor.

— Limpeza — repetiu depois de eu falar.

— Sim — disse, desistindo de sacudir e decidindo começar a batê-lo com o meu punho. Funcionou. Poeira voou para todos os lados. Brilhante.

— Por quê? — Perguntou.

— Por quê? — Perguntei em resposta.

— Sim, por quê?

— Porque você é organizado com os restos das carcaças, mas o resto do lugar é nojento.

— Cora, é uma caverna. Isso me fez virar para ele.

— Eu sei que é uma caverna, Tor. Assisti sua boca se contrair.

Oh, Deus. Por alguma razão, ele estava ficando com raiva.

Eita, com ele isso não demorava muito e desta vez eu nem sabia o que havia feito. Não podia tê-lo ofendido com a limpeza, podia?

Oh bem, deixe-o ficar com raiva. Estava me acostumando com isso.

Voltei a bater.

Ouvi um bum, bum, bum e então senti a maciez do focinho do Salem contra o meu pescoço, logo antes dele bufar. Isso fez tantas cócegas que ri, soltei o cobertor e me virei para ele. Sua cabeça se ergueu, levantei as mãos até o seu focinho e o segurei suavemente.

— Está tudo bem, garoto — murmurei. Ele bufou novamente.

— É isso aí. — Continuei murmurando e comecei a acariciar seu focinho.

Ele deu *meio que* um pulo em um passo de cavalo e se aproximou mais.

— É isso aí, sua besta magnífica — sussurrei, ainda o acariciando.

Ele bufou seu contentamento. Sorri para ele.

— Salem! — Noctorno vociferou, Salem afastou o focinho das minhas mãos e olhou para seu corpo maciço enquanto minha cabeça se virou para ver o grandalhão de pé, os braços cruzados sobre o peito, abertamente irritado.

— Afaste-se da Cora — ordenou à sua montaria.

Salem relinchou.

— Agora, cavalo — Noctorno grunhiu.

Salem expeliu a respiração através dos seus lábios de cavalo e trotou para longe.

Olhei para o Noctorno.

— Por que fez isso?

— Não pense, mulher, que pode ficar entre um homem e seu cavalo — Noctorno me informou.

— Não estava tentando fazer isso — respondi, e não estava!

— Certo — murmurou.

— Caraca! — Gritei, levantando as mãos. — O que há com você?

— Já avisei para não me fazer de idiota.

— Bom Deus, homem, estava apenas acariciando seu cavalo! —

Apontei.

— Você estava jogando seus jogos — rebateu.

— Sabe, — comecei — isso está ficando cansativo. A Cora do seu mundo deve ser uma cadela daquelas para fazer você pensar que ela usaria seu maldito cavalo contra você.

— Não há nada de mais nisso — respondeu.

— Bem, mais uma vez, garotão, eu não sou ela e estou ficando cansada de você me tratar como ela.

— Então compartilhamos alguma coisa, porque estou ficando enjoado de você fingir que não é ela.

Continuei olhando para ele, que sustentou meu olhar. Então me virei novamente para a pele, a levantei e comecei a bater nela outra vez, com força, o tempo todo resmungando para mim mesma:

— Eu vivia uma vida boa. Eu era boa. Se eu visse alguém deixar cair um dólar, eu o pegava e dava a ele. Se um mendigo parecesse de verdade, genuinamente, juro por Deus, um mendigo, lhe dava um trocado. Se estranhos passassem por mim e encontrassem o meu olhar, sorria e dizia olá. Se minhas amigas faziam merdas estúpidas com os caras, mantinha minha boca fechada e, em seguida, as deixava chorar no meu ombro quando essa merda estúpida chutava suas bundas, ao mesmo tempo que mantinha os *mojitos*^[4] sendo servidos. Ok, não contei sobre a Jenny Linklater quando a vi colar no teste na sexta série, mas eu não coleí. Eu nunca trapaceei. Nunca fiz qualquer coisa errada o bastante para vir parar neste mundo louco e insano, com um cara lunático e sexy. O que eu fiz para merecer isso?

Salem relinchou e não soube o que significava. Olhei para ele.

— Não sei o que você quis dizer, mas do jeito que falou, concordo.

Ele levantou o focinho.

— Com certeza — murmurei, dobrei a pele e caminhei através das pedras soltas para a entrada sob o olhar de um Noctorno carrancudo e fiz isso estremecendo só um pouco diante do quanto as pedras feria os meus pés.

Quando cheguei ao meu destino, dei um safanão nas abas, abrindo-as e, em seguida, por precaução, dei outro safanão fechando-as atrás de mim, pensando estupidamente, toma isso, seu babaca.

Ele podia não se importar se fechei as peles na sua cara, mas me fez sentir melhor.

Horas mais tarde, as abas foram abertas e Noctorno entrou.

Desviei os olhos de onde estava varrendo e lhe dei um olhar gelado.

Então continuei a varrer.

— Deuses, que diabos? — Murmurou, irado.

Eu o ignorei e caminhei através do lugar com a vassoura.

— Cora — chamou.

Me mantive caminhando e varrendo, reparando, tardiamente, o erro na minha maneira enquanto fazia as atividades do dia.

Tinha, muito estupidamente, juntado todos os ossos em uma bacia suja, os levei para a entrada da caverna e os joguei tão longe quanto consegui. Tinha sacudido as peles de ovelha também, assim como o couro de vaca. Também tinha caminhado (de novo) através das pedras afiadas da caverna principal voltado quatro vezes para repor o suprimento de madeira. Isso significava que meus pés estavam em

carne viva na sola, mas não iria, não, não ficaria entediada como ontem, nem me daria tempo para me preocupar com as circunstâncias calamitosas.

Não, não ficaria.

Não tinha nenhum limão para fazer uma limonada, mas iria fazer malditamente bem o que podia, sem limões nem nada.

Assim, quando vi a grama seca cheia de insetos mortos (eca), sim, você pode imaginar, marchei novamente através da caverna (sabendo que o cara grande e seu cavalo meigo me olhavam), indo e voltando carregando longas e frescas lâminas de grama que cresciam perto da boca da caverna e as empilhando do lado de fora da antecâmara na qual nós dormíamos. Então inspecionei a totalidade da caverna e suas câmaras, encontrei uma vara longa e pedaços de galhos suficientes para construir minha própria vassoura, o que fiz trançando as cerdas na parte superior com uma folha de grama e a anexando à vara com mais lâminas (isto, por sinal, foi tedioso e tomou um longo tempo, mas, por Deus, consegui) e agora estava varrendo a grama velha, seca, morta e cheia de insetos (assim como qualquer outra coisa que minha assumidamente não muito grande vassoura podia pegar) mesmo que meus pés estivessem me matando.

— Cora — repetiu quando não respondi.

— Aqui — respondi.

— Pare.

— Não, estou quase acabando.

— Eu disse, pare.

— Não, — continuei varrendo a grande pilha na direção das abas de pele — só um minuto. — A vassoura foi subitamente arrancada das minhas mãos e minha cabeça se ergueu para ver que Nocturno a tinha pegado. — O que você?

Ops! Lá se foi a vassoura voando enquanto fui colocada no seu ombro novamente.

— Ponha-me no chão! — Bati nas costas dele com os punhos.

Ele o fez, me deixando cair sobre as peles que amontoei em um canto para mantê-las longe da vassoura. Mal tomei controle do meu corpo quando os dedos fortes se fecharam em volta do meu tornozelo e os puxou para cima.

— Ei! — Gritei quando ele se inclinou para inspecionar a sola do meu pé.

— Maldição... dos infernos! — Gritou e puxei meu tornozelo do seu agarre, em parte porque não o queria em sua posse e, em parte, uma reação ao seu grunhido assustador.

— O que-? — Comecei, mas parei quando ele fincou as mãos nos quadris e fez uma careta tão feroz para mim que minha respiração ficou presa.

Ok, agora ele não estava apenas chateado, estava irritado.

— Você ralou as solas dos pés terrivelmente — falou entre os dentes.

— Estou perfeitamente bem.

— Seus pés estão ralados terrivelmente — repetiu.

— Nocturno, estou bem.

— O que, pelos deuses, você estava pensando, diabos?

— Ele quis saber.

— Eu estava limpando.

— Sim, amor, você estava limpando uma caverna que — se inclinou para mim — como tudo o que é natural, é suja.

— Mas nós estamos vivendo aqui! — Me sentei, me inclinando para ele. — Assim, sendo seres humanos, com polegares opositores e capacidade de pensar, significa que podemos melhorar nosso ambiente, de forma que estou fazendo isso.

— E ferir a si mesma nesse processo ridículo — vociferou em resposta.

Senti meus olhos se estreitam.

— Não é ridículo. Há insetos mortos na grama debaixo da cama na qual dormimos! Isso é completamente eca! — Gritei.

— Se você não fosse tão incrivelmente teimosa! Se precisa de sapatos limpos, você me beija, diabos, e lhe uns malditos sapatos! — Ele gritou em resposta.

— Eu não quero beijar você, diabos! — Gritei.

— Então devia ter mantido a bunda sentada e os pés saudáveis e limpos! — Respondeu com um grito próprio.

— Fiz isso ontem e não posso fazer novamente. É tedioso e minha mãe me disse que só pessoas estúpidas se entendiam e eu... não... sou... estúpida. — Rebatí.

Ele se inclinou para trás e ergueu as sobrancelhas.

— Sua mãe lhe disse isso?

— Sim.

— Sua mãe não lhe disse isso — declarou de forma bizarramente decisiva.

— Sim, Tor, ela disse.

— Ela não disse.

— Sim! Ela disse!

— Maldição, mulher, ela é doce como calda e não machucaria uma mosca, mas Dara Goode não é inteligente o suficiente para pensar em algo assim, muito menos enunciá-lo.

Me levantei, fincando as mãos nos meus próprios quadris e retruquei:

— Você está chamando minha mãe de idiota?

— Pelos Deuses, Cora, ela é amada, mas não é brilhante. Não é agradável, mas é bem conhecida. Até mesmo você me disse que ela é

burra como um poste — respondeu.

— Eu nunca disse tal... Oh, merda.

Nunca diria tal coisa porque a Dara Goode do meu mundo, minha mãe, não era burra como um poste. Nem mesmo perto disso. Mas a outra Cora, provavelmente, disse isso sobre sua mãe.

Maldita!

— Deus! — Exclamei, olhando para o teto. — Odeio a Cora deste mundo! Ela é uma completa... ops! Lá estava eu novamente no ombro dele.

— Tor! – Gritei, batendo nas suas costas e balançando as pernas.
— Ponha-me no chão.

— Quieta! – Ordenou, se abaixando para pegar um dos sacos.

— Eu disse... deixe-me... Slap!

Um tapa na bunda. Caraca, sério.

Deus, odiava quando ele fazia isso.

— Você vai ter um maldito banho, vai colocar umas malditas roupas e uns malditos sapatos — declarou.

Oh.

Bem, então. Ok.

Ele me colocou em cima do Salem, se sentou atrás mim, fincou os calcanhares nos flancos dele e gritou:

— Eiaaa! — E Salem saltou para fora da caverna.

Estava deitada de barriga, mas, cuidadosamente, me ergui e sentei, mesmo que a minha bunda ainda ardesse onde ele bateu e, nesta posição, ele claramente sentia a necessidade de me rodear com um braço e sabia disso porque fez exatamente isso.

Olhei para frente, me inclinei e balancei com ele enquanto os ramos passavam por nós e não podia evitar o sorriso que se espalhava no meu rosto ou a palavra que martelava no meu cérebro. E essa palavra era, bom.

Ok, deixe eu dizer isto...

As roupas neste mundo arrasavam!

Estávamos de volta à caverna, me banhei no rio (ainda estava frio, mas ele tinha sabão, o sabão cheirava a lavanda e me limpei com ele da cabeça aos pés) e ganhei roupas e sapatos. E que roupas!

Elas saíram direto de um festival do renascimento, mas eram fodonas.

Um top de seda rosa pálido franzido no decote e mangas amplas e esvoaçantes franzidas nos pulsos. Também amplas e esvoaçantes saias, estas de um roxo escuro, com anáguas de um lindo verde menta e as extremidades amarradas por um glorioso laço da mesma cor. Para manter o top fluido no lugar, estava usando um espartilho azul *royal*, que apertava minha cintura e empurrava meus seios sobre o top, de alguma forma dando suporte e ao mesmo tempo me dando uma aparência incrivelmente legal. Com o decote profundo do top e o aperto firme do espartilho, estava exibindo uma fenda profunda, mas pelo que podia dizer, parecia... incrível. Havia também um cinto trançado com todas essas cores que estava usando, que amarrei na cintura.

E por último, mas não menos importante, a lingerie era divina, d-i-v-i-n-a. Shorts delicados como seda cor de marfim com uma renda delicada na barra e uma camisola combinando, com um laço na parte inferior do corpete. Se ajustavam perfeitamente, envolvendo e apertando os lugares certos, parecia incrivelmente fabuloso, mas confortável, como um todo.

E o mais surpreendente eram os sapatos. Pequenos, macios e lisos, sem salto (mas com um solado de camurça espesso) feitos de cetim roxo. Eram simples, confortáveis e ao mesmo tempo, fabulosos.

Não sei como me sentiria vestindo algo assim dia após dia. Havia um monte de tecido, as saias eram pesadas e não acho que seria tão legal se estivesse calor ou tivesse que fazer algum trabalho manual ou algo parecido.

Mas, neste exato momento, eram fenomenais. Pareciam estranhas no meu corpo, mas ajustavam perfeitamente, as cores eram de arrasar e não era aquela maldita camisola (a qual também, a propósito, aproveitei o sabonete de lavanda para lavar no rio).

Pela primeira vez em quase três dias estava contente.

Nós tínhamos voltado, Tor tinha desaparecido, terminei a limpeza, arrumei o colchão de grama e as peles e, embora estivesse faminta e meu corpo cansado, estava limpa e tinha uma roupa de arrasar.

Isso serviria por enquanto. Tinha limões e ia fazer uma incrível e saborosa limonada, permita-me dizer.

As peles da entrada foram empurradas para o lado, mas Noctorno não entrou. Ficou lá, segurando as peles e fazendo cara feia para mim.

— Ei — Cumprimentei com um sorriso. Continuou fazendo cara feia para mim. Em seguida, resmungou:

— Venha.

Pisquei antes de perguntar:

— O quê?

— Nós vamos jantar.

Pisquei novamente e, veja só, senti meu coração se alegrar.

— O quê? — Sussurrei.

— Preciso de um pulso e você precisa de comida. Venha.

— Um pulso?

— A sensação da terra, uma noção do que está acontecendo lá fora... um pulso. Agora, venha.

Fiquei de pé, ainda sorrindo, e concordei com um:

— Ok.

Ele me encarou enquanto eu caminhava (com apenas uma pequena mancada, tinha colocado os sapatos arrasadores, mas isso não significava que meus pés ainda não estivessem em carne viva) na direção dele.

No minuto em que as peles se fecharam atrás de nós, ele me puxou para os seus braços e soltei um grito de surpresa antes do meu braço circular automaticamente seus ombros.

— O que-?

— Deuses, Cora, apenas fique quieta — murmurou com um suspiro.

— Tudo bem — murmurei em resposta.

Se ele queria me carregar, que assim fosse. Quero dizer, a caverna não era tão grande que tivesse que me carregar para tão longe. E, de qualquer maneira, estava me sentindo bem. Estava limpa, tinha roupas de verdade e ele ia me alimentar sem eu ter que beijá-lo (ou outras alternativas) para conseguir isso.

Não ia discutir.

Me colocou sobre o Salem, montou na sela atrás de mim, me envolveu com um braço e cravou os calcanhares no cavalo.

Salem disparou para fora da caverna.

O sol estava se pondo e estava perto de escurecer quando galopamos para baixo da montanha.

— É seguro? — Perguntei.

— Vamos descobrir em breve — foi a resposta não muito reconfortante do Tor.

Aquilo me calou. Mas só por um tempo.

— Esta roupa é de arrasar — falei para ele e seu braço apertou ao redor da minha cintura de uma maneira estranha, como se o movimento fosse espontâneo e não tivesse a intenção de fazê-lo.

Então perguntou:

— Perdão?

— Esta roupa — aponte para mim e girei o pescoço para olhar para ele — é de arrasar. Amei. É maravilhosa.

Ele olhou para o meu rosto enquanto uma das suas coxas se movia quase imperceptivelmente sob as minhas pernas e Salem desacelerou.

— Você gosta?

— Não, Tor, amo. As cores são maravilhosas e os sapatos são absolutamente fabulosos.

— Deuses — sussurrou, seus olhos se movendo sobre o meu rosto — você gosta.

— Tudo bem, você pode dizer que eu gosto quando lhe disse que amo isso. É legal. Tudo bem — respondi e me virei para frente novamente. — E obrigada pelo banho. Aquele rio é gelado como a Sibéria, mas é bom estar limpa.

Ele não deu nenhuma resposta a isso, exceto que o braço me apertou novamente, desta vez parecia que queria fazer isso, e foi tão apertado que deslizei um pouco para trás, então a minha bunda estava aninhada no V entre as pernas dele (porque eu estava montada de lado) e minhas costas estavam apertadas contra a sua frente.

Sem nenhuma resposta do Tor, continuei tagarelando enquanto observava as exuberantes árvores da floresta e as belas pedras no lado da montanha.

— E estou tão contente de sair dessa caverna para jantar. Sei que precisa verificar as coisas, mas estou feliz que esteja me levando com você. Isso é muito legal da sua parte. Obrigada.

Ainda não tive resposta, mas senti seus dedos se abrirem no meu lado para se estenderem sobre as minhas costelas, então se curvaram.

— Deus! — Sussurrei, olhando ao redor. — Este lugar é magnífico. Parece ter saído de um filme. As cores são tão... não sei...

coloridas. As árvores parecem ter dez vezes mais folhas. A pedra parece quase polida. É bizarro, mas, ainda assim, incrivelmente legal. Gostaria de ter uma câmera e poder tirar fotos. Ninguém em casa acreditaria nisso.

Finalmente, ele falou.

— Câmera?

Me virei para olhar para ele de novo e balancei a cabeça.

— Sim, é uma coisa realmente pequena, mas tira fotos. Você tem quadros aqui? Retratos? Paisagens?

— É claro — resmungou, olhando para mim.

— Bem, a câmera captura um retrato ou uma paisagem com o toque de um botão, você a transfere para um computador, imprime e voilà! — Acenei uma mão. — Você tem seu quadro.

— Isso é loucura — murmurou. Sorri para ele.

— Eu sei, mas é verdade.

— Então o meu mundo é mais colorido que o seu mundo? — Perguntou e meu coração se alegrou mais ainda.

Estava finalmente o convencendo? Balancei a cabeça fervorosamente.

— Sim, completamente. É difícil explicar, mas as aves são mais vibrantes. As flores mais deslumbrantes. O rio é mais limpo do que qualquer outro rio que já vi. — Inclinei a cabeça para o lado. — Há um monte de poluição no meu mundo.

— Poluição?

— Lixo das pessoas, os resíduos que grandes corporações despejam. Não é nada bom.

— Amor, não sei do que diabos você está falando.

Olhei nos olhos azuis como o céu e percebi que estava feliz por ele não saber.

Então falei:

— Bem, acho que o meu mundo tem um tipo de maldição também, mas o homem a causou para se livrar de seu lixo, e criamos um monte de lixo, alguns dos quais não são naturais, nos rios, nos oceanos, enterrando-o sob os campos. — Por que fariam isso?

Dei de ombros e me virei para a frente.

— Não sei — sussurrei. — Porque somos estúpidos, cegos e gananciosos. — Olhei para a paisagem que escurecia, ainda verdejante em comparação com o meu mundo, mesmo com a noite caindo. — Me pergunto — continuei em um sussurro — se o meu mundo parecia com o seu mundo antes que o destruíssemos.

— Talvez sim — comentou.

— Seria foda — murmurei.

— Foda? — Perguntou.

— Seria ruim. Silêncio, em seguida:

— Sim, amor, seria.

Fiquei em silêncio e Salem galopou para baixo da montanha, encontrou uma estrada e entrou nela. A perna do Tor se moveu sob minha novamente e Salem passou para um trote suave. Ao mesmo tempo senti o polegar do Tor começar a se mover, para cima e para baixo, me acariciando no lado.

Isso era bom. Oh, Deus.

— Tor?

— Sim, Cora.

As árvores passavam rápido, Salem nos levou até uma curva da estrada e começou a seguir o rio. A lua nova se refletia nas águas translúcidas, minha respiração ficou presa na garganta e esqueci o que ia dizer.

— Cora?

— O quê?

— Você me chamou, meu amor.

— Oh, bem — sussurrei e recostei contra ele. — Esqueci o que ia dizer.

Ele descansou o queixo contra o lado da minha cabeça.

— Você vai lembrar — murmurou.

— Ok — respondi em um sussurro e relaxei completamente contra ele.

Seu polegar parou de me acariciar, mas todos os seus dedos apertaram a carne no meu lado. Suspirei e olhei para a vista.

Capítulo 08

Princesa

— Caraca! Olha isso! — Gritei e apontei para a frente diante da visão que estava à minha frente.

Uma vila na base do rio. Uma aldeia pitoresca e adorável com telhados de palha e edificações de madeira, que contornavam a margem do rio e se estendiam parcialmente até a montanha, as janelas iluminadas acolhedoramente, me inclinei e olhei para a frente, para a abundância de lanternas coloridas penduradas nas beiras do telhado. Havia pequenos ancoradouros invadindo o rio com pequenos e encantadores barcos de madeira presos aos ancoradouros, que também ostentavam lanternas.

Era inacreditável!

E quando chegamos mais perto, ficou mais inacreditável, pois, como a minha (ou da outra Cora) casa, era cheia de canteiros de flores, floreiras e vasos pendurados, com flores prosperando em todos os lugares. Não só isso, havia ruas de paralelepípedos brilhantes e janelas de vidros reluzentes como diamantes nas construções.

— É deslumbrante — sussurrei.

— É uma vila, Cora — Tor me informou e girei rapidamente para olhar para ele.

— Não, querido, é maravilhosa. — Sussurrei, observei ele piscar, então lentamente me virei novamente, a fim de não perder nada.

Chegamos nos arredores da aldeia e, mesmo que a noite já houvesse caído, as pessoas estavam vagando pelo lado da estrada.

— Ei — disse com um sorriso quando um homem olhou para nós e teve um sobressalto.

— Bem, uh... olá — respondeu hesitante, enquanto passávamos trotando.

— Cora — Tor disse baixinho.

— Sim — respondi, em seguida, uma mulher levantou a cabeça, olhou para nós e se sobressaltou também, mas encarei seu olhar e falei:

— Olá! — E finalizei com um aceno.

Me virei, olhei em volta do corpo do Tor e continuei acenando até que a vi levantar a mão e um sorriso hesitante tomar conta do seu rosto.

— Estou vendo que precisamos fazer um acordo — ele comentou.

Me endireitei e olhei para ele.

— Um acordo?

— Você precisa ser esperta na aldeia. Nada dos seus jogos.

Olhei para ele e senti meu coração despencar.

— Meus jogos?

— Você é Cora Hawthorne aqui.

— Quem é essa? — Perguntei.

— Você — respondeu.

— Sou Cora Goode — disse a ele.

— Sim, amor, você era até tomar o meu nome.

Oh. Certo.

E o sobrenome dele era Hawthorne. Noctorno Hawthorne. Tudo junto era um nome muito foda.

— Então, o que estou dizendo é que você é Cora Goode Hawthorne aqui — continuou.

— Bem, sou tipo Cora Goode, humm... Hawthorne em todos os lugares.

— Não — seu rosto ficou ultra sério — você é a Cora Goode Hawthorne deste mundo.

Meu coração começou a ficar pesado.

— O quê? — Sussurrei.

— Acho que me entende.

— Essas pessoas me conhecem?

— Você é Cora Hawthorne — declarou ele, sem explicar.

— Você quer dizer — me aproximei dele e sussurrei — que eles sabem que sou uma cadela?

— Não — respondeu. Oh, Deus!

Meu coração pulou.

— Você quer dizer que eles sabem que eu dei início à maldição?

— Falei baixinho.

Ele suspirou de uma forma que indicava que estava tentando ser paciente e respondeu:

— Não, Cora, eles sabem que você é uma Hawthorne.

Puxou as rédeas, Salem parou, mas senti minhas sobrancelhas se erguerem.

— O que isso significa? — Perguntei, mas ele não respondeu.

Ele passou a perna ao redor da sela, desmontando com facilidade, e em seguida estendeu as mãos para a minha cintura, puxou-me para baixo e me colocou presa entre ele e Salem. Então baixou o queixo, capturou meu olhar sob as luzes brilhantes das lanternas alegremente iluminadas e murmurou:

— Certo, seu jogo.

Meu coração anteriormente alegre, afundou como uma pedra.

Eu não o convenci.

Droga.

— Tor — sussurrei, mas não disse mais nada quando a mão grande se aproximou e envolveu o meu pescoço.

— Isso significa, amor, que você é minha, o que é meu é parte de mim e sou da realeza.

Meu corpo estremeceu e minha voz saiu em um grito abafado quando exclamei.

— O quê?

— Quieta — interrompeu, sem liberar meus olhos.

Fiquei na ponta dos pés e sussurrei:

— Você é da realeza?

— Sim.

— Realeza — repeti, apenas para confirmar.

— Sim — sussurrou a palavra entre os dentes.

— Jura por Deus, realeza de sangue azul? — Continuei não acreditando.

Suas sobrancelhas se ergueram quando respondeu:

— Deuses, mulher, meu sangue é vermelho como o seu.

— Sabe o que quero dizer — respondi baixinho, me esticando ainda mais na ponta dos pés e os dedos segurando sua camisa para me manter na minha posição precária e diante do choque da sua notícia.

— Não, não sei.

Merda. Eles não tinham o termo sangue azul aqui, também.

Tudo bem. Prosseguindo.

— O que você é? Um barão? Um duque?

— Um príncipe. Um príncipe!

— O quê? — Gritei.

Seus dedos apertaram o meu pescoço e seu rosto ficou a um centímetro do meu.

— Mulher, quieta.

— O quê? — Sussurrei.

— Podemos não fazer isso?

— Você é um príncipe?

Ele olhou por cima da minha cabeça.

— Vejo que nós vamos fazer isso.

Balancei a cabeça com choque e descrença enquanto entoava:
— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus — uma e outra vez.

— Cora.

— Oh, meu Deus.

— Cora.

— Oh, meu Deus!

— Cora — interrompeu — pare de dizer isso ou vou te beijar para você se calar.

Fechei a boca imediatamente.

— Controle-se — ordenou.

Olhei para ele. Então, perguntei:

— Seu pai é o rei?

— Sim, amor, isso é o que ser um príncipe significa — respondeu com a paciência diminuindo.

— Caraca — sussurrei.

— Cora...

— Então, humm... onde você está na linha de sucessão?

— Primeiro.

— Caraca! — Minha voz estava se elevando novamente, assim como meu corpo enrijeceu quando os dedos apertaram o meu pescoço.

— Cora, maldição dos infernos — vociferou.

Prendi a respiração, então sussurrei:

— O primeiro na linha?

— Sim — grunhiu.

— Uau — sussurrei.

— Terminou? — Perguntou.

— Você tem irmãos ou irmãs?

Ele olhou para mim e em seguida, murmurou:

— Vejo que não terminou.

Puxei o tecido da sua camisa e, em seguida, bati os punhos fechados contra o seu peito.

— Me fale.

— Dash, o segundo filho, Orlando, o terceiro. Agora terminamos?

— Eles são seus irmãos? — Perguntei em estado de choque.

— Sim.

— Vocês não são nada parecidos.

— Três mães diferentes.

— Caraca! — Exclamei.

— Mulher — cortou.

— Certo, certo. — Olhei em volta e vi olhares sobre nós, inúmeros deles. Na verdade, estávamos juntando uma multidão. Mas, novamente, ele era o futuro rei, pelo amor de Deus. — Desculpe — sussurrei quando olhei para ele.

— Acabou? — Perguntou.

— Humm... por enquanto — respondi.

Ele olhou por cima da minha cabeça novamente e murmurou:

— Deuses, me salvem.

Então me soltou, pegou minha mão e me guiou para uma construção com uma placa de madeira projetada para fora que tinha uma pintura da própria aldeia na qual estávamos, que dizia:

— Riverside Rory.

Deixei ele me guiar e nos acomodar em uma mesa ao lado da janela, *meio que* deixei a proprietária nos bajular, deixei que ele fizesse o pedido por mim e tomei um gole do líquido puro, fresco, e cor de âmbar pálido que foi deixado diante de mim (que lembrava vagamente a maçãs e fortemente a álcool) e fiz tudo isso sem dizer uma única palavra, porque o único pensamento na minha cabeça era:

Uau, sou casada com um príncipe.

Estremeci quando algo me veio à cabeça, me concentrei nele e vi que estava me observando. Então me inclinei sobre a pequena e limpa mesa de madeira, em direção a ele.

— Isso significa que sou uma princesa? — Perguntei.

Olhou para mim parecendo irritado por um segundo, em seguida se recostou e suspirou.

— Isso é o que geralmente acontece quando uma mulher se casa com um príncipe.

Recostei na cadeira e olhei, confusa, para fora da janela multifacetada, brilhante como um diamante, resmungando:

— Oh, meu Deus, sou uma princesa.

— Deuses, se você tivesse me concedido esta benção quando casou comigo e com ela me desse uma recepção ávida e calorosa, em vez da fria e egoísta que me deu... — murmurou, meus olhos se moveram para ele e vi que estava falando para o teto em uma oração audível.

Mas suas palavras me intrigaram, então me inclinei sobre a mesa novamente e perguntei:

— O que acabou de dizer?

Seus olhos desviaram para mim.

— Você gosta de ser uma princesa?

Me inclinei para trás e acenei com uma mão.

— Claro que gosto. Essa pergunta é absurda. Qualquer garota quer ser uma princesa. E neste mundo, eu sou uma.

— Bem, você é uma, mas não é.

Pisquei enquanto meu feliz balão de conto de fadas murchou.

— Sou, mas não sou?

— Amor, você mora em uma casa, é uma bela casa, mas você vive lá porque escolheu viver lá. Se aquecesse minha cama como aqueceu aquelas peles, viveria comigo no meu castelo.

Meus olhos se arregalaram e sussurrei:

— Você tem um castelo?

— Que inferno, lá vamos nós de novo — murmurou, olhando para o meu rosto.

A proprietária chegou com amplas e rasas tigelas de estanho cheias com um ensopado com um cheiro divino e aparência deliciosa e uma tábua de cortar, apoiada precariamente no seu antebraço, coberta com um pedaço macio de pão marrom, uma faca enterrada nele e uma pequena tigela de manteiga cremosa ao lado.

E quando se aproximou, olhei para ela e falei, apontando o dedo para o Tor.

— Ele é dono de um castelo.

O corpo dela estremeceu, seus olhos dispararam para mim, então se abaixou em uma reverência desajeitada enquanto ainda equilibrava as tigelas e a tábua.

— Sim, sua graça — murmurou, seus olhos se movendo para o meu ombro.

— Não é legal? — Perguntei a ela e seus olhos se elevaram para mim e, então, de volta para o meu ombro.

— Cora — Tor advertiu em voz baixa.

Me virei para ele e gritei:

— Bem, você é, Tor!

— Deuses — murmurou e finalmente percebi a mulher e seu fardo.

— Aqui — estendi a mão — deixe-me ajudá-la com isso.

— Deuses — Tor murmurou novamente enquanto eu pegava uma tigela e a colocava na frente do Tor.

— Minha... — ela sussurrou, olhei para ela, sorri e a despojei da tábua com o pão.

— Ei — tardiamente cumprimentei.

— Humm... sua graça — murmurou.

— Este pão parece fantástico! E o cozido cheira maravilhosamente bem! — Falei enquanto pegava a última tigela e a colocava na minha frente. — E o que é isso que estou bebendo?

— Cidra — sussurrou.

— É... é... — Me inclinei para mais perto dela — demais!

— Humm, estou contente que pense assim, sua graça — respondeu.

— Com certeza!

— Nós a preparamos com maçãs dos nossos próprios pomares.

— Bem, então você é claramente uma mestra nisso. — Ela olhou para mim como se eu tivesse três cabeças, por isso continuei exclamando — Mal posso esperar para comer!

— Espero que esteja ao seu gosto — ela murmurou, os olhos lentamente se iluminando enquanto olhava para mim.

— Não pode não estar. Se cheira tão bem, estou certa de que tem um gosto celestial.

— Nós tivemos algumas queixas — me informou, sua voz ficando mais forte, seus lábios se curvando.

— Aposto que não — respondi e, finalmente, olhei em volta para ver que o interior do pub era tão atraente quanto o exterior. Olhei para ela. — Você tem um belo lugar aqui.

Ela se curvou novamente e um rubor cobriu suas bochechas.

— Obrigada, sua graça.

Olhei novamente à nossa volta, notei que o pub estava enchendo e meus olhos voltaram para ela.

— Desculpe, estou afastando-a dos seus deveres.

— É minha honra, sua graça. Uau.

Sorri para ela.

— Se você tiver um momento de tranquilidade, pegue uma bebida e venha se sentar com a gente. — Convidei.

— Maldição — Tor murmurou baixinho.

— Sem brincadeira? — A proprietária sussurrou, tão chocada com o meu convite, que não ouviu o Tor.

Atirei ao Tor um olhar irritado então recompus minha expressão para sorrir para a mulher.

— Sem brincadeira. Sou Cora — estendi a mão e ela pulou para trás como se ela silvasse e tivesse criado dentes.

— Está tudo bem — a encorajei.

Me observou, então timidamente levantou a mão e seus dedos se fecharam ao redor dos meus, quando senti um murmúrio correr no meio da multidão.

— Liza — ela sussurrou enquanto meus dedos deram aos dela um aperto amigável. — Liza Calhoon. Meu marido Rory e eu somos os donos deste pub.

— É um prazer conhecê-la — soltei sua mão e fiz um gesto para o Nocturno. — Meu marido, o Príncipe Nocturno.

Tor me encarou, mas recompôs suas feições em um sorriso benévolo (mas ainda assim magnífico) quando se virou e inclinou a cabeça para Liza.

Ela se curvou novamente, abaixou o queixo, permaneceu inclinada e murmurou com reverência:

— Sua graça.

— Levante — murmurou e ela o fez. Uh...uau!

— Me sinto honrada, com certeza — disse a ele. Ele inclinou a cabeça novamente.

Ela sorriu para ele, em seguida, sorriu para mim, então disse:

— Desfrutem suas refeições.

— Tenho certeza de que desfrutaremos! — Assegurei a ela, seu sorriso se transformou em um riso e, em seguida, se virou e correu animadamente para longe.

No minuto em que o fez, o murmúrio da multidão cresceu e isto era, provavelmente, porque o futuro rei estava no meio deles, mas não me importei. Minha mente estava a mil.

Eu era uma princesa. Meu marido vivia em um castelo. E havia uma enorme quantidade de alimentos bem na minha frente.

Tudo estava bem no meu mundo. Parti para cima.

Não estava errada; a comida era incrivelmente fantástica. Engoli uma meia dúzia de colheradas do ensopado delicioso depois parei, a fim de cortar o pão.

— Você quer pão? — Perguntei ao Tor.

— Sim — respondeu.

Cortei enquanto perguntava:

— Posso conhecer o seu castelo?

— Você já o conheceu.

Peguei uma enorme porção de manteiga e comecei a espalhá-la no pão antes de olhar para ele.

— Ok, então posso vê-lo de novo? Ele me olhou. Então disse:

— Estaríamos seguros lá.

Parei de espalhar a manteiga e olhei para ele.

— Estaríamos?

— A Megera não pode atuar em terra sagrada. Toda a terra real é uma terra sagrada.

Estava falando sério?

— Você está falando sério?

Ele estava mastigando. Esperei ele engolir, então disse:

— Sim.

Olhei para ele novamente, comecei a contar, cheguei no dois, então explodi.

— Pelo amor de Deus, Tor! Se estamos seguros em seu castelo santificado, por que me levou para uma caverna?

Seus olhos se estreitaram e ordenou:

— Quieta.

— Não — respondi, soltando seu pão e a faca. — Quero saber.

— Abaixar a voz.

— Cara, você me levou para uma caverna!

Suas sobrancelhas se ergueram ameaçadoramente e ele grunhiu.

— Já te disse, não gosto desse nome.

— Não me importo! — Respondi acaloradamente e, podia acrescentar, em voz alta.

Um erro. Dos grandes.

Ele se levantou do seu assento e deu a volta na mesa em um flash. Então, eu estava fora do meu assento. Então, estava nos braços dele. Então sua boca firme estava sobre a minha. Em seguida, sua língua deliciosa estava fazendo coisas igualmente deliciosas na minha boca.

Quando minha barriga aqueceu, meus ossos viraram geleia, meus mamilos estavam formigando, uma onda de umidade se espelhou entre as minhas pernas, meus braços rodearam o seu pescoço e o segurei amorosamente, ele levantou a cabeça e olhei vagamente para ele.

Me mantive colada ao seu corpo e não se afastou nem mesmo um centímetro.

— Quando digo quieta, Cora, você fica quieta — falou baixinho. — Se não, juro pelos deuses, vou continuar até que você o faça e não me importo se isso significa que tenho que erguer suas saias e tomá-la sobre a maldita mesa. *Estou entendido?*

Oh, céus.

— Sim — sussurrei.

— Você é uma princesa, diabos — cortou.

— Ok. — Continuei a sussurrar.

— Aja como uma — ordenou.

Balancei a cabeça, embora não estivesse certa do que isso implicava.

Ele me encarou. Tentei parecer contrita.

Então me soltou e começou a se mover ao redor da mesa, mas enquanto se movia uma onda de som nos atingiu, ele se moveu novamente para mim, seu braço circulou minha cintura protetoramente e nós dois olhamos para a selvagem e louca multidão que gritava.

— Urra! — Alguém gritou.

— Viva o Príncipe Nocturno! — Outro alguém gritou.

— Contemplem o príncipe negro e sua noiva primorosa! — Alguém gritou.

Uau. Totalmente. Legal!

— Olá, todos vocês! — Gritei e acenei.

Diante da minha saudação, os ânimos cresceram tanto que quase arrancaram o telhado.

Legal!

Sorri. O braço do Tor, em volta da minha cintura, apertou.

— Princesa — sussurrou no meu ouvido. Oh, merda. Certo. Parei de acenar como uma pessoa amigável, juntei os dedos, curvei um pouco a mão e comecei a acenar como uma pessoa da realeza.

Isso não teve nenhum efeito sobre a multidão que gritava, batia palmas ou batia na mesa, então alguém gritou:

— Nós amamos você, Princesa Cora.

— Isso não é doce? — Gritei de volta na direção de onde vieram as palavras, embora não tivesse ideia de quem disse isso.

— Me poupe. — Ouvi Tor murmurar do meu lado e olhei para o lado e para ele.

— O quê? — Perguntei.

— Apenas, pelos Deuses, por favor, sente e coma — respondeu.

— Claro — falei, sorri para a multidão, dei o aceno real novamente, em seguida, Tor me soltou e nos sentamos.

Os aplausos continuaram por mais um tempo, depois diminuíram, mas somente quando Tor olhou para eles, inclinou a cabeça, ergueu a mão, a palma para cima e fechou os dedos, entenderam seu comando real e se acalmaram.

Uau. Impressionante.

Superei minha admiração, terminei de preparar sua fatia de pão, em seguida, a coloquei ao lado da sua tigela e comecei a preparar a minha.

— Então — comecei. — Preciso de instruções sobre a realeza. Não entendo muito sobre essas coisas de princesa.

— Perdão? — Perguntou e parei de passar manteiga no meu pão, soltei a faca sobre a tábua e trouxe a fatia até o meu rosto.

— Essas coisas de princesa. Você vai ter que me explicar. — Disse a ele e, em seguida, dei uma mordida no pão. Estava macio e cheio de sabor. Exuberante.

— Bem, pode começar por nunca pedir à proprietária de um pub para beber com você — afirmou.

Engoli em seco.

— O quê? Por quê?

— Ela é uma plebeia — informou e minha cabeça recuou com a afronta não tão suave.

— E daí? Eu também.

— Não é.

— Sou, sim.

— Cora, seu pai é um Conde.

Estava tomando a cidra e engasguei com essa notícia. Consegui não cuspir através da mesa em cima dele e, em vez disso engolir, mas meu divertimento não acabou. Não por um longo tempo. Diante do pensamento do meu *hippie* pai ser da realeza neste mundo, bem, não pude evitar. Perdi o controle. Totalmente.

Joguei a cabeça para trás, envolvi o braço em torno da minha cintura e ri como uma doida.

— Cora — Tor chamou.

— Espere — engasguei entre risos, o outro punho estava batendo repetidamente na mesa.

— Cora.

— Só um minuto.

— Você não me entendeu antes?

Isso me acalmou. Meu divertimento se extinguiu, mas meu estômago ainda doía. Me segurei, rindo e enxugando as lágrimas dos meus olhos, então olhei para ele. O riso cessou quando vi o olhar no seu rosto.

Não estava chateado, irritado, encolerizado ou impaciente. Estava olhando para mim como se nunca tivesse me visto antes na vida. Estava olhando para mim como uma estrela de cinema olhava para a estrela coadjuvante do seu filme quando a via pela primeira vez e ficasse imediatamente intrigado com algo que significaria que em breve ficaria apaixonado. Mas, Tor fazia isso melhor, porque era mais *sexy*, muito mais do que qualquer estrela de cinema, era real e estava sentado do outro lado da mesa, comigo.

Caraca.

— Nunca vi você rir — disse em voz baixa.

— Faço isso muitas vezes — respondi calmamente.

— Deve rir mais.

— Se você deixasse de ser um babaca, eu o faria — rebati.

— Foi uma pena ser um... babaca — disse a última palavra cautelosamente, como se a estivesse testando.

Gostei tanto que sorri para ele. Ele retribuiu meu sorriso.

Minha pele se arrepiou toda e senti meus lábios se abrirem.

Deus, ele era lindo.

Ele levantou a colher e perguntou, antes de colocá-la na boca:

— Por que você está rindo?

— Meu pai é um Conde.

Ele mastigou, engoliu e sorriu.

— É divertido?

— Meu pai é um *hippie* no meu mundo.

Algo mudou em seu rosto, como uma persiana se fechando, mas não completamente.

— Um *hippie*?

— Uma criança do amor. Uma criança da mãe terra. Ele é meio lunático. E é liberal. Assim, muito liberal. Ele fuma maconha. Ouve álbuns como *Grateful Dead*^[5]. Usa roupas multicoloridas, sem brincadeira, até hoje, e ele tem cinquenta e cinco anos.

— Doçura, você sabe que só entendi metade dessas palavras, mas não entendi o significado de qualquer uma delas.

Sorri para ele, me inclinei apoiando o cotovelo na mesa, então cheguei mais perto dele e dei uma mordida no pão. Depois mastiguei, engoli, mas até aquele momento, não tinha encontrado nenhuma resposta.

— Não estou em seu mundo tempo suficiente para fazer uma comparação semelhante.

Aquilo fechou totalmente a persiana, ele olhou para o guisado e murmurou:

— Certo.

— Tor? — Chamei, ele sorveu uma colher do guisado e olhou para mim enquanto mastigava, as sobrancelhas erguidas. — Está tudo bem? — Prossegui.

Ele engoliu, em seguida, sem hesitação, me interrompeu abruptamente, puxou o meu tapete e foi como se eu tivesse caído de costas, sem ar e ferida.

— Estaria, se esta Cora sentada à minha frente, tivesse aprendido a ser uma pessoa decente. Não é porque você está jogando seu maldito jogo, é boa nisso, e estou irritado porque estou *meio que* gostando.

Uh. Uau. Ai.

— Tor — sussurrei.

— Câmeras, poluição e *hippies*. Sim, amor, você é boa. Eu devia apenas deixar para lá e me permitir desfrutar plenamente. Inferno, quem sabe o quão longe você vai levar isso. Você pode, eventualmente, me dar algo do qual vou realmente desfrutar, como um herdeiro de sangue. — Senti minha respiração pausar e ele continuou. — E você pode jogar tão bem, que vou aproveitar e gerar esse herdeiro. Mas, que os deuses me amaldiçoem, não posso me permitir apreciar, porque sei que é tudo um jogo para ter as coisas do seu jeito e, por mais que tente, não posso impedir disso me chatear imensamente.

Senti meus olhos arderem pelas lágrimas, pois pela primeira vez neste mundo amaldiçoado (literalmente. Bem... pelo menos desde o início, com a Rosa e o Aggie), estava me divertindo. Então, ele me fez lembrar do porquê eu não podia.

Para esconder as lágrimas, desviei o olhar.

— Lágrimas de crocodilo, ainda melhor — murmurou.

Ótimo. Eles tinham a expressão lágrimas de crocodilo aqui. Perfeito.

Prendi a respiração, foquei a atenção no meu ensopado e comi.

Não parecia ter um gosto tão bom quanto me lembrava, há cinco minutos.

Esvaziei a minha tigela e estava cutucando (mas não comendo) o meu pão quando arranjei coragem para falar.

— Tor?

— Sim, amor.

Inspirei novamente e meus olhos deslizaram para ele.

— Posso te pedir uma coisa sem ter que lhe dar um beijo por isso?

— Pode pedir, mas não significa que vou atender. Claro.

Balancei a cabeça. Então, perguntei.

— Você pode, por favor, não me chamar de amor ou meu amor quando obviamente me odeia tanto?

Foi ínfimo, quase perdi, mas tive certeza de que o vi vacilar.

— Cora.

— Os homens chamam as mulheres com as quais se importam dessa maneira. Meu pai chama a minha mãe assim. Ele a ama. Profundamente. Eles estão juntos há quase quatro décadas. Por favor, não manche isso usando essas palavras, palavras que não significam isso, comigo.

Ele manteve o meu olhar e eu deixei. Ou, mais precisamente, não pude desviar o meu. Em seguida, disse calmamente:

— Não.

Mordi o lábio superior. Então assenti. Depois olhei para fora da janela.

— Preciso fazer algumas perguntas — ele disse para o meu perfil.

— Claro — sussurrei para a janela.

— Não deixe esta mesa — ordenou.

— Certo — ainda estava sussurrando.

Eu o senti se mover, mas não olhei, então senti seu calor ao meu lado.

— Cora.

Fechei os olhos. Então virei a cabeça e a inclinei para trás para olhar para ele. Quando o fiz, levando a mão até a minha bochecha, se abaixou e encostou sua boca na minha. Senti uma pequena fração de lágrima no meu coração.

Quando levantou a cabeça, murmurou:

— Pelo meu povo.

Esse gesto amoroso foi para a multidão.

— Certo — sussurrei.

— Não saia desta mesa.

Balancei a cabeça, mas não fiz nenhuma réplica mesmo achando que estava sendo mandão e repetitivo. Quando não respondi, seus olhos examinaram meu rosto enquanto o polegar ternamente varria a minha bochecha. Aquela lágrima cortou mais fundo o meu coração.

— Deuses, queria que isto fosse real — murmurou.

E é, seu idiota! Minha mente gritou, mas minha boca não fez nenhum movimento.

— Já volto — afirmou.

— Estarei esperando.

Seu polegar se afastou e seus olhos prenderam os meus. Em seguida, me soltou, se endireitou e saiu.

Capítulo 09

Vou Lhe Entregar O Mundo

Acordei com metade do corpo em cima e completamente entrelaçada com o Tor novamente. Mas acordei no escuro. Ainda era noite e o fogo tinha apagado.

Deslizei para longe dele e para fora das cobertas. Em seguida, puxei o top fluido que tinha escorregado até as minhas coxas, encobrendo minhas roupas de baixo de seda e com rendas. Depois, coloquei os sapatos de cetim.

Então saí, para passar um tempo com um ser que estava certa de que realmente gostava de mim. Andei na ponta dos pés, tendo o cuidado de não fazer barulho, deslizei sob a abertura de peles e me aproximei do Salem.

— Ei, garoto — sussurrei quando cheguei perto.

Ele levantou a cabeça, a balançou para mim, mas ficou quieto, pois sabia que Tor estava dormindo e não queria acordá-lo. Me aproximei e ele me deixou passar um braço sob o seu queixo e afagar o comprimento do focinho.

— Não tenho certeza de que ele seja esse tipo de cara, por isso não estou certa que o Tor lhe disse, mas deve saber por alguém que você é incrivelmente bonito — sussurrei.

Ele deu um suspiro suave, aninhando o nariz mais próximo de mim e sorri.

Me movi para o seu lado, o acariciando ao longo do pescoço e me inclinei para ele, aconchegando seu pescoço e acariciando seu peito. Podia jurar que ele deu um passo de cavalo minúsculo para o lado, para se aproximar de mim também.

Gostei disso.

— Quero ir para casa — sussurrei para ele. Isso me rendeu um relincho suave.

— É lindo, mas não gosto daqui.

Um cuidadoso empurrão com a cabeça, feito de modo a não me desequilibrar.

— Eu devia gostar. Sou uma princesa casada com um belo príncipe, os rios são limpos e os cavalos são doces... — Outro relincho suave, sorri, então suspirei.

— Mas, desejava poder estar em casa — disse melancolicamente.

Outro relincho suave, ao que respondi com outro suspiro.

Sua cabeça se moveu para a direita, em seguida deu mais um passo de cavalo minúsculo para o meu lado quando lhe dei um abraço e continuei acariciando seu peito enquanto olhava para o luar na entrada da caverna.

Então, do nada, um braço de aço envolveu minhas costelas e o outro se fechou em torno do meu peito enquanto sentia um rosto se enterrar no meu pescoço.

Caraca!

— Nocturno? — Sussurrei, soltei o cavalo e ergui minhas mãos, assim meus dedos podiam envolver o antebraço rígido.

— Me acaricie assim, e vou levá-la para um castelo — murmurou contra o meu pescoço.

Fechei os olhos com força.

Eita, como conseguiu passar por todo aquele cascalho sem fazer aquele barulho enlouquecedor?

— Por favor, me solte.

Sua boca se moveu até meu ouvido.

— Me deixe acariciar você, juro pelos deuses, doçura, se relaxar apenas um pouco, vou fazer você gozar com tanta força que vai pensar que explodiu.

Oh, Deus.

Aposto que podia fazer isso. Ele beijava bem. Se fosse metade tão bom com outras coisas, definitivamente, acho que teria explodido.

— Por favor — sussurrei, mas a mão dele se moveu no meu lado e o polegar deslizou e acariciou a lateral do meu seio.

Uau. Isso tinha que parar, principalmente porque me fazia sentir tão bem. Bem demais. Inacreditavelmente bem.

— Noctorno.

Seus dentes beliscaram minha orelha e estremei.

Gostei disso também, mais do que o Salem se aproximar perto de mim.

— Você tem me chamado de Tor.

Tinha chamado porque estava se tornando Tor. Mas tinha que me lembrar que era Noctorno, sempre, sempre, sempre.

— Eu...

Parei de falar quando me apertou nos seus braços e a língua traçou o contorno da minha orelha. Parei de falar porque o meu corpo estremeceu e calor percorreu partes muito específicas de mim.

— Esqueça o que eu disse na vila. Mudei de ideia. Jogue este jogo, meu amor, quero você — murmurou. — Me deixe levá-la para o meu castelo, onde você pode jogá-lo. Me deixe torná-la pesada com o meu herdeiro e vou te tratar como uma rainha, enquanto você joga. Se me der um herdeiro, pode determinar seu preço, uma casa maior, mais terras, joias, o que quiser, pelos deuses, vai ser seu. Basta abrir as pernas, me convencer que está gostando, fazer um filho comigo e, antes de partir, vou lhe entregar o mundo.

Meu corpo começou a tremer, mas por um motivo totalmente diferente.

— Antes de eu partir você vai me entregar o mundo? —
Perguntei em voz baixa.

— Qualquer coisa que você quiser — me garantiu, com os braços ficando mais apertados, o corpo pressionando o meu.

— Deixando-o com o meu filho.

— Meu filho — frisou.

— Nosso filho — corrigi.

Seus dentes beliscaram minha orelha novamente e sussurrou:

— Meu filho, Cora. Meu herdeiro. Futuro rei do meu país.

Meu Deus. Ele estava falando sério?

Pela minha sanidade mental, mudei o assunto.

— Convencê-lo que estou gostando?

— Sim.

— E se não o convencer?

— Você se deixa levar, vou fazer você se divertir. Isso é uma promessa. — Seu polegar se moveu, acariciando mais perto do meu mamilo e mordi o lábio. — Vamos lá, querida — persuadiu no meu ouvido.

— Vamos, para que você possa me foder, me engravidar e tomar o meu filho?

Sua cabeça se aproximou e ele perguntou:

— Foder você?

— Tregar. Transar. Me pegar. Chutar a minha bunda. Você sabe, fazer sexo comigo, sexo sem significado, sem amor, me foder. — Expliquei acidamente.

Ele me virou nos seus braços para encará-lo, uma mão acariciando meu cabelo, apertando suavemente, mas fazendo uma declaração, no entanto, enquanto o outro braço me enjaulava.

— Entendo... no seu mundo... essa não é uma coisa agradável de se dizer — comentou.

— Não — concordei.

Ele ficou em silêncio, mas não me soltou.

Até que finalmente suspirou e disse:

— Você é inteligente, vou admitir.

—Tão inteligente que você pensaria que eu sou de um mundo diferente — retruquei sarcasticamente.

— Agora, não iria tão longe, amor. Não, é claro que não iria.

— Que seja — murmurei para seu ombro.

— Acho que não percebeu, Cora.

— Percebi o que, Noctorno?

Eu o ouvi inspirar profundamente pelo nariz, em seguida, declarou:

— A parte onde lhe dei permissão para jogar comigo.

— Isso seria difícil, já que não sou uma jogadora.

Eu o vi inclinar a cabeça para trás antes de murmurar.

— Deuses.

— Isso é certo — murmurei em resposta.

Inclinou a cabeça para baixo, seus olhos presos aos meus sob o luar.

— Sabe, amor, fui para a cama e demorei bastante antes de dormir imaginando como seria se a outra metade da minha alma fosse a Rosa.

Oh, meu Deus. Muitas vezes, tipo, umas mil.

— Eu perguntei ao Dash o que ele sentiu — Noctorno continuou.
— Ele disse que o momento em que a conheceu, foi indescritível. Uma conexão instantânea. Um puxão. Agora é constante. Ele mal consegue ficar longe dela e ela sente isso também. Sei que está magoado, sangrando profundamente em algum lugar que ninguém pode ver,

porque me disse que estar separado dela é como se tivesse um membro removido. Você precisa dele lá. Não pode viver sem ele. Quando vai embora, o fantasma permanece e quando percebe que não o tem perto o suficiente para tocar, isso te deixa um pouco louco. Ela pode ficar longe por horas, dias, até mesmo semanas, mas, se demorar muito tempo, ele vai começar a morrer por dentro. Minerva a tem, ela a tem, e enquanto a tiver meu irmão estará morrendo por dentro.

Deus, isso pareceu maravilhoso. Gostaria de ter o mesmo.

O que também pareceu horrível. Pobre Dash. Pobre Rosa.

— Devíamos ter isso — ele informou.

— Não temos — o informei.

— Por quê? — Perguntou.

— Não sei. — E tenho a maldita certeza que não sabia, exceto a parte que não era da porra deste mundo!

— Eu sei — ele respondeu ele. Sério? Ele sabia?

— Sabe?

— Sim, Cora, eu sei.

— Então, por que não temos?

— Porque para ter esse puxão você tem que ter coração. Tem que ser capaz de se apaixonar. Ele se apaixonou por ela no segundo em que a viu e com ela aconteceu o mesmo. E, como você sabe, no minuto em que meus olhos bateram em você, me apaixonei.

Uau! Espera. O quê? O que, o que, o quê?

Antes que pudesse verbalizar a minha pergunta, ele continuou falando.

— Mas você não se apaixonou por mim porque não tem coração e então começou a matar o meu amor por você e o transformou em algo completamente diferente. E continua fazendo isso. Toda vez que vejo você, maldição. Toda vez que falo com você. Você o transforma até que

não haja nada nele para reconhecer como nada nem perto do que era antes.

— Você me amava? — Sussurrei, olhando para a face dura iluminada pela lua.

— Não faça isso — cortou ríspidamente.

— Está dizendo que me amava?

Seu braço me apertou tanto que não podia respirar e a mão que torcia o meu cabelo não era mais gentil. Nem um pouco.

E enquanto fazia essas coisas, gritou na minha cara:

— Não!

— Eu...

— Jogue seus jogos, mas nunca, nunca, nunca, Cora, brinque com essa memória.

Oh. Meu. Deus.

Ele me amava! E, obviamente, me contou isso. Assim como, obviamente, eu tinha rejeitado esse amor. Ou, melhor dizendo, a outra Cora desprezou o seu amor.

Oh. Meu. Deus!

Seu braço me deu uma sacudida.

— Entendeu?

— Tor...

Ele perdeu o controle e soube disso quando a mão torceu o meu cabelo, gritei de dor e ele grunhiu.

— Entendeu?

— Sim! — Gritei.

Ao mesmo tempo que gritei, Salem jogou a cabeça para trás e soltou um relincho poderoso e alto.

A cabeça do Noctorno se virou para o cavalo, seu corpo ficou imóvel como uma estátua, em seguida, olhou sobre a minha cabeça para a boca da caverna.

— Deuses! — Gritou, me soltou, mas pegou a minha mão e me arrastou atrás dele enquanto corria para a antecâmara. Foi tão rápido, que quase tropecei duas vezes no caminho.

— Noctorno! — Gritei, ele afastou as peles com tanta força que quase as arrancou e me arrastou tão rudemente e com tal força, que parecia que estava voando.

— Depressa, termine de se vestir — ordenou.

— O quê? — Perguntei, confusa.

— Vista-se! — Trovejou.

Pulei e corri para as minhas roupas.

Estava me inclinando para pegar a saia quando comandou:

— Me encontre junto ao Salem.

Olhei para cima e o vi tirando uma espada da parede.

— Salem — concordei, puxei a saia, a preendi, peguei o espartilho, o amarrei, em seguida, me inclinei e peguei o cinto. Enrolei-o em torno da minha cintura correndo e vi que Noctorno já havia desaparecido.

Corri através do lugar e o vi montar Salem.

— Lá — apontou com a cabeça para o espaço onde a madeira era guardada. — Arme-se.

— Me armar?

Derrapei até parar a três centímetros dele.

— Com o quê? — Perguntei estupidamente.

— Não importa — respondeu secamente, apertando a correia sob o peito orgulhoso do Salem. — Contanto que seja afiada e possa controlá-la.

— Certo — sussurrei, corri até aquele espaço, peguei uma faca, que parecia letal na parede, e corri novamente para fora.

Quando cheguei, Salem estava selado, uma espada em uma bainha no seu lado esquerdo. Noctorno colocou as mãos na minha

cintura, me ergueu, e não perdeu tempo em montar atrás de mim, o que foi bom.

Muito bom.

Porque descobri sobre o que era todo aquele alarido. Vickrants.

Por todo o lugar.

Suas asas quase transparentes batendo horivelmente, as garras aparecendo, a brilhante pele escamosa, estavam enchendo a caverna.

— Eiaaa! — Noctorno gritou enquanto cravava os calcanhares nos poderosos flancos do Salem, e ao mesmo tempo que saímos correndo pela boca da caverna, um enxame de vickrants nos seguiu. — Casa, Salem — Noctorno gritou sobre o barulho do vento que corria em nossos ouvidos e dos galhos que batiam em nossos corpos, vickrants arremessavam através das árvores e passavam por nós, tão perto que podia sentir suas vis, e frias asas e cheirar seu fedor.

Caraca. Esqueci o fedor deles. Fétido. Horrendo.

— Segure as rédeas — Noctorno ordenou, estendendo-as para mim.

— O quê? — Gritei.

— Segure as rédeas — repetiu.

— Não sei como guiar um cavalo! — Gritei.

— Segure as malditas rédeas, Cora! Peguei as rédeas.

Imediatamente, ele puxou a espada da bainha e, com um braço me enlaçou, me segurando firmemente na segurança do seu corpo, o outro se agitando com movimentos fortes, e faíscas azuis e assobios agudos encontraram seus golpes.

Um pequeno vickrant pousou no pescoço do Salem, as garras cravando nele, o cavalo gritou sua fúria, mas continuou galopando sempre para frente, através das perigosas rochas e dos arbustos. Noctorno estava ocupado lutando, então me inclinei para a frente com a

minha faca, a levantei e esfaqueei a criatura. Faíscas azuis voaram até o meu rosto, a coisa gritou e caiu fora.

Uau. Fiz isso.

Eu fiz isso!

Então, decidi fazer um pouco mais.

Ok, eu claramente não era tão talentosa com uma faca como foi evidenciado pelos volteios treinados e os golpes que Noctorno dava com sua espada, mas isso não importava. Quando ele estava combatendo à direita, me concentrava em qualquer coisa que chegasse perto do lado esquerdo. A mesma coisa com lado esquerdo, eu ia para a direita. Quando estava girando a espada acima da cabeça, de qualquer direção que viessem.

As criaturas gritavam, grasnavam, faíscas voavam e isso não aconteceu apenas por causa da espada do Noctorno, mas também pela lâmina afiada que eu carregava.

Eita, eu era como uma princesa guerreira de verdade! Totalmente legal!

O problema era que havia muitos deles, assim como muitos ficaram para trás, tinham mais vindo. Isto durou um longo tempo. Demorou tanto tempo que Salem tinha descido a montanha e enveredou pela estrada. Levou tanto tempo que ele continuou pela estrada. Levou tanto tempo que Salem, Noctorno e eu estávamos respirando com dificuldade, suando e, não podia falar pelo homem ou pela besta, mas eu estava apavorada.

Eles não iam embora, de jeito nenhum.

Finalmente chegamos à uma aldeia, não a que fomos jantar, uma diferente, igualmente pitoresca, mas não era perto do rio e estava adormecida.

Os cascos do cavalo batiam com força nos paralelepípedos e nos levou direto para a igreja na outra extremidade da aldeia.

Na igreja, então, sem brincadeira, direto nos degraus da igreja, então, ainda sem brincar, empinou, Noctorno se inclinou contra mim, estendi a mão, soltei a faca, agarrei a crina do Salem, os cascos poderosos do cavalo bateram na porta e, em seguida, irrompeu para dentro.

Sim, o cavalo irrompeu dentro de uma igreja.

Os vikrants desapareceram com um profano (sem trocadilhos), alto, estridente e ensurdecedor grito.

Salem finalmente parou no meio da igreja; Noctorno desmontou imediatamente assim como imediatamente me puxou para fora do cavalo.

Então suas mãos estavam nos meus bíceps e ele estava me sacudindo.

Me sacudindo! De novo!

— Pare de me sacudir! — Gritei através da respiração difícil.

— O que você fez? — Vociferou, ainda me chacoalhando. Oh, Deus. Ia me culpar por isso também?

— Nada — respondi.

— O que você fez? — Trovejou, ainda me chacoalhando.

Agarrei seus braços e gritei:

— Nada!

Ele parou de me sacudir apenas para me empurrar para longe dele com tanta violência, que saí voando e tropecei em alguns bancos, batendo minha coxa na lateral de um deles com tanta força que a dor que me atingiu se espalhou instantaneamente.

Ele avançou para mim, levantei a mão com a palma para fora e gritei:

— Fique aí!

— Será que você jogou os ossos fora? — Perguntou, a voz mais calma, mas não menos assustadora.

— O... o quê?

Então perdeu o controle novamente.

— Jogou fora os malditos ossos, Cora? — Se enfureceu.

Balancei a cabeça.

— Sim, eu... você quer dizer, quando eu fiz a limpeza?

— Deuses! — Gritou. — Você quer que a Minerva a encontre?

— Não! — Gritei. — Não sei do que está falando!

Se aproximou, preendi a respiração e corri para longe, me encolhendo, estúpida, fedendo, fracamente me encolhendo diante do seu grande e poderoso corpo e da sua raiva, mais poderosa ainda. Vagamente ouvi os cascos do Salem no chão de madeira do corredor e o senti se aproximar, mas a minha concentração estava no Noctorno, tentando, e falhando em forçar o ar para os meus pulmões.

— Você sabe — falou por entre os dentes cerrados.

Preendi a respiração, balancei a cabeça e sussurrei:

— Continuo dizendo a você...

Estendeu a mão e passou os dedos em torno do meu braço novamente, me puxando e me dando uma sacudida que lançou minha cabeça para trás com tanta força que vi estrelas.

Salem relinchou.

O corpo do Noctorno ficou imóvel e o ouvi inalar uma afiada e sibilante respiração através dos dentes.

— Pare de jogar esse jogo maldito — advertiu, com o rosto muito perto, mas eu ainda estava piscando para afastar as luzes brilhantes dos meus olhos.

— Eu... eu... eu juro, Deus, eu juro, Eu não estou fazendo isso.

Me empurrou para longe novamente e a parte inferior das minhas costas bateu na borda afiada do topo de um banco. Eu soluzei, mas ele se afastou.

Parou na entrada e olhou para o cavalo.

— Não deixe ela ir embora. Salem bufou.

Noctorno se virou e correu para descer os degraus, desaparecendo sem olhar para trás.

Capítulo 10

Minerva

— Saia do meu caminho, Salem — ordenei.

O cavalo bufou e trotou através do espaço até a frente da igreja, bloqueando as portas com o corpo maciço.

— Saia do meu caminho, Salem! — Gritei e o cavalo bufou de novo, dobrando as pernas dianteiras como se fosse se ajoelhar, em seguida, se ergueu e bufou novamente.

— Estou saindo! — Anunciei.

Salem soltou um relincho que pareceu quase frenético. Apoiei as mãos nos quadris e olhei nos olhos do cavalo.

— Você o viu!

Ele bufou através dos lábios e a poderosa cabeça balançou de um lado para o outro.

— Ele me chacoalhou! Ele quase arrancou minha cabeça, maldição!

O cavalo se aproximou e encostou o focinho ao lado da minha cabeça.

Eu o segurei e puxei para baixo, para encarar seus olhos de novo.

— Não me importo com a Minerva — disse a ele, a voz baixa e, de repente, trêmula. — Neste momento, o diabo que não conheço é muito, muito melhor, do que o diabo que conheço.

Um relincho suave e lisonjeiro.

Balancei a cabeça.

— Tenho que ficar longe dele. Ele é mau, é mandão e não vai acreditar que sou quem eu sou.

Empurrou o nariz no meu pescoço e bufou.

Senti as lágrimas queimarem meus olhos e passei os braços em torno do pescoço do animal.

— Ele me machucou — sussurrei.

Isso me conseguiu mais um bufar, fazendo os lábios do cavalo tremerem.

— Você tem que me deixar sair. Salem continuou parado.

Então soltou o pescoço do meu abraço e o virou para olhar para o seu corpo diante das portas abertas da igreja e olhou para mim.

Em seguida, moveu seu grande volume de modo que ficou de frente para as portas e me atingiu com o lado da sela.

Meu Deus. Estava entendendo corretamente?

— Você... você vai... — fiz uma pausa, em seguida, sussurrei — comigo?

Ele jogou a cabeça para trás e relinchou, em seguida, se virou para olhar por cima do ombro para mim, e a balançou para cima e para baixo em uma afirmação óbvia.

— Você está falando sério?

Ele relinchou um “alguém tem que mantê-la segura”.

Assim... completamente... incrível!

Me aproximei dele, lancei meus braços em volta do seu pescoço, lhe dei um grande abraço e sussurrei:

— Obrigada.

Então corri para a porta, peguei a faca que caiu e preendi o cabo entre os joelhos enquanto apertava o cinto em volta da cintura. Então enfiei a faca no cinto e me aproximei do cavalo.

Precisei de três tentativas para me erguer até a sela, não era uma amazona experiente e, lembre-se, tinha um vestido amplo me impedindo de montar um cavalo (apesar da roupa arrasar, tinha que arranjar algo que dissesse *princesa guerreira*). Infelizmente, na hora que montei,

percebi que os estribos eram muito baixos, então tive que desmontar, levantá-los e montar novamente. Desta vez, precisei de quatro malditas tentativas.

Mas montei o belo animal, toquei meus saltos nos seus flancos e lá fomos nós, para fora da porta e para o desconhecido.

Senti a cama afundar, abri os olhos em uma confusão exausta, vi o Nocturno sentado na cama, seus quadris encostados na curva do meu colo e estava debruçado sobre o meu corpo com uma mão que imaginei estar apoiada na cama, atrás das minhas costas.

Humm. O quê?

O que ele estava fazendo aqui?

Minha cabeça se moveu novamente sobre o travesseiro, os olhos correndo para a mesa de cabeceira.

— Procurando por isso? — Eu o ouvi perguntar, olhei para ele e vi a outra mão levantada, minha faca pendurada em seus dedos pela ponta da lâmina.

Droga!

Girou a faca para cima, soltando-a, mas a pegou habilmente pelo punho e fez isso, sem brincadeira, sem tirar os olhos de mim.

— Você não achou que o meu próprio cavalo, diabos, ia levá-la para algum lugar onde não poderia encontrá-la?

Salem, seu traidor. Que decepção.

Cavalgamos pelo resto da noite e durante todo o dia seguinte, parando apenas para beber água e, da minha parte, atender ao chamado da natureza. Uma ou duas horas após o cair da noite, chegamos a este alojamento de caça que Salem, no seu jeito Salem, me assegurou estarmos a salvo. Aproximou o poderoso pescoço e apontou

com o focinho para o parapeito da janela que tinha uma chave escondida.

Pensei que ele era meu cavalo em uma armadura brilhante.

Completamente, uma decepção.

Agora, obviamente, como o sol estava brilhando, era algum momento do dia seguinte.

E estava novamente nas garras do malvado e sombrio Príncipe Nocturno.

Que frustração.

— Sou o dono desta cabana de caça. É um solo sagrado. É seguro. Meu cavalo não é bobo — Nocturno continuou.

Ótimo. Maravilhoso.

Ou, mais apropriadamente colocado, absurdo!

Cuidadosamente me virei de costas, assim como tão cuidadosamente deslizei para cima da cama até minhas costas estarem pressionadas contra a cabeceira da cama. Puxei os joelhos para cima e circulei as panturrilhas com meus braços. Fiquei nessa posição protetora e continuei assim durante todo o tempo que mantive o olhar desconfiado nele.

Seus olhos percorreram meu corpo contraído e voltaram para os meus. Em seguida, se tornaram calorosos enquanto começava a se inclinar, murmurando:

— Cora.

Levantei a mão, a palma para fora, e sussurrei entre os dentes:

— Não me toque.

Seu corpo parou de se mover.

— Cora — repetiu em um sussurro.

— Me fale sobre os ossos — exigi e vi o flash nos seus olhos.

Abaixei a mão e estreitei meus próprios olhos para ele.

— Sei que você não acredita em mim e blá, blá, blá. Faça minha vontade. Me fale sobre os malditos ossos.

Ele me observou. Em seguida, declarou:

— Têm minha saliva neles.

— E?

Me observou um pouco mais. Então suspirou e continuou.

— Podem me rastrear através da minha saliva. Podem fazê-lo há quilômetros de distância.

— Então por isso você mantinha os ossos na caverna — presumi.

Ele assentiu.

— Eles não tinham ideia de que existiam e os usava para caçar ou lutar. Estou sempre atento por força do hábito, isso foi enraizado em mim desde que nasci. Nos tempos antigos, eles só podiam rastrear as fêmeas. Se adaptaram. Agora aprenderam também como rastrear os companheiros. Assim, além da procura por você, estavam procurando por mim. Você jogou fora os ossos, eles me encontraram ou, uma vez que os restos de nossa refeição de coelho estavam entre eles... a nós.

Humm.

— E, digamos que, quando nós, humm... nos aliviamos. Eles podem rastrear isso? — Perguntei.

— Isso é ácido, então... não.

Interessante.

— Apenas saliva?

— Isso e outros fluidos corporais.

— Como?

— Sangue. Sêmen. Mas não urina. Eca!

Hora de seguir em frente, antes dele continuar.

— Ok, é o suficiente com os fluidos corporais e outras, humm... funções corporais. Eles podem rastrear cheiros? Perfume do cabelo?

— Somente fluidos. Que estranho.

Tão estranho que as minhas sobrancelhas se ergueram.

— SÉRIO?

Um lado da sua boca se curvou.

— SÉRIO.

Parecia sexy com um lado da boca curvado, assim, decidi que havia terminado.

Por isso, falei:

— Obrigada pela aula. Pode ir agora.

Seus olhos ficaram colados aos meus e deixei, principalmente porque não tinha escolha. O cara tinha provado uma e outra vez que era incrivelmente forte, então nunca poderia ser melhor fisicamente e nem ia tentar.

O problema nisso foi que ele não se moveu.

Em seguida, falou baixinho:

— Precisamos conversar.

— Bem, Príncipe Nocturno, desculpe desapontá-lo, mas estou além, muito além, de qualquer conversa com você.

Ele balançou a cabeça.

— Precisamos conversar — repetiu.

— Não tenho nada a dizer e você não tem nada a dizer que eu queira ouvir.

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu na igreja.

Meu corpo ficou rígido.

— Não, absolutamente, definitivamente, sem dúvida nenhuma, não precisamos falar sobre o que aconteceu na igreja.

— Cora.

— Vá embora.

— Cora...

— Eu disse vá embora. Estou cansada. Meu corpo está dolorido de cavalgar o dia todo. Preciso dormir antes de seguir meu caminho novamente... — fiz uma pausa, em seguida, concluí — a pé.

— Cora.

— Não se preocupe, não vou sangrar em nada. Obviamente, não tenho nenhum sêmen, assim estamos bem nesse ponto e prometo ter cuidado com a minha saliva.

— Deuses, droga, Cora.

—Sério! Vá!

Ele não foi.

Não. Não foi.

O que fez foi esticar a mão, colocar os dedos em volta do meu tornozelo e puxá-lo para baixo. Infelizmente, como meu corpo estava ligado a ele, também desceu pela cama. Em seguida, se deitou e rolou, bem em cima de mim.

Bati nos seus ombros, gritando:

— Saia de cima de mim!

— Acalme-se — comandou.

— Saia... de cima... de mim!

— Acalme-se! — Gritou.

— E se eu não fizer isso! — Gritei em resposta. — Vai me chacoalhar tão forte que vou ver estrelas? Ou me jogar por aí?

— Tinha uma outra ideia para fazê-la obedecer.

— Uma palmada? Uma chicotada? Espere, isso pode tirar sangue.

— Cora.

— Tortura da água?

— Não, Cora, foder você tão intensamente que não poderá respirar, maldição, e estará tão malditamente exausta depois, que não poderá se mover e será forçada a fechar a boca e ouvir.

Fechei a boca imediatamente.

Merda, nunca deveria ter lhe ensinado essa palavra.

— Era isso — murmurou.

— Você quer falar, fale — convidei em um tom grosseiro. Ele fez uma careta para mim. Em seguida, respirou fundo e começou.

— Eu te machuquei...

— Sim — confirmei. — Eu verifiquei e tenho as contusões para provar isso.

Desta vez, o vacilo quase não foi imperceptível. Desta vez, ele vacilou mesmo.

— Deuses — sussurrou.

— Você pode dizer isso de novo.

Seus olhos ficaram calorosos novamente e sua mão subiu até a minha mandíbula.

— Amor, estou...

Empurrei a cabeça, me esforçando para curvar o meu corpo para mantê-lo afastado. Meus olhos inclinaram para ele e o lembrei:

— Eu disse, não me toque.

— Eu a assustei — murmurou, me observando, apoiando a mão no travesseiro, sobre a minha cabeça e relaxei.

— Sim, você fez isso também. Me caguei toda. Suas sobrancelhas se juntaram. — Se cagou?

— Sim, me caguei, assim como, me assustou tanto que fiquei incapacitada. Mal conseguia pensar. Você me fez encolher na sua frente, como uma coisa fraca. Me assustou tanto que me obrigou a me humilhar na sua frente. Então, me chacoalhou, me bateu, duas vezes, e fez outras coisas que não foram muito legais, mas isso, isso, Noctorno, não posso perdoar. Poderia lutar contra os vickrants com você e, admito, estava apavorada enquanto o fazia, mas você... foi você que me assustou muito, eu não conseguia... porra... respirar.

Ele fechou os olhos lentamente e, com as pálpebras fechadas, sussurrou:

— Cora, querida.

— Fique longe de mim.

Seus olhos se abriram.

— Meu amor...

— Não me chame assim! — Gritei e, de repente, sua mão estava de volta ao meu rosto, envolvendo minha bochecha, o polegar pressionando os meus lábios, seu rosto mergulhando para baixo e isso era tudo que podia ver.

— Por favor, me deixe falar.

Levantei a mão para tirar o dedo da minha boca e vociferei:

— Foda-se e foda-se você!

— Não sei se entendo todos os significados dessas palavras — respondeu calmamente.

— Acho que você conhece a essência, adivinhe.

Então, de repente, ele declarou:

— Estávamos perdendo.

Pisquei diante da surpresa, baixando a guarda o que foi uma tolice. Foi uma tolice porque meus dedos ainda estavam em volta do seu polegar. Ele girou o pulso, entrelaçou os dedos nos meus e, em seguida, apoiou nossas mãos entrelaçadas na cama, perto do meu ombro.

— Estava de mau humor porque estava preocupado, pois estávamos perdendo — repetiu.

— Perdendo o quê?

— Contra os vickrants. Isto era confuso.

— Estávamos?

— Sim, amor.

— Mas pensei que estávamos arrasando — disse a ele e o canto da sua boca se ergueu novamente.

Em seguida, me informou:

— Estávamos, mas se essa vila fosse um quilômetro mais distante teriam nos derrotado. Com o que nós lutamos era apenas a primeira onda. A segunda onda estava vindo, eu a ouvi, Salem ouviu; estavam perto. Se conseguissem chegar até nós, eram o triplo em número, teriam nos derrotado e levado você.

Senti meus olhos se arregalarem enquanto minha boca sussurrava uma palavra:

— Caraca.

— Não estou certo sobre o que isso significa, mas a forma como diz, me faz pensar que ela diz tudo.

— Diz — sussurrei.

Ele segurou meu olhar.

— A segunda onda era o triplo da qual estávamos lutando? — Perguntei.

— Minerva está com fome — respondeu.

Oh, céus.

— Ela precisa das duas irmãs para completar a maldição sobre a terra — continuou.

Oh. Meu. Deus!

— Ela esperou milênios para poder fazer isso — explicou.

Agora era, oh, merda.

— Faz séculos e séculos que a maldição permanece intocada — continuou.

Oh, merda, oh, merda.

— Essa seria, suponho, a maldição de que almas gêmeas não iriam ver umas às outras antes das festividades do casamento — adivinhei.

— Essa seria a maldição — confirmou.

— Oh, merda!

Naquele momento, disse isso em voz alta.

Seus dedos apertaram os meus.

— Ela cria as almas gêmeas, amor.

Pisquei novamente.

— O quê?

— Brincando. Torturando. Ela faz isso só para que possa separá-las. Ela é má. Pura maldade até a alma. Ela as cria, em seguida, brinca com elas, tenta enganá-las, mostrando a promessa de alegria além da medida, na esperança de arrancá-la.

— Meu Deus, isso é... isso é... — Balancei a cabeça. — Nem sei o que é.

— Essa é Minerva.

— O que ela é?

— Ela era uma bruxa. Através dos anos, seu poder cresceu. Agora está perto de rivalizar com os deuses. Ela é um deus.

— Oh, oh, isso não parece bom.

— Malditamente, não.

— Mas você disse que os deuses escolhem as almas gêmeas.

— Não, disse que essa deusa escolhe as almas gêmeas. Infelizmente, os benevolentes foram forçados a deixá-la entrar em suas fileiras. Nós oramos para os nossos deuses, porque tememos Minerva.

Caraca.

Então, me dei conta.

— E, assim, Dash tinha planejado tudo. Rosa deveria ficar na casa dos seus, quer dizer, dos nossos pais e ele estava...

Noctorno acenou com a cabeça.

— Você mora há quilômetros de distância, na direção oposta dos seus pais, a igreja e o castelo do meu pai. Nós passamos a noite há quilômetros de distância, além disso. Rosa não deveria estar em nenhum lugar perto de lá. Estávamos passando na sua casa mais como

uma brincadeira. Dash queria provocá-la, supondo que você dormiria além da hora. Eu sabia, porém, que você dormiria, e já que você estava no meio do caminho, paramos para arrastá-la para fora da cama.

Meus olhos se moveram para cima do seu ombro e perguntei, principalmente, para mim mesma:

— Me pergunto como ela chegou lá.

Já que perguntei principalmente a mim mesma, estava imaginando que foi por isto que ele não respondeu.

Então meus olhos retornaram aos dele.

— Se isso acontece há milênios, por que a Rosa não sabia?

Sua cabeça se inclinou para o lado e me observou. Fez isso de perto, intensamente. Era um cara muito intenso, mas foi ainda mais intenso. Era como se estivesse fazendo isso pela primeira vez ou, talvez, vendo algo que não tinha visto antes, que o fascinava.

Em seguida, falou baixinho:

— Há almas delicadas, algumas tão delicadas, sabe, como uma criança que acabou de nascer, de tão delicadas. Rosa é uma dessas almas. Seus pais, e até mesmo você, ao longo da sua vida, a protegem de desagradados que não poderia suportar. Ela não só não conhece a maldição, ela nem sabe que Minerva existe.

Pensei no cantarolar da Rosa e pude ver que aquela menina tinha uma alma delicada.

— Eu a conheci brevemente — Informei a ele. — Posso ver isso.

— É difícil não ver — ele murmurou.

Então, algo me ocorreu. Algo ruim. Muito ruim. E meu coração falhou enquanto meu corpo enrijecia quando aquilo me atravessou.

— Oh, meu Deus, Tor — sussurrei, minha mão livre se erguendo para envolver seu pescoço. — Oh, meu Deus.

— O quê?

— Oh, meu Deus — sussurrei.

— Querida, o que foi?

— Rosa é delicada e Minerva a tem.

Sua mandíbula enrijeceu.

— Sim.

— Oh, meu Deus! — Gritei e me movi, tentando empurrá-lo.

— Cora.

Me acalmei e olhei para ele.

— Nós temos que ir buscá-la!

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Perdão?

— O que estamos fazendo? — Gritei desesperadamente, então balbuciei. — Por que ficamos escondidos em uma caverna? Aqui? Nós temos que encontrá-la! Nós temos que resgatá-la!

— Cora.

— Temos que ir!

—Cora.

— Agora! — Gritei e sua boca desceu sobre a minha. Desta vez, sua língua explorou minha boca. Desta vez, os meus ossos não viraram geleia. Esse beijo era para me silenciar. Funcionou porque era duro, mas ao mesmo tempo, também assustadoramente carinhoso, de uma forma que eu gostava.

Portanto, meu corpo derreteu sob o dele e quando sentiu isso, levantou a cabeça um centímetro.

— Você está calma? — Perguntou suavemente, depois que os olhos azuis encontraram os meus.

— Calmíssima! — Respondi sem fôlego.

— Orlando está liderando a missão de resgate para encontrar sua irmã — explicou. — Ele tem sob o seu comando todo o exército do meu pai e meus guerreiros, todos eles, mas minha guarda pessoal está em meu castelo, em estado de alerta, pois você e eu precisamos deles.

Olhei para ele.

— Você tem guerreiros?

— Sim.

— Por quê?

— Vou explicar isso mais tarde.

Ok, decidi deixar isso para lá.

— Humm... o Orlando é bom nesse tipo de coisa? Sabe, em liderar uma missão de resgate?

— Sim, se não fosse, eu estaria com ele, mas ele também tem os meus homens com ele e se não fosse bom, eles são.

— Então eles vão encontrá-la.

Ele balançou a cabeça e disse com firmeza.

— Eles vão encontrá-la.

Isso me fez sentir melhor.

Então, perguntei:

— Dash não está com eles? — Ele balançou a cabeça e continuei. — Por que não?

— Porque o Dash está em perigo, assim como você e eu. A maldição completa começa quando ambas as fêmeas são recolhidas, mas Minerva muda suas táticas frequentemente, geração após geração, ela evoca algo novo, ficando cada vez mais frustrada pelo seu tormento fracassar. Ela poderia tentar tomar Dash ou a mim. Ele precisa ficar seguro e todos nós precisamos ser cautelosos. Não há como dizer o que ela vai fazer.

— Oh — sussurrei, pensando que um inimigo imprevisível que tinha o poder de um deus não era uma coisa boa.

— E, além disso, é o Dash — Noctorno terminou. Senti minhas sobranças erguerem. — É o Dash?

— Meu irmão é um monte de coisas, quase todas elas boas, o que ele não é, é um soldado, e outra coisa que definitivamente não é, é

um guerreiro.

— Como você — presumi calmamente. — Ser um guerreiro, quero dizer.

— Certamente, amor, como eu.

E sabia que isso era verdade pela maneira como montava um cavalo e derrotou um exército de vickrants empunhando uma espada. Sem mencionar todas as suas cicatrizes.

— E, — começou e foquei nele para ver seus olhos se iluminarem com algo que nunca tinha visto antes — aparentemente, como a minha esposa.

— O quê? — Sussurrei.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto, em seguida, aproximou a cabeça. Fiquei tensa quando seus lábios roçaram os meus docemente, deslizaram sobre a pele do meu rosto tão docemente e pararam junto ao meu ouvido.

— Você é valente — sussurrou e eu estremeci.

— Valente?

— Nunca, nem em um milhão de anos, achei que tinha isso em você.

— Tinha o quê?

Sua cabeça se ergueu e os olhos ficaram presos nos meus.

—Você lutou ao meu lado e do Salem. Sem hesitações. Com reflexos rápidos, instintos brilhantes. Você não recuou. Não se tornou histérica. Não foi uma carga. Você foi uma benção. Se tivéssemos sido só eu e Salem, eles podiam ter me tomado ou poderiam tê-la machucado.

Senti alguma coisa aquecer na minha barriga diante das suas palavras, mas também senti a necessidade de salientar:

— Você é muito bom com uma espada mesmo, grandalhão.

Ele sorriu para mim.

— Tive muita prática. Você, meu amor, até onde sei, nunca empunhou uma adaga. — Seus dedos apertaram os meus. — Seus golpes foram desajeitados, antieconômicos, você gastou mais energia do que precisava. Você atacou, foi reacionária em vez de tática.

Bem!

— No entanto, — continuou — instintivamente, protegeu meu flanco fraco e a nossa montaria. — Me deu outro aperto nos dedos. — Você foi muito bem, querida.

Minha barriga estava mesmo aquecida quando sussurrei:

— Uh... obrigada.

Ele sorriu para mim e abaixou a cabeça mais uma vez para roçar os lábios contra os meus.

Maldição, gostava quando ele fazia isso.

Ele levantou a cabeça e vi que seus olhos estavam sorridentes.

— Agora, mesmo tão radiante quanto é ter seu corpo macio sob o meu em uma cama de verdade, meu amor, preciso arrastá-lo para fora dela, alimentá-la e nos colocar a caminho.

— O quê?

— Temos?

— Dei ao Salem sua aveia, ele está descansado, temos que nos apressar.

— Nos apressar para onde?

— Meu castelo.

Oh. Uau.

— Sério? — Perguntei, querendo, apesar de mim mesma, ver o castelo dele.

— Sim, Cora.

Meus olhos se moveram ao redor do quarto, em seguida, retornaram para ele.

— Mas, se aqui é seguro?

— É seguro, mas é rústico, só há um quarto e não há nenhuma cobertura de árvores. A cabana é um lugar sagrado, a terra em torno dela não é. Se você ou eu sairmos da cabana podemos ser localizados. Meu castelo, e a terra em torno dele, é maior, mais confortável e tudo isso está fora dos limites, portanto, é mais seguro.

— Oh.

Isso fazia sentido.

— Agora me beije rapidamente, faça-o bem, mereça o seu café da manhã e estaremos a caminho.

Uh. O quê?

— Você está brincando? — Perguntei.

Ele sorriu e respondeu:

— Nem um pouco.

O estremecimento na minha barriga e a emoção ao estar prestes a ver seu castelo desapareceram e olhei para ele.

— Então, estamos de volta a isso?

— Nós nunca saímos.

— Você me deixou ter um banho, roupas e jantar sem precisar merecer — o lembrei.

— Você limpou minha caverna — ele informou.

Urgh!

— Por que é quando acho que posso começar a gostar de você, você me lembra por que não devo? — Perguntei, o que me fez ganhar outro sorriso insolente, mas nenhuma resposta.

Diabo de homem!

— Acho que eu devia receber um passe considerando que ajudei você a combater os vickrants e lidei com o seu mau humor na igreja. — Informei a ele.

O sorriso desapareceu e a diversão em seus olhos morreu, mas, ainda assim, disse:

— E acho que você devia parar de falar e conquistar o seu café da manhã, para que possamos estar a caminho.

Tentei soltar meus dedos dos dele (e falhei, por sinal), então fiz uma careta para ele.

— Você se esquece, decidi fazer isso sozinha.

— E você esquece que tolamente me deixou, levando meu cavalo ao fazê-lo. É meu dever protegê-la, você se coloca em perigo, e fazendo isso, nega qualquer coisa que poderia ter ganho na nossa luta e aguentado meu mau humor na igreja.

— Isso não faz sentido! — Rebatí.

— Certamente que faz — respondeu.

— Não faz! — Respondi e seus dedos enrijeceram e apertaram os meus.

— A maldição está apenas começando. A Megera não pode concluí-la a menos que tenha uma metade de ambas as almas. Ela pega você, e é altamente provável, se você seguir sozinha, onde quer que diabos pense que está indo, que ela vai te pegar. Isso significa que a minha terra, o meu povo, vai viver sob essa maldição em toda a sua plenitude até as próximas almas separadas felizmente se casarem. Meu povo, até agora, não tem conhecimento do que se abateu sobre eles. Estão experimentando padrões climáticos imprevisíveis, mas tanto quanto posso dizer, nada mais que isso. Como a maldição não funciona há milênios, não há registro conhecido do que esperar, exceto que, seja lá o que acontecer, provavelmente, significará inundações, secas, colheitas perdidas, peste, fome e a única esperança seria suportar, por um pinga de humanidade, o passar das décadas até que as novas almas estejam unidas em matrimônio. Você põe isso em perigo, novamente, meu amor, e por isso voltaremos aos nossos termos e você ganha seu sustento.

Oh, céus. Eu não sabia de nada disso. Tinha ferrado tudo novamente. Regiamente (no meu caso, visto que era uma princesa, isso era estranhamente literal).

Merda.

— Então não estou com fome — decidi. — Podemos apenas ir.

— Você vai comer e vai fazer por merecer.

— Não, estou bem. Obrigada pela sua preocupação, mas estou bem.

— Você comeu ontem?

Não, eu não comi e, aliás, estava morrendo de fome. Não lhe disse isso.

— Cora, você pode fazer por merecer ou posso tomar de você.

Pisquei para ele.

— O quê?

— Você me beija ou eu te beijo. Estas são as suas escolhas.

Você tem dois segundos para decidir.

— Não se atreva a me beijar...

— Um.

— Nocturno, se você me beijar, vou...

— Dois — murmurou, seus olhos descendo para a minha boca, em seguida, seus lábios desceram até ela.

Sinos dos infernos.

Lutei contra ele, eu lutei. De verdade.

E me esforcei para isso.

E parecia que estava vencendo.

Mantive a boca fechada resolutamente, não importando o quanto ele persuadiu (e ele persuadiu) com os lábios e a língua para abri-la.

Estava me sentindo muito satisfeita comigo mesma quando a mão livre, de repente, segurou meu seio e o polegar, com precisão, acariciou meu mamilo.

Caraca.

Minha boca se abriu com o choque de prazer que percorreu meu organismo e sua língua entrou. Oh, merda. Esqueci quão amava extremamente o sabor da sua boca e amava ainda mais o modo como ele beijava.

Meu corpo se rendeu antes da minha mente, meu braço enlaçou os ombros largos, em seguida, arqueei as costas para encaixar meu seio com mais firmeza na mão dele.

Ele gemeu na minha boca e adorei isso, também. Tanto, que foi quando minha mente cedeu e ele teve tudo de mim.

Aprofundou o beijo e meus dedos deslizaram para o cabelo dele, para mantê-lo junto a mim enquanto o polegar parava de acariciar meu mamilo, erguia a mão, puxava o tecido para baixo, em seguida, voltava para o meu mamilo, o polegar, desta vez, acariciando e apertando.

Oh, Deus. Muito bom.

Meus quadris se arquearam contra ele, meus dedos ainda agarrados na sua mão ficaram mais apertados e eu gemi o meu prazer na sua boca.

Seus lábios deixaram os meus e gemi de novo porque não queria que se fossem.

Mas não foram embora. Só se moveram. Sua mão segurou meu seio, levantando-o, inclinou o corpo para baixo, em seguida, meu mamilo estava na sua boca e imediatamente começou a chupá-lo ao mesmo tempo que sua língua o acariciava.

Meu Deus. Isso era incrivelmente maravilhoso.

Meus dedos, ainda no cabelo dele, se contraíram e sussurrei:

— Tor.

Seus lábios deixaram meu seio, a mão cobrindo-o calorosamente mais uma vez, apenas envolvendo-o desta vez, enquanto sua boca voltava para a minha.

Meus olhos se abriram e olharam para as profundezas dos seus, calorosos.

— Não pare — implorei, arqueando contra ele.

— Por que você queima tão ardentemente agora, querida, quando devemos partir? — Murmurou com a voz rouca de desejo e, ao mesmo tempo, frustração.

— Podemos nos atrasar — sussurrei, minha mão deixando o cabelo dele para cobrir a outra mão que estava no meu peito, minha outra mão apertando a dele insistentemente.

— Não podemos — negou.

— Dez minutos — pressionei e vi o desejo nos seus olhos guerrear com a diversão

— Meu amor, o que pretendo receber de você vai demorar muito, muito mais que dez minutos para chegar.

Oh, Jesus.

Gostei do som disso.

Sua mão se moveu do meu peito e puxou o tecido. Droga!

Não pude evitar; senti minha boca se torcer em um beicinho.

Seus olhos desceram para ela, ele a olhou por um segundo e, em seguida, começou a rir, jogando a cabeça para trás e tudo ao fazê-lo.

Era totalmente irritante que parecesse lindo o tempo todo, e rindo não era exceção.

— Saia de cima de mim. — Vociferei. — Estou com fome.

Sua risada se transformou em um sorriso e abaixou o queixo para encarar meus olhos.

— Vou te dar aquilo pelo qual você está faminta na minha cama macia, no meu castelo grande, prometo isso a você, Cora. — Sua voz era sexy, profunda e rouca quando finalizou. — E vou demorar bastante.

— Estava falando do café da manhã — informei a ele rapidamente.

— Certo — murmurou, sorrindo para mim.

— Alô? Nocturno? Não estamos com muita pressa? — Falei.

Isso me rendeu outra risada, mas se afastou de mim sem soltar a minha mão, portanto, a usou para me puxar para fora da cama com ele. E me deixou de pé a meio centímetro do seu corpo, soltou a minha mão, mas me esmagou contra o seu corpo com ambos os braços.

Joguei a cabeça para trás para poder olhar para ele.

— O que está fazendo agora? — Rebatí.

Seus olhos deslizaram pelo meu rosto e fizeram isso por um longo tempo, tanto tempo, um escrutínio tão intenso, que comecei a me sentir esquisita, mas não sei se isso era bom, engraçado ou ruim.

— Nocturno? — Finalmente falei.

— Prefiro que você me chame de Tor. Não respondi.

Uma das suas mãos deslizou pela minha espinha e começou a brincar com as pontas do meu cabelo.

Oh, céus. Gostei disso também.

— Minha esposa é primorosa — falou baixinho e senti meu corpo enrijecer enquanto meus lábios se abriam. — Isso, eu sempre soube. Mas também é corajosa, desafiadora, inteligente e divertida. Isso, minha doçura, eu não sabia.

Caraca!

— Tor — sussurrei, mas não falei mais nada, porque não sabia o que dizer e porque sua cabeça se inclinou para, novamente, roçar os lábios com ternura contra os meus.

— Agora, preciso alimentá-la — murmurou contra os meus lábios, suspirei contra os dele, os olhos, que eram tudo o que eu podia ver, iluminados com uma luz que eu gostei muito, então me soltou, pegou minha mão e me levou até a mesa.

Capítulo 11

Compartilhando

Salem estava trotando sob nós em um galope suave enquanto uma paisagem magnífica passava. As nuvens haviam se dissipado, então, o sol brilhava e a vista, tanto quanto os olhos podiam ver (além do trecho que já tínhamos passado) era extraordinária.

Cada centímetro dela.

Eu tinha, nesse dia, aprendido duas coisas.

A primeira é que um cavalo podia parecer arrependido. Descobri isso quando saí e mostrei meu desapontamento para o Salem. Ele me deu uma olhada e se pudesse morder o lábio, sabia que teria mordido. Em vez disso, abaixou a cabeça.

Eu o deixei sofrer por cerca de dois segundos depois desisti, acariciei o focinho longo e brilhante e murmurei:

— Eu perdoo você e, de qualquer maneira, fez a coisa certa cuidando de mim e obedecendo ao seu mestre ao mesmo tempo. Você é um bom cavalo.

Ele bufou no meu pescoço.

A segunda é que meu marido sabia cozinhar — em um velho fogão de ferro à lenha, nada menos que isso. Serviu ovos, bacon e fatias grossas de pão com manteiga fresca e cremosa. A comida estava incrível e não apenas porque não tive nada para comer desde o ensopado no pub da Liza e do Rory, mas porque Tor sabia, de verdade, cozinhar. Eram apenas ovos, bacon e pão, mas, de alguma forma, conseguiu deixar tudo delicioso.

Depois do café da manhã montamos no Salem, apesar de haver outro cavalo lá (um que o Tor usou para chegar até mim). Ele o deixou

dizendo que o —seu pessoalll cuidaria dele, assim como lidaria com os pratos sujos deixados para trás.

É, obviamente, era bom ser o futuro rei.

Não entendia por que não levaríamos o cavalo. Imaginava que poderíamos ir muito mais longe e muito mais rápido se nós dois tivéssemos nossas próprias montarias, mas ele discordou.

Me disse que se fôssemos atacados, poderia me proteger muito mais facilmente se eu estivesse perto. Considerando a minha inexperiência como amazona e princesa guerreira, concordei.

Por mais que odiasse, tinha que admitir que gostava de sentar ao sol em cima do Salem, sentindo o corpo grande e forte do Tor em torno de mim, me fazendo sentir segura.

Ontem estava nublado e frio, havia a necessidade de estar vigilante o tempo todo e não era uma amazona brilhante, tendo estado em cima de um cavalo apenas um punhado de vezes na minha vida. Salem, felizmente, sabia o que estava fazendo, mas cavalgar era difícil, duro, desgastante, e era bom sentar e desfrutar do passeio.

O que, vendo o campo esplendoroso passar por nós enquanto o sol aquecia nossos corpos e Tor me segurava bem perto, eu estava fazendo.

Relaxe mais contra ele e perguntei:

— Quanto tempo antes de chegar ao seu castelo?

— Se pudéssemos pegar a estrada principal, o que não podemos, pois, os seres da Minerva iriam ver, um dia. Com o percurso que temos que fazer, provavelmente três — Tor respondeu, me endireitei, girei e olhei para ele.

— Três?

— Sim, amor, três.

Caraca. Isso é que era um desvio.

Me virei novamente e fiquei em silêncio. À distância, vi um bando de veados virar a cabeça na nossa direção, nos sentindo. Em seguida, o grupo partiu graciosamente, correndo para uma colina em uma floresta.

Nunca tinha visto tantos veados assim na minha vida. Uns poucos, aqui e ali, mas devia haver trinta, talvez até quarenta deles.

Incrível.

Meus olhos deslizaram sobre a paisagem, passando pelos verdes mais verdes que já tinha visto antes, flores silvestres passando rapidamente nos campos ao redor das pernas do Salem e mais além, um curso de água distante que era azul da cor dos olhos do Tor. Na verdade, parecia que o ar brilhava como se tivesse pequenos pedaços de um brilho quase invisível e flutuante.

Era mágico. Suspirei.

Então decidi aproveitar a chance e apoiei minha mão no braço do Tor, que enlaçava minha barriga.

— Posso dizer uma coisa? — Perguntei.

— Qualquer coisa, querida — murmurou e senti o queixo dele descansar onde meu pescoço encontrava o ombro.

Oh, Jesus. Isso era bom.

— Pode me prometer uma coisa antes de eu falar? — Prossegui.

— Pergunte e vamos ver — respondeu suavemente.

Bem, não era um sim, mas não era um não e foi um talvez dito em um tom que gostei, então prossegui.

— Ok, quero falar sobre algo em que você não acredita e não vai gostar. Mas pode só fingir acreditar ou, não sei, apenas manter silêncio?

Não recebi nenhuma resposta por algum tempo, então o braço que me segurava deu um aperto e ele respondeu:

— Posso fazer isso, Cora.

— De verdade? — Sussurrei para a paisagem.

— De verdade, amor, o que quer falar?

Respirei fundo e, em seguida, partilhei o que tinha estado me incomodando profundamente, martelando a minha cabeça há algum tempo.

— Não estou indo para casa — falei suavemente, seu braço me apertou de novo e continuei rapidamente. — Não, não diga nada. Sei que você acha que estou em casa, mas não estou. E cada vez que vou dormir, espero acordar novamente no meu apartamento, na minha vida. Mas isso não acontece. E enquanto os dias passam, estou querendo saber se ainda vai acontecer. E há algumas coisas sobre isso que estão me incomodando.

Ele não levantou o queixo do meu ombro quando perguntou:

— E quais são?

— Bem, — comecei — se estou aqui, isso significa que a outra Cora está lá. E se ela é como você diz que é... hum, não acho que isso seja bom. Veja, meu trabalho está em perigo. Estou lá há anos e ganhei dinheiro, ok, mas estão procurando razões para se livrarem das pessoas. Se ela não descobrir que tem que trabalhar para viver, ou decidir que não, ou descobrir isso, ir para lá e não souber o que está fazendo, o que, aliás, no meu mundo, provavelmente não sabe, ou por algum milagre, agir desta forma, mas irritar alguém...

— Entendo, amor — me interrompeu em voz baixa.

Prendi a respiração. Então falei:

— Não posso perder meu emprego, Tor. E só Deus sabe o que mais ela pode chegar a fazer, e quanto mais tempo fico aqui, mais tempo ela tem para chegar a isso.

— É verdade, só os deuses sabem o que a outra Cora faria — concordou e não sabia se estava falando sério ou me agradando, mas não perguntei por que não queria saber se fosse o último caso. Embora achasse que era.

— Isso é importante — disse a ele — e estou *meio que* pirando.

— Pirando?

— Ficando preocupada — expliquei.

Ele ergueu o queixo e ordenou:

— Olhe para mim, Cora.

Eu o fiz, me virando para olhar para ele e vi seus olhos inclinados para baixo, em mim.

— Você não tem controle sobre isso. Deixe para lá.

— Mas...

— Deixe para lá.

— Não posso! — Exclamei.

— Posso entender isso, mas você sabe como voltar para lá? —

Perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não.

— Sabe como chegou aqui? — Continuou.

— Não — repeti.

— Então não tem nenhum controle sobre isso. Se você voltar — afirmou e meu coração deu um salto mortal, ao mesmo tempo que se contraiu — vai ser forçada a lidar com isso, então. Já que não tem nenhuma maneira de saber o que vai enfrentar, não tem nenhuma maneira de planejar sua resposta. Então, simplesmente tem que esperar e lidar com isso, caso ocorra.

Ele estava certo. Isto era lógico e sábio.

— Isso é lógico e sábio — disse a ele e ele sorriu para mim. — Ainda vou continuar preocupada — admiti e Torriu.

Sorri para ele, porque me senti bem em desabafar, mesmo que não tivesse nenhuma resposta firme, e me virei para olhar para frente.

Ficamos em silêncio por algum tempo antes que eu o quebrasse.

— Há mais uma coisa.

— Sim?

Olhei para a paisagem. Engoli em seco e então, compartilhei em um sussurro:

— Não sei se quero voltar.

O corpo do Tor ficou completamente rígido atrás de mim e até mesmo o Salem perdeu o passo antes de se corrigir.

— Perdão? — Perguntou Tor.

Mordi o lábio. Então, por algum motivo louco, selvagem e insano, continuei a falar.

— É lindo aqui. Cavalos falam com você. Pássaros falam com você. Não tem poluição. A vida é simples. Nunca, na minha vida, imaginei que não sentiria falta de carros, celulares, micro-ondas, martinis e sapatos de salto alto. Se você me dissesse que eu viria para um lugar como este, mas teria que ficar, eu diria de jeito nenhum. Mas agora que estou aqui, quero explorá-lo. Cada paisagem que vejo, eu gosto. Cada aldeia. Cada flor. Todos os animais. Cada folha de grama. Claro, uma maldição está pendente, mas você tem isso sob controle, certo?

— Certo — respondeu, com humor no seu tom.

— Então, — sussurrei — se estou presa aqui enquanto seu irmão salva a Rosa, acho que vou aproveitar. Viajar. Experimentar este mundo em sua plenitude, algo que nunca fiz no meu próprio.

— Duas observações a fazer, Cora — falou com uma voz que, agora, não tinha nenhum humor e me virei para olhar para ele novamente. Seus olhos desceram até os meus. — Um, gostaria de perguntar, não há nada que você vai se arrepender de deixar para trás?

Mordi o lábio e me virei para a frente novamente.

— Sim, meus pais e meus amigos — admiti e sussurrei — Vou sentir falta deles, muito. Perdê-los seria um pé no saco. Principalmente, já que, depois de todos os relatos, a Cora do seu mundo não é uma

grande filha, nem mesmo tem uma amiga, e eles se perguntariam o que diabos estaria acontecendo.

Apertei os lábios diante deste pensamento, em seguida, continuei a compartilhar.

— Mas não gosto do meu apartamento, do meu trabalho. Minha vida é incolor. Brian e eu terminamos e não fui convidada para sair em um único encontro. Não sou solitária, não me sinto solitária. Gosto da minha própria companhia. Mas uma grande parte do tempo estou sozinha e, bem, estou ficando cansada disso. E, se for honesta, estava ficando cansada de tudo... até que isso aconteceu. E estar aqui, ver isso... esse lugar, — apontei com a mão para frente — está me fazendo perceber tudo isso.

Tor não deu nenhuma resposta e não falou mais nada, até que solicitei:

— Você disse que tinha duas observações a fazer?

— Sim — respondeu. — A segunda seria que, quando a Rosa estiver salva, estou com medo, amor, que você não vá poder viajar, experimentar este mundo em sua plenitude.

Isso me surpreendeu e me virei para olhar para ele novamente.

— Por que não?

Seus olhos capturaram os meus.

— Porque não vou deixar você ir.

Minha cabeça se inclinou para o lado e olhei para ele antes de repetir:

— Por que não?

— Porque, Cora, estou começando a gostar de ter você por perto.

Então decidi mantê-la comigo.

O quê?

— O quê? — Gritei, Salem se contraiu debaixo de nós e Tor sorriu.

— Não vai ser tão ruim assim, minha doçura. Quando viajar, vou levá-la comigo, para que você possa vivenciar este mundo. Mas quando estiver em casa, você vai ficar comigo lá também.

— Mas nós não moramos juntos — eu o lembrei.

— Isso vai mudar.

— O quê? — Rebatu. — Por quê?

— Como disse, gosto de ter você por perto.

— Nós brigamos o tempo todo, — o informei de algo que ele já sabia.

— De fato, e gosto disso também.

Pisquei para ele.

— Você gosta?

Ele assentiu.

— Gosto.

— Isso é insano.

— Você não gosta?

— Claro que não — respondi.

Seu braço me deu um aperto, seu olhar desviou para algum ponto sobre a minha cabeça e declarou:

— Você vai.

— Não vou.

— Vai.

— Não, Tor, não vou.

Olhou novamente para mim.

— Você vai, Cora, porque em breve, quando discutirmos e você levar isso longe demais, o que você sempre faz, então vai insistir, vou ser obrigado a interrompê-la. — Sorriu. — E gosto das ideias que tenho sobre a forma como vou interrompê-la. — Seus olhos ficaram calorosos.
— Todas elas.

— Urgh! — Resmunguei e olhei para frente novamente, declarando — Você é muito convencido.

Linda, tudo que tive que fazer foi colocar seu mamilo na boca e você estava implorando por mais. Claro que tenho que ser convencido.

Droga. Odiava que isso fosse verdade.

— Que seja — murmurei, avançando o melhor que pude para a frente da sela para ficar longe dele, um esforço que foi em vão quando seu braço me apertou e me puxou de volta. — Afrouxe o braço um pouco — exigi. — Quero trocar de posição. Estou desconfortável — menti.

Seu braço deslizou para baixo dos meus seios e senti seus lábios no meu pescoço.

— Não, não está.

— Estou sim. — Continuei mentindo.

Seu polegar começou a acariciar a parte inferior do meu seio, ao mesmo tempo que sua língua acariciou a minha orelha e ele mudou de assunto.

— Se você quiser — murmurou com voz rouca no meu ouvido — posso fazer você gozar agora mesmo.

Oh, Deus. Isso enviou uma onda de calor entre as minhas pernas.

— Obrigada — tentei parecer mal-humorada e temi haver falhado. — Estou bem.

— Vou lhe dar os dez minutos pelos quais você implorou na cama — ele insistiu e me preparei contra a atração.

Estava imaginando que esses dez minutos seriam os melhores dez minutos da minha vida inteira. Afastei o impulso e respondi:

— Obrigada mais uma vez, mas... não.

Seu polegar deslocou para cima cerca de um centímetro, então estava acariciando meu seio bem embaixo do mamilo.

Oh, Jesus.

Não pude evitar de baixar as pálpebras lentamente sobre os olhos, mas lutei contra a vontade de erguer a mão até a dele e levá-la para o alvo.

— Vire a cabeça e me dê sua boca, querida — ordenou suavemente.

— Não.

— Ok, então levante as saias para que eu possa tocar seu calor.

Oh, Deus.

Engoli um gemido e ordenei

— Tor, preste atenção para onde estamos indo.

Sua língua deslizou ao longo da pele sob a minha orelha e, em seguida, sussurrou: — Salem conhece o caminho.

Lá estava. Uma desculpa conveniente.

— Salem, certo, é um bom cavalo. Eu não poderia me envolver em quaisquer atividades, humm... indecentes com ele por perto.

Salem bufou e não tinha ideia se era um bufar de “vá em frente, não me importo” ou um “obrigado por pensar em mim, Cora”.

— Não vai ser a primeira vez — Tor falou. A coisa muito, muito, muito errada a dizer. Muito.

Minhas costas ficaram rígidas imediatamente, meus olhos se abriram e Tor tirou a boca de minha orelha.

— Cora?

Levantei a mão e segurei os dedos dele em torno do meu seio, puxando-os para baixo. Ele suspirou. Então, disse:

— Meu amor, você sabe que não é...

— Se eu fosse você, Príncipe Noctorno Hawthorne, manteria a boca fechada.

Ele, claro, não manteve.

— Sou um homem, Cora, e você tem se negado para mim.

— Não, não tenho, considerando que vivia em um universo paralelo até poucos dias atrás — lembrei. — A outra Cora, sim. Se você fosse meu marido, estaria recebendo atenção regularmente — anunciei.

O corpo do Tor enrijeceu atrás de mim novamente, então perguntou:

— Será que isso significa o que acho que isso significa?

Me virei e olhei para ele.

— Sim! — Vociferei. — Você é um príncipe. Você é gostoso. Você beija muito bem. Você tem um cavalo legal. Você tem olhos maravilhosos e um peito melhor ainda. Você tem a quantidade exata de pelos no peito. E quando não está sendo um babaca, consegue ser doce. Então, obviamente, se estivéssemos unidos pelo sagrado matrimônio, eu estaria dando... regularmente.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Você estaria dando o quê?

— A mim mesma! — Gritei, então me virei para frente, murmurando — Jesus!

Sua boca retornou para o meu ouvido, não para brincar, apenas para falar.

— Bem, já que você está aqui e tomou o lugar da outra Cora e está, aparentemente, presa aqui, então espero começar a ter você — fez uma pausa e terminou com firmeza — regularmente. Começando agora mesmo.

— Não, absolutamente, não — neguei.

— Então você mentiu? — Perguntou.

— Não — respondi. — Mas não posso fazer isso quando estou irritada. — Me virei para olhar para ele novamente. — E não se engane, Príncipe Nocturno, eu... estou... irritada.

— Você está muito irritada — observou.

— Aprenda com isso, grandalhão — informei, virei-me novamente e ele riu.

Eu cerrei os dentes. Então, ouvi.

Minha cabeça se virou para a esquerda e olhei para as árvores, ao mesmo tempo em que Salem deu dois passos para o lado e bufou através dos lábios.

— Cora? — Tor falou e ergui a mão.

— *Shhh!* — Sussurrei e escutei. Lá estava, novamente.

— Puxe as rédeas — pedi.

— Perdão?

Lá estava; ouvi novamente!

— Puxe as rédeas! — Gritei, então continuei gritando — Salem, pare!

Noctorno puxou as rédeas e Salem parou.

— O que sentiu? Perigo? — Tor sussurrou no meu ouvido, o braço apertando ferozmente as minhas costelas.

— Não — sussurrei em resposta. — Aggie.

Então me desvencilhei do seu braço, deslizei pelo lado do Salem, aterrissei de pé e imediatamente corri em torno da frente do cavalo, na direção das árvores.

— Pelos deuses, Cora! Pare!

Não parei. Em vez disso, gritei:

— Aggie! Aggie, é você?

Continuei correndo e ouvi os cascos de um cavalo e as botas de um homem atrás de mim, mas já não ouvia os piados.

— Aggie! — Gritei, em seguida, soltei um “*oof*”, quando minha corrida foi interrompida por um braço de ferro em torno do meu estômago e fui rebocada contra um corpo rígido. — Me solte! — Gritei, empurrando seu braço e me lançando para frente.

— Cora, — falou junto ao meu ouvido — nem sempre...

— Piu, piu, piu, — ouvi fracamente e sabia o que isso significava.
— Cora, me ajude.

Oh, Deus.

Girei nos braços do Tor para encará-lo enquanto me arrastava na direção do Salem que trotava fora da estrada junto com o Tor e eu.

— Tor! — Gritei desesperadamente, inclinando a cabeça para trás para poder olhar para ele, lutando com o seu abraço e arrastando os pés para impedi-lo de me carregar. — Ouvi o Aggie.

— Quem?

— Aggie! — Gritei.

Tor parou e me encarou.

— Quem é Aggie?

— Aggie, Aggie, Agglethorpe! O pássaro!

Suas sobrancelhas se uniram.

— O quê?

— Pássaro!

Mais um piu que significava “me ajude”.

— Tor! Acho que algo está errado. Temos que fazer alguma coisa!
— Levantei as mãos até a mandíbula dele, fiquei na ponta dos pés, me inclinei e implorei — Por favor!

Ele olhou nos meus olhos, em seguida, murmurou:

— Deuses — me soltou, pegou a minha mão e correu para a floresta, me puxando atrás dele, Salem nos seguindo em um trote.

— Aggie! — Chamei. — Pie para nós, querido, para sabermos onde está.

Escutei. Nada.

Levantei a mão, a coloquei em concha do lado da minha boca e gritei:

— Aggie, querido, por favor. Nos dê alguma pista!

Então ouvi, um agudo e fraco chilrear bem em cima de nós.

Parei, puxei a mão do Tor fazendo-o parar e Salem parou também. Olhei para cima e vi as penas brilhantes do Aggie cerca de três metros acima, em uma árvore.

— Estou vendo você! — Gritei, pulando para cima e para baixo e apertando a mão do Tor enquanto pulava. — Estou vendo você! Segure-se, o Tor vai subir e pegar você!

— Piu, piu, piu — o que significava —graças aos deuses!!.

— Estou indo fazer o quê? — Perguntou Tor ao meulado e virei a cabeça para olhar para ele.

— Você tem que subir e o pegar — expliquei.

Ele olhou para a árvore e, em seguida, para mim.

— Quem?

— Aggie! Aquele pássaro lá em cima! — Gritei, apontando para a árvore. — Ele parece fraco, acho que está ferido. Você tem que ir buscá-lo.

Tor olhou para a árvore novamente, apertou os olhos, notei quando o viu porque os apertou mais ainda, então olhou para mim.

— Está brincando — afirmou.

— Pareço estar brincado? — Gritei, apontando com o braço. — É o Aggie! Você tem que salvá-lo!

— Cora, aquele pássaro está meio morto — me informou tranquilamente.

— Então isso significa que também está meio vivo! — Gritei.

Ele olhou para mim por um longo momento, em seguida, se moveu até mim, me puxando contra ele com um leve puxão na minha mão e levantou a outra mão para segurar o meu pescoço.

— Querida, — disse suavemente — você tem alguma conexão com este animal?

— Sim, não, humm... mais ou menos. Só o encontrei uma vez, mas é tão bonito. Isso importa? Ele precisa de ajuda.

— Você só o encontrou uma vez? — Perguntou Tor.

— Sim, na manhã em que acordei neste mundo. Ele estava no meu quarto. Estava lá quando a maldição iniciou. Nunca falei com um pássaro antes, ele foi o primeiro e, humm... o único, eu acho. Mas foi legal. Não se pode falar com os animais na minha casa, quer dizer, você fala, mas eles não podem responder. Ele responde. Quero dizer, ele pia de volta, mas de uma forma que o entendo.

— Claro — respondeu. Legal! Ele entendeu!

— Então você consegue ouvi-lo também! Ele está em perigo!

Sua cabeça se inclinou para o lado.

— Não, Cora, não consigo ouvir pequenas aves. As mulheres conseguem ouvir pequenas aves, coelhos, veados, gatos, ratos e similares. Os homens conseguem ouvir cavalos, cães, lobos, aves de rapina, cobras e outros semelhantes. Eu não consigo ouvi-lo.

Uau. Estranho.

Queria saber mais sobre isso, apenas não nesse momento em particular.

— Ok, bem, eu consigo e ele precisa de ajuda — disse a ele.

— Este pássaro era seu animal de estimação?

— Humm, acho que não. Ele veio do lado de fora.

Tor respirou fundo pelo nariz, em seguida, se aproximou e seus dedos seguraram com mais força o meu pescoço. Então falou:

— Amor, você pode falar com os animais selvagens, mas não pode formar vínculos com eles.

— O quê? Por quê? — Exclamei.

Seu rosto se aproximou ainda mais do meu.

— Porque, minha doçura, eles são selvagens e isso — apontou com o queixo ligeiramente para cima — acontece e você tem que deixar acontecer.

Dei um passo para trás e declarei:

— Oh, não, não vou!

— Cora.

— Por favor, Tor, estou pedindo para você subir naquela árvore e salvar o Aggie.

— Amor...

— Por favor! — Gritei.

— Você não devia...

— Eu te dou um beijo — negociei.

— Não se trata de um beijo, se trata da natureza. Esta é a natureza seguindo seu curso e você não pode intervir.

Olhei para ele. Então me soltei e caminhei, pisando duro, na direção da árvore, afirmando:

— Bem! Eu vou subir e buscá-lo.

Não cheguei a dar três passos na direção da árvore antes dos meus quadris serem capturados por mãos grandes e eu ser puxada para trás.

Lutei para ir para frente.

— Não tente me impedir.

— Mulher, você não vai subir em uma árvore, pelos deuses!

Olhei para ele por cima do meu ombro.

— Quer apostar?

Ele me puxou novamente e colidi com o corpo duro.

— Sim, aposto.

Oh, céus. Eu não ia vencer essa luta. Então, tentei uma tática diferente e gemi, suplicando.

— Tor!

Ele olhou para mim. Tentei olhar para ele humildemente.

Surpreendentemente, venci.

Ele me soltou e caminhou até a árvore, resmungando.

— Quando chegarmos em casa, me lembre de falar com o meu médico sobre o estado da minha saúde mental.

— Obrigada, querido — falei baixinho.

Ele parou diante do tronco e voltou os olhos para mim.

— Você me deve uma.

Oh, merda.

— Vou te recompensar — prometi.

— Pode apostar sua bela bunda que vai — ele murmurou, em seguida, subiu na árvore como se fosse um menino de dez anos e fizesse isso cinco vezes por dia. Em seguida, desceu agilmente também, o tempo todo segurando o pequeno Aggie em uma mão.

Corri para ele e inclinei a cabeça para um Aggie que não parecia estar muito bem.

— Oh, Aggie — sussurrei.

— Piu — que significou — Cora.

— *Baby*, nós vamos cuidar de você — disse ao pássaro.

— Cora — Tor chamou e inclinei a cabeça para olhar para ele, sem perceber que tinha os dedos de uma mão em volta do pulso dele, a mão que estava segurando o Aggie e a outra mão apoiada no peito dele.

— Sua asa está mutilada. Não tem conserto.

— Oh, Deus — sussurrei.

— Você e o Salem precisam ir para a estrada, vou cuidar do Aggie — ele continuou e eu pisquei.

— Cuidar dele?

— Ele está com dor. Já está naquela árvore há algum tempo, sem água, sem comida. Ele não está meio morto, está quase morto. Preciso cuidar dele.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Cuidar dele, como?

— Acabar com a sua dor.

Oh, não. Tinha certeza que sabia sobre o que ele estava dizendo.

— Você está falando...?

Ele deve ter lido o horror no meu rosto, pois respondeu rapidamente e com cuidado.

— Sim.

— Tor, não...

— É a coisa certa a fazer.

— Nós vamos encontrar um veterinário.

— Perdão?

— Um veterinário, um médico para animais.

— Eu sei o que um veterinário é, amor, o que estava tentando perguntar sem precisar dizer é, você está louca?

Dei um passo para trás.

— Eu não sou louca! Talvez alguma coisa possa ser feita.

— Alguma coisa pode ser feita e se você for com o Salem para a estrada, eu posso fazê-la e tirar essa criatura da miséria.

— Piu — veio do Aggie, que infelizmente significava —piu.

Portanto, nenhum indício do que Aggie pensava dessa conversa e da sua eutanásia iminente nas mãos de um sexy príncipe guerreiro.

— Tor — sussurrei.

— Doçura, vá.

Balancei a cabeça.

— Nós podemos lhe dar água. Comida. Talvez ele vá se animar.

— Querida ... vá.

Ceguei mais perto e coloquei a mão novamente no seu peito. Me inclinando para ficar mais próxima e olhando para cima, implorei de novo.

— Por Favor.

Os olhos dele se moveram sobre o meu rosto antes de falar calmamente:

— Se eu concordar, não estaremos fazendo nenhum favor a esta ave.

Meu Deus. Ele ia ceder?

— Nós podemos cuidar dele, até recuperar a sua saúde. Lhe daremos algumas sementes, água, em seguida, o levaremos a um veterinário na primeira oportunidade que tivermos — sugeri.

Sua mandíbula se contraiu.

Minhas mãos deslizaram pelo peito dele para enlaçar o seu pescoço.

— Tor, por favor, ele é o Aggie. O primeiro ser que vi neste mundo foi a Rosa, o segundo, Aggie. Não tenho uma irmã em casa e tive a Rosa por cerca de dez minutos antes dela sumir. Aggie foi varrido pelo vento quando os vickrants chegaram. Ambos não podem desaparecer. Não vou suportar. Pode parecer loucura, mas ele é importante para mim. Não posso fazer nada para ajudar a Rosa, mas talvez possa fazer algo para ajudar o Aggie. Me ajude a ajudá-lo. Por favor.

Ok, verdade seja dita, estava exagerando um pouco, mas a razão desta ave ter ficado presa em uma árvore por vários dias, era porque eu, inadvertidamente, dei início à uma maldição que trouxe um vento que levou esta pequena criatura com ele, por isso era minha culpa se sua asa estava mutilada.

Tor encarou meus olhos, em seguida levantou a mão, segurou meu queixo e murmurou:

— Vá pegar o cantil. Vamos deixar esse pássaro hidratado.

Ele cedeu! Maravilha!

Dei um sorriso brilhante para ele, fiquei na ponta dos pés, me arqueei contra ele (tomando cuidado para não esmagar ainda mais o Aggie), ao mesmo tempo minha mão deslizou para a nuca dele e o puxei para baixo. Ele se curvou e encostei minha boca na dele.

Me afastei um centímetro e olhei nos seus belos olhos.

— Obrigada, querido! — Sussurrei, vi a luz nos seus olhos, mas tinha muitas coisas para fazer, então, não demorei.

Eu o soltei, corri até o Salem para pegar o cantil, pensando que, talvez, o Príncipe Nocturno Hawthorne não fosse tão ruim assim.

Capítulo 12

Bellebryn

— Querida, acorde.

Me movi fisicamente, mas no meu inconsciente espreguicei em direção à consciência, decidi que gostava das águas quentes e seguras nas quais estava, desisti e flutuei.

A voz profunda do Tor mais uma vez invadiu meu sono.

— Cora, estamos quase em casa.

Isso chamou minha atenção e meus olhos se abriram. Estava completamente virada de lado na sela, confortavelmente aninhada entre as pernas do Tor, minha bochecha pressionada profundamente no seu peito, seu braço me segurando, minha mão segurando um Aggie que se recuperava.

Inclinei a cabeça para trás, deslizando o rosto contra o peito dele, vi a lateral da mandíbula forte, subitamente ele se inclinou para baixo e seus belos olhos azuis claros encontraram os meus.

— Oi — sussurrei.

— Olá, dorminhoca — sussurrou em resposta. Meu estômago aqueceu.

Humm.

Dei um pequeno sorriso. Ele retribuiu com um lindo. Meu estômago se aqueceu ainda mais.

Humm.

— Estamos quase chegando? — Perguntei, ele empurrou o queixo ligeiramente para cima e respondeu:

— Vire-se e veja.

Comecei a me virar, desejando que não estivéssemos quase no seu castelo.

Não demorou três dias para chegar, mas quatro.

Isso porque paramos em uma grande aldeia que tinha um veterinário que cuidou de Aggie, que se esforçou para consertar a asa dele. Depois nos deu algumas gotas à base de plantas medicinais, uma espécie de conta-gotas rudimentar que podíamos usar para dar água, algumas pequenas bolas feitas de sebo e sementes esmagadas que podíamos alimentar Aggie.

Mesmo assim, Aggie não tinha melhorado até aquela manhã. Tomou as gotas, tomou água, corajosamente engoliu as bolas de sebo, mas pairava, até o momento, às portas da morte, até que pela manhã acordamos para vê-lo pulando por ali, chilreando, em parte, mas não totalmente, de volta ao seu antigo eu.

Também tinha levado quatro dias porque Tor parou em outras aldeias e em uma cidade pequena. Fez isso para que pudéssemos comer em cantinas ou, quando estávamos na cidade, em um café surpreendentemente cosmopolita que tinha doces maravilhosos. Também fez isso durante a noite para que pudéssemos alugar quartos em pousadas, a fim de ter uma cama macia para dormir à noite e, um bônus, banhos quentes — o que foi celestial.

E, na cidade, me comprou outra roupa. Era parecida com a primeira, exceto que o tecido era de melhor qualidade. A saia e o espartilho eram azuis claros com um belo bordado turquesa, prata e verde em torno da bainha da saia e em todo o espartilho e um top cor de creme largo, que tinha rendas intrincadas em torno da bainha das mangas. As anáguas eram cor de creme e possuíam na parte inferior a mesma renda que adornava as mangas da blusa. E os sapatos de cetim eram verdes, mas tinham bordados no mesmo azul da cor do vestido, na ponta dos pés.

O conjunto todo era incrível.

A costureira, emocionada além da conta por estar vestindo quem ela pensava ser a futura rainha, ao ouvir (de mim, estava sendo tagarela) que estávamos viajando sem nenhum conforto, também me deu um pente feito de osso, uma escova que parecia básica, mas suas cerdas eram firmes, e pareceu incrivelmente boa no meu couro cabeludo, e uma fita de cetim azul-turquesa para usar no meu cabelo, tudo sem nenhum custo. Agradei com um abraço e um beijo na sua bochecha, o que me rendeu, mais tarde, uma pequena palestra do Tor sobre o comportamento de uma princesa, mas não me importei. Fiquei emocionada além da conta por conseguir pentear o cabelo, era bom ter algo para mantê-lo afastado do meu rosto e a fita parecia maravilhosa entrelaçada nos meus cabelos escuros, por isso, se eu quisesse abraçar alguém, porque me fez um favor, eu era uma princesa e senti que podia fazer isso.

Às vezes, quando estávamos nesta cidade e nas aldeias, Tor não nos levava a um pub para o almoço ou jantar, mas comprava queijo, pão e frutas e, em seguida, parava no caminho em um lago, um rio ou em um campo cheio de flores silvestres e fazíamos um piquenique.

No terceiro dia, percebi o que ele estava fazendo.

Estava desfrutando o tempo. Me permitindo conversar com os moradores da cidade, ver vitrines de lojas, cheirar as flores, saborear os alimentos e bebidas, aproveitando a paisagem.

Estava me dando o seu mundo.

E, em troca, não pediu um único beijo.

Não me fez pagar a dívida que devia a ele por salvar o Aggie. Nada.

Dormimos na mesma cama todas as noites, acordei em seus braços todas as manhãs e passava quase cada minuto de vigília com ele (exceto quando estava tomando banho ou experimentando meu

novo vestuário). Mesmo sendo o futuro rei, não era um homem que se esquivava de carinhos em público, muitas vezes roçava seus lábios contra os meus (em público ou não), pegava a minha mão, me guiava com os dedos na parte inferior das minhas costas e quando parado, colocava o braço sobre a minha cintura.

Mas além de tudo, era um perfeito cavalheiro (embora, às vezes, irritante, podia ser um cavalheiro, mas não significava que ainda não brigássemos, brigávamos, mas para todos os efeitos, ele parecia se divertir.

Então, isso significava que deu o seu mundo para mim sem pedir nada para ele ou me fazer merecer por isso.

Apenas o deu, livre e espontaneamente.

Sim, o Príncipe Nocturno Hawthorne, decidi, não era tão mau afinal de contas.

E também decidi que amei cada minuto na estrada com ele, descobrindo esse mundo, sim, mesmo quando estávamos brigando e sim, acredite ou não, porque estava descobrindo com ele.

E, portanto, tão legal quanto um castelo provavelmente seria, tinha que admitir que fiquei triste que a nossa aventura estava terminando.

Notei que o sol estava se pondo quando me virei na sela, segurando o Aggie cuidadosamente. O crepúsculo estava caindo. Logo seria noite.

Então me sentei de frente, ergui os olhos e parei de respirar.

Oh. Meu. Deus.

Arregalei os olhos.

Era... era... indescritível.

Não era apenas um castelo. Era um castelo e uma cidade. Uma cidade de verdade.

Ainda não tinha visto uma daquelas neste mundo e, deixe-me dizer, era totalmente incrível.

A cidade começava na parte inferior de uma enorme colina íngreme. Mesmo a essa distância (ainda estávamos muito longe), podia ver as flores desabrochando em todos os lugares. Se meus olhos não me enganaram, até mesmo alguns dos telhados tinham vasos de flores.

Mas, também havia toldos coloridos na frente de alguns edifícios, alguns lisos, alguns listrados, todos em diferentes cores. Eram decorados com lampiões também, todos em cores diferentes, e pendendo dos beirais, o que parecia ser nas laterais dos prédios e até mesmo nas ruas. Também utilizavam amplamente ferro forjado preto, havia peças de ferro extravagantes apontando para o ar, arabescos decorando as laterais dos prédios.

Magnífico.

Uma estrada de paralelepípedos sinuosa, dourada e larga levava até a colina íngreme que era coberta pelo que pareciam ser construções de terracota com telhas no telhado, com suas flores, toldos, lampiões e arabescos de ferro. A estrada também era cheia de flores espalhadas e iluminada com altos e curvos postes de ferro preto com lampiões de rua.

No topo da colina estava o melhor de tudo.

Um enorme castelo se erguia direto no ar, feito de pedra cor de creme com uma abundância de janelas em arco que brilhavam no sol poente, altas torres perfurando o céu com bandeirolas coloridas voando, balcões aqui, ali e em toda parte, esbanjando flores através de suas contrastantes balaustradas de mármore marfim (todo o edifício era feito de bordas lisas, arredondadas e em círculos).

À esquerda, havia um mar verde esmeralda (sim, verde-esmeralda) e podia ver as ilhas próximas, as distantes e navios (também iluminados por lampiões) flutuando. À direita, os campos de florestas e colinas. Mais além, a paisagem era uma colcha de retalhos

de diferentes plantações. E mais à frente, um mar de flores silvestres, parecendo em chamas, mesmo sob a luz do poente que já diminuía.

Algo completamente saído de um filme de animação. Não tinha nada como isso em casa.

Era inacreditável.

— Meu Deus — sussurrei enquanto Salem trotava, ruidosamente, sobre uma ponte de madeira que atravessava um grande e veloz rio cristalino.

— Bem-vinda à Bellebryn — Tor resmungou atrás de mim.

— O quê? — Perguntei distraidamente, ainda deslumbrada com a vista.

— Nós acabamos de cruzar a ponte para Bellebryn, a minha terra — explicou.

Pisquei e mesmo que não quisesse tirar os olhos das atrações que se descortinavam, me virei para olhar para ele.

— Você é dono de tudo isso?

Tor olhou para mim.

— Não, sou dono do castelo. Mas governo tudo.

Pisquei novamente.

— Governa?

— É meu, não faz parte do reino do meu pai. Tudo, desde o rio até o mar e a floresta, é governado por mim.

Caraca!

— Sério? — Perguntei.

— Sim, — ele sorriu — sério.

— Então, seu pai o deu a você quando nasceu ou algo assim?

Ele balançou a cabeça.

— Não, Cora, eu conquistei. Pisquei uma vez mais, em seguida, sussurrei:

— O quê?

—Eu conquistei isso.

— Você conquistou isso? — Repeti.

— Sim, amor.

Caraca!

Me virei para olhar para a frente e pude ver por que ele ia querer isso.

Era incrível. Mas não entendi. Por que faria isso? Era do tipo de guerreiro saqueador? Não sabia se isso era bom.

— Não entendo — disse a ele.

— O quê?

— Por que, quando está para herdar um reino, você conquistou esta terra?

— Esta não foi a única terra que conquistei e tudo isso era minha terra, meu direito por primogenitura, arrancado de mim, ou, mais apropriadamente, do meu pai. Eu só peguei de volta.

Me virei de novo para olhar para ele.

— O quê?

O braço que me envolvia deu um aperto e explicou.

— Lembra do que te disse sobre o Dash não ser um soldado ou um guerreiro?

— Sim — respondi.

— Meu pai não é um soldado ou um guerreiro, também.

Uau.

Tor prosseguiu.

— É um bom homem. Um homem gentil. Um rei benevolente, justo e generoso. O povo dele o ama. Mas, mesmo que tenha algumas habilidades em certos aspectos como líder, em outras, não tem. Além disso, teve a infelicidade de encontrar, se apaixonar e casar com mulheres que eram, em todos os aspectos, adoráveis, mas que tinham constituições fracas. Minha mãe morreu quando me teve. — Oh, merda.

— A mãe do Dash morreu de gripe seis meses depois que ele nasceu.
— Oh, merda. — E a mãe do Orlando nunca se recuperou completamente depois do seu nascimento e morreu dois anos depois, dormindo. — Deus, isso era fodido. — Meu pai amou todas elas e se tornou mais e mais deprimido a cada perda. Estava criando três filhos sozinho e, embora fosse rei, participou plenamente da nossa educação, portanto, sua mente estava em outras coisas. O governante do reino vizinho ao nosso, ao norte, cobiçava nossas terras e como o coração do meu pai não estava nisso, esse rei foi capaz de conquistar vastas faixas de terra do meu pai, portanto, o meu reino. Meu pai fez o que pôde, em seu estado, para lutar, mas não teve êxito em manter seu reino seguro.

Tudo bem, então. Talvez nem tudo neste mundo fosse às mil maravilhas.

Tor continuou falando.

— O Rei Baldur do Norte não é um rei benevolente. Não é justo ou generoso. É ganancioso e cruel. Seus impostos são elevados. Seus métodos são cruéis. Portanto, o nosso povo, enquanto governado por ele, estava sofrendo. Então, quando tive idade e terminei a minha formação, senti que não só era minha responsabilidade retomar a terra que era minha por direito de primogenitura, mas era minha responsabilidade proteger as pessoas que viviam nessa terra, que ainda eram o meu povo. Portanto, pedi a meu pai que me permitisse construir um exército pessoal de guerreiros para fazer essas coisas. Ele concordou, escolhi os meus homens, treinei-os e, em seguida, atacamos.

Seus olhos se desviaram para cima da minha cabeça enquanto eu lutava para me concentrar sobre o que ele estava dizendo e, enquanto olhava para seu próprio principado, continuou.

— Demorou cinco anos e custou muitas vidas, mas conseguimos.
Cinco anos!

Tor olhou para mim e continuou:

— E agora o meu povo está prosperando e seguro. Como este era o mais bonito de todos os territórios que conquistei, fiz uma petição ao meu pai, como um gesto de gratidão aos meus homens, para dar Bellebryn para mim. Todos os meus homens e suas famílias vivem aqui. Não é só meu, é nosso, o sol, o mar, a floresta, a cidade próspera com o comércio, uma espécie de tranquilidade depois de anos de guerra, um presente pelo seu sacrifício.

Olhei para sua bela face com cicatrizes, pensando nas outras cicatrizes no seu peito e nas costas, no jeito como empunhava uma espada, quão armada sua caverna estava e nas suas palavras recentes.

Oh, Deus. Estava pensando que o Príncipe Noctorno Hawthorne não era tão ruim, que ele podia ser completamente incrível. E pensei que, depois de todo o tempo passado com ele, tudo o que descobri, tudo o que continuava descobrindo, que estava mergulhando em um problema muito sério.

Me virei para olhar para a frente novamente e mesmo que meu coração estivesse batendo forte no peito e estivesse achando difícil respirar, senti que algo devia ser dito.

Então, disse.

— É linda, Tor. Cada centímetro dela. De todas as coisas belas que vi desde que cheguei aqui, esta é, de longe, a mais bonita. E estou contente que você a tenha, depois do que você e os seus homens passaram. Espero que lhe traga paz, estar em casa.

Ele relaxou atrás de mim, mas depois de um segundo, seu braço deslizou até minhas costelas, me apertou e senti seus lábios tocarem meu pescoço em um beijo suave.

Então, no meu ouvido, murmurou:

— Isso, de fato, me traz paz, estar em casa.

Passei o braço em volta do dele, entrelaçando nossos dedos e sussurrei:

— Bom.

Ficamos em silêncio e observei a cidade ficar cada vez mais próxima, enquanto o sol se punha e mais lampiões e postes na rua se acendiam, iluminando a cidade e lançando um brilho alegre na noite que caía.

E observei esse milagre pensando que tinha uma preocupação adicional para ocupar a minha mente.

Não era apenas pela Cora estar ficando no meu mundo. Não era que a cada dia que passava parecia cada vez menos provável que estivesse indo para casa. Não era que a cada dia que passava eu sentia, cada vez menos, que quisesse voltar para casa. Não era que não sentia falta dos meus pais e amigos e gostaria de ter a oportunidade de dizer adeus.

Era nisso que eu estava pensando, que estava me apaixonando por um príncipe sombrio que conquistava terras, cuidava do seu povo, cedia quando eu queria salvar um pequeno pássaro e tinha tempo para me mostrar o seu mundo.

E se isso já não fosse ruim o suficiente, havia a possibilidade que ainda pairava, que eu podia ir dormir a qualquer hora e acordar novamente em casa. O que significava que, se me apaixonasse por Tor, gostaria de deixar para trás o homem que amava em um mundo de conto de fadas, para onde poderia nunca mais voltar?

O que era uma merda muito séria.

Portanto, estava pensando que tinha que resguardar meu coração quando outro pensamento se infiltrou no meu cérebro e meu corpo ficou rígido quando o fez.

Merda.

Bellebryn era a sua casa, sua cidade, seu principado. E eu era a sua princesa.

E eu, ou a outra Cora, já tinha estado aqui. Tor sentiu quando fiquei tensa.

— Cora? — Me chamou e virei para olhar para ele.

— O seu povo me conhece? — Perguntei.

Estudou o meu rosto e respondeu lentamente:

— Sim.

— Será que sabem que sou uma cadela?

Ele hesitou.

Oh, merda! Sabiam que eu era uma vadia.

Me virei rapidamente para a frente novamente, falando:

— Merda, merda, merda.

— Cora.

— Pare — exigi.

— Perdão?

— Pare! — Gritei.

Tor puxou as rédeas, Salem parou, em seguida virou a cabeça para olhar para nós e um grogue Aggie cantarolou um:

— O que está acontecendo?

Não respondi à ave. Estava tentando pensar.

— Amor, vai ficar tudo bem — Tor me assegurou.

— Preciso, não sei, escovar meu cabelo e, humm, — levantei a mão e comecei a beliscar o meu rosto — humm...— repeti.

Eu não sabia!

— Cora, olhe para mim — Tor ordenou e olhei para ele.

— Vai ficar tudo bem.

— Eles acham que sou uma cadela — o lembrei.

— Não, não acham. As pessoas não conhecem você. Já estive aqui uma vez. Vou admitir, não deixou uma boa impressão... —

Fabuloso. — Mas você foi simplesmente soberba e um pouco fria no pouco tempo que esteve aqui. Eles não acham muita coisa, exceto que você não está por perto. — Fez uma pausa. — Agora, os meus homens... — parou.

Oh, Jesus.

— O que eu fiz para os seus homens?

Ele olhou nos meus olhos.

— Nada, exceto o fato de se recusar a aquecer minha cama. Algo que eles não deixaram de notar, nem gostaram, considerando que metade da minha alma é sua. Eles são leais a mim e desejam a minha felicidade.

Ótimo. Incrivelmente ótimo grande. Seus guerreiros me odiavam porque eu era uma vadia fria que fez seu homem buscar por aquilo em outros lugares.

Brilhante.

Me virei para a frente de novo e Tor chamou o meu nome novamente.

— Não — disse, sem me virar. — Estou bem. Vai ficar tudo bem. Tudo bem.

Uma completa mentira. Eu estava pirando!

— Amor, olhe para mim — insisti.

— Não — neguei. — Vamos acabar com isso.

Ele fez uma pausa, em seguida, suspirou, depois declarou:

— Cora, basta ser esta você e eles vão mudar de ideia. Se você for essa mulher, não conseguirão evitar de se apaixonar por você.

Eu olhava para frente, mas não conseguia ver nada, só podia sentir suas palavras me banhando.

Sim, sentindo-as.

E, oh, elas me faziam sentir muito bem. Oh, Jesus.

Não respondi, não podia. Estava tentando controlar o pulso que estava batendo rapidamente e impedir de ter um ataque cardíaco.

Depois de algum tempo, Tor perguntou:

— Você está bem?

— Sim — menti.

— Podemos continuar?

— Certo.

— Você não está pirando?

Diante do uso das palavras de meu mundo, minha piração diminuiu, minha boca se abriu em um sorriso e me virei para ele.

— Vou ficar bem — falei baixinho.

Seus olhos encararam os meus enquanto ele murmurava:

— Esta é a minha futura rainha.

Oh, cara!

Estalou a língua contra os dentes e Salem prosseguiu. Me virei para a frente novamente. Aggie piou:

— Cora, tem certeza que vai ficar bem?

— Sim, Aggie, não se preocupe — sussurrei para o pássaro.

O braço do Tor me deu um aperto e suas coxas deram ao Salem um apertão. O cavalo se moveu graciosamente de um trote para um meio galope, um galope suave.

E Bellebryn ficava cada vez mais perto.

Capítulo 13

Mágico

Estava na balaustrada do imenso pátio que se projetava dos aposentos do Tor no castelo e olhei para o mar, agora escuro, preenchido pelos navios, suas luzes lançando longos reflexos sobre a água.

Estava escovando o cabelo úmido depois de ter acabado de tomar um banho quente e perfumado com gardêneas em uma enorme e oval banheira de mármore marfim.

Os aposentos do Tor eram fabulosos. Na verdade, todo o seu castelo era fabuloso. Na verdade, todo o seu principado era fabuloso. Se era incrível no exterior, era duplamente incrível no interior.

Havia passado pelo meio da vila (que estava relativamente alvoroçada) sentada sobre o Salem e recostada no Tor. Quase todos que vimos, se viraram e olharam, sorrindo delicadamente para o Tor e se curvando em cumprimentos ou reverências.

Se os seus olhos caíam sobre mim, porém, suas faces se tornavam curiosas, o que era bom, ou se fechavam ou ficavam sem expressão, o que não era tão bom.

Me esforcei para corrigir a reputação da Cora e abri um sorriso tão brilhante quanto consegui colocar no rosto nervoso. Mas durante todo o passeio até a sinuosa rua de paralelepípedos, agarrei a mão do Tor.

Após nossa chegada ao castelo tudo ficou completamente fora de controle. Os servos do Tor, não sabendo que ele estava voltando para casa, caíram imediatamente em um frenesi de excitação.

Observando-os, ficou claro que era bem quisto e inteiramente respeitado.

Também ficou claro, quando seus olhos bateram em mim, que Cora não era nenhuma dessas coisas.

Isso não importava. Aggie e eu fomos arrastados para os aposentos do Tor, quando eu gostaria de ter dado um passeio pelo castelo, embora não expressasse esse desejo. Não tive chance de fazer nada além de capturar o seu olhar e ver ele levantar o queixo em um gesto de “vai ficar tudo bem” antes de começar a caminhar. E não tive chance de dizer uma palavra, antes de me despojarem do Aggie e ser levada para a suíte do Tor.

Descobri rapidamente que os servos do Tor tinham estado, todos eles, fora desde a última visita da Cora e, mesmo que ficasse lá por um curto período de tempo e não voltasse, ainda assim manteriam as coisas preparadas com receio que retornasse.

Portanto, tinha roupas e produtos de higiene pessoal à sua, e agora, à minha disposição.

Não estava apreciando o cheiro da gardênia (a flor era muito bonita, mas seu cheiro muito forte), mas não compartilhei isso, nem mesmo quando uma refeição foi servida em silêncio (a primeira que fazia sem o Tor há tempos, entretanto, estava ótima, com molhos encorpados e cortes magros de carne, e fiquei espantada com o que fizeram em tão curto prazo), um banho perfumado foi providenciado e delicadas roupas íntimas e roupas de dormir estavam esperando por mim.

Eles tinham toalhas, feitas não de algodão, mas de um tecido grosso, macio e absorvente que colocaram perto do fogo. Não só tinham óleos de banho, mas também, sabonete, shampoo, e, veja só, condicionador (uhuu! Nada mais de frizz!). Tinham até lâminas retas para que eu pudesse raspar minhas pernas e as axilas, o que fiz, mas

com muito cuidado, navalhas de lâmina reta eram um pouco mais do que assustadoras, mas consegui me cortar apenas uma vez.

Todo o lugar era incrível — se não me permitisse pensar no fato de que as quatro mulheres que corriam para me atender não me olhavam nos olhos, não diziam quase nada e me tratavam com uma cortesia infalível, sem um pinga de simpatia, não importava o quanto eu tentasse encarar seus olhos, lhes dar um sorriso ou começar uma conversa.

Elas me deixaram na banheira; me permiti desfrutar dela, deixando a água quente tirar as tensões da longa viagem dos meus músculos. Saí, me enxuguei e me virei para a minha mais nova vestimenta.

A cidade, o castelo e os quartos eram incríveis. Mas a roupa de baixo, a camisola e o robe eram de longe os mais impressionantes...

Nada de shorts ou calças, havia para mim uma calcinha de seda amarelo claro, com rendas na barra. Eram um pouco apertadas (a Cora deste mundo, definitivamente, pesava bem menos do que eu) mas ainda parecia fantástica.

E a camisola e o robe eram de arrasar. De seda macia cor de pêssego, com tiras finas, um corpete simples e justo e uma saia esvoaçante que ia até os meus tornozelos. Felizmente, a saia continuava esvoaçante, mas, como aconteceu com a calcinha, o corpete e os quadris da camisola ficaram justos (claramente, a outra Cora era também um tamanho menor do que eu). O robe era de organza pura com uma faixa de cetim larga.

Eram maravilhosos, até mesmo me senti maravilhosa e eram relativamente confortáveis.

Então lá estava eu, escovando o cabelo com a escova com cabo de prata que a Cora tinha deixado para trás, o perfume de gardênia no meu nariz, os lampiões e as velas tremeluzindo atrás de mim no quarto

do Tor (que era incrível também, decorado em azul *royal*, prata, preto e cinza carvão, tinha uma cama com cortina de dossel enorme, colocada bem no meio do aposento colossal, uma bonita mobília em madeira escura, confortáveis sofás que pareciam ser de veludo, cadeiras espalhadas ao redor, um brilhante piso de mármore marfim que ficava menos frio por causa dos tapetes espessos feitos de intrincados tecidos e paredes pintadas de azul) e eu olhava para a vista. Havia incenso que uma das empregadas deixou aceso que cheirava a sândalo e combinava bem com a gardênia.

Estava escovando o cabelo, absorvendo tudo isso e pensando que a Princesa Cora Goode Hawthorne era uma idiota completa e total.

Claro, sua casa e a área ao redor eram lindas, mas isso, tudo isso, incluindo o homem que vinha com ela...

Idiota. Completa. Total.

Ouvi um barulho, me virei para o quarto e parei.

Tor estava caminhando pelo quarto completamente nu, exceto por uma toalha de banho preta, presa frouxamente em torno dos seus quadris.

Putá merda!

Com a mão trêmula, deixei a escova pente sobre a balaustrada e olhei para ele.

Já havia visto o seu peito, mas isso foi tudo. Sabia que ele tinha coxas maravilhosas e era duro em todos os lugares, mas agora via que tinha grandes panturrilhas, os recortes nas laterais dos quadris, a definição do abdômen, as veias subindo pela barriga até os antebraços e os bíceps, o queixo barbeado, o cabelo preto, meio longo, molhado e penteado para trás.

Uau!

Desviei os olhos dele para ver que tinha vindo através de uma das muitas portas que levavam para fora do seu quarto (não tinha explorado,

porque achei que seria rude e deveria perguntar, mas no momento que pensei nisso, estava sozinha).

O que eu sabia era, não era a porta do banheiro. Onde tinha tomado banho?

De toalha, ele caminhou para o pátio e, juro por Deus, parecia diretamente saído de um filme, com o quarto cheio de velas atrás dele, as finas cortinas azuis que esvoaçavam com a brisa leve e ele sendo tão *sexy*.

Lutei para encontrar minha voz, a encontrei e perguntei:

— Onde é que você tomou banho?

Sua cabeça se sacudiu e notei, tardiamente, que ele estava olhando muito atentamente para o meu corpo e minhas palavras o arrancaram de um devaneio.

Seus olhos desviaram para o meu rosto, e respondeu:

— Meu banheiro.

— Você tem um banheiro? — Perguntei quando ele se aproximou.

— Sim.

— É em outro lugar do castelo? — Perguntei, pensando que era estranho e também pensando nele andando pelos vastos salões da sua casa só de toalha e deixando empregadas desmaiando em seu rastro.

— Não — respondeu, parando na minha frente, as mãos grandes indo até a minha cintura. — Tenho uma casa de banho privativa e você tem uma casa de banho privativa. Elas são separadas. Usei a minha... — seus olhos deslizaram sobre o meu cabelo molhado — e, aparentemente, você usou a sua.

Nós dois tínhamos nossas próprias casas de banho? Uau. Demais!

— Legal — sorri para ele.

Suas mãos deslizaram até as minhas costelas.

— Você comeu?

— Sim, e você?

— Sim.

— A comida estava realmente boa. — Informei a ele.

— Excelente — respondeu. — Agora, suba na minha cama.

Pisquei.

— O quê?

— Se não quer que eu a tome na varanda, precisa levar, agora, essa sua bela bunda para a minha cama.

Minha barriga tremeu e meus joelhos ficaram fracos.

Oh, oh.

— Tor — sussurrei e seus dedos roçaram as minhas costelas enquanto seu corpo se aproximava um centímetro.

— Agora, Cora — ordenou em voz baixa.

Humm...

— Eu disse agora.

Apoiei minhas mãos levemente nos seus bíceps e sugeri:

— Acho que, talvez, devemos tomar alguns momentos para discutir onde isso vai dar, humm... entre você e eu e todas as ramificações disso, humm... considerando, você sabe, que eu posso ser catapultada de volta ao meu mundo, a qualquer momento.

— E, querida, acho que você deve decidir o quanto gosta dessas encantadoras roupas que está usando, pois, se não se mover em direção à minha cama em três segundos, enquanto as despe, estarei rasgando-as de você.

Calor inundou minhas bochechas e entre as minhas pernas.

Oh, oh!

— Tor — sussurrei, — Isso está ficando complicado. Nós precisamos conversar.

— Um.

Oh, céus.

— Querido, podemos estar fazendo uma enorme...

— Dois.

Olhei para ele e soube pelo olhar determinado em seu belo rosto que estava, bem... determinado. E eu tinha uma forte suspeita de que quando o príncipe Nocturno estava determinado a conseguir alguma coisa, ele conseguia.

E isso me incluía.

E por mais que tentasse, naquele instante, depois dos últimos quatro dias, não poderia encontrar forças em mim para não dar isso a ele.

Portanto, implorei:

— Por favor, não rasgue as minhas roupas. Eu gosto muito delas.

— Três — respondeu, me preparei, mas ele não rasgou as minhas roupas. Abaixou um ombro, então fui levantada e ele estava marchando para a cama.

Oh, Deus. Agora, o que eu fiz?

Tinha que pará-lo, a fim de definir algumas regras básicas.

Não lutei, mas passei os dedos ao redor da cintura dele.

Deus, sua pele era suave, mas seus músculos eram duros e ele era quente por toda parte.

Merda!

— Não tenho certeza de que estou pronta para isso — disse para as suas costas.

— Não se preocupe, amor, vou deixá-la pronta.

Oh, Jesus.

— Acho que nós deveríamos... oh!

Gritei porque me jogou por cima do ombro e caí de costas nos lençóis aveludados da cama macia.

Ele se elevou sobre mim, imóvel como uma estátua, exceto pelos olhos que viajaram pelo meu corpo, seu olhar queimando minha pele

como se fosse uma coisa física.

Oh, Deus, eu estava em apuros.

— Tor.

— Tire o robe — ordenou.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Meu-? — Comecei a perguntar.

— Tire, Cora, ou eu vou tirar e não vou ser gentil.

Caraca.

Me apoiei nos cotovelos.

— Tor!

Ele tirou a toalha de banho e comecei a hiperventilar.

Não estava errada. Ele tinha coxas magníficas. E havia algo mais sobre ele que também era magnífico. Tão grande, que só de olhar para ele em toda a sua glória, esqueci que estava nervosa, com medo ou querendo saber qual futuro estava à minha frente.

Só queria tudo aquilo para mim.

E ia conseguir. Soube disso quando ele caiu para a frente, esticando o braço para controlar sua queda, apoiando a mão ao meu lado, aterrissando a maior parte do corpo em cima de mim.

Mas manteve o corpo afastado e fez isso para desatar a faixa de cetim do meu robe, dando um puxão não muito suave que sacudiu meu corpo inteiro com ele.

O calor entre as minhas pernas se intensificou e fiquei molhada.

Ou mais molhada ainda. Oh, Deus.

— Humm... — comecei.

— Quieta — ordenou, empurrando o robe para o lado.

— Acho que... — tentei de novo.

— Quieta — ele repetiu, em seguida, puxou a camisola para cima.

Oh... meu.

— Humm...

Ele se acomodou em cima de mim.

— Não gosto desse cheiro — grunhiu, uma mão deslizando pelo meu lado. — Isso me lembra quem você costumava ser. Troque-o.

— Uh, tudo bem — sussurrei e estremei.

— Coloque suas mãos em mim — ordenou, o joelho pressionando entre as minhas pernas.

Oh, meu!

— Humm, certo — sussurrei de novo e deslizei as mãos até os seus braços e ao redor dos seus ombros.

Deus, ele era bom. E seu cheiro era muito bom, também.

Sândalo.

— Você tem um cheiro bom. — Estava sussurrando, mas ele não respondeu.

Ele olhou enquanto sua mão se movia sobre as minhas costelas, começou a subir, preendi a respiração, então mudou de direção e deslizou para baixo da minha barriga.

Minha respiração saiu em um só fôlego e então ficou rápida, irregular e pesada.

Eu o queria. Agora. Deus, de repente, ansiava por ele. E nem mesmo teve que me beijar.

— Tor — sussurrei, seus olhos vieram até os meus e eram abrasadores.

Comecei a ofegar.

— Se você não estiver molhada, neste instante, eu vou saber — grunhiu, a voz mais profunda, áspera, rouca.

— Você vai saber o... o quê? — Gaguejei.

Seus dedos deslizaram para dentro da minha calcinha, deslizando direto através do meu calor. Meu pescoço arqueou, minhas costas arquearam e agarrei os ombros dele com os meus braços.

— Deuses — ele gemeu, pressionando o pênis duro contra a minha coxa. — Encharcada.

Os dedos de uma das minhas mãos deslizaram para o seu cabelo e arqueei contra a mão que estava no meio das minhas pernas, enquanto inclinava meu queixo para baixo e tentava focar nele.

— Preciso de você — arfei.

Seus olhos brilharam.

— Agora?

Balancei a cabeça.

— Agora.

Ele não precisou de mais nenhum estímulo. Rolou um pouco para o lado e tirou a minha calcinha. Então deslizou para baixo, abri as pernas enquanto isso, e seus quadris abaixaram completamente. Levantei os joelhos, suas mãos ergueram os meus quadris, sua boca veio até a minha, não para me dar um beijo, mas parecia mais íntimo ter sua respiração pesada e quente se misturando com a minha e, então, senti a ponta dele.

Em seguida, o empurrou.

Oh, meu Deus. Mágico.

Eu o puxei para mais perto e arqueei as costas novamente, sussurrando:

— Sim.

Ele me montou, me penetrando profundamente, as estocadas rápidas, ritmadas, fantásticas e, além disso tudo, seus olhos estavam fixos nos meus, os lábios a um sussurro de distância, nossas respirações se misturando.

Movi as pernas, pressionando meus calcanhares nas suas costas para levantar meus quadris e ter mais dele, firmando meus braços nos seus ombros, minha mão agarrando seu cabelo. Não conseguia desviar meu olhar da beleza dos olhos dele e não queria.

— Caramba, você é primorosa — murmurou, me erguendo mais ainda, empurrando com mais força, penetrando mais profundamente.

— Oh, meu Deus — sussurrei diante das suas palavras e suas estocadas fizeram meu sexo começar a convulsionar.

la gozar agora mesmo.

— Caramba — resmungou.

— Tor...

— Goze para mim, Cora.

Oh, ele ia conseguir isso, certamente.

— Tor! — Gritei.

— Goze para mim, é meu por direito — grunhiu, tirando uma mão do meu quadril para segurar a parte de trás do meu cabelo.

Gozei para ele, que estava certo, dias antes.

Foi uma explosão. Um orgasmo com um poder que nunca tinha experimentado antes. Não havia nenhuma maneira de descrevê-lo. Queimou através de mim tão completamente, que estava acabada e não dava a mínima se seria aniquilada por um orgasmo.

Gritei bem alto e o agarrei com cada músculo do meu corpo, meu pescoço arqueando e, em seguida, lançando meu rosto para a frente. Enterrei-o no pescoço dele e gemi através do prazer.

Quando terminou, ele puxou meu cabelo suavemente, minha cabeça caiu de volta na cama, seus olhos encontraram os meus novamente e continuou se movendo dentro de mim, sua respiração áspera e dura, forçando os músculos do pescoço.

Levantei a cabeça novamente e o beijei, deslizando minha língua para dentro, dando a ele tudo o que tinha, para tentar retribuir um pouco do que ele tinha acabado de me dar. Seu profundo gemido de prazer entrou na minha garganta enquanto seu pênis me penetrava.

Inacreditável!

Ele assumiu o controle do beijo, suavizou-o enquanto deslizava para dentro e para fora lentamente, em seguida, seus lábios deslizaram pelo meu rosto até o meu pescoço, em seguida, beijou minha orelha e me penetrou profundamente, mas parou de se mover dentro de mim.

— Continuando a sua educação, querida, é assim que uma princesa deixa seu marido fodê-la — murmurou no meu ouvido, meu corpo lânguido, quente e feliz se acalmou sob o peso do dele, também quente, e em seguida comecei a rir.

Senti sua boca se afastar do meu ouvido e acalmei minha alegria quando senti a mão no meu rosto, o polegar acariciando minha bochecha. Meus olhos se abriram para ver a boca se curvando em um pequeno sorriso, *sexy* e satisfeito, e seus olhos eram abrasadores.

Deus, oh, Deus, isso estava acontecendo. Tudo. Tudo isso.

Eu estava me apaixonando por um príncipe de conto de fadas.

Merda.

Para disfarçar o meu pânico, sussurrei:

— Gosto do seu castelo.

Seu pequeno sorriso ficou maior.

— Fico feliz.

— E gosto dos seus aposentos.

— Fico feliz com isso também.

Então, me toquei. Este era o agora. Era o meu agora. Um agora mágico.

E, foda-se, ia aproveitar e me preocupar com o mais tarde... mais tarde.

Prendi a respiração, em seguida, brinquei:

— Sabe, estou sempre pronta se tiver qualquer instrução adicional sobre como ser uma princesa para me transmitir...

Seu sorriso se tornou suave e tão *sexy*, que o senti em todos os lugares.

— Bom saber — murmurou.

— Aprendo rápido — prometi.

— Percebi isso.

— E é importante, já que sou uma princesa, que eu saiba tudo sobre ser princesa.

Tor não respondeu, apenas roçou o polegar sobre o meu lábio inferior. Bom.

— E — continuei — é importante que eu aprenda a fazer as coisas direito.

— Sou um professor paciente — me informou.

— Você não pareceu tão paciente há dez minutos.

Suas pálpebras baixaram enviando aquele olhar sexy e sem comparação, em seguida, abaixou a cabeça e roçou sua boca contra a minha, mas não afastou os lábios quando falou.

— Vou ser mais paciente da próxima vez.

— Próxima vez?

— Sim, da próxima vez, — respondeu, se virou, então estava de costas e eu em cima dele, sua mão foi até o meu cabelo, que caía ao lado da minha cabeça, deslizando-a para que os seus dedos envolvessem a minha nuca e colocou pressão sobre ela, trazendo o meu rosto mais perto do dele — o que começa exatamente... bem... — meus lábios tocaram os dele — agora.

Então, me beijou.

Capítulo 14

Não Era Eu Mesma

Ouvi o som de pesadas cortinas sendo puxadas para trás, a luz do sol tocou as minhas pálpebras fechadas e senti minha boca se curvar em um sorriso satisfeito.

Inferno, se fosse fisicamente possível ronronar, gostaria de fazer isso.

Estava deitada de barriga para baixo, nua como no dia em que nasci. Senti os cobertores descendo até a minha parte inferior, expondo minhas costas, estendi os braços, arqueei as costas e abri os olhos.

Estava pensando em toda a minha instrução de princesa, e havia tido um monte delas, três lições e meia (a metade foi o Tor indo para baixo, e devo dizer, o homem sabia usar a boca) e o quanto gostei de cada milésimo de segundo das minhas aulas (e menino, eu gostei) quando olhei ao redor do quarto enorme esperando que fosse ver um belo (esperançosamente, nu) homem deixando entrar a luz.

Mas não vi isso.

Vi uma mulher de seios grandes com um lenço na cabeça, um longo avental branco preso à frente do vestido longo e uma expressão sombria no rosto.

Eca!

Gritei, puxei as cobertas e virei de costas, me levantando e sentando.

Ela cruzou os braços sobre o peito e lançou adagas virtuais através do quarto para mim.

— Humm... — merda! — Oi — falei.

— O café da manhã, sua graça, será servido na sua sala de estar — anunciou com voz fria.

— Humm... minha sala de estar? — Perguntei.

Marchou até uma porta, bateu com a mão sobre ela e se virou para mim, então.

— Sala de estar — disse ela, quase vociferando. — Claro, eu entendo, faz tanto tempo que dormiu na cama do seu marido, que esqueceu.

Oh, céus.

— Uh... — Murmurei.

— Vou deixar que se vista, mas vou conversar com você durante o café da manhã, em relação a quaisquer instruções que tenha para o meu pessoal.

Ela disse meu de uma maneira completamente possessiva, me deixando compreender exatamente o que queria dizer.

Não eram servos da Cora. Provavelmente, eram do Tor, mas, definitivamente, não eram da Cora e, na ausência dele, quem quer que fosse essa mulher, também eram, positivamente, servos dela.

— Humm, está bem — falei baixinho.

— Se chegar a ver um dos meus servos, entretanto, vou pedir para esperar para dar quaisquer instruções que possa ter para eles, até que possa compartilhá-las comigo.

Estava imaginando que o Tor não prestou atenção suficiente, da última vez que a Cora esteve lá. Estava imaginando que o Tor estava errado sobre apenas seus homens a odiarem porque ela não aquecia sua cama. Estava imaginando que a Cora era uma cadela ainda maior, só para começo de conversa.

— Posso fazer isso — respondi com cuidado. Ela assentiu com a cabeça uma vez.

— Separei suas roupas. Elas e qualquer outra coisa que possa precisar para a sua toilette — marchou até outra porta e bateu com a mão sobre ela — estão no seu quarto de vestir. Se puder ser gentil — grunhiu as últimas palavras — dez minutos antes de precisar, puxe a corda para sabermos quando servir o seu café da manhã.

— Claro que sim — falei calmamente, ela olhou para mim, fungou, então pisou fora da sala deixando tanto gelo em seu rastro, que tremi.

Então olhei ao redor do aposento me perguntando onde diabos estava o Tor.

Depois deslizei sobre a cama procurando pela camisola, a encontrei, peguei, vesti e disparei para a área privada do banheiro, pensando: obrigada, Cora, era só o que eu precisava, outra confusão na qual você me meteu.

Conforme solicitado, dez minutos antes de precisar, puxei a corda de veludo azul claro no quarto de vestir (um aposento muito bonito, muito menor do que o quarto, pintado de amarelo suave com toques de azul claro, marfim e lavanda, com um biombo lindamente pintado, uma espreguiçadeira coberta por veludo cor de lavanda e uma penteadeira com o tampo coberto por um monte de frascos extravagantes com substâncias para embelezamento saídas dos contos de fadas.

Achei minha estada no quarto de vestir um pouco estressante, considerando que não compreendia inteiramente a roupa que foi escolhida para mim.

Quero dizer, havia um monte de roupas. Eu não podia, eventualmente, ter que vestir aquilo tudo. Então percebi que não era apenas um traje, mas uma seleção.

Fiz a minha escolha e notei duas coisas.

Primeira, essas roupas eram de qualidade muito superior às quais estava usando.

Segunda, eram muito diferentes daquelas que eu vinha usando. Eram requintadas.

Então fiz a minha seleção. Depois, examinei os frascos sobre a penteadeira (cheirando-os, principalmente, nem todos feitos com gardênia, uma vasta seleção, então escolhi algo almiscarado, mas ainda floral), mas havia um pouco de pó, blush e até lápis.

Coloquei o perfume, decidi não tentar usar a maquiagem e comecei a me vestir.

Depois de colocar outra linda calcinha (esta, de um branco imaculado), coloquei uma camisa creme, de seda, com laços e tudo e enfiei um vestido roxo, feito de uma seda leve e fluida. O decote era bem baixo (na verdade, sem a renda da camisa que ficava em cima dele, quase mostraria meus mamilos), a cintura era imperial (acentuando, assim, meus seios e chamando a atenção para o laço delicado no decote) e a saia era praticamente reta, com belos drapeados e uma fenda na frente que também expunha a barra da camisa de seda creme. E, por último, uma faixa na cintura, larga e com magníficos bordados em um roxo mais escuro com toques de prata.

Depois, deslizei os pés em chinelos de cetim roxo escuro.

Então fui até a caixa esculpida em cima da penteadeira, onde vi algumas fitas e presilhas para cabelo e escolhi um par de presilhas que tinham filigranas de prata com pedras roxas adornando-as, que pareciam ser ametistas de verdade.

Puxei o cabelo para trás em ambos os lados, mas deixei solta longa parte de trás e me olhei no espelho.

Não parecia tão ruim, mas também não parecia uma princesa de conto de fadas.

Achei que teria que ser suficiente.

Belisquei as bochechas no caminho para a sala de estar e, quando cheguei, encontrei outro aposento bastante decorado em tons de azul e pêssego. Havia cadeiras confortáveis, colocadas na frente de uma janela ampla, em arco, o vidro multifacetado, outra cadeira com encosto redondo com botões, pingentes de tecido em estilo otomano em um canto e uma pequena mesa redonda com pernas finas no meio, ladeada por duas cadeiras, os assentos estofados, o encosto com botões, em veludo cor de pêssego.

Esta mesa estava posta com talheres de prata, louça ornamentada, um vaso de cristal que ostentava uma única e perfeita rosa cor de pêssego, e também o meu café da manhã, que parecia ser constituído de rabanada polvilhada com açúcar de confeitiro coberta com morangos fatiados, com alguma coisa encorpada e cremosa que parecia escorrer do meio dela, café, suco de laranja e um jarro de água com gelo de verdade.

Meu estômago roncou e meus olhos se voltaram para a outra coisa no quarto, a mulher ainda com a face sisuda, rechonchuda, de lenço na cabeça e de avental, que claramente me odiava.

Fixei um sorriso brilhante no rosto.

— Bom dia — a cumprimentei e olhei para a comida. — Isso parece...

— Se for do agrado da sua graça — me interrompeu — vou dizer o que tenho a dizer enquanto você come, depois pode me dar suas instruções e vou pedir para me retirar.

Diante das suas palavras, o meu passo vacilou e parei.

Então caminhei lentamente até a mesa, puxei uma cadeira e me sentei, enquanto dizia baixinho:

— Sim, por favor, isso parece perfeito.

Ela se aproximou da mesa, mas não chegou muito perto, porque não podia suportar estar no mesmo espaço que eu, ou achava que eu tinha o poder de afundar presas nela.

Servi café de um bule de prata em uma xícara de porcelana e ela começou.

— Na última vez que estive aqui, sua graça deixou muito claro que o nosso serviço... deixava a desejar — ela começou.

Oh, merda.

— Desta vez, — continuou — faremos o possível para atender a todos os seus caprichos e os seus exigentes padrões. Só exijo que você relate essas exigências para mim antes de esperar que sejam atendidas, para que eu possa ensinar à minha equipe o que você está exigindo. Dessa forma, não vou encontrar minhas meninas em acessos de lágrimas ou precisando convencer outras a não deixar o seu emprego na mesma hora.

Olhei para ela.

Caraca! O que, diabos, a outra Cora fez? Eita!

— Humm... — O que eu podia dizer? — Eu estava... — Merda! — Humm, me sentindo muito mal da última vez que estive aqui. Na verdade, eu não fui... — Droga! — Absolutamente, eu mesma. Parece que causei algum mal-estar.

— De fato! — Respondeu com sarcasmo.

— Bem... — Comecei, respirei fundo e me inclinei ligeiramente na sua direção.

Instantaneamente, ela recuou a parte superior do corpo.

Sim, ela pensava que eu podia atacá-la com as minhas presas.

Caraca.

Decidi seguir adiante e terminar.

— Sinto muito sobre isso. Muito Mesmo. Foi... foi... imperdoável, mas quero que saiba, e informe às suas meninas, que estou realmente

muito triste.

Ela piscou.

Então, se endireitou e disparou:

— Certo. Agora, tem alguma instrução específica?

— Humm... posso, humm... você pode me perguntar isso novamente daqui a alguns dias? Gostaria de me orientar.

— Com todo o respeito, sua graça, não — ela respondeu com rapidez. — Como expliquei, gostaria de saber exatamente o que você precisa antes que necessite.

Minha mente girava. Então, pensei em algo.

— Ok, bem, humm, não gosto de aipo — disse a ela.

— Anotado — me interrompeu e, em seguida, olhou para mim como se esperasse por mais.

— E, humm, meu marido não gosta de perfume de gardênia.

Suas sobancelhas se ergueram até a linha dos cabelos.

— Ele é, como sabe, sua graça, o perfume especificamente solicitado. Você fez, como bem sabe, um escândalo sobre isso da última vez, sua graça.

Oh, oh.

— É adorável. Quero dizer, acho que é. Totalmente perfeito — menti. — Mas o Tor não gosta, assim, talvez...

— Anotado — ela falou bruscamente.

Oh, Jesus. Ela não estava se comovendo, absolutamente.

— Ok, bem — continuei tentando. — Estava pensando, se o Tor não puder fazê-lo, alguém poderia me levar para um passeio por...

— As cozinhas — ela terminou para mim. — Claro, vai ser providenciado imediatamente.

— Não, quis dizer o castelo — expliquei e a cabeça dela se inclinou bruscamente para o lado.

— Você não teve nenhum interesse da última vez.

Claro que não tive.

— Bem, eu não era, humm... eu mesma, da última vez.

Ela assentiu com a cabeça uma vez.

— Anotado.

Mordi o lábio. Então, perguntei:

— Onde está o Tor?

— Ele esteve, como sabe, sua graça, — afirmou laconicamente — estado afastado por algum tempo. Tem coisas a fazer e essas coisas, espero que não se importe se for tão ousada para informá-la, não envolvem correr para atender você.

Deus, ela odiava a Cora.

— Certo — sussurrei.

— Então, ele as está fazendo — ela concluiu.

— Claro — respondi.

— Algo mais? — Retrucou.

— Acho que não — respondi.

— Da última vez, houve mais.

Aposto que sim.

— Bem, se é assim, vou me assegurar de falar só com você sobre isso — prometi.

— Tudo bem — ela cortou. — E por quanto tempo você estará nos agraciando com a sua presença desta vez? Você vai embora esta noite? — Perguntou ela, esperançosa.

— Uh... não.

Sua expressão finalmente mudou, mas apenas para o desapontamento óbvio.

Uau.

A porta se abriu atrás de mim, ela olhou por cima da minha cabeça, seus olhos se arregalaram e me virei na cadeira apenas a

tempo de ver o Tor se aproximar e me puxar imediatamente para fora dela e para os seus braços.

Então, sem brincadeira, bem na frente da mulher, ele abaixou a cabeça e sua boca capturou a minha em um beijo longo, molhado, quente e picante, que me deixou com os braços apertados em volta do seu pescoço, meu corpo arqueado contra o dele e meus pulmões sem fôlego.

Sua boca se afastou, entretanto, apenas um centímetro, quando levantou a cabeça e seus olhos encontraram os meus.

— Bom dia, esposa — sussurrou. Minha barriga aqueceu.

Deus, como queria que a última palavra da sua sentença fosse, realmente, de verdade.

— Bom dia, marido — sussurrei em resposta.

Ele sorriu e apertou os braços, me puxando ainda mais para perto.

— Como está nesta manhã? — Fez uma pergunta aparentemente inocente, mas totalmente íntima, em uma voz ligeiramente rouca, baixa e íntima, o que significava que ninguém deixou de notar a intimidade.

Um dos meus braços deslizou pelo seu pescoço, para eu poder envolver seu queixo com a mão.

— Muito bem — sussurrei e os dedos da mão que estavam abertos no meu quadril apertaram com força.

— Quão bem? — Ele murmurou.

— Muito bem — murmurei em resposta. Seu sorriso se tornou malicioso.

A área entre as minhas pernas pulsou.

— Como você está? — Perguntei.

Seus dedos apertaram com mais força.

— Muito bem — ele grunhiu, e gostava quando fazia isso, então me pressionei contra ele. Seu olhar foi até a mesa, em seguida, voltou

para mim.

— Você não tomou o café da manhã? — Perguntou.

Minha mão desceu para o seu pescoço.

— Acho que ainda estou dormindo.

Isso me concedeu aquele sorriso malicioso novamente. Então falou:

— Tenho várias coisas para fazer, amor. Você pode encontrar coisas com as quais ficar ocupada?

— Acho que sim — respondi, embora não estivesse certa, pois a única pessoa no seu castelo com quem tinha realmente falado, me detestava claramente, e o resto, a outra Cora tinha levado a acessos de lágrimas ou ameaçado demitir, então estava me perguntando se devia sair do quarto.

— Somente pessoas estúpidas ficam entediadas — ele murmurou, meu corpo se acalmou e então senti minha expressão suavizar.

— Isso é o que a minha mãe me dizia — sussurrei.

Ele sorriu para mim novamente, desta vez, não um sorriso malicioso, mas sexy. Foi por pouco, mas percebi que gostava do sexy ainda mais. Em seguida, virou a cabeça para ao lado, ergueu o queixo e perguntou:

— Você vai cuidar da minha noiva, Perdita?

Hesitante, virei a cabeça para o lado e peguei a mulher, claramente atônita e pálida, chamada Perdita que estava olhando para nós com muita atenção e em choque total.

— Perdita? — Tor chamou e ela estremeceu.

— Sim, sua graça? — Respondeu.

— Você vai cuidar da Cora? — Perguntou.

— É... é claro — respondeu.

— Excelente — murmurou, deu outro aperto para chamar minha atenção, olhei para ele e ordenou — Agora me dê um beijo antes de eu ir.

Inclinei a cabeça para o lado e brinquei:

— Fazendo por merecer a minha rabanada?

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Sua o quê?

— Rabanada, — respondi, apontando com a cabeça para a mesa e seu olhar me seguiu — café da manhã.

Seus olhos voltaram para mim, se moveram sobre o meu rosto, algo que não entendia trabalhando por trás deles, em seguida, corrigiu:

— Torrada *Custard*, Cora.

— Torrada *Custard*?

— É como nós chamamos.

— Oh — sussurrei.

Humm. Isso soava de uma maneira muito melhor.

— Querida — me chamou e me concentrei nele. — Meu beijo.

Sentindo os olhos da Perdita sobre nós, fiquei na ponta dos pés, encostei minha boca na dele e ia lhe dar um casto beijo, mas a cabeça dele se abaixou, ele se inclinou para mim, abriu a boca sobre a minha e casto virou uma memória fugaz.

Eu estava respirando pesadamente quando ele levantou a cabeça.

— Não entre em nenhum apuro — alertou.

— Não entrarei — ofeguei.

Ele sorriu. Em seguida, declarou:

— Não estou brincando, seja uma boa menina.

Minha cabeça inclinou em confusão.

— Serei.

— Como uma princesa seria boa — esclareceu e senti meus olhos se estreitarem.

Então vociferei:

— Tor!

— Cora — rebateu.

— Tudo que eu posso ser, sou eu — informei, ele olhou para mim, então suspirou.

Em seguida, virou a cabeça para Perdita e anunciou:

— Minha esposa pode ser teimosa e faz as coisas à sua maneira. Se tentar salvar um pássaro ferido, convidar cada estalajadeiro da cidade para jantar ou algo semelhante, impeça-a. Tem a minha permissão.

— Tor! — Gritei, tentando me afastar, mas ele me puxou de volta.

— Você é uma princesa; tem que parar de ser tão amigável.

— Você não se queixou sobre quão amigável eu fui na noite passada, três vezes! — Rebatu, apenas para ouvir a Perdita suspirar.

Merda!

Virei a cabeça para Perdita e balbuciei:

— Sinto muito. Muito mesmo. Muito, muito, muito. Isso foi rude. Eu não devia...

— Está tudo bem — me interrompeu, a expressão austera sumindo, estava, meu Deus, estava vendo as coisas direito? Ela estava sorridente e estava enrubescendo. — Perfeitamente bem. — Se apressou para a porta repetindo — Perfeitamente bem. — Parou na porta e olhou para mim. Então me deixou muda, finalizando. — Estou contente de ver, sua graça, que desta vez está sendo mais você mesma. — Seus olhos esvoaçaram para o Tor, em seguida, para mim, então levantou a mão e disse alegremente — Tchau! — E desapareceu.

Fiquei olhando para a porta.

— O que é isso de ser mais você mesma? — Tor perguntou e olhei para ele.

Eita, será que dar uns amassos no Tor e começar a questioná-lo conquistou a governanta gelada?

Deus, esperava que fosse fácil assim.

— Nada — murmurei. Em seguida, empurrei seus ombros. — Vá ser um príncipe, governar o seu principado, tenho um castelo para conhecer e estalajadeiros para convidar para o jantar.

Seus braços ficaram mais apertados e ele grunhiu uma advertência.

— Cora.

Revirei os olhos, em seguida, olhei novamente para o rosto dele.

— Oh, tudo bem, não vou convidar nenhum estalajadeiro para jantar.

Ele me observou, em seguida, balançou a cabeça e sua boca se curvou. Então me deu outro aperto, roçou os lábios nos meus, me soltou e caminhou até a porta.

Quando já a tinha aberto e a estava cruzando, falei:

— Está tudo bem se eu convidar as esposas deles?

Ele se virou, me lançou um olhar furioso, sorri para ele, sua carranca desapareceu quando piscou para mim, minha respiração ficou presa por ele poder piscar de maneira tão sexy e, em seguida, ele desapareceu atrás da porta.

— Preciso ir para casa, preciso ir para casa, eu preciso ir para casa — sussurrei minha oração para a noite que caía enquanto estava acomodada em uma cadeira de ferro acolchoada, em um canto isolado de uma das muitas varandas do enorme castelo do Tor. — Vou sentir

falta do Tor e odeio deixá-lo, mas, por favor, por favor, por favor, Deus, me mande para casa.

As pessoas estavam acendendo suas lareiras, janelas estavam começando a brilhar, os lampiões de rua estavam sendo acesos e eu estava chorando.

Não, não estava chorando. Estava soluçando.

Não, não estava soluçando também. Estava em prantos.

Porque, fora o dia em que a maldição começou, aquele dia foi o pior dia em toda a minha vida — o mais curto que eu tinha enfrentado e o mais longo que tinha passado em casa. Ambos. O pior dia de sempre.

E precisava voltar para casa porque as pessoas daqui me detestavam.

Não, não me detestavam, me odiavam.

Não, isso não estava certo também, não me detestavam, me abominavam.

Não estavam sendo conquistados por sorrisos brilhantes e polidez e não tinha visto o Tor durante todo o dia para serem conquistados pelos nossos amassos ou nossas discussões.

Não, aquele dia, desde o primeiro em que cheguei a este mundo, tive que passá-lo sozinha. E sozinha o enfrentei, passeando pelo castelo e pela cidade até que não aguentei mais, me retirei furtivamente e decidi que podia estar me apaixonando por um príncipe guerreiro, e ele era bastante magnífico (na cama e fora dela), e seu mundo era bonito, mas eu não ia aguentar isso.

Não conseguiria aguentar.

Havia descoberto que a outra Cora tinha estado lá por três dias... três dias... E, com todo o seu comportamento de cadela, tinha deixado devastação em seu rastro. Era fria, imperiosa, exigente, arrogante, descortês, traiçoeira e até mesmo cruel.

Com o seu comportamento não tinha ofendido a todos, na cidade inteira; ela não tinha a maldade superpotente que Minerva tinha. Mas causou bastante dano a aqueles com quem entrou em contato para haver um rumor que, claramente, se estendeu.

O fato adicional é que ouvi sussurros que não tinha nada a ver com o Tor, que era amado. Ouvi vários comentários murmurados em voz alta nas minhas costas ou em volta da minha pessoa. Sem mencionar que ele era o futuro rei e, portanto, responsável por gerar um herdeiro para garantir o reino. O que Cora o impedia de fazer e isso não a tornava popular, pelo contrário. Mais uma vez descobri isso através de vários comentários.

Na verdade, as pessoas achavam que havia algo errado com ela (assim como achavam que o Tor era maravilhoso e seu principado, incrível) e tudo o que estava errado não era nada bom.

Tal como aconteceu com a Perdita, nem mesmo procuraram tentar esconder seu desprezo pela esposa do Tor. Olhares, caras fechadas, comentários maliciosos em voz alta e um homem até cuspiu no chão, bem atrás de mim, enquanto eu vagava pelas ruas de paralelepípedos querendo explorar, ser amigável e vivenciar a cidade do Tor.

Mas cuspir, o que foi horrível, não foi o pior.

Foi o que ouvi as ajudantes falarem enquanto passava por elas no castelo, depois de lhes dar um sorriso alegre.

— Ele não gosta de gardênia então, agora, está usando um dos aromas que deixamos no quarto dele, que pertence às suas outras mulheres — uma delas sussurrou em voz alta e, em seguida, se juntou aos risos das suas companheiras.

Um dos perfumes das suas outras mulheres. Aquela vasta coleção de frascos foi deixada para trás por outras mulheres do Tor.

E a coleção era vasta.

E eu estava usando uma.

Aquela pequena lágrima no meu coração que teve início naquela noite no pub, que já achei ser demais, se reproduziu dolorosamente.

Eu era uma pessoa amigável, uma pessoa sociável e me considerava bastante forte. Resisti ao ser levada para um mundo totalmente diferente e guerreei principescamente meu caminho através de uma luta com os vickrants, pelo amor de Deus.

Mas não fui amigável o suficiente, sociável o suficiente ou forte o suficiente para suportar a quantidade e a intensidade do ódio que chegou até mim naquele dia.

Na verdade, no final, me senti quase insegura sem o Tor para me proteger.

E sem o Salem ou o Aggie (estava com medo de perguntar a alguém onde poderia encontrar a Perdita para poder pedir para trazer o Aggie, então não perguntei), passei horas sem uma única alma gentil em torno de mim.

E isso foi o suficiente. Não podia aguentar mais.

Então, precisava chegar em casa antes que algo ruim acontecesse. Como me apaixonar pelo Tor ou ser apedrejada até a morte pelo seu povo.

— Por favor, Deus, me mande para casa — sussurrei através das lágrimas com a bela vista à minha frente, uma vista que ninguém em sã consciência jamais ia querer deixar, mas uma da qual eu tinha que escapar.

— Cora!

Ouvi Tor gritando o meu nome. Não estava perto, mas não estava muito longe.

Merda!

Afundi ainda mais na cadeira e limpei apressadamente o rosto com o, já encharcado, lenço engomado que encontrei no enorme

guarda-roupa no quarto do Tor.

— Cora!

Lá estava novamente. E mais perto. Merda!

O lenço não estava servindo para nada, então corri os dedos pelo rosto, grata por não haver experimentado nenhuma maquiagem, como o khol.

Ouvi o som das botas no mármore. Porra!

— Aí está você — falou e respirei fundo para me estabilizar. — Maldição, mulher, não me ouviu?

Fixei um enorme sorriso no meu rosto e me virei para ele.

— Oi — o cumprimentei e ele parou.

— Pelos deuses — sussurrou.

Ok, a prova de que o lenço não funcionou.

Precisava disfarçar.

— Então, humm... como foi o seu dia? — Perguntei com falsa alegria.

Em um segundo, ele estava a um metro e meio de distância, no segundo seguinte estava bem ali, eu estava fora da cadeira e nos braços dele.

Humm. Nada bom. Muito perto.

— Cora...

Olhei para baixo e para o lado.

— Está tudo bem no seu principado? — Tentei injetar leveza na voz e soube que falhei quando ele falou, em seguida. Sua voz era tão firme quanto inflexível, a mesma de quando comandava.

— Olhe para mim.

Fiz o que pediu, levantando a cabeça e movendo-a em um arco rapidamente, meus olhos encontrando os dele por um breve segundo antes de tentar olhar para baixo e para o outro lado, mas uma das suas mãos me pegou, os dedos no meu queixo, e me forçou a encará-lo.

Droga!

— Maldição — murmurou. — Pelos deuses, o que aconteceu com você?

— Nada — respondi imediatamente.

— Nada? — Perguntou, a voz cheia de impaciência e incredulidade.

— Não, nada — repeti. — Está tudo bem. E você? Teve um bom dia?

Ele olhou para mim. Em seguida, declarou:

— Não minta para mim, Cora.

— Eu não...

Parei de falar quando ele me sacudiu suavemente, mas com firmeza, e repetiu

— Já disse, não minta para mim.

Olhei para o belo rosto, para os belos olhos, olhos que encararam os meus durante todo o tempo em que se moveu dentro de mim, olhos pelos quais tinha me apaixonado e perdi o controle.

Completamente.

Me desmanchei em lágrimas nos seus braços, abaixando o queixo e escondendo meu rosto no seu peito, meus dedos puxando sua camisa para perto do meu rosto enquanto chorava.

— Querida, o que diabos aconteceu? — Murmurou contra o topo da minha cabeça e a levantei tão rápido que ele teve que levantar a dele até demais.

— Eles me odeiam! — Gritei.

Ele perguntou:

— Quem?

Todo mundo! — Gritei, em seguida, escondi o rosto novamente no seu peito e tão rapidamente quanto escondi, o levantei, olhei através dos olhos lacrimejantes para o rosto dele e gritei desesperadamente —

Você tem que encontrar uma feiticeira! Um mago! Tem que haver alguém aqui que saiba como me enviar para casa. Há sempre algum tipo de magia... uma pessoa que habita os filmes de fantasia que sabe como ajudar! — Soltei sua camisa, em seguida, a agarrei novamente e continuei. — Você tem que encontrar alguém para ajudar. Eu tenho que ir para casa. Eu tenho que ir.

O corpo dele virou rocha sólida contra o meu, mas eu estava muito desnorteada para perceber e parar de balbuciar.

— Eles me odeiam, Deus! Você não pode imaginar o quanto. A outra Cora era uma cadela! — Gritei as duas últimas palavras com todo o meu fôlego. — E eu gosto de você. Seu mundo é tão bonito. E você salvou o Aggie para mim. E ontem à noite foi tão... tão... — solucei através do choro — bom. A melhor que já tive há... — não conseguia encontrar palavras para descrever quanto, então gritei — Muito tempo! Não quero tê-lo uma vez e então ter que deixá-lo para trás. — Dei um tapa na camisa sobre o seu peito e prossegui lamentando. — Eu te disse que não devíamos fazer aquilo! Agora, para sempre e sempre vou me lembrar do que tivemos, querer de novo e nunca vou tê-lo! — Meus soluços se transformaram em raiva e gritei — Viu! Eu sabia! Tentei dizer isso a você, mas me escutou? Não! Seu babaca!

— Querida — ele sussurrou.

— Você está me devendo! — Gemi. — Esse é o nosso acordo. Eu me entreguei a você... três vezes... e agora você tem que pagar. Tem que encontrar um mago, ou um cigano, ou alguém, alguém que saiba como me enviar para casa!

Então desabei novamente, meus joelhos cederam, ele me pegou nos braços, me levantou e se virou. Enfiei o rosto no seu pescoço e segurei seus ombros com os braços, meu corpo sacudindo com as lágrimas e, vagamente, ouvi a firme e irritada batida das botas

ressoando pelo chão enquanto ele procurava o que quer que estivesse perseguindo.

— Deuses, o que... ela está bem? — Ouvi uma mulher perguntar.

— Encontre a Perdita — Tor resmungou. — Vou querer uma explicação para o estado da minha esposa.

— Não! — Gritei, levantando a cabeça e olhando para o perfil dele, irritado e rígido. — Não culpe a Perdita. Acho que ela deve ser a única pessoa que gosta de mim.

— Eu a deixei cuidando de você e você está, pelos malditos deuses, uma bagunça. — A voz do Tor rugiu com fúria. — Então, meu amor, vou ter uma conversa com a Perdita, maldição.

Minha mão foi até o seu rosto e implorei:

— Por favor, por favor, não faça isso, Tor. Se você fizer, não vai me fazer nenhum favor.

— Quieta, Cora — ordenou baixinho.

— Por favor, querido! — Gritei, enxuguei as lágrimas e tentei clarear a minha voz. — Vou ficar bem. É apenas estresse. É um milagre que ainda não tivesse entrado em colapso. Vou ficar bem. Já extravasei.

— Eu disse quieta — cortou.

— Já extravasei tudo, querido, prometo — assegurei a ele, em uma mentira absoluta.

— Quieta! — Trovejou e fechei a boca.

Oh, Jesus. Tor estava chateado.

Ótimo. Agora, o que eu tinha feito?

Ele caminhou com raiva através do castelo, através do vasto espaço, dos brilhantes degraus de mármore que levavam aos seus aposentos e para o seu quarto, onde me deitou suavemente na cama e se endireitou.

Olhando para mim, declarou:

— Descanse. Vou mandar alguém trazer um pouco de vinho.

Com isso, entrei em pânico, me sentei e gritei:

— Não! Não! Não peça a ninguém para fazer qualquer coisa para mim!

Grande, grande erro. Soube disso quando seus olhos se estreitaram ameaçadoramente.

— Ou, — continuei, tentando reparar o dano — na verdade, vinho parece bom.

Melhor do que ver alguém do seu povo, que me odiava, era aguentar a fúria do Tor, que me assustava infernalmente.

— Descanse — ordenou.

— Certo — sussurrei.

Então girou nos calcanhares e saiu.

— Caraca — murmurei e caí de costas na cama.

Estava toda enrolada na cadeira pesada e confortável que arrastei para o balcão do pátio e tomei um gole do segundo copo de vinho servido de uma garrafa de cristal delicadamente moldada, com uma alça curvada e uma rolha engraçada, que uma mulher apressada, pálida, silenciosa e parecendo assustada, entregou a mim e olhava para a vista.

Tor tinha saído há bastante tempo.

Ouvi a porta abrir e as passadas zangadas das botas no mármore.

Oh, Jesus.

Me virei para olhar ao redor da cadeira, e o observei se aproximar de mim. Não parecia nem um pouco menos irritado. Mordi o lábio e respirei fundo.

Ele me alcançou, abri a boca para falar, mas a fechei quando ele tirou o copo da minha mão, o colocou sobre a balaustrada, me puxou da

cadeira, se sentou nela, me acomodou no seu colo, se inclinou para a frente, pegou o vinho, o entregou para mim e, em seguida, se reclinou, encarando a vista.

— Humm, está tudo bem? — Arrisquei.

— Tenha a maldita certeza que estará — grunhiu, olhando para a paisagem.

— Humm.

Decidi não dizer mais nada. Tor pegou o copo da minha mão e tomou um gole enorme. Humm, novamente. Em seguida, falou, continuando a olhar a paisagem.

— Você não vai ter quaisquer problemas no futuro, Cora. Se tiver, me diga, imediatamente.

Oh, Jesus.

Achei prudente concordar, de forma rápida e tranquila, então o fiz.

— Tudo bem, querido.

— Está com fome? — Perguntou.

Meio que estava. Não tinha comido nada desde o café da manhã.

— Humm... sim? — Perguntei com cautela e seus olhos se voltaram para mim.

— Ou você está ou não está, amor — retrucou.

— Estou — sussurrei.

— Quer comer aqui ou na sala de jantar?

Queria perguntar qual sala de jantar uma vez que, no meu passeio solitário pelo castelo, vi três.

— Onde você quer comer? — Perguntei, em vez disso.

— Aqui mesmo — resmungou. — Dessa forma, quando tivermos terminado, não tenho que perder tempo andando todo o caminho até aqui para ter você na minha cama.

Humm.

— Ok — falei tranquilamente.

— Vá puxar o sino — murmurou.

— Ok — repeti e saí do seu colo.

No meio do pátio, arrisquei um olhar para trás e o vi esvaziar a minha taça de vinho. Mordi o lábio e me virei.

Oh, Jesus.

Tor estava apoiado em uma mão, o braço reto, o corpo curvado, seu peso distribuído no outro braço que estava apoiado na cama, com os dedos entrelaçados aos meus. E seus quadris estavam entre as minhas pernas, estava dentro de mim, enterrado profundamente, o olhar ardente mantendo o meu cativo.

Estava quase gozando, tão malditamente perto, meu Deus, ele era grande, sabia se mexer e me fazia sentir tão incrivelmente bem.

— Tor — gemi, comunicando que estava quase gozando.

Ele me penetrou profundamente, meu pescoço arqueou e ele parou.

— Olhe para mim — comandou, a voz rouca.

Forcei meu queixo para baixo e tentei me concentrar nele.

— Cora, olhe para mim! — repetiu e pisquei para afastar a névoa.

— Estou olhando para você — sussurrei, a mão que estava apoiada no peito dele, deslizando até o seu cabelo e descendo até o estômago plano. — Não pare, querido.

Ele empurrou os quadris contra os meus e choraminguei.

— Quem está dentro de você? — Quis saber.

— Você — respondi.

— Quem está dentro de você? — Repetiu e eu pisquei.

— Querido...

Ele dobrou o cotovelo e meu corpo recebeu mais do seu peso enquanto seu rosto se tornava a única coisa que podia ver.

— Quem está te fodendo? — Mudou a pergunta.

Estava confusa.

— Você — disse novamente.

— Quem sou eu?

Oh, Deus, precisava que ele se mexesse!

— Tor — respondi sem fôlego.

Isso me rendeu uma estocada violenta e calor me atravessou.

Ele parou de novo e falou:

— Quem sou eu?

— Meu marido — engasguei.

Outra estocada violenta e, mais uma vez:

— Quem sou eu?

— Meu príncipe — sussurrei.

— Certíssima — grunhiu e seus quadris começaram a se mover mais rápido e com mais força. Ele apoiou o peso todo no seu antebraço e a outra mão deslizou pelo meu peito, entre os meus seios e mais para baixo, sobre o meu abdômen.

— A quem isso pertence? — Perguntou.

— Ao meu príncipe — repeti.

Sua mão subiu e segurou meu seio com firmeza.

— E isso? — Perguntou enquanto penetrava o pênis profundamente, eu levantava os joelhos e apertava minhas coxas firmemente nele.

Oh, Deus.

— Meu príncipe — gemi.

O polegar deslizou insolentemente sobre o meu mamilo e um fluxo de prazer passou por mim.

Oh, Deus!

— E isso? — Continuou asperamente.

— Pertence a você, meu príncipe — sussurrei.

Seus dedos soltaram o meu seio, tirou minha mão da barriga dele e enfiou nossas mãos entre as minhas pernas, a mão dele sobre a minha, cobrindo o meu sexo para que eu pudesse sentir suas estocadas entre os nossos dedos.

Sua boca veio até a minha, ele parou de empurrar e começou a estocar.

— A quem isso pertence?

Oh, Deus, Deus, Deus.

Fechei os olhos e arqueei o pescoço novamente.

— A você, meu príncipe.

— Olhe agora mesmo para mim — ordenou, olhei, ele começou a golpear violentamente, e senti seus golpes, para dentro e para fora. — Você não vai embora — grunhiu, a voz rouca.

Minhas pernas circularam os quadris dele, mas não respondi.

— Cora, diga, você não vai embora.

Oh, Deus!

— Não vou embora — sussurrei.

Seus olhos continuavam presos nos meus enquanto continuava estocando profundamente e perdi o controle, minhas costas se arquearam, meu pescoço se arqueou e meus calcanhares afundaram nas costas dele enquanto eu explodia.

Sua boca foi até a minha orelha enquanto eu gozava e senti o estreitamento acentuado dos seus dentes na minha orelha, antes de grunhir:

— Você nunca voltará para casa.

Em seguida, empurrou o rosto contra o meu pescoço e gemeu.

Quando nos acalmamos, Tor tirou nossas mãos do meio de nós dois, soltou as minhas, saiu de mim, em seguida, beijou meu pescoço e

saiu da cama.

Rolei para o meu lado e observei enquanto ele caminhava ao redor do quarto e apagava as velas e os lampiões, até que a única iluminação vinha das luzes da cidade que brilhavam através das enormes portas abertas.

Ele se juntou a mim na cama e me puxou para os seus braços, colocando meu rosto no seu peito, minha coxa sobre as dele e, em seguida, seus dedos se aproximaram e brincaram com as pontas do meu cabelo.

Fechei os olhos com força.

Ok, merda, do que isto tudo se tratava?

Não tinha certeza, mas uma coisa eu sabia, estava ferrada.

As pessoas no seu castelo e na cidade me odiavam, mas eu não podia partir, não podia falar sobre eles ou o Tor faria algo que acabaria fazendo com que me odiassem ainda mais, se é que já não tinha feito.

Estava presa nesse ponto.

Queria ir embora, mas, se o fizesse, poderia ser capturada pela Minerva e, em seguida, desabaria a peste e a fome no seu mundo, e quem queria ser responsável por algo assim? Eu não.

Pelo que acabou de acontecer, ficou assustadoramente claro que Tor não sairia e encontraria um mago ou uma feiticeira para me ajudar a voltar para casa. Além disso, eu não podia perguntar a ninguém, porque eles me odiavam e isso não iria me ajudar. Então, estava presa por este lado, também.

E, acabando com a minha sorte, seu comportamento protetor quando me encontrou chorando, enraizou o príncipe sombrio ainda mais fundo no meu coração. Eu não estava me apaixonando aos poucos por ele, estava me apaixonando rapidamente, ia aterrissar em breve e, quando o fizesse, cairia duramente.

Sim, estava completamente ferrada. Não tinha escolha.

Precisava ser mais durona com a questão do povo dele. Precisava construir um escudo. Seria amigável, sociável e me esforçaria para manter a cabeça erguida. Não pretendia, considerando quão profundo era o seu ódio, conquistá-los, mas tinha que encontrar uma maneira de viver com isso.

E, quanto ao Tor, não sabia o que fazer.

O que sabia era que havia uma possibilidade de que poderia ir para casa um dia, sem aviso, sem chance de dizer adeus.

Então, não só tinha que aceitar o que vinha do meu príncipe de conto de fadas, mas também tinha que lhe retribuir tudo o que eu pudesse. Porque, quando fosse para casa, a outra Cora ia voltar, e ele, como eu, não teria nada. E queria que ele tivesse tudo o que poderia ter, por tanto tempo quanto pudesse dar.

Abri os olhos e respirei fundo.

De modo que, decidi, era precisamente o que ia fazer.

— Querida? — Tor chamou, a mão livre vindo até a minha, que estava sobre o peito dele.

— Humm? — Respondi, mas ele não respondeu, pelo menos, não verbalmente.

Moveu as nossas mãos para o meio das pernas dele e passei meus dedos ao redor do pênis duro como uma rocha.

Eita, aparentemente, os homens deste mundo tinham poderes sobre-humanos de recuperação.

— Estou pronto para você de novo — murmurou, senti um espasmo entre as pernas e, então, me puxou para cima dele.

Ergui a cabeça e olhei para o rosto mal iluminado pelas luzes da cidade.

Deus, ele era lindo.

Moveu a ponta do pênis para dentro de mim, então suas mãos foram para os meus quadris, me empurrou para cima dele e, quando o

fez, me preencheu.

Oh, sim.

Mordi o lábio enquanto olhava para ele, suas mãos tomaram o controle das minhas, levando uma para o meu seio e a outra para o meio das minhas pernas.

— Me dê o que eu preciso — murmurou a ordem com voz gutural, suas mãos deixando as minhas onde as queria, enquanto as dele se moviam para os meus quadris, os dedos afundando neles.

Deslizei o polegar sobre o mamilo e o apertei, ao mesmo tempo me movendo para cima e para baixo, em uma profunda estocada.

Foi tão bom, que meu escudo caiu.

Oh, sim. Ia dar tudo o que podia dar a ele, por tanto tempo quanto pudesse.

— Olhos em mim, meu amor — ordenou, abaixei o queixo e peguei seu olhar.

Então, sorri.

Diante do meu sorriso, seu rosto endureceu e seus quadris empurraram. Então montei o meu príncipe, dando a ele tudo o que podia dar, por tanto tempo quanto podia aguentar.

Capítulo 15

A Vida É Boa

Seis semanas depois...

— Pronto, Aggie? — Falei para o totalmente recuperado, mas infelizmente agora incapacitado para voar, pássaro que estava saltitando na minha penteadeira.

— Piu, piu — Aggie respondeu com entusiasmo, o que significava — Pronto, Cora!

Aggie gostava das nossas excursões. Sem poder voar, ele não saía, a não ser que eu o levasse, e me disse que sentia falta do ar fresco, das vistas panorâmicas e das aventuras diárias. Não podia lhe dar toda e qualquer aventura, mas fiz o que pude todos os dias para lhe oferecer uma mudança de cenário, para que não ficasse entediado.

Estendi um dedo para o pequeno pássaro, ele pulou, em seguida, levantei o braço enquanto ele saltitava para cima e tomava seu lugar habitual no meu ombro. Então deixei meus aposentos e do Tor e atravessei o amplo salão em direção às escadas.

Estava na metade do caminho, quando, perto de uma curva, vi Lucinda, uma das criadas, de quatro, esfregando as escadas com uma escova, os degraus de mármore atrás dela brilhando e tão limpos, que poderiam estar em um comercial.

— Oh! — Exclamei, ela levantou a cabeça, olhou para sua mim e sua boca mostrou um (que eu tinha certeza que era forçado) sorriso hesitante.

— Sua graça — disse ela, através do seu sorriso.

— Sinto muito, você está limpando. Usaremos as escadas de trás — disse a ela, levantei a saia e comecei a fazer a volta.

— Não! — Ela gritou, se endireitando e levantando a mão para me impedir. — Está tudo bem, vou esfregar depois que você passar. Não há problema algum. Pode descer.

Vê. Lá estava ele. O sorriso totalmente falso. Como sempre. Estava com medo que fizesse alguma coisa para me perturbar, o que me faria reclamar com o Tor, o que significaria que ele desencadearia a fúria do príncipe sombrio. E ela estava disposta a fazer tudo para impedir isso. Incluindo me deixar pisar no seu trabalho duro. Limpar escadas de quatro com uma escova deve ser foda. Ela não tinha sequer uma proteção para os joelhos!

— Não, está tudo bem — assegurei a ela, continuando a me mover para trás, bem como começando a me virar. — Está tudo bem. Desfrute as celebrações hoje à tarde — terminei, então me virei totalmente e corri para longe das escadas, me apressei pelo corredor e desci as escadas dos fundos.

Fiz isso sem encontrar ninguém, me movendo rapidamente pelos corredores até a gigantesca entrada a fim de não esbarrar em qualquer outra pessoa e, em seguida, saí pelas enormes portas dianteiras duplas que deviam ter, pelo menos, dois andares de altura e estavam abertas para o dia ensolarado.

— Está um dia lindo — disse ao Aggie, meu único amigo no mundo, enquanto passeávamos.

— Piu, piu, piriu — Aggie respondeu, que significava — É mesmo, Cora.

Alcancei a base da escadaria que levava até o castelo, meus olhos voltados para o sol, emitindo raios brilhantes como diamantes na grande, bonita e circular fonte que jorrava água, no meio do pátio em frente ao castelo e, quando me aproximei da sua plataforma, um alegre bando de pássaros pequenos voou baixo, voando tão perto de mim, que moveram as delicadas saias cor de rosa claro do meu vestido para a

frente, e meu cabelo esvoaçou bastante quando o bater das suas asas causou uma leve brisa que me cercava.

Eu ri enquanto eles voavam (esta não era a primeira vez que isso acontecia, na primeira vez me apavorei pra cacete, agora estava mais experiente) e piavam, a maioria dos seus gorjeios sendo:

— Bom dia, Cora!

— Bom dia, passarinhos! — Exclamei logo depois deles, enquanto seu brilho desvanecia em direção ao sol.

Então olhei através do pátio, sem perceber (porque aprendi a me manter afastada), que todos os homens e mulheres no pátio estavam olhando para mim com sorrisos indulgentes e avistei Salem do outro lado do pátio.

— Salem! — Exclamei com alegria, arrebatei Aggie do meu ombro para que ele não voasse (figurativamente) e pulei animadamente através do espaço, segurando o Aggie cuidadosamente na minha mão.

Salem me observou e, quando cheguei perto, joguei os braços em volta do pescoço lustroso, habilmente soltando Aggie da minha mão, para que ele pudesse saltar para as costas do Salem.

Salem relinchou e, quando me afastei e sorri para ele, enfiou o nariz no meu pescoço e soprou.

Ri alto porque fez cócegas.

— Olhe para você, sua besta magnífica! Senti sua falta. Não o vi por uma semana inteira! — Gritei.

Salem bufou.

— O que você acha disso, Algernon? — A voz profunda e bela veio do outro lado do Salem e me abaixei sob o pescoço do animal para ver o Tor parado, os braços cruzados sobre o peito, as poderosas pernas afastadas, os olhos em mim, seu sargento de armas, Algernon, ao lado dele.

—Minha esposa corre através do pátio para abraçar o meu cavalo e nem sequer olha para mim.

Salem relinchou de uma maneira que eu podia jurar que estava dando uma risada, sorri para o Tor, me movi sob o Salem, acariciando-o enquanto me movimentava, então, quando o contornei, corri pouco mais de um metro até o Tor e me joguei nos seus braços.

Estava com o rosto no pescoço dele então não vi os sorrisos indulgentes por todo o lugar se alargarem ou os olhares felizes e compreensivos que foram trocados quando Tor me girou em um círculo, fazendo minhas pernas e minhas saias voarem, então me colocou de pé na frente dele.

Me inclinei contra ele, descansando meus braços com as mãos espalmadas sobre o seu peito, minha cabeça inclinada para trás para poder olhar nos olhos azuis claros.

— Como você está nesta manhã, meu marido? — Perguntei com um sorriso.

Os braços à minha volta me deram um aperto forte.

— Muito bem, minha esposa. Como você está?

Me aproximei ainda mais e sussurrei:

— Muito bem.

Seus olhos se tornaram calorosos, então esquadrinharam meu rosto.

Então, uma das mãos deslizou pelas minhas costas, em volta da minha cintura, para descansar, estranhamente, com a palma da mão sobre a minha barriga.

Em seguida, inclinou o pescoço profundamente e seu rosto era tudo que podia ver quando murmurou:

— Como assim, meu amor?

— Muito, muito bem — respondi com um sorriso, ele encurtou os centímetros restantes e tocou minha boca com a dele.

Então me forcei a olhar para Algernon, loiro e bem constituído, que iria, em resposta, fingir gostar de mim.

Tor não estava errado sobre seus homens, as pessoas da cidade e do castelo me odiavam, mas os seus homens me desprezavam. Descobri isso de uma maneira desagradável, quando algumas palavras foram proferidas na minha direção (se não na minha cara), palavras, ou, em particular, uma palavra (começando com “v”) que não sabia que eles sequer usavam em terras de contos de fadas.

Sobre este incidente, tinha sido inteligente o suficiente para não compartilhar com Tor.

— Ei, Algernon.

Sorriu para mim e foi um sorriso dos bons. Parecia quase genuíno. Mas não alcançava os seus olhos.

Então se inclinou, ao mesmo tempo que tocava os dedos na testa e dizia:

— Bom dia, princesa Cora.

Sorri para ele e olhei para o Tor.

Então fiz a pergunta que fazia todo dia quando cada um deles iniciava sem duas coisas não acontecerem: eu de volta à minha casa (e parecia bastante claro que estava presa aqui, parecia que tinha estado lá para sempre) e Rosa ser resgatada.

— Qualquer notícia da-?

Os olhos do Tor ficaram cautelosos e me deu outro aperto.

— Não, amor.

Mordi o lábio.

Tor, como sempre fazia, mudou de assunto rapidamente, provavelmente, imaginei, porque sabia que me chateava.

— O que vai fazer hoje? — Perguntou e balancei a cabeça.

— Você não pode me fazer essa pergunta — informei a ele.

— Não posso?

— Não.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— E por que não, esposa? Pergunto isso a você todo dia.

— Sim, bem, — sorri para ele e me aproximei mais — todo dia não é o aniversário do meu marido.

Seus olhos examinaram o meu rosto novamente enquanto seu corpo ficava imóvel, mas seus braços me apertavam.

E era o aniversário dele. Soube que ele fazia trinta e oito anos naquele dia. E ia ser um dia de diversão e festividades. Haveria jogos e danças, festas e vendedores de rua e, naquela noite, fogos de artifício seriam lançados a bordo dos navios no mar.

Estava temendo isso. Teria que passar o dia todo com seu povo por perto, fingindo que gostava de mim. Ia ser uma tortura.

O que não temia eram os meus planos para ele. Ia fazer um bolo de aniversário para ele. Não tinha dinheiro (qualquer coisa que comprava na aldeia era anotada e enviada como uma conta para a Perdita pagar), não tinha nenhuma maneira de ganhar dinheiro e não queria que ele tivesse que pagar por seu próprio presente de aniversário.

Então, ia lhe dar algo do meu mundo.

Ia fazer um bolo *Red Velvet* (sem o vermelho, é claro, porque estava quase certa de que eles não tinham corante alimentício vermelho. Ia fazer esse porque era o único bolo que eu sabia como fazer de cor e também era um bolo incrível.

Só esperava conseguir encontrar todos os ingredientes.

— E o que você está planejando para o meu aniversário, doçura?

— Tor perguntou em voz baixa, voltando a ter minha atenção.

— Mais uma vez, querido, você não está autorizado a perguntar.

— Minha mão deslizou do peito dele até sua mandíbula e sussurrei — Você vai ver.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto novamente, antes de responder:

— O que eu vejo é que, seja o que for, devo aguardar ansiosamente.

— Oh, sim — rebati.

Seus dedos afundaram nos meus quadris, abaixou a cabeça para roçar meus lábios com os dele e, quando se afastou, murmurou:

— Então vou deixá-la com isso.

Eu não queria que ele me deixasse com isso.

Neste mundo, tinha o Aggie e tinha o Tor. Mas Tor era um príncipe, governava um principado e sua cunhada estava nas garras de uma malévola bruxa-deusa. Tinha uma série de coisas para ocupar sua cabeça. O que significava que, a cada dia que se enroscava no seguinte, tinha que encontrar maneiras de me divertir sem ele.

Isso era uma merda.

Mas, quando vinha até mim, à noite, encontrava maneiras de fazer tudo valer a pena.

Me afastei dando um sorriso brilhante para ele e falei:

— Vejo você mais tarde.

Sorri para Algernon, dei ao Salem outro abraço, peguei o Aggie, colocando-o no meu ombro e não cheguei a encontrar os olhos dos meus vários espectadores enquanto me afastava.

— É preciso estar de volta ao meio-dia, Cora! — Tor falou atrás de mim.

— Estarei, querido! — Respondi. — Muito antes disso!

Dei mais três passos antes de uma gata gorda e ruiva esbarrar nos meus tornozelos.

— Booom diiiiiaaaa, Prrrrrincessa Corrrra — ela ronronou.

— Calliope, como já disse todos os dias, você não pode comer o Aggie — admoestei, ela saltou para longe, mas parou, se sentou sobre a

bunda gorda e piscou para mim com irritação.

Distraída com a Calliope, peguei um olhar de um fornecedor, acidentalmente; ele me deu um sorriso que parecia brilhante, tirou o boné respeitosamente e murmurou:

— Princesa Cora.

— Como está, Boris?

Ele se endireitou diante das mercadorias que estava organizando e sorriu.

— Muito bem, com a festa chegando. Bellebryn dá boas festas, especialmente para o seu príncipe. Espere até ver, sua graça.

— Mal posso esperar! — Gritei, batendo palmas na minha frente e mentindo forçadamente.

— Vejo você lá, sua graça — falou enquanto eu me afastava.

— Guarde uma dança para mim, Boris — falei em resposta, então lhe dei um aceno animado e o mais brilhante sorriso antes de me mover através do enorme portão, de ferro forjado e incrustado com prata, e entrando na aldeia.

Enquanto caminhava pelas ruas de paralelepípedos, sorria e balançava a cabeça enquanto as pessoas sorriam de volta. Retribuí cumprimentos quando foram oferecidos para mim. Eu os estendia quando via alguém que conhecia ou me era dada uma abertura. Toquei as pequenas cabeças das crianças quando passava por elas, sorrindo para os rostos (falsos) das mães radiantes.

Na maior parte do tempo conversei com o Aggie, que respondia, e estava preocupada em conseguir encontrar o *mascarpone*^[6]. Então fui até a casa com a porta azul e bati.

Foi aberta por uma mulher com aparência estressada, com quadris largos, que tinha uma criança de uns dois anos de idade berrando no seu colo e uma criança de uns quatro anos, com o rosto sujo, segurando suas saias.

Fez uma reverência e, em seguida, olhou nos meus olhos.

— Oh, Princesa Cora, estou feliz que esteja aqui! Graças aos deuses você pôde vir hoje, entre todos os dias.

Inclinei a cabeça para o lado e disse:

— Nunca faltei um dia, Blanche, sabe disso.

E não tinha. Quando tinha ouvido a Perdita falar com uma das servas sobre a sua prima, Blanche, que tinha dois filhos, um marido longe, no mar, e uma mãe frágil para cuidar, cautelosamente ofereci meus serviços para ajudar de qualquer maneira que pudesse. Perdita perguntou à Blanche e depois me informou que meus préstimos foram aceitos.

Então, todos os dias, sem faltar um, ia até a casa com a porta azul e Blanche fazia o que precisava fazer e eu cuidava da mãe dela por algum tempo.

Seu rosto se abriu em um sorriso e ela murmurou:

— Não, graças aos deuses, mais uma vez, você nunca faltou. Abençoada. Ela está lá em cima, esperando por você.

— Certo, vão na frente, todos vocês! — Pedi, bagunçando o cabelo da criança de quatro anos de idade quando passou por mim. Então Aggie e eu entramos na casa, corri até os degraus de madeira, contornei o corrimão e entrei no quarto onde a idosa estava sentada em sua cadeira de balanço, olhando para o mar, mas vendo, eu sabia, nada.

— Ei, Clarabelle — chamei suavemente e seus olhos cegos vieram até mim, o rosto tomado por um sorriso genuíno.

Eu estava errada. Não tinha apenas Aggie e Tor.

Clarabelle, tinha certeza, também gostava de mim.

— Piu! — Aggie cantarolou sua saudação.

— Olá, minha princesa. Olá, Aggie — ela respondeu, me movi pelo quarto, pegando um livro enquanto passava. Arrastei uma cadeira

na direção dela, me abaixei para beijar a pele fina como papel da sua bochecha, em seguida, levantei os dedos para o Aggie subir.

Ele o fez, o transferi para a mão estendida da Clarabelle, em seguida, o levou até ela e o acariciou enquanto eu sentava.

— Você quer que eu vá direto para a leitura? Avançamos uma boa parte da última vez — a lembrei.

— Se você quiser, Cora, minha querida. Ou podemos conversar. Você está bem? — Ela perguntou.

— Muito — menti um pouco.

Havia coisas que eram boas (jantar à noite com o Tor, a hora de dormir, novamente com o Tor, acordar quando o Tor ainda estava lá e, às vezes, poder me perder na terra da fantasia ao meu redor) e outras coisas que eram ruins.

— E o nosso príncipe? — Perguntou.

— Hum... preocupado com o irmão, eu acho — respondi, depois de ter contado a ela (embora ninguém mais soubesse e a fizesse jurar sigilo) sobre Rosa, Dash e a malvada Minerva.

— Ouso dizer que ele tem que estar — ela murmurou, sua voz meio estranha, então esticou a mão, procurando, estendi a minha, ela a pegou e a apertou delicadamente.

— Tem certeza que está bem? — Perguntou em voz baixa.

— Estou perfeitamente bem — menti energicamente. — Feliz — *meio que* menti. — A vida é boa.

Ela apertou a minha mão novamente e a soltou, dizendo:

— Se você diz, minha querida.

Humm. Parece que eu precisava melhorar a minha atuação, até mesmo, talvez especialmente, com uma senhora cega.

Então, devo começar a ler? Blanche estará de volta com as crianças antes de percebermos, o caos vai se instalar e você não vai saber se o pirata foi capaz de intimidar a donzela à sua vontade.

Ela deu um sorriso gentil.

— Bem, não posso perder isso.

Abri o livro na página marcada e murmurei:

— Certamente que não.

Ouvi a risada tranquila, estendi a mão e apertei seu joelho.

Aggie cantarolou um:

— Leia, Cora! — Ele gostava dessa história também.

Então soltei a minha amiga e comecei a ler em voz alta.

Capítulo 16

A Única Coisa Que Eu Precisava

A mão do Tor apertou a minha. Havíamos acabado de entrar pela porta da frente e eu já estava me afastando.

— Aonde você está indo? — Perguntou.

— Tenho que fazer uma coisa — falei rapidamente e ele olhou para mim.

— O quê?

— Uma coisa! — Exclamei, ficando desesperada. Estava perdendo tempo.

Ele me deu um olhar avaliador, em seguida, me disse algo que eu já sabia.

— Depressa, amor, você não tem muito tempo.

Acenei, concordando, me ergui na ponta dos pés, envolvi meus braços em torno do pescoço dele, o puxei até mim e encostei meus lábios nos dele.

— Já volto — sussurrei, o soltei e comecei a correr para a cozinha.

Os fogos de artifício começariam a qualquer momento e Tor e eu íamos vê-los da nossa varanda, uma varanda que se projetava muito mais do que qualquer uma das outras e uma varanda, aliás, que qualquer pessoa, de qualquer lugar na vila e sobre o mar, podia ver.

Isso me encheu de medo, estar em um lugar onde todos pudessem me ver com o Tor (e estariam observando). Mas tinha que admitir que o dia tinha sido realmente fantástico.

Boris estava certo. Bellebryn sabia dar uma festa. As ruas estavam cheias de música. As lojas e as casas foram decoradas com

guirlandas de flores coloridas e bandeiras. Estandes com fantoches foram montados, exibindo shows gratuitos. Crianças corriam pelo lugar, com os rostos decorados com pintura facial e agitando flâmulas vibrantes atrás delas. Havia dançarinas de dança do ventre, encantadores de serpentes e homens que engolem fogo se apresentando em troca de moedas, os quais pareciam, por causa da sua aparência, terem vindo de terras distantes. O ar estava carregado com aromas divergentes porque havia barracas que vendiam de tudo, desde nozes torradas revestidas com mel, até salsichas em varas, grandes panelas fumegantes cheias de paella e pirulitos circulares extravagantes.

Em torno de cada esquina da rua de paralelepípedos (e, como era seu dever durante a enorme festa de rua feita em sua honra, Tor passeou para baixo e para cima (e para baixo e para cima novamente) pela rua, sua mão segurando a minha, ou o seu braço em volta dos meus ombros ou cintura), pessoas estavam dançando, balançando em volta e até mesmo eu tinha sido arrastada para a brincadeira. Embora não conhecesse os passos, fiz o melhor que pude, ri de mim mesma porque, tinha que admitir, era meio divertido e fingi que os olhares alegres lançados na minha direção eram reais.

Foi fabuloso.

Teria sido magnífico se eu pudesse ter realmente aproveitado e acreditado que o povo do Tor me amava tanto quanto fingiam ou até mesmo uma pontinha do quanto, obviamente, o amavam.

E agora estava quase terminando, estava exausta e não tive tempo para apresentá-lo ao seu bolo. Os fogos eram o show final, encerrando as festividades à meia-noite. Tinha quinze minutos para lhe dar bolo ou ele não iria recebê-lo em seu aniversário.

E tinha que recebê-lo em seu aniversário.

Levantei a saia e corri para a cozinha, parando abruptamente diante do bolo (tinha encontrado todos os ingredientes na aldeia, incluindo o corante alimentício vermelho, graças a Deus).

Parecia magnífico e alguém tinha colocado pequenas velas azuis nele. Tinha falado com a Perdita, há vários dias, sobre velas de aniversário e ela me informou, parecendo confusa, mas divertida, que não faziam bolos de aniversário aqui, faziam tortas de aniversário e não colocavam velas, mas umas varetas que parecem fogos de artifício. Desisti das varetas com fogos de artifício e, embora algumas pessoas as usassem no meu mundo, fiquei desapontada. Queria dar ao Tor um pedaço do meu mundo, que incluía, tradicionalmente, velas.

E lá estavam elas. E, ao lado do bolo, havia um embrulho roxo com formato estranho.

— Sua graça. — Ouvi ao meu lado e pulei quando vi Perdita, assim como meia dúzia de cozinheiras e suas ajudantes, paradas atrás dela.

— Uh... oi, Perdita — respondi, sorri e inclinei a cabeça para as mulheres ao seu redor. — Eunice, Daphne, Sabina, Winnie, Pauline.

Recebi um punhado de sorrisos e murmúrios de “Vossa graça” em resposta.

Então olhei novamente para Perdita.

— Você encontrou as velas.

Conversei com Rocco, o artesão dos candelabros, e pedi a ele para fazer — me disse e eu pisquei.

— Você pediu para ele fazer? — Sussurrei.

— Parecia importante para você, sua graça — sussurrou em resposta e pisquei novamente, desta vez para afastar as lágrimas que brotavam nos meus olhos.

Sabia que estava fazendo isso pensando que ela estava evitando o meu e, como consequência, o desagrado do Tor, mas isso não me

tornou menos feliz por poder dar ao Tor um bolo de aniversário do meu mundo, de verdade, que era exatamente o que eu mais queria lhe dar. Estava tão feliz que corri para ela e lhe dei um grande abraço com um sonoro beijo estalado na bochecha.

Ainda segurando seus braços, me inclinei para trás e sussurrei:

— Obrigada.

Suas mãos puxaram as minhas dos braços dela, mas as manteve entre nós, onde lhes deu um forte aperto.

— O prazer é meu, sua graça — sussurrou em resposta.

Sorri para ela e, em seguida, sorri para as outras antes de correr de volta para o bolo, dizendo:

— E obrigada por me deixar usar a cozinha.

— Ficamos honradas em tê-la conosco — afirmou Eunice.

— Sim, foi divertido! — Sabina colocou e olhei para ela.

Foi divertido. Tinha fingido, também, enquanto estava assando o bolo e elas contavam piadas e faziam um esforço para me incluir na sua frivolidade, que era autêntico. Não tinha cozinhado nada desde que vim para este mundo, exceto regar o coelho, na primeira noite com o Tor. Esqueci o quanto gostava de cozinhar. Foi ainda melhor fazer isso para o Tor. E ainda melhor, fingir desfrutar em torno de pessoas que estavam fingindo gostar de mim. E, de uma maneira estranha, toda a coisa funcionou.

— Nós vamos ter que fazer isso de novo — disse Sabina, estendendo a mão para o bolo.

— Espere! — Daphne gritou e as mulheres correram para frente quando parei.

— Isto é para você — disse Pauline, pegando o pacote e o entregando para mim.

— Para mim? — Perguntei, pegando-o e estudando-o.

— Sim, para você — Winnie afirmou.

— Mas, não é meu aniversário, — disse para elas, movendo os olhos para o pacote na minha mão.

— Não, mas nós pensamos... — Sabina começou, então vacilou. Eunice deu sequência.

— Nós não fomos muito boas com você, quando você, humm... chegou.

— Basta abri-lo! — Exclamou Daphne, olhei para ela e vi que estava pulando na ponta dos pés com emoção.

— Ok — sussurrei preocupada e querendo saber o que o pacote continha, esperando que não fosse veneno.

Eu o abri e, quando o papel caiu, vi que segurava um belo frasco de vidro roxo na mão.

Seu perfume — afirmou Perdita e meu corpo estremeceu enquanto levantava a cabeça.

— Pedimos para a Josephina, a fabricante de perfume da cidade, para criar algo exclusivo para você — Pauline colocou.

— Sem gardênia. — Winnie sorriu.

Pisquei para elas. Então abri a rolha da garrafa, a levei até o nariz e cheirei.

O frasco não era requintado. O cheiro era. Sutil e fresco, quase praiano, mas com uma essência floral.

Era sublime.

Tão sublime, nenhum veneno podia exalar um cheiro parecido com esse.

Olhei para os rostos ao redor.

Elas... será que elas...? Elas gostavam de mim? Assim, de verdade?

— Vocês todas... gostam de mim? — Perguntei em voz baixa e recebi olhares confusos.

— Mas... é claro! — Exclamou Sabina.

— Você é tão doce — disse Daphne.

— E engraçada — acrescentou Eunice.

— E você salvou um pássaro selvagem — Pauline colocou.

— Você faz o nosso príncipe feliz — afirmou Perdita e meu olhar ficou preso no dela. — Extremamente — ela terminou.

Meu coração deu um pulo.

— Você acha? — Sussurrei.

— Sua graça, me desculpe, mas já levei um golpe daquela crosta de gelo e me permita dizer, se não estava feliz antes, o que estava — Winnie colocou, em seguida, sorriu descaradamente. — Quando provar isso, vai estar!

Caraca! Elas gostavam de mim!

— Deus, espero que sim — sussurrei e todas riram.

Sim! Gostavam de mim!

Então Perdita deu um pulo e ordenou:

— Você tem que ir. Não vai demorar muito para os fogos de artifício começarem.

— Oh, Deus! — Exclamei, entreguei o frasco para ela e murmurei — Vou voltar para pegar isso.

— Vamos levá-lo para os seus aposentos — Eunice ofereceu, pegando o bolo e o entregando para mim. — E vamos levar os outros para bem longe — disse, peguei o significado e meu sorriso tremeu enquanto minhas feições suavizavam, então ela gritou — Vá!

Perdita deslizou uma vara fina no meio dos meus dedos, sob o bolo, e disse:

— As velas estão acesas nos seus aposentos. Pode usar essa vara para acender as velas do bolo de modo que não vai pingar nenhuma cera em sua bela cobertura.

Olhei nos seus olhos com gratidão e demorei bastante tempo fazendo isso.

Então, sussurrei:

— Obrigada — e ela sorriu, e aquele sorriso iluminou todo o seu rosto.

Todo. Até mesmo os seus olhos.

Não era falso.

Ela gostava de mim! Todas elas gostavam. Uhuuuu!

Sorri para todas elas e, em seguida, corri para fora da sala, equilibrando o bolo enquanto acalentava pensamentos felizes que, talvez, apenas talvez, estava finalmente sendo realmente feliz neste mundo de conto de fadas.

Cerca de dez segundo depois, no entanto, estava xingando o quão longe nossos aposentos eram, porque (sério, era uma caminhada) quando entrei lá, descobri as velas acesas em todo o quarto, mas nada do Tor para ser encontrado.

Chequei todos os aposentos (a casa de banho dele, a minha casa de banho, seu quarto de vestir, o meu quarto de vestir, sua sala de estar, você entendeu a cena) e ele não estava em nenhum lugar.

Merda!

Devia ir procurar em outro lugar?

Estava parada ao lado da cama e tentei pensar aonde podia ir e me lembrei que a varanda do seu estúdio dava para a cidade propriamente dita, e não para o mar, como a dos nossos quartos. Talvez devesse ir até lá.

Segurando o bolo cuidadosamente, segurei as saias com uma mão e corri para o seu estúdio o mais rápido que pude, sem deixar o bolo cair.

Quando cheguei lá, as portas duplas estavam quase completamente fechadas, uma dela aberta apenas um centímetro. Me virei e apoiei o quadril nela para abri-la (tinha que acender as velas

mais tarde, tanto esforço para a minha grande revelação, mas não tinha tempo) e parei quando ouvi a voz do Algernon.

— Peço desculpas por chamá-lo a esta hora, mas com o desempenho dela hoje... — fez uma pausa. — Bem, como você sabe, os homens estão falando. Ela não está sendo ela mesma. Ser tão diferente dela mesma, isso é estranho.

E a resposta do Tor fez todo o meu corpo enrijecer.

— Ela diz que é de um mundo diferente.

Uh... O quê?

Eu disse que era de um mundo diferente? Ele não acreditava em mim?

Pensei que havia começado a acreditar em mim.

Ouvi uma exclamação de surpresa e a risada do Algernon, antes de perguntar:

— Um outro mundo?

— Sim. Um mundo diferente — Tor respondeu. — Deuses, é inacreditável. Ela vive isso e respira isso. Até criou palavras para continuar com isso. Me conta histórias extraordinárias de arquitetura e fantásticos aparelhos de faz de conta que têm em seu mundo. — Fez uma pausa e meu cérebro atordoado o imaginou balançando a bela cabeça em desgosto, ao mesmo tempo que vagamente recordava as muitas noites durante o jantar ou quando estávamos na cama, quando eu lhe contava histórias do meu mundo e todas as coisas que existiam nele, quando continuou.

— Devo admitir, é impressionante quão inteligente ela é, com sua mente afiada. É incrivelmente imaginativa e nunca se esquece de uma palavra sobre ele. Tem que continuar inventando à medida que prossegue, mas cada mentira que diz, se lembra dela e a usa novamente.

Cada mentira que eu dizia?

— Que estranho — murmurou Algernon.

— É notável — disse Tor com o que, se eu não estivesse prestes a derreter em uma poça de desgosto, teria notado que era, claramente, respeito.

— Então, ela está jogando com você?

— De fato — Tor respondeu. — Eu lhe dei permissão para fazer isso e, claramente, ela me sobrepujou na oferta.

Dei um passo para longe da porta, a fim de me apoiar contra a parede para que os meus joelhos trêmulos não dobrassem.

Ele pensava que estava jogando com ele. Ele pensava que estava jogando ele!

Semanas nisso! Quase dois meses nisso! Ele pensava que estava jogando com ele!

— Você deu sua permissão? — Algernon parecia chocado.

— Certamente. Estou vivendo uma mentira, mas viver a mentira dessa Cora é muito melhor do que viver com a velha Cora.

— Não o deixa bravo? — Perguntou Algernon.

— Deuses, não — respondeu Tor. — Ela vem com seu corpo doce, aquela boca encantadora, a língua hábil e a possibilidade de já estar carregando o meu herdeiro.

Caraca!

— Então você está ganhando alguma coisa com isso — afirmou Algernon.

— Toda noite — Tor respondeu e senti uma dor aguda no estômago, como se tivesse levado um soco. — E se a minha esposa vive e respira seus enganos com imaginação exuberante fora da cama, você pode bem imaginar os favores que ela me dá em troca disto.

Algernon riu, uma risada baixa e viril. Fechei os olhos. Lentamente.

Ele pensava que eu era a Cora deste mundo. Ele não acreditava que eu era eu.

Estava me apaixonando por ele...

Merda do caralho, eu já tinha me apaixonado por ele.

E ele estava me usando. Me usando!

Me usando para obter seu herdeiro.

Estava tentando me engravidar e se divertindo fazendo isso.

E eu estava permitindo.

E me divertindo fazendo isso também. Mas eu o amava.

E ele não me amava.

Ele nem mesmo gostava de mim. Estava jogando comigo!

Por que, por que, por que os caras tinham que ser idiotas no meu mundo e no mundo de conto de fadas? Por quê?

— Muito bem, senhor — afirmou Algernon enquanto me decidia, desencostava da parede e, em seguida, caminhava direto para o estúdio.

Os dois homens levantaram quando o fiz, suas cabeças virando na minha direção.

Mas eu só tinha olhos para o Tor, enquanto olhava para mim, atravessando a sala carregando o bolo gelado e cremoso com suas velas azuis de aniversário, que eu queria tanto e trabalhei tão duro para conseguir para ele (sério, as cozinhas no seu castelo eram aconchegantes e alegres, mas os utensílios e os eletrodomésticos estavam tão longe de serem uma KitchenAid^[7], que não era engraçado).

— Feliz aniversário — sussurrei e até mesmo eu ouvi a dor na minha voz.

Quando Tor ouviu, o vi recuar e o recuo foi tão óbvio que não tive nenhuma esperança de tê-la escondido.

Ele soube que o ouvi. Bom.

— Cora — começou.

— No meu mundo — o interrompi e movi os meus, com o que tinha certeza de ser, olhos com farpas para Algernon — nós não servimos tortas de aniversário com velas de fogos de artifício de aniversário, como a Perdita me disse que vocês fazem aqui. No meu mundo — olhei novamente para o Tor, que estava paralisado e me observando parar diante da sua mesa e deixar o bolo sobre ela — nós servimos bolo de aniversário com velas de aniversário.

Encostei a vara em uma vela sobre a mesa, a acendi e comecei a acender as velas de aniversário enquanto prosseguia com a explicação.

— Então, para o seu aniversário, pois não tenho dinheiro, mas queria fazer algo especial, decidi lhe dar algo que fosse especial para mim, um pedaço do meu mundo, tipo, literalmente. Percorri a cidade para encontrar todos os ingredientes certos e Perdita pediu ao artesão de candelabros para fazer velas especiais. Então, está aqui. — Fiz um gesto para o bolo com um movimento da vara. — O bolo de aniversário do meu mundo.

Meus olhos foram até os dele.

— Meu presente de aniversário para você. E, agora, o que você tem a fazer é pensar em um desejo, soprar as velas e seu desejo supostamente se tornará realidade.

Felizmente, havia apenas dez velas (acho que não me expliquei muito bem para a Perdita). Tinha terminado de acendê-las, então apaguei a vara e a coloquei sobre a mesa.

— Cora — Tor falou novamente, começando a se mover na minha direção.

— Não! — Gritei, levantando uma mão, e ele parou.

— Eu só... — Algernon começou, minha cabeça virou para ele e abaixei a mão.

— Por favor, não vá, você deve comer um pouco de bolo — sussurrei, seus olhos se moveram para o Tor, mas ele não se mexeu.

Olhei novamente para o Tor.

— Você precisa fazer seu desejo. — Disse a ele. — Então, soprar as velas.

— Doçura — começou, meus olhos se fecharam e aquela lágrima no meu coração não se dividiu, ela rasgou delicada e mais profundamente.

Ela cortou através do meu coração, rasgando-o em dois.

Abri os olhos, encarei os belos olhos azuis, jogadores e fraudulentos do Tor e senti os meus se encherem de lágrimas.

— Faça o seu desejo — sussurrei.

— Cora...

Uma lágrima transbordou e deslizou pela minha bochecha.

— Faça o seu desejo, querido.

Vi seus olhos seguirem a trilha da minha única lágrima, então vieram até os meus, depois ele veio até mim. Me virei, segurei minhas saias e corri.

— Cora! — Gritou quando corri para fora da porta e pelo corredor.

— Cora! Deuses, caramba, pare!

Estava bem atrás de mim. Merda!

Era uma merda que ele fosse tão alto e suas pernas tão malditamente grandes.

A escada estava à vista, sinuosa, que contornava a parede circular do salão circular gigantesco que levava às portas da frente. Um salão com piso em mármore preto, brilhante, com listras em prata e azul. Um salão que poderia abrigar pelo menos uma centena de corpos girando durante uma valsa.

Um salão de conto de fadas em um hediondo e sombrio conto de fadas.

Não consegui chegar à escada, entretanto. Fui pega pelo braço e puxada para trás.

— Tire a mão de mim! — Gritei.

— Cora, acalme-se — Tor ordenou suavemente.

Parei e inclinei o rosto para olhar para ele.

— Foda-se! Foda-se a calma! Estou indo procurar um feiticeiro, agora! E não tente me deter, caralho!

— Cora, deuses, acalme-se, porra! — Ele gritou em resposta e isso me irritou, o fato de usar algumas das gírias do meu idioma, do meu mundo, que ele nem sequer acreditava que existia, para o qual eu queria voltar e do qual não queria que ele fizesse parte.

— Tire a mão de mim! — Gritei novamente, tentando me afastar, mas falhei, quando ele me soltou e seus braços se fecharam em torno de mim.

— Ouça-me — ordenou.

— Não! De jeito nenhum! Você não é um idiota. Você é um babaca! É um jogador! Eu odeio você, porra! Realmente é uma merda porque, cerca de dez minutos atrás, porra, eu amava você mais do que qualquer coisa neste, e no meu, mundo inteiro!

Seu corpo enrijeceu, aproveitei, escapei dos seus braços, me virei imediatamente e comecei a correr.

— Cora! — Gritou quando atingi o topo da escadaria e olhei para trás, por cima do ombro.

— Não chegue perto de mim! — Gritei, começando a descer correndo os degraus.

— Cora! Deuses! Porque você...!

Foi quando aconteceu.

Tropecei.

Estúpida, estúpida, tão estúpida, descer correndo, em um péssimo estado emocional, um lance de escadas. E fui rolando, batendo, pulando e rodopiando, descendo um conjunto de degraus

feitos em mármore preto, listrados de prata e azul, do castelo de contos de fadas.

Aterrissei de bunda, sentindo dor em cada centímetro do meu corpo, mas mais especialmente na minha cabeça, que bateu violentamente contra uma série de degraus na descida.

Caraca.

Senti o Tor agachar ao meu lado e com cuidado e carinho (o babaca) levantou meu torso nos seus braços, aninhando minha cabeça neles.

— Querida — ele sussurrou, abri os olhos e olhei para os malditos e incrivelmente belos olhos e foi quando a minha visão começou a desvanecer.

— Eu amava você — sussurrei.

— Cora — sussurrou também.

— Sei que não acredita em mim, nunca vai acreditar em mim, mas é verdade. Eu te amava.

— Pare de falar — murmurou.

A escuridão começou a se espalhar, assumir o controle.

Estava vindo rápido. Eu estava perdendo a luta.

— Neste mundo — continuei a sussurrar — você era a única coisa que eu tinha. A única coisa que eu precisava.

— Deuses — ele murmurou, a palavra parecendo arrancada de alguma parte profunda dele.

E isso foi tudo que ouvi antes de tudo mergulhar na escuridão.

Capítulo 17

Até Você

Senti a luz fraca atingir meus olhos, os abri e vi minha fronha verde clara. Pisquei, mas quando meus olhos tornaram a se abrir, lá estava ela. A minha fronha verde clara.

Minha fronha.

Da minha cama.

No meu mundo.

Me sentei com um pulo e quase desmaiei, minha cabeça estava tão tonta. Levei a mão até cabeça e fechei os olhos com força, até que a tontura fosse embora. Então os mantive fechados pensando, bem, acho que tudo que eu tinha que fazer para me trazer de volta para o meu mundo era ter um ferimento na cabeça... bom saber.

Então, lentamente, os abri e olhei em volta. Então, meu queixo caiu.

Meu quarto, parecia que um furacão tinha passado por ele. Havia roupas, sapatos e acessórios por todos os lugares. Avistei algumas sacolas brilhantes, apertei os olhos, me inclinei e meu coração veio até a minha garganta.

Ok, bem, lá estava. A Cora do mundo do Tor tinha vindo para cá, não tinha limpado nada em dois meses e, aparentemente, de alguma forma, conseguiu fazer compras em lojas de departamento exclusivas.

Caí para trás nos travesseiros, sussurrando.

— Merda.

Então senti o colchão debaixo de mim. Sempre gostei do meu colchão. Era firme e confortável. Esse era firme, não era fino e macio

como o do Tor.

Tor.

Meu nariz começou a doer, pulsando, e respirei fundo através dele.

Nada mais de Tor, que disse a mim mesma ser bom. Nada mais de Aggie, o que não era bom. Nada mais de Salem, também não é bom, ou Clarabelle (idem) e, claro, todas as meninas da cozinha que tinha acabado de descobrir que gostavam de mim.

Nada mais de contos de fadas.

Uma lágrima solitária deslizou pela lateral do meu olho, pela minha fronte e se misturou ao meu cabelo.

— Bom — sussurrei, mas não foi um sussurro convincente.

Era uma mentira total.

Agora eu estava em casa, o coração partido, depois de ter jogado com o mestre, o sombrio Príncipe Nocturno de todo um outro mundo e estava claro, apenas olhando para o meu quarto, que tinha uma grande bagunça para limpar, deixada pela outra Cora.

Em primeiro lugar, precisava colocar uma compressa fria para a minha cabeça.

Depois iria lidar com a bagunça que a Cora fez na minha casa e, provavelmente, na minha vida.

Saí com cuidado da cama, assim como cautelosamente atravessei a sala. Vacilei diante das luzes brilhantes do banheiro quando as acendi. Então estremei quando vi o estado do banheiro (toalhas sujas, maquiagem e outras coisas de cabelo em todos os lugares). Então olhei para o banheiro amarelo mostarda que, obviamente, não havia sido lavado em dois meses, mas, mesmo que estivesse brilhando de limpo, ainda pareceria uma merda.

— Bom, estou em casa — murmurei, fiz o que precisava, vasculhei as coisas no longo balcão do banheiro (Cora, eu vi, também

tinha espalhado alguns produtos para o rosto e maquiagem, muito caros). Achei o sabão para o rosto, o lavei, abri uma nova escova de dentes e os escovei. Peguei três aspirinas e as engoli, colocando a mão debaixo da torneira para pegar água. Então molhei o único pano limpo que consegui encontrar no armário do banheiro com água fria, o torci, dobrei e caminhei de volta para o meu quarto para me deitar, pensando em um rápido descanso, meus pais primeiro (se não fui deserdada), amigos em segundo (se ainda estivessem falando comigo), e por último, o trabalho (se ainda tivesse um trabalho).

Me movi até a beira da cama, algo chamou a minha atenção, olhei para cima e parei.

Tor estava ali.

Tor, usando um *jeans* desbotado (que parecia realmente incrível nele) e uma camiseta de mangas compridas azul marinho (que também parecia realmente incrível nele).

Seus pés estavam descalços, seu cabelo bagunçado e seus olhos estavam em mim.

— O que...? — Comecei a sussurrar.

— O que está fazendo fora da cama? — Tor exigiu saber em seu tom de voz imperioso e profundo, e eu pisquei.

Isto foi um erro, pois no nano segundo que meus olhos estavam fechados, ele me alcançou (verdade seja dita, meu quarto não era tão grande) me tinha nos seus braços, em seguida, me levou até a cama e gentilmente me colocou nela. Então, puxou as cobertas sobre mim. Então pegou a toalha da minha mão, a observou por um segundo, se sentou na cama ao meu lado e a colocou na minha testa.

Olhei para ele e sussurrei:

— Quem é você? Ele olhou para mim. — Sou seu marido.

Meu Deus! Será que a Cora do outro mundo encontrou o Tor deste mundo e se casou em dois meses?

Caraca!

— Você é meu marido?

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto, antes de dizer:

— Sim, amor, sou o seu marido.

Oh, não. Oh, Deus. Oh, não.

Eu não podia estar no meu mundo, com o Tor do meu mundo, enquanto me lembrava de quão tola e estúpida eu tinha sido sobre o Tor do mundo de conto de fadas!

Isso seria péssimo!

Como poderia esta situação, já ruim, ficar muito pior? O que fiz para merecer tal carma de merda?

— Será que nós, humm... tipo, casamos em Vegas ou algo assim? — Perguntei e suas sobrancelhas se juntaram.

— Não, Cora, na verdade, nós não somos casados, algo que vou corrigir no minuto em que voltarmos pra casa.

Oh, Jesus.

— Voltar para casa? — Sussurrei.

— Para o nosso mundo.

Oh, Jesus!

— O nosso mundo? — Perguntei timidamente.

— Meu mundo, que vai ser o seu mundo, caralho, assim que eu descobrir como, diabos, saio deste lugar triste e sujo.

Caraca! Tor voltou comigo!

Me levantei e pulei da cama, atropelando as roupas e os sapatos no chão, a cabeça girando, mas a ignorei, rezando para não desmaiar.

Claro, não cheguei até a porta. Fui segura por um braço na minha cintura e puxada contra um corpo rígido. Lutei, o outro braço do Tor envolveu os meus ombros, me enjaulando, e sua boca foi até o meu ouvido.

— Se acalme — ele disse baixinho.

— Me solte! — Gritei.

— Acalme-se, meu amor.

— Me... solte! — Gritei, ainda lutando.

Ele me soltou, mas apenas para colocar as mãos nos meus quadris, me virar e dar um passo para mim, de forma que eu não tinha outra escolha a não ser recuar, até que bati na parede e, em seguida, seu corpo me cercou.

Inclinei a cabeça para trás, para gritar na cara dele, mas sua voz suave chegou antes de mim.

— Você sofreu um ferimento na cabeça, sem mencionar uma variedade de hematomas e inchaços. Precisa descansar.

— E você precisa recuar.

— Cora, vou recuar quando você prometer se deitar, não ficar agitada e descansar.

— Como chegou até aqui? — Rebatí.

— Não faço a mínima ideia.

— O que aconteceu? — Perguntei, forçando as mãos entre os nossos corpos e empurrando o seu peito, sem sucesso, então desisti e continuei. — A última coisa que me lembro é de perder a consciência.

Ele assentiu.

— Sim. Eu te peguei, te carreguei no colo até os nossos aposentos. Perdita e as mulheres da cozinha vieram atrás; elas nos ouviram discutindo e viram a sua queda. Algernon estava lá, também, e o mandei buscar o meu médico. Uma das mulheres pegou gelo para colocar no galo em sua cabeça. Eu estava segurando você em meus braços e o gelo na sua cabeça quando Algernon e meu médico chegaram. A próxima coisa que vi, foi o seu corpo inteiro cercado por uma névoa azul, cercou o meu junto com o seu e, em seguida, estávamos nessa — sua cabeça deu um pequeno aceno para trás — cama.

Olhei para ele.

— Uma névoa azul?

— Uma névoa azul.

— Que névoa azul? — Perguntei.

— Não faço a mínima ideia. Nunca vi nada parecido.

— Nunca?

— Nunca.

— Então, não desaparecemos quando desmaiei?

— Não.

Estranho.

Abaixei a cabeça, olhei para mim e vi que estava vestindo a camisola de algodão de cinza carvão, com uma faixa rosa desbotada na parte superior, que estava vestindo na última noite que fui dormir no meu mundo. Então olhei para ele.

— Onde você conseguiu a sua roupa? Despertou com elas?

— Não — deu outro aceno com a cabeça e vi as roupas do seu mundo, inclusive as botas, jogadas em um canto. — Estavam no seu guarda-roupa que, querida, é incrivelmente pequeno.

Roupas que cabiam perfeitamente nele estavam no meu armário? Oh, Deus. Não achava que isso era bom.

— Assim como toda a sua habitação — ele continuou. — Também está imunda. Você limpou uma caverna. Como, diabos, você vive assim?

— Bem, Tor, não tenho vivido na minha habitação há dois meses, agora, não é? — Perguntei, irritada, então exigi — Afaste-se.

— Cora.

Dei outro empurrão com as mãos, fazendo-o com tanta força que minha cabeça doeu (e os meus, percebi tardiamente, músculos doloridos), mas ele recuou um centímetro. Então avançou imediatamente.

— Não até que você prometa que vai se acalmar e descansar.

— Prometo me acalmar e descansar se você ficar longe de mim, porra! — Gritei.

Sua cabeça se inclinou e seu queixo caiu, enquanto seus olhos se fechavam lentamente e, por Deus, ele parecia estar sofrendo.

Isso provou ser verdade quando abriu os olhos e encarou os meus.

Sim, estava sofrendo. Muito mesmo. Ai.

Cara, é foda eu poder odiá-lo, ver a sua dor e sofrer por ele.

Em seguida, colocou a mão no meu pescoço e eu não tinha para onde ir, então não pude me afastar.

— Por favor, me escute — disse em voz baixa.

— Tudo bem — rebati. — Acabe logo com isso para que eu possa ir para a cama e deixar a aspirina trabalhar.

— O quê?

— Não importa. Apenas diga o que tem para dizer.

Sua mandíbula se contraiu, em seguida, seu polegar começou a acariciar o lado do meu pescoço. Foi quando a minha mandíbula se contraiu e olhei para ele.

— É normal, neste mundo, esta... viagem entre os mundos? — Perguntou.

— Não — vociferei.

— Você conhece alguém que já fez isso?

— Não — repeti rapidamente.

— Ninguém?

— Não — respondi. — Vá direto ao ponto.

— Nem eu — disse ele em voz baixa — até você.

Oh, merda. Vi onde ele queria chegar e isso era uma merda.

Quando ele não disse mais nada, solicitei:

— É tudo?

— Meu amor — seu polegar se moveu para acariciar meu queixo enquanto seu rosto ficou ainda mais perto — era surreal o que você falava. Tem que concordar.

— Não, não tenho — neguei.

— Ponha-se no meu lugar — insistiu.

— Sim, bem, com certeza, por uma hora, talvez um dia, vou lhe dar uma semana — disse sarcasticamente. — Posso me colocar no seu lugar e, talvez, a Cora do seu mundo pudesse fazer algo assim por esse período de tempo. Vou te conceder isso.

— Minha querida...

— Mas ficamos dois meses juntos. Vi o dano que ela causou na sua equipe e na totalidade de Bellebryn. Sei que ela era idiota o suficiente para rejeitar o seu amor. Posso olhar em torno da minha casa e ver do que ela é capaz. Mas você não pode me dizer que ela é capaz de levar este tipo de fraude por tanto tempo. Quando cheguei, tudo sobre ela tinha mudado, acho. Tudo. Até mesmo a maneira como ela dormia. E você não pode me dizer que cobriu meu corpo com o seu, se moveu dentro de mim, olhou nos meus olhos enquanto me fodia e não sabia a maldita diferença.

Merda. Agora eu estava usando seus palavrões.

Mas funcionou. Tive sucesso. Vi o flash da dor atravessar seus olhos.

— Eu queria acreditar — começou.

— Bem, você não acreditou. Fiz um maldito bolo, porque era a única coisa que tinha para lhe dar no seu aniversário, queria dar a você uma parte de mim, me aproximei do seu estúdio e ouvi...

— Não — cortou laconicamente.

— Sim, você sabe o que eu ouvi — sussurrei.

Sua mão deslizou até a minha mandíbula, a outra mão se juntando, do outro lado.

— Tire as mãos de mim. — Eu ainda estava sussurrando.

Ele não tirou. Encostou a testa na minha e começou a falar.

— Pense nisso, amor, por favor — insistiu em voz baixa.

— Pensar sobre o quê? Como, enquanto eu estava me apaixonando por você, você estava brincando comigo?

— Você me ama — falou.

— Não amo mais — respondi e vi seus olhos sorridentes.

— Você não pode deixar de amar, simplesmente assim.

— Confie em mim, Tor, você pode.

Ele ergueu a testa da minha e deslizou o polegar pelos meus lábios. Tentei afastar o meu rosto, mas seus dedos simplesmente me seguraram com mais força.

— Não pode. Eu sei. Me apaixonei por ela e não é assim tão fácil. Sei disso porque tentei.

— Bem, eu não sou você — vociferei.

— Não, graças aos deuses, não é. — E seus olhos estavam sorrindo enquanto seus lábios se curvavam.

Olhei para o teto, em seguida, de volta para ele.

— Você vai me soltar? — Exigi, impaciente.

— Sim, vou, em um momento.

— Agora!

— Um momento, Cora — declarou com firmeza e olhei para ele, que continuou. — Vou deixar você descansar, precisa de algum tempo longe de mim. Vou dar isso a você.

Verdade? Como é que ele ia fazer isso? Aonde estava indo?

Oh, Deus, ele provavelmente ia entrar na frente de um carro ou...

— Mas vou deixar você com isso — interrompeu meus pensamentos. — Se você tem uma gêmea no meu mundo, então é seguro assumir que há um homem neste mundo que se parece comigo. E se ele estava na sua vida, se você se apaixonou por ele no instante

em que o viu, se estivesse convencida por uma profecia escrita no céu que ele carregava metade da sua alma, assim como toda profecia que veio geração após geração foi concretizada, por tanto tempo quanto qualquer um pudesse se lembrar... e então ele esmagasse seu coração... então fui trazido a este mundo e eu era charmoso, divertido, seduzindo-a a cada virada da minha cabeça, cada olhar, cada sorriso, cada movimento que eu fizesse, contando histórias fantásticas sobre como eu vim de outro mundo, o que pensaria? O que faria?

— Eu não o seduzi. — Exclamei.

— Cora, amor, — sussurrou — você está me seduzindo agora.

Isso me calou e isso fez meu coração apertar.

— Pense sobre isso — disse em voz baixa, em seguida, me soltou e deu um passo em direção à porta.

Eu o observei e soube que não conseguiria vê-lo partir.

Dane-se tudo para o inferno!

Me virei e chamei por ele (na verdade, não tinha escolha).

— Aonde você está indo?

Ele parou na porta e olhou para mim.

— Vou sair.

— Vai aonde?

— Onde quer que meus pés me levem. Merda!

Me virei completamente para ele e cruzei os braços sobre o peito.

— Tor, você não pode sair no meu mundo sem mim. As coisas são diferentes aqui. Bastante diferentes. Você pode se... machucar, ou algo assim.

Sua boca se curvou.

— Preocupada?

— Não! — Rebatí. — Só descobri que você está destinado a ir para casa em breve e não quero privar Bellebryn do seu governante.

— Certo — murmurou e começou a se virar. — Vou voltar.

— Tor! — Gritei, dei um passo para ele, ele parou e olhou para mim.

— Dê mais um passo para longe da cama, Cora, e vou ter que usar a criatividade para encontrar maneiras de mantê-la na mesma e fazê-la descansar.

Dei um passo para trás e olhei para ele.

— Não se preocupe comigo, amor. Vou ficar bem. Descanse, estarei de volta em breve.

Em seguida, foi até a cômoda, abriu uma gaveta, pegou um par de meias, em seguida, colocou um par de botas no chão, antes de desaparecer.

Fiquei olhando por onde ele saiu, voltei para a cama e caí sobre ela.

Então olhei para o teto e murmurei:

— Merda.

Capítulo 18

Graças A Deus Você Está Em Casa

Estava caminhando pela sala de estar e surtando. Tor tinha que voltar para casa e tinha que voltar logo. Havia duas razões para isso.

Primeira, a noite havia caído o que queria dizer que passou todo o dia fora, tinha chovido ou garoadado durante todo o dia e, tinha que admitir (droga e maldição!), que estava preocupada com ele.

Segunda, tinha um forte pressentimento que a Cora do mundo dele estava metida em alguma merda das grandes.

Mais cedo, depois que ele saiu, me deitei e, quando a aspirina não fez efeito, decidi atravessar o meu (imundo, o Tor estava certo, havia embalagens usadas de comida para viagem, pratos sujos e outros detritos em todos os lugares) apartamento até a cozinha, esperando fazer café. No entanto, não encontrei nenhum café e nem muito mais, exceto leite azedo em uma caixa que tinha certeza de que eu tinha deixado para trás.

Despejei o leite na pia, joguei a caixa fora, peguei um pouco de água gelada, tomei alguns ibuprofenos e tentei descansar novamente. Mas não consegui descansar, porque a minha casa estava imunda.

Então comecei a limpeza, lavando um pouco de roupa, trocando os lençóis, pegando as toalhas encharcadas, guardando minhas roupas e a maquiagem e as roupas caras da outra Cora, sem mencionar, arrumar as lustrosas sacolas de lojas que ainda detinham recibos, e só de ver quanto dinheiro a Cora tinha gasto, quase tive um ataque do coração.

Onde ela conseguiu tanto dinheiro?

Encontrei minha bolsa e haviam vinte dólares nela que, se me lembro corretamente, foi o quanto que deixei nela. Fui até o meu computador e entrei na minha conta bancária. Todo o meu dinheiro ainda estava lá. Verifiquei os extratos de cartão de crédito on-line, todos os saldos estavam zerados, como os deixei, pagando-os mensalmente.

Que diabos?

Voltei para a limpeza e quando me abaixei para arrumar as caixas de DVD espalhadas no rack da televisão, me perguntando por que tirou o que parecia ser cada DVD que eu tinha (ela devia realmente gostar de filmes... pensei), e o encontrei.

Dinheiro. Pilhas e pilhas de dinheiro. E não estávamos falando de notas de cinco ou dez, aqui. Não estávamos nem mesmo falando de notas de vinte. Eram todas de cinquenta e cem.

Caraca!

Olhei para ele, em seguida, caí de bunda, fechei as portas e olhei para o rack um pouco mais. Então voltei para a limpeza, mas, agora, porque estava nervosa, agitada e tentando não entrar em pânico, e esperava que pudesse me concentrar na limpeza e não ficar obcecada sobre todas as maneiras pelas quais Cora conseguiu obter todo esse dinheiro, todas as maneiras nas quais pensei vinham com problemas para ela e agora... para mim.

Mas não conseguia parar de pensar nisso. Como conseguiu tanto dinheiro?

E de quem eram as roupas masculinas no meu armário e, devo acrescentar, gavetas? Havia *jeans*, camisetas, ternos, camisas, sapatos, botas, cuecas, trajes inteiros. Não era muito, mas o suficiente para causar problemas.

Alguma coisa estava errada e não queria estar em casa sozinha, sem o Tor, quando aquela alguma coisa entrasse no meu apartamento.

Só esperava que quem ele fosse, tivesse partido com ela quando voltou, como o Tor veio comigo.

Terminei de arrumar, lavar, limpar e aspirar, e quando terminei, tomei um banho, passei a minha loção, sequei o cabelo com o secador e coloquei um *jeans* e uma camiseta da Universidade de *Puget Sound*.

As roupas do mundo do Tor eram demais, mas tinha que admitir, me sentia bem em um *jeans*.

Então me acomodei com o celular. Prioridades.

Meus pais.

— Querida! — Minha mãe exclamou quando ouviu minha voz e fiquei aliviada por não ter sido deserdada. Também estava à beira das lágrimas só de ouvir a sua voz.

Eu amava a minha mãe.

— Meu Deus, onde você esteve? Nas últimas três vezes que falei com você, você disse que estava com pressa e tinha que ir, e me ligaria de volta. Por que não me ligou?

Humm...

— E quem era aquele homem com voz sexy que atendeu o telefone, às onze e meia da noite, posso acrescentar?

Oh, céus.

— Bem — comecei.

— Droga, agora eu estou atrasada — mamãe me interrompeu. — Seu pai está tendo problemas com o carro e está preso na ponte. Você sabe, ele não vai se livrar daquele maldito *Vo/vo*. Continuo dizendo a ele que está acabado. Tem que se desfazer dele. Já o tem há dezesseis anos! Continuo dizendo que pode comprar um híbrido, eles são bons para o ambiente ou, pelo menos, não tão ruins quanto os outros carros. Quero dizer, ele quer ser enterrado nesse *Vo/vo*, pelo amor de Deus?

Papai e o seu *Vo/vo*. Por que discutir isso, novamente (já discutimos isso, tipo, setecentas mil vezes. Mamãe odeia aquele *Vo/vo*

até a morte), também me faz querer chorar?

— Então, agora, tenho que cair fora, mas você vai vir jantar — ela continuou. — E vai fazer isso amanhã à noite. Não me importa se tem outro compromisso. E vai trazer o Sr. Voz Sexy com você. Conheço a minha menina e ele é o motivo pelo qual não temos notícias de você. Estou tão satisfeita que se livrou do Brian. Sabe, seu pai e eu sempre achamos que ele era um meio idiota. Por outro lado, qualquer homem que não conseguir conquistar a minha linda, doce e engraçada menina, é um idiota.

Oh, Deus, eu ia chorar, definitivamente.

— Além disso — continuou ela — há o fato do pequeno Brian votar no Bush.

— Mamãe...

— Tenho que ir! Nossa casa. Amanhã. Seis. Com o seu homem. Vejo você, então! Te amo, querida.

Em seguida, ela desligou.

Olhei para o celular, então apertei o botão de desligar. No instante em que o fiz, ele tocou na minha mão e eu pulei.

Me preparando (porque podia ser qualquer coisa), apertei o botão de atender e falei, hesitante.

— Alô?

— Esqueci de perguntar, querida, o seu homem não come algum tipo de comida? Quero dizer, é vegetariano ou algo assim? — Mamãe perguntou.

Tor matou dois coelhos para o nosso primeiro jantar juntos. O homem era tão não vegetariano que não era engraçado, ainda assim, comecei a rir. Provavelmente, histericamente.

Através do meu riso, falei:

— Humm, não, mãe. Ele definitivamente não é vegetariano.

— Oh, bem, qualquer outra coisa que ele não come?

Controlei o riso e comecei.

— Mãe, preciso explicar...

— Explique amanhã, enquanto saboreamos o vinho. Agora tenho que saber isso e ir até o seu pai. Existe algo que ele não come?

Merda.

— Acho que ele come de tudo, mãe.

— Ótimo! Vou me inspirar. Prometo. Até mais tarde! Então, novamente, ela desligou.

Desliguei o celular novamente.

Oh, merda, acabei de permitir que a minha mãe me intimasse e ao meu homem do outro mundo (que eu odiava) a ir jantar?

Merda!

Então, comecei a ligar para os meus amigos. Nenhum deles atendeu. Não achava que isso era um bom sinal.

Deixei uma hesitante mensagem de voz:

— Eu realmente preciso falar com você sobre uma coisa que aconteceu. — E esperei.

Depois disso, levei o lixo para fora, corri até a loja da esquina para obter alguns suprimentos e voltei só para ver o Tor parado na minha sala de estar vestindo um terno muito bem cortado e olhando em volta do apartamento recém-limpo.

O quê? Estava experimentando roupas? Ele se virou e me deu um sorriso enorme.

— Linda — grunhiu, caminhou direto para mim, me puxou para os seus braços e me deu um beijo molhado.

E soube imediatamente que não era o Tor, porque quem quer que diabos fosse este cara, seu beijo era estranho.

O que significava que meu corpo se transformou em pedra.

Ele levantou a cabeça e olhou para mim.

Sim, não era o Tor. Não tinha notado isso, mas ele não tinha nenhuma cicatriz.

— Ei, princesa, o que está acontecendo? — Seus olhos viajaram até o meu peito, em seguida, voltaram para o meu rosto. — E o que há com essa camiseta velha?

Caraca. Caraca. Caraca!

A Cora tinha encontrado o Tor deste mundo! Por quê? Como? Por quê?

— Humm... Tor? — Perguntei.

— O quê? — Perguntou ele em resposta.

— Tor? — Tentei de novo.

— Do que diabos você está falando, querida?

Oh, merda.

— Nocturno? — Tentei mais uma vez.

— Esse sou eu, Cory, Noc, o seu homem. Que porra é essa? Você está bem?

Ele chamou a si mesmo de Noc? Oh, Jesus.

— Uh...

— Checando, — me deu uma chacoalhada suave, seus olhos estudaram o meu rosto, alertas, como se estivesse procurando alguma coisa — imaginei que íamos sair hoje à noite?

— Sair?

— Para as mesas, querida. Sair. Mesas?

— Que mesas?

— Ele olhou para mim. Em seguida, aproximou o rosto. — Merda, querida, você não parece muito bem. O que aconteceu? Está com dor de cabeça ou algo assim?

Me apeguei a isso.

— Sim, na verdade, sim. Uma daquelas.

Ele olhou para a porta, em seguida, para baixo, para as minhas mãos que seguravam as sacolas plásticas, em seguida, de volta para mim.

— Então, o que estava fazendo lá fora? — Ele perguntou, me soltando, pegando as sacolas e as colocando na mesa da sala de jantar, dizendo — Se não se sente bem, não precisa sair. Chame o seu homem, que venho cuidar de você. — Se voltou para mim e seus braços me envolveram novamente enquanto terminava. — Esse é o lance.

Olhei para ele.

Uau. A fria e mal-intencionada Cora tinha esse cara na palma da mão.

Em dois meses.

E o Tor se apaixonou por ela à primeira vista. Como ela fazia isso?

— Cora, *baby*, alô? Está comigo? — Chamou.

— Estou, humm... com você. Ouça, de que mesas você estava falando?

Suas sobrancelhas se ergueram. Então deu uma resposta assustadora.

— Pôquer.

— Pôquer?

O dinheiro no rack da televisão. Oh, merda!

A Cora, ou esse cara, estava ganhando dinheiro, montes de dinheiro, jogando pôquer.

— Certo, sim, certo, mesas de pôquer. — Balancei a cabeça. — Desculpe, humm... estou meio confusa. Realmente bati minha cabeça hoje de manhã, quando me levantei, e agora estou me sentindo estranha.

— Merda, querida — murmurou, em seguida, seu rosto estava no meu pescoço — isso é o que acontece quando dorme sozinha. — Senti

seus lábios no meu pescoço e estremei (não como o Tor me fazia estremecer, um outro tipo de tremor), e ao mesmo tempo rezava para o Tor não entrar pela porta.

— Não, na verdade, isso é o que acontece quando... — Droga! O que eu diria? Então me lembrei da desculpa perfeita.

— Estou no meu período.

Sua cabeça se ergueu.

— O quê?

Estou no meu período.

Mas não estava. Na verdade, não menstruava desde... Meu corpo se transformou em pedra novamente.

Oh. Merda!

Querida, você teve o seu período na semana passada ele disse, desconfiado. Caraca!

Claramente, a Cora do outro mundo e eu não compartilhávamos os mesmos ciclos.

Ou, maldição, merda, talvez compartilhássemos.

— Humm... — murmurei e minha mente vagou, tentando lembrar quando tive minha última menstruação, mas sabendo que, quando quer que tenha sido, foi neste mundo, não no do Tor.

Oh, céus.

— O que está acontecendo? — Perguntou.

— Nada — falei rapidamente. — É só... o meu jeito. Eu sou, uh... irregular. Isso, humm... é foda.

— Foda?

— Sim, é foda.

Ele me estudou. Em seguida, observou:

— Cory, querida, nunca ouvi você usar essa palavra antes.

Oh, oh.

— Você a fala com propriedade — continuou e olhei para ele. Então sorriu e sua voz abaixou. — Por isso gosto de você. Pensei que você fosse uma puta arrogante, fria como gelo, mas comigo... — Abaixou a cabeça e sussurrou no meu ouvido — Gata selvagem.

Cora era uma gata selvagem com esse cara? Uau.

Tinha que me recompor e precisava jogar isso direito. Até descobrir o que estava acontecendo na minha vida e tirá-lo dela, seria assim.

E também precisava fazer um maldito teste de gravidez.

Imediatamente.

Passei a mão em volta do pescoço dele e sussurrei no seu ouvido:

— Eu sinto muito, humm... meu amor. Apenas, bem... não me sinto eu mesma.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim. Em seguida, levantou a mão e segurou o meu rosto.

— Posso lhe arranjar alguma coisa? — Perguntou.

Porra, esse cara era, tipo, legal. Como a Cora traçou ele, sendo que era uma vadia?

— Não, amor, só... preciso descansar.

— Tudo bem, vou passar aqui mais tarde e...

— Não! — Exclamei, suas sobrancelhas se ergueram e me apressei a falar. — Não, uh, meu querido, só... preciso de algum tempo sozinha. Não sou eu mesma. Não me sinto... eu. Pode me ligar mais tarde?

Seus olhos se estreitaram e informou:

— Esta é a segunda noite que você quer ficar sozinha. Querida, minhas roupas estão no seu armário. Sabe o que isso significa?

Ele mora na minha casa?

Ele, felizmente, prosseguiu.

— Estou feliz em lhe dar espaço, você precisa dele, eu tenho o meu próprio. Mas, se você está com problemas, precisamos lidar com eles. Me entende?

Ufa! Ele tinha o seu próprio espaço. Nem tudo estava perdido.

— Entendo. E não tenho quaisquer problemas. — Sim, certo. — É... humm, simplesmente não me sinto bem, Noc. Pode me dar algum tempo? Quando me sentir melhor, tudo vai ficar bem.

Muito improvável.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto. Em seguida, disse suavemente,

— Sim, querida, posso lhe dar algum tempo.

Droga, ele era doce.

— Obrigada — sussurrei.

— Você vai me ligar se precisar de alguma coisa?

Balancei a cabeça e sorri. Era quase tão bom quanto o Tor.

— Dê ao seu homem um beijo, sim?

Oh, Jesus.

Balancei a cabeça. Mordi o lábio, fiquei na ponta dos pés e lhe dei um beijo. Ele abriu a boca sobre a minha e me deu um mais profundo, mais úmido. Consegui retribuir, o que significava que, infelizmente, ganhei um mais profundo, mais úmido e mais quente, me fazendo pensar que não era estranho, era apenas diferente. Na minha opinião não tão bom como o do Tor, mas também não era ruim.

Seus lábios deixaram os meus e quando abri os olhos, eu o vi esconder, rapidamente, a surpresa nos dele.

Estranho. O que foi aquilo?

Então, depois de estudar o meu rosto por um segundo, beijou a minha testa.

Uau. Isso foi doce demais.

Então me olhou nos olhos.

— Te ligo mais tarde, querida.

— Ok — sussurrei. — Mais tarde, humm... amor.

Ele sorriu para mim, me deu um abraço, me soltou e saiu pela porta.

Desabei no sofá.

Depois que me recuperei da visita do Noc (ao mesmo tempo olhando para o rack da televisão como se fosse explodir a qualquer minuto e me levar com ele em sua bola de fogo) fiz um sanduíche com três fatias de mortadela e uma fatia de queijo derretido no topo. Tostei o pão e o lambuzei com mostarda. Então, fiz outro. Depois comi um saco de batata frita. Então, abri uma *Coca Diet*.

Depois de tomar alguns goles e evitar de me engasgar, liguei para o trabalho.

— Agência Arthur Broderick, Esther falando, em que posso ajudar?

Oh, droga.

Uma garota chamada Esther respondeu na minha extensão.

— Humm, Esther, o Sr. Arthur está? — Perguntei.

— Posso saber quem está ligando?

— Cora Goode — respondi.

— Um momento — ela respondeu, esperei, ouvi a música ruim e, em seguida, mais rápido do que eu esperava, Dave Arthur, meu chefe, estava no telefone.

— Cora?

— Dave, olá, eu...

— Cora, graças a Deus. Todo mundo está morrendo de preocupação com você!

Graças a Deus? Morrendo de preocupação?

— Humm...

— Você não ligou, não apareceu. Você nunca deixou de avisar e faltou. Inferno, você nunca está ausente! Phoebe foi até o seu apartamento, disse que parecia um desastre e que seu carro havia sumido.

Phoebe, minha melhor amiga dentro e fora do escritório, (portanto, tinha uma chave do meu apartamento) veio até a minha casa?

E o meu carro tinha sumido?

— Durante semanas, temos telefonado para a polícia e hospitais — continuou ele.

Oh, céus.

— Por que não ligou para os meus pais? — Perguntei estupidamente, porque deveria ser grata por ele não ter ligado. — Eles são os meus contatos de emergência.

— Não podia telefonar para a Dara e o Forrest e preocupá-los se alguma coisa não estivesse bem com você — disse ele, parecendo horrorizado, e estava grata pela minha mãe e o meu pai conhecerem o meu chefe e formarem um vínculo através de várias rodadas de *Apples to Apples*^[8]. — Especialmente quando a Phoebe voltou, viu um cara enorme saindo do seu apartamento, disse que ele parecia estar morando lá e, quando tentou usar sua chave, não funcionou. Pensou que você tinha se mudado ou algo muito ruim tinha acontecido, já que você parecia estar ligada a esse cara e ele não parecia muito agradável. Deus, estou tão feliz que você ligou e parece bem.

— O quê?

— Dave, você não acha que receberia uma ligação se algo ruim acontecesse comigo? — Perguntei estúpida, estúpida, estupidamente.

Ele fez uma pausa. Então perguntou:

— Sim, acho. Então, onde você esteve?

Estúpida!

— Bem, estou ligando para dizer... — Merda! — Uma coisa ruim aconteceu comigo.

— Oh, meu Deus! O quê? Você está bem?

Sério, por isso, a Agência Arthur Broderick não estava indo tão bem. Dave era incrível, um gênio criativo quando se tratava de publicidade e podia encantar uma cobra, mas era principalmente, um excêntrico, e Boyd Broderick não era muito melhor. Eram colegas da faculdade e ainda usavam

— Eu... — Comecei, minha mente procurando, então vim com isso: — sofri um acidente.

— Puta que pariu! Você se machucou?

— Não, quer dizer, sim. Tive um ferimento na cabeça.

— Oh, Cora, não posso acreditar! Isso é péssimo! Não posso acreditar que Dara e Forrest não me telefonaram. Enfrentaram isso sozinhos. É horrível. Poderíamos ter, não sei, enviado uma cesta de frutas ou algo assim. Você está bem?

— Humm, bem, tive amnésia por algum tempo, então obviamente, uh... esqueci onde trabalhava... — Pura novela, ele ia engolir essa merda? — Assim, não... eu ainda estou me recuperando e... — Eu ia fazer isso? Porra, eu ia. — Preciso de um pouco mais de tempo.

— Tudo o que precisar. Vamos ativar a política de licença médica prolongada para você. Tivemos que, você sabe, suspender o seu salário. O Recursos Humanos nos obrigou, juro. Mas, vamos restabelecê-lo e reembolsá-la por...

— Não — eu o interrompi, me sentindo uma fraude — você não precisa fazer isso.

— Claro que sim. Você esteve com a gente desde sempre.

Deus, isso era bom.

— Não, na verdade, tenho um seguro especial para, você sabe, esse tipo de coisa — menti e continuei mentindo. — Estou bem. Completamente bem. Só preciso de mais uma semana. Talvez duas. E então, humm... posso voltar?

— Sim, claro, definitivamente — Dave falou. — Nós colocamos um anúncio no jornal, mas temos recebido currículos e eles são completamente ridículos, uma merda. Mal posso esperar para ter você de volta, mas primeiro fique bem, ouviu?

Meu chefe era demais.

— Obrigada, Dave.

— É bom ouvir a sua voz, Cora. Que droga que sofreu um acidente, mas felizmente vai ficar bem.

— Obrigada.

— Até mais tarde, Cora.

— Tchau, Dave. Desliguei.

Olhei para o celular e comecei a rir. Isso, eu sabia, era definitivamente histeria.

Então lavei mais roupas, dobrei outras, guardei-as e coloquei lençóis limpos na cama. Fiz uma nova rodada de telefonemas para os meus amigos, nenhum dos quais, mais uma vez, atendeu. Depois disso, comecei a surtar.

E depois disso, comecei a andar para lá e para cá, à espera do Tor voltar e tentar não entrar em pânico.

Já eram mais de oito horas da noite, ele saiu pouco depois das nove e meia da manhã, estava chovendo e ele ainda não estava em casa.

Estava, provavelmente, em uma sala de emergência, todos os ossos do seu belo corpo quebrados, tendo sido atropelado por um ônibus.

Claro que era um idiota e um idiota que arrancou meu coração e pisou nele, mas quando eu era nova no seu mundo, ele cuidou de mim. Sim, havia uma maldição que dei início e o pequeno fato de que ele achava que eu era sua mulher que o fez tomar conta de mim, mas ele cuidou.

Ele matou coelhos por mim.

E o deixei sair e ser atropelado por um ônibus. Merda!

A porta abriu e ele a atravessou, cabelos molhados, roupas encharcadas e coladas nele, parecendo sexy.

Sem pensar, corri para ele, agarrei a camisa dele com os punhos fechados, me apertando contra o corpo molhado e inclinei a cabeça para trás para olhar para ele, enquanto seus braços deslizavam em torno de mim.

— Graças a Deus você está em casa — sussurrei. Tor olhou para o meu rosto.

Então sorriu.

Capítulo 19

Só Você

Depois que Tor sorriu para mim, seus olhos se moveram sobre o meu rosto, em seguida, sobre a minha cabeça, então examinaram a minha sala de estar. Então, seu sorriso desapareceu, sua expressão ficou decididamente sinistra, seu olhar caiu novamente sobre mim e ele grunhiu:

— O que você está fazendo fora da cama?

Nem liguei para o olhar ameaçador do Tor. Havia uma montanha de dinheiro no rack da minha televisão, nenhum dos meus amigos estava falando comigo, Cora tinha se juntado com o Nocturno do meu mundo e tínhamos um encontro para jantar com os meus pais amanhã à noite, maldição. Eu tinha que manter o foco.

— Onde você estava? — Perguntei, minha voz estridente, meus dedos ainda agarrados na camisa molhada.

— Lá fora, no seu mundo — ele respondeu, e antes que eu pudesse falar, ele o fez. — Você estava certa, amor, é incolor.

— Eu sei, mas...

— Cinza. Absurdamente molhado. E é barulhento.

— Eu sei, ouça...

— E encardido — me interrompeu novamente. — Tanta sujeira, que até mesmo o ar não tem gosto bom.

— Tor, eu sei, mas...

— E muitas pessoas em todos os lugares, todos com pressa, todos impacientes, deuses, medonhos.

— Tor! — Gritei.

— O quê? — Perguntou.

— Nós precisamos conversar, temos problemas — informei a ele e suas sobrancelhas ergueram ligeiramente, seus braços me puxando, protetoramente, para perto.

— Que problemas?

Abri a boca para falar e não sabia por onde começar.

Então perguntei:

— Você já comeu?

— Não — respondeu.

Me afastei, ordenando:

— Troque essas roupas molhadas, vou fazer um sanduíche de mortadela para você e vamos conversar.

— Um o quê?

Foi quando perdi a paciência.

— Apenas troque as roupas! — Exclamei.

No instante em que pronunciei a última palavra, sua mão segurou meu queixo e se inclinou para aproximar seu rosto do meu.

— Vou me trocar, Cora, se acalme. Seja o que for, vamos resolver o problema. Certo? — Falou baixinho.

Olhei nos olhos dele, respirei fundo e balancei a cabeça, odiando que a sua força, suave, mas poderosa, podia me acalmar, mas tendo que admitir que podia.

Abaixou a mão e foi para o meu quarto. Corri para a cozinha.

Estava torrando o pão e fritando a mortadela quando ele entrou, vestindo outro *jeans* desbotado (que era, aliás, ainda mais sexy nele do que no outro) e uma camiseta branca, de mangas longas, que estava mais apertada do que a outra e o vendo como nunca tinha visto, usando nada além de preto ou, como hoje de manhã, azul marinho, seu brilho contra tom da pele bronzeada era tão bonito, que fiquei momentaneamente sem fala.

Me refiz quando seus olhos desceram até a frigideira e perguntou:

— O que, pelos deuses, é isto?

— Mortadela — respondi, ele olhou para mim, soube que a minha resposta não significou nada para ele, então expliquei.

— É um tipo de carne.

— É redonda — observou com desgosto mal disfarçado.

— Uh... sim.

— Carne não é redonda — declarou. Bem, ele estava mais do que certo.

— Podemos não falar sobre mortadela? — Perguntei, ele encarou meus olhos por um segundo, em seguida, cruzou os braços sobre o peito largo e apoiou o quadril no balcão, o que encarei como um sim.

Virei a mortadela, peguei a torrada quando ela pulou da torradeira e comecei a falar.

— Acho que a Cora está em apuros. Encontrei um monte de dinheiro no armário da minha televisão. Uma montanha, Tor. O bastante para ganhar em dois meses, de qualquer maneira legal. Descobri que ela está jogando pôquer, e acho que é como ela o está ganhando.

Esguichei mostarda no pão e virei a cabeça para olhar para ele.

— Pôquer? — Perguntou.

— É um jogo de cartas. Um jogo de azar.

Suas sobrancelhas se uniram e esclareceu:

— Um jogo de azar valendo dinheiro?

Balancei a cabeça. Seus lábios relaxaram. Oh, Jesus.

— O quê? — Perguntei.

— Cora tem um dom. A maioria iria utilizá-lo para o bem. Podia adivinhar que ela não o faria.

Isso não pareceu muito bom.

— Que dom? — Perguntei.

— Ela se destaca com números.

Oh, céus. Isso podia significar que a Cora estava contando as cartas. Cora estava jogando pôquer e contando as cartas.

Merda!

— Isso não é bom — murmurei, pegando uma fatia de queijo americano e retirando o plástico protetor.

— O que é isso? — Perguntou Tor, olhei para ele e vi que estava olhando para o queijo.

— Queijo americano.

— E essa folha clara que está removendo?

— Plástico protetor.

Sua mão se ergueu e tomou o plástico de mim. Coloquei a fatia de queijo sobre um dos pedaços de mortadela e fui colocar outra fatia enquanto ele esfregava o plástico entre os dedos.

— Extraordinário — murmurou.

— Isso não é biodegradável — informei a ele, seus olhos vieram até mim, a testa franzida, coloquei a segunda fatia de queijo em outro pedaço de mortadela e continuei. — Biodegradável, o que significa se desfazer. Retornar à natureza. Ele nunca some. É feito pelo homem. É parte da razão deste mundo ser tão... incolor.

Ele olhou para o plástico e, em seguida, o deixou de lado.

Bem consciente, de uma forma que nunca tinha estado antes, dos resíduos que estava criando, peguei outra fatia e a coloquei sobre o último pedaço de mortadela. Recolhendo os pedaços de plástico, os levei para o lixo, pensando que nunca ia comprar queijo americano novamente e então, decidi nos levar de volta ao assunto.

— Se a Cora está trapaceando e contando as cartas, não vai ser bom se alguém suspeitar. Mas temos um outro problema — disse a ele.

— E seria? — Perguntou enquanto eu me virava para a frigideira, desligava o fogão e usava uma espátula para deslizar as fatias de mortadela sobre o pão.

— Tive um visitante hoje — disse a ele. — A Cora do seu mundo, de alguma forma, conseguiu encontrar o Nocturno deste mundo. Eles estão juntos. As roupas que você está vestindo são dele. Foi ele que me falou sobre o pôquer. Parece que enquanto você tem ficado comigo, ela está ficando com ele.

O ar da sala, de repente, mudou e não foi uma boa mudança. Também não foi uma mudança ruim.

Foi uma mudança muito ruim.

Virei a cabeça para olhar para o rosto dele e percebi, de imediato, o meu erro.

Ele foi apaixonado por ela. Talvez, pelo olhar no seu rosto, ainda fosse. A notícia de que a sua esposa o estava traindo, independentemente de que ele flagrantemente a traiu, não estava caindo muito bem.

Ainda assim, senti por ele e sussurrei:

— Tor...

— Ele te visitou hoje? — Perguntou ele com uma voz suave e perigosa.

— Uh... sim.

— Ele esteve aqui?

— Humm... sim — suspirei, pois nem sua expressão, nem o tom da sua voz, tinham mudado.

— Com você?

Oh, oh.

— Humm...

— Com você, Cora? — Exigiu.

— Sim, claro, nós conversamos...

— E como você sabe que, como você disse... estão juntos?

— Uh...

— Como você sabe disso?

Oh, Jesus.

— Tor...

— Como você sabe disso?

Não ia me livrar disso. Então respondi:

— Ele *meio que*... me abraçou e, humm... me beijou. — Vi o rosto do Tor virar pedra e terminei sem jeito. — Duas vezes.

O ar da sala mudou novamente, ficou mais pesado. Tão pesado, que era difícil respirar.

— Ele tocou em você? — Sussurrou.

— Ele me pegou de surpresa — falei rapidamente. — Eu tive que, uh...

— Colocou a boca em você?

— Tor...

Seus olhos se estreitaram.

— Duas vezes?

— Humm...

De repente, eu estava do outro lado da cozinha, de costas para a parede, e Tor tinha invadido o meu espaço, as mãos no meu pescoço, os polegares na minha mandíbula, forçando-a para cima, para que os seus olhos pudessem encarar os meus.

— Ele não tocará em você de novo — Tor grunhiu.

— Tor, ele não sabe o que está acontecendo. Eu tive que...

Seus dedos enrijeceram e o rosto dele ficou a um centímetro do meu.

— Ele não tocará em você novamente.

— Ok — sussurrei.

— Repita — ele ordenou asperamente.

— Ele não me tocará de novo. — Continuei a sussurrar.

— Eu vou lidar com ele. O quê?

— O quê? — Perguntei. — Como?

— Não sei, mas vou lidar. Você não vai lidar com este homem. Este homem não toca em você. Ele não olha para você.

Passei os dedos em volta dos pulsos dele e o interrompi.

— Tor, ele não pode ver você. Vocês dois são exatamente iguais!

— Exatamente — me interrompeu. — Você é apaixonada por mim e não vou dar a este... outro maldito eu uma oportunidade para confundir sua cabeça.

Lá estava. Ele não estava sendo ciumento ou se sentindo magoado sobre a Cora o trair. Ele não se importava com nada disso.

Estava pensando em mim.

Deus, odiava isso, que ele ainda pudesse ser doce, protetor e possessivo, tudo o que eu gostava, quando estava tentando me convencer que o odiava.

— Tor! — Exclamei. — Ele não vai...

— Cora, não vamos discutir isso.

— Isso é uma loucura! Se ele ver você, vai enlouquecer! Você não pode-

— Deixe ele comigo — ordenou.

— Tor, é sério...

Seus dedos enrijeceram novamente e ele grunhiu:

— Cora, já disse, deixe ele comigo.

Olhei para ele, minha mente conjurou a visão de uma batalha de Noctorno contra Noctorno e quão incrivelmente estranho isso seria.

Então respondi:

— Oh, tudo bem!

Ele relaxou, mas suas mãos puxaram meu rosto os poucos centímetros necessários para que pudesse roçar os lábios contra os meus.

Meus lábios formigaram.

Deus, adorava quando ele fazia isso.

— Pare de me beijar — sussurrei, olhando nos olhos dele.

— Sem chance disso, amor — sussurrou em resposta, em seguida, me soltou e caminhou até o seu prato. — Isso está pronto? — Perguntou, apontando para o sanduíche.

Estava parada onde ele me deixou, olhando para ele.

Então peguei o saco de *Cheetos*.

— Ainda não — falei, distribuindo alguns *Cheetos* no prato, ao lado do sanduíche, deixei o saco sobre o balcão, o contornei e peguei uma lata de *Coca* na geladeira. Então ofereci o prato e a *Coca-Cola* para ele. — Agora está pronto.

Ele estava olhando para o prato e antes que tivesse que perguntar, respondi.

— *Cheetos*, são um tipo de petisco com sabor de queijo.

Ele pegou o prato e a lata e seus olhos voltaram para mim.

— A única coisa que reconheço é o pão. O resto não é, claramente, natural.

Estava certo sobre isso.

— Nós vamos à uma mercearia amanhã. Agora você está comendo alimentos processados porque a variedade não é tão grande na loja da esquina.

— Você foi fazer compras?

— Sim.

Seu rosto ficou um pouco sisudo novamente.

— Cora, eu lhe disse para descansar.

— Eu sei que você disse, Tor! — Respondi com impaciência. — Mas não consegui. Minha casa estava uma bagunça. Meu banheiro, um nojo. Meus lençóis, sujos. E eu tinha que descobrir o que a Cora tinha feito, nesses dois meses, na minha vida. Não podia deitar e descansar. Tentei. Minha mente não permitiu. Tinha que deixar as coisas em ordem,

então fiz uma limpeza. Sobrevivi. Estou respirando. Então, agora, vai me fazer um favor e apenas comer, maldição?

Ele olhou para mim, sorriu e em seguida, observou:

— Minha esposa gosta de organização.

— Eu não sou sua esposa — respondi.

Seu sorriso ficou ainda maior quando se virou para a porta e murmurou:

— Vai ser.

Olhei para o teto. Inferno.

Então o segui e vi que estava se movendo para mesa de jantar redonda, de quatro lugares, que eu tinha em um canto.

— O que está fazendo? — Perguntei, ele parou e virou para mim.

— Me preparando para comer — respondeu.

— Eu não faço as refeições à mesa. — Informei a ele. — Ninguém na América come à mesa, a menos que seja Ação de Graças, Natal, um aniversário ou sejam estranhos.

Ele olhou para a mesa de uma forma que dizia, não verbalmente, que achava isso estranho, eu ter uma mobília que iria usar apenas três dias do ano (um olhar de um homem que tinha três salas de jantar). Então olhou para mim.

— Onde você come?

— No sofá em frente à televisão — respondi, caminhei até o sofá e, sem outra maneira para descrever, desabei, principalmente, porque precisava. Estava exausta e meu corpo estava começando a doer de novo.

Ele me seguiu, se sentou ao meu lado, olhou em volta e, em seguida, colocou os pés descalços na mesa de café e o prato no colo. Peguei a lata dele, ele olhou enquanto eu tomava um gole, franziu o cenho, em seguida, seus lábios se curvaram. Ele a pegou de volta,

tomou um gole, balançou a cabeça, a depositou na mesinha lateral e começou a comer.

Observei, esperando uma resposta.

Depois de três *Cheetos* e da segunda mordida do sanduíche, quando não obtive resposta, perguntei:

— Então?

Ele engoliu o pedaço do sanduíche de mortadela e queijo e declarou:

— Não é ruim.

Senti minha boca formar um pequeno sorriso.

— Também não é bom — continuou e, por alguma razão, explodi em gargalhadas.

Quando parei de rir, notei que o Tor não estava comendo. Ele me olhava com um olhar tão carinhoso que foi um choque quando senti aquilo me atravessar. A dor foi tão perfeita, tão extraordinária, muito melhor do que qualquer orgasmo que me proporcionou (e ele tinha me proporcionado muitos, e todos eles foram muito bons), que mordi o lábio e desviei o olhar.

Estava tentando arrancar esse sentimento da minha alma quando Tor murmurou:

— Só você.

Demorou bastante, mas forcei meus olhos a irem até o rosto dele, e vi que ele olhava ao redor da sala. Não devia perguntar, realmente, não devia perguntar, mas perguntei.

— Só eu, o quê?

Seus olhos vieram até mim.

— Só você poderia colocar cor em um mundo incolor.

Meus pulmões se contraíram e, em seguida, olhei para onde o olhar dele tinha estado e vi meu espaço através dos seus olhos.

Pintei as paredes de um pêssego suave. Eu tinha amarrado fileira após fileira de encantadoras luzes cobertas com margaridas de cores diversas por toda a moldura do teto. Tinha selecionado cuidadosamente apenas tons fantasiosos e vibrantes para as minhas paredes. Tinha uma espreguiçadeira confortável em rosa brilhante, com uma manta roxo escuro jogada sobre ela, aos seus pés, um pufe verde-grama em estilo otomano. Estávamos sentados em um sofá azul pavão com grandes almofadas amarelas e vermelho-alaranjado por cima. Na mesa de centro à nossa frente, estava uma coleção de esferas de vidro, de diferentes tamanhos e cores. O tampo da mesa da sala de jantar era de vidro, mas as cadeiras eram forradas com tecido framboesa, um enorme vaso de vidro no meio da mesa, com um turbilhão de flores de várias cores. Havia um grande tapete sobre o piso de madeira que refletia quase todas as cores que escolhi para o aposento, não de uma maneira exagerada, mas sutil (eu achava). E todas as luminárias da sala tinham bases diferentes e vários tons de turquesa, lilás, rosa, azul *royal*.

Oh, merda, lá estava aquela dor esquisita novamente.

Virei a cabeça para ele e o vi sentado no meu sofá, de calça *jeans* e camiseta, os pés para cima, comendo sanduíche de mortadela e *Cheetos* junto com uma *Coca-Cola*, parecendo relaxado e totalmente em casa depois de um dia na rua, completamente sozinho, em um mundo que não podia ser mais diferente da sua casa e aquilo me tocou.

— E só você — falei.

Seus olhos encararam os meus quando ele perguntou em voz baixa.

— Só eu, o quê?

Oh, bem, podia falar aquilo.

Só você podia ser catapultado para um mundo diferente, um mundo totalmente diferente do seu próprio país, e levar tudo na esportiva.

Ele não estava apenas levando tudo na esportiva. Assim como no mundo dele, parecia estar no comando da situação. Não só à vontade, mas como se tivesse tudo sob controle e, eu suspeitava, com muito pouco esforço, se ainda não o tinha sob controle, teria.

Como sempre.

Amava isso sobre ele e odiava que amasse isso.

Na esperança de esconder meus sentimentos, balbuciei.

— Quando cheguei ao seu mundo, estava completamente apavorada. Nos primeiros dez, quinze minutos, achei que era um sonho. Depois, soube que não era e fiquei morrendo de medo.

— Você esquece, meu amor, que eu estava preparado para o seu mundo — ele me disse e franzi o cenho.

— Estava? — Ele balançou a cabeça. — Como?

— Você me falou sobre ele. Sobre os carros, os ônibus, os aviões, o asfalto e as calçadas. Você me falou sobre os edifícios de vidro subindo para o céu. Pessoas conversando com outras pessoas nos seus telefones, nas ruas. Outros sentados na frente daquelas... — ele hesitou — caixas, batendo nelas com os dedos.

— Computadores — lembrei a ele, atordoada. Ele lembrava de tudo que falei para ele. Tudo.

Ele sorriu.

— Computadores.

— Você achou que eu estava inventando — sussurrei, e seus olhos ficaram sombrios.

— Mas agora sei que não estava.

— Você achou que eu estava — repeti.

— Mas, agora, Cora, sei que não estava — também repetiu, desta vez em voz baixa, mas também firme, aquele olhar carinhoso de volta aos seus olhos.

Engoli em seco.

Era a maneira do Tor de pedir desculpas. E era uma maneira boa.

Então decidi que era o suficiente. Não podia aguentar mais. Ele chegaria até mim e não podia fazer isso. O que ele fez doeu, muito. E, de qualquer maneira, não pertencia ao meu mundo e eu não pertencia ao dele. Não era natural e tudo podia acontecer. A natureza tinha uma maneira de se corrigir, às vezes violentamente.

Eu havia me entregado uma vez, dei tudo o que tinha e aceitei o que podia receber em troca. E amei.

Mas aquilo podia ser tirado de mim. Ele podia ser tirado de mim. A qualquer momento uma névoa azul podia se formar e levá-lo para longe.

Tinha que manter o foco. Tinha que resolver a minha vida. E tinha que resguardar meu coração. Ia ser difícil, com um guerreiro experiente, obviamente, com a intenção de cercá-lo.

Mas tinha que tentar.

— Você quer ver televisão? — Perguntei para o vazio, seus olhos mostraram o seu descontentamento com a mudança de assunto, em seguida, então se resignaram.

— Você vai descansar se eu assistir essa... televisão? — Perguntou em resposta, e assenti. — Então sim, gostaria de assistir televisão.

Prendi a respiração, em seguida, me virei, me inclinei sobre o sofá, abri a gaveta da mesa lateral e peguei o controle remoto. Apertei o botão e, resolutamente, o ignorei enquanto mudava de canais até que encontrei um programa inofensivo. Então aumentei o volume, me afastei um pouco dele e foquei na TV (principalmente para a minha sanidade mental).

Não muito tempo depois, ouvi o prato ser colocado na mesa de centro, em seguida, o controle remoto foi retirado dos meus dedos.

Virei a cabeça para ele e exclamei:

— Ei! — Mas como um homem, do seu mundo ou do meu, tomou controle da tecnologia, apertando os botões do controle remoto para trocar o canal, mudou o contraste, o volume foi alterado e, em seguida, encontrou um volume decente, combinado a uma série policial.

Quem diria.

Então me enlaçou em torno do meu peito e me puxou para baixo, para deitar ao lado dele, apoiada contra o encosto do sofá, com ele estendido de costas, a cabeça em uma almofada apoiada no braço do sofá.

Levantei a cabeça e falei entre os dentes:

— Eu estava confortável.

— Está mais confortável agora — rebateu, dizendo a mais pura verdade.

— Não estou — menti, empurrando o peito dele.

— Cora, você está.

— Não estou!

A mão que estava me segurando deslizou até a parte de trás do meu pescoço e me puxou inexoravelmente para frente, até que estava cara a cara com ele.

— Você prometeu, nós assistimos TV, você descansa — me lembrou.

— Sim! — Interrompi.

— Então... descanse — comandou.

Olhei para ele. Então vi o olhar determinado no seu rosto.

Sabia o que isso significava. Então, o informei:

— Você é irritante.

Ele riu e forçou minha bochecha contra o peito dele.

Mantive o meu corpo completamente rígido para comunicar, não verbalmente, que ele era um babaca.

Quer dizer, fiz isso até que caí no sono.

Capítulo 20

Crash Into Me^[9]

Estávamos a caminho da casa dos meus pais, Tor dirigindo.

Sim, o Tor estava dirigindo.

Mais cedo, quando fomos até o meu carro (que não tinha desaparecido, mas tinha bastante latas de refrigerante, embalagens de salgadinhos e doces dentro dele para alimentar um exército vendo tudo aquilo, e lembrando de todas as embalagens de comida para viagem que joguei fora um dia antes, pensei que a outra Cora não era mais tão mais magra do que eu) Tor se recusou a sentar no banco do passageiro, exigiu uma aula e se recusou a acreditar que precisava mais do que uma lição e prática (muito menos uma licença de verdade) para dirigir em torno de uma cidade. Sem escolha (não me deu nenhuma), mostrei a ele tudo que havia no painel, expliquei o básico, ele ligou o carro e nós saímos.

Sem brincadeira.

Ele era uma pessoa singular. Ainda entendeu o significado dos sinais e das placas de trânsito, e só perguntou o que algumas delas significavam.

Eu não estava apavorada por estar sentada em um carro com um novato de um outro mundo atrás do volante.

Não, estava apavorada com o fato que decidi contar aos meus pais a verdade, na esperança, uma vez que eram *hippies* e tinham a mente aberta, que não pensariam que eu tinha enlouquecido de vez.

E também estava tentando não pensar no meu dia com o Tor.

Que tinha sido, mesmo no meu mundo cinza, monótono e desbotado, o que só o Tor poderia me dar.

Mágico.

Acordei, esta manhã, na minha cama, com uma dor de cabeça leve, algumas dores e ouvi o chuveiro aberto.

O barulho do chuveiro significava que o Tor não tinha sido arremessado de volta ao seu mundo em algum momento da noite.

Virei de lado, olhei para o travesseiro e vi a depressão.

Sabia que o Tor, depois de assistir televisão até tarde da noite, tinha me levado para o quarto. Quando me colocou de pé ao lado da cama, exausta e ainda meio dormindo, me despiu, encontrou uma camisola limpa, enfiou-a sobre minha cabeça, em seguida, desabei na cama, dormindo no instante em que minha cabeça tocou o travesseiro.

E, vendo o amassado, era evidente que o Tor dormiu comigo.

Oh, bem, que seja.

Decidi que, como o ibuprofeno tinha finalmente funcionado no dia anterior e agora eu podia fazer café, ia direto para a caixa de comprimidos na cozinha, um cômodo que, felizmente, também abrigava uma cafeteira. Então foi isso que fiz.

Tor chegou depois que liguei a cafeteira e estava usando nada além de uma das minhas toalhas verdes (não eram de menina, o que era ruim, gostava de coisas de meninas), mas eram a única coisa (bem como os intensos tons de ferrugem que usei) que não pareciam podres no meu banheiro.

Enquanto olhava o peito dele vindo na minha direção, ele me cumprimentou.

— Bom dia, esposa.

Meu corpo estremeceu em alerta, mas não a tempo. Fui enlaçada pelos braços dele e sua cabeça estava se inclinando. Me deu um

selinho firme e quente, em seguida, afastou a boca da minha.

Enquanto tentava colocar a cabeça em ordem, ele olhou para a cafeteira, abriu o armário e vi que tirou dele duas canecas, sem me livrar do seu abraço, enquanto dizia:

— Gosto dessas cachoeiras internas que tem no seu mundo.

— O quê? — Perguntei zozza e seus olhos azuis claros voltaram aos meus.

Suas cachoeiras internas. Elas, o aposento da frente, a cor dos seus lençóis e as roupas que você usa para dormir, até agora, são as únicas coisas que gosto no seu mundo.

— Humm... você quer dizer chuveiro — disse a ele. Suas sobrancelhas se ergueram. — Chuveiro?

Sim, como um banho de chuva, exceto que é um banho de chuveiro.

— Ah — murmurou, seus lábios se curvando — inteligente jogo de palavras.

Não tinha pensado nisso desse jeito, mas era verdade.

— Tor.

— Preciso de comida — anunciou, se movendo até a geladeira, abrindo-a e me levando com ele, seu braço ainda à minha volta.

— Vou fazer o café da manhã. Agora, Tor...

Ele estava fuçando dentro da geladeira (que continha leite, *Coca diet*, *Coca* normal, mortadela, queijo americano, condimentos e nada mais) e nem sequer olhou para mim quando falou:

— Vou precisar de roupas novas. Não quero vestir as roupas do outro eu.

— Vamos ao shopping. Agora, Tor...

Ele olhou para mim, estava sorrindo e parecendo estranhamente feliz, então fechei a boca porque era uma coisa boa de se ver.

— Então, você vai cozinhar para mim?

— Uh... certo.

— Você tem ovos no seu mundo?

— Temos, mas não tenho ovos em casa. Vou ter que dar um pulo no mercado da esquina.

Ele me soltou e se virou para a porta, afirmando:

— Eu vou.

Olhei para suas costas musculosas. Então exclamei:

— Tor! — E o segui. Quando cheguei na sala de estar, estava agachado na frente do rack da TV, pegando alguma coisa. — O que está fazendo?

Sua cabeça inclinou para trás para poder olhar para mim.

— Suponho que no seu mundo, como no meu mundo, fornecedores esperam um pagamento?

— Bem, sim.

— Então preciso de moedas — disse ele, tirando um maço de notas de cinquenta e olhando para ele. — Papel. Incomum — murmurou e olhou para mim enquanto se erguia. — O Rei Baldur imprime dinheiro de papel. É inútil. Foi impresso em grandes quantidades, muito além do que há em ouro e prata na sua reserva. Exige o pagamento de impostos em papel e o comércio, em moeda. Esse processo não funciona e seu povo está ficando inquieto.

Isso era fascinante, mas estava mais focada no fato dele usar o dinheiro da Cora.

— Humm... talvez devêssemos deixar esse dinheiro onde está. Tenho uma nota de vinte na minha carteira. Vou pegar falei e alcancei a minha bolsa.

— Você não vai — declarou com firmeza, parei e pisquei para ele.

— Então, o que você vai usar? Não vai conseguir um emprego em um restaurante e trabalhar o suficiente para comprar os ingredientes a tempo de fazer o café da manhã.

— O dinheiro da Cora é nosso dinheiro. Vamos usá-lo — me disse.

Não, na verdade, acho que devemos descobrir o que está acontecendo, não o usar. Não é nosso.

— Ela nos deve — ele declarou.

— Como? — Perguntei, confusa.

— Não sei. Só sei que ela nos deve.

— O quê?

Ele caminhou até mim.

— Cora, o que quer que seja que está acontecendo, com você, comigo, é coisa dela. Sei disso. Aquela névoa azul está sob o comando dela. Não sei se ela tem a situação sob controle ou se apenas começou a controlá-la. A menos que você estude como aprendiz por vários anos e passe por testes, é contra a lei, no meu mundo, praticar magia. É contra a lei, porque é muito perigoso. Sei que a Cora não fez isso. O que também sei é que, o que quer que esteja acontecendo, ela está por trás. Então, se ganhou esse dinheiro, através de meios nefastos ou não, deve isso a nós. E, além disso, você, como minha esposa, não paga pelo seu sustento, exceto... — fez uma pausa e sorriu — com um beijo.

— Tor — ia lembrar a ele que eu não era sua esposa de verdade e perguntar sobre este negócio de aprendiz de mágica (sabia que tinham feiticeiros ou algo do tipo no seu mundo!), mas parei quando ele se inclinou e roçou a boca na minha.

Quando se endireitou, foi para o meu quarto.

— Tor! — Vociferei.

— Vou me vestir, ir até esta loja e estarei de volta em um minuto.

— Tor! — Repeti, o tom da minha voz subindo, e estaquei na porta do quarto.

Tor estava de costas para mim e arrancou a toalha. Vi sua bela bunda esculpida e decidi, que merda? Ele queria usar o dinheiro da

Cora? Que seja.

Então corri para a cozinha.

Quando Tor voltou do mercado, trouxe com ele ovos e um pacote de bacon.

No entanto, considerando que carregava três sacolas em cada mão, soube que comprou muito mais.

— Eita, comprou a loja toda? — Perguntei enquanto o seguia para a cozinha.

— Aquela loja é estranha. Tudo está embalado. Você não consegue ver as mercadorias que está comprando, exceto, em alguns casos, através de pequenas aberturas. Como sabe que tudo aquilo é como deveria ser? — Perguntou, pegando uma caixa de donuts, em seguida, um saco de batatas fritas, e então, uma barra de chocolate gigantesca.

— Você só sabe — disse a ele. — Se não é, é contra a lei, acho. Propaganda enganosa ou algo assim.

Ele virou a cabeça para olhar para mim.

— Estranho — murmurou, pegando um pedaço de carne seca fatiada.

Oh, Jesus.

— Vou tomar banho — anunciei.

Diante das minhas palavras, lentamente virou a cabeça para mim, seus olhos desfocaram e deslizaram sobre o meu corpo, então os ergueu para os meus e sorriu.

Eram maliciosos.

Corri para o banheiro e, quando cheguei lá, tranquei a porta.

Depois do café da manhã (ovos, bacon, torradas e donuts), levei Tor até o shopping.

Foi uma experiência bizarra.

Tinha imaginado que seria fascinante para ele, que ficaria olhando ao redor com os olhos arregalados e espantados. Mas, como tudo mais, levou na esportiva e atuou apenas como um homem. Passeou pelos corredores com o braço em volta dos meus ombros e me seguiu através das lojas com a intenção de uma coisa; comprar suas roupas e dar o fora.

Imaginei que o Tor não era muito de fazer compras.

Levou maços do dinheiro da outra Cora com ele e compramos *jeans*, camisetas, camisas, cuecas, meias, calças de pijama, botas e tênis. Também compramos uma carteira, um pente, uma escova e um barbeador elétrico (sendo esse último, a única coisa pela qual mostrou o mínimo interesse).

Estávamos carregados de sacolas, ele carregando as mais pesadas, e estávamos voltando para o carro quando notei algo estranho.

As pessoas estavam olhando para nós.

Se estivessem simplesmente olhando para o Tor, não ficaria surpresa. Ele era um cara enorme, tinha uma cicatriz, sem mencionar que era *sexy*. Mas não estavam olhando só para ele (bem, algumas mulheres estavam). Estavam olhando para nós.

Estava tentando descobrir o porquê quando Tor falou.

— Suas roupas de ontem, amor, devo dizer, não eram do meu gosto. Mas hoje, o que está vestindo... — Inclinei a cabeça para olhar para ele e vi que estava olhando para mim.

— Seu cabelo, — continuou — o que fez no seu rosto. Gosto disso.

Rapidamente olhei para o outro lado.

Fiquei toda empolgada dizendo a mim mesma que era porque sentia falta das minhas coisas e, de qualquer maneira, estávamos indo para a casa dos meus pais, para o jantar naquela noite, então tinha que parecer arrumada. A verdade era, estava firmemente em negação sobre o fato de que tinha me vestido para o Tor.

Estava usando um gracioso vestido lilás, com a saia em camadas, que chegava na altura dos joelhos, com decote canoa, as mangas começando na mesma altura do decote, e sobre ele um cardigã azul e sandálias roxas de salto alto, com várias tiras finas. Tinha escovado o cabelo e colocado uma maquiagem leve.

Então, ele se superou, resmungando:

— Você é, de longe, a mulher mais linda que já vi nesse mundo.

— Meu passo falhou, seu braço apertou ao redor dos meus ombros para me firmar e murmurou — Tudo bem?

— Sim — menti. Mas não estava.

Estávamos em um shopping e havia várias mulheres atraentes lá, incluindo algumas que o tinham auxiliado nas compras, praticamente empurrando umas às outras para fora do caminho, podia acrescentar, mesmo comigo bem ali. Sem mencionar o fato que ele tinha estado fora o dia todo, ontem, e claramente havia visto um sem número de pessoas.

Sabendo disso, esse foi o mais belo elogio que alguém já havia me dado.

Em seguida, ele falou, como se estivesse falando consigo mesmo, vendo os olhos dos outros fregueses nos observando:

— Isso me faz pensar... — Ele parou e não continuou.

— O quê? — Perguntei.

— Hein? — Perguntou ele em resposta.

— O que faz você pensar?

Apertou meus ombros e falou distraidamente.

— Nada, minha querida.

Olhei o rosto dele e vi que estava tão distraído quanto parecia.

Deixei para lá. Chegamos no carro, colocamos as compras na mala e lá fomos nós para o supermercado.

Tor tinha muito mais interesse na seção da mercearia e percorremos todos os corredores, Tor pegando as coisas, estudando-as, lendo os rótulos, movendo-as em suas mãos e jogando-as no carrinho se houvesse algum interesse da parte dele.

Sabia que Tor gostava de comer bem. Quando estávamos no castelo, as refeições eram suntuosas, havia sempre sobremesa e as porções eram grandes.

Mas quando o nosso carrinho do supermercado estava cheio até o ponto que precisaríamos de outro, senti necessidade de intervir.

— Tor, isto é muita comida.

— Verdade — disse ele, estudando uma embalagem de macarrão em espiral.

— Nós não temos nenhuma maneira de saber quanto tempo você vai ficar neste mundo e vai levar um ano para eu comer tudo isso — apontei e seus olhos cortaram para mim.

— Se eu voltar, você vai voltar comigo — declarou.

— Não temos certeza disso — respondi.

— Se eu voltar, você vai voltar comigo — repetiu, com mais firmeza, agora, e as feições endurecidas.

Não queria ter uma discussão na mercearia, o que, pelo olhar duro no seu rosto, tinha certeza de que teria, se dissesse que, em primeiro lugar, ele não podia ter certeza disso e, em segundo lugar, não queria voltar com ele, não mais.

Então, em vez disso, falei:

— Ok.

Fez uma careta para mim, em seguida, jogou o pacote de macarrão no carrinho.

Corri para pegar outro.

Enchemos a mala do carro com as compras do supermercado e no caminho para casa, meu celular tocou. O visor mostrava

—Noc.

— Excelente, o seu aparelho está tocando — Tor observou.

— Nada de excelente, Tor! — Exclamei, levantando-o para mostrar o visor para ele, grata por estarmos parados no sinal vermelho.

— É o Noc!

Seus olhos deslizaram para a tela, em seguida, para mim.

— Noc?

— O outro você! — Exclamei.

— É necessário que você responda? — Perguntou ele, com lógica.

— Humm... não.

— Então não responda.

Boa ideia.

Parou de tocar, mas emitiu um bip alguns segundos depois, me avisando que eu tinha uma mensagem de voz.

Toquei no ícone, a fim de ouvir o correio de voz.

— O que está fazendo? — Tor, executando curva perfeita para a esquerda.

— Ouvindo o correio de voz — disse a ele.

— Para quê?

— Shhh! — Sussurrei. — Ele deixou uma mensagem.

— Cory — Noc disse no meu ouvido: — Estou no seu apartamento e você não está aqui. Que diabos está acontecendo?

Tenho um monte de merda para resolver. Vou voltar hoje à noite. Quando ouvir essa mensagem, me liga. — A última frase saiu em um grunhido.

Noc não estava feliz. Oh, céus.

Eu havia esquecido que ele tinha uma chave.

— Qual foi a mensagem? — Perguntou Tor.

— Ele está no apartamento. Tem uma chave. Diz que está saindo, mas vai voltar hoje à noite. Hoje à noite! O que faremos?

— Primeiro, vamos lidar com o livre acesso dele. Como fazemos isso?

— Uh... ligar para o meu senhorio para ele trocar a fechadura. Mas ele é preguiçoso e retorna as ligações um milênio depois que você deixa uma mensagem. Jamais vai fazer isso esta noite.

— Por que ele tem que fazer isso?

— Porque eu não sei trocar e ele é o dono do edifício.

— Nós não podemos esperar um milênio — Tor destacou.

— Eu sei, Tor! — Exclamei.

— Acalme-se, querida, quão difícil é trocar uma fechadura?

— Não sei dizer também, não sei como trocar.

— Neste mundo, existem comércios que vendem de tudo. De fato, além das moradias e dos lugares para comer, são praticamente tudo o que existe neste mundo. Existe um lugar onde se pode comprar o que precisamos?

Eita, era uma merda que o Tor fosse o sensato e lógico, até no meu mundo.

— Sim, a loja de ferragens — informei.

— Mostre-me como chegar lá, vamos comprar o que precisamos e vou trocar a sua fechadura. Ele não terá mais acesso, problema resolvido.

Sim, era uma merda que o Tor fosse o sensato e lógico, até no meu mundo.

— Vire à direita no segundo semáforo — respondi.

Ele virou à direita no segundo semáforo, então, diante do meu silêncio, chamou. — Cora?

— Sim — respondi, ainda olhando pela janela lateral.

Senti os dedos fortes darem um aperto firme na minha coxa e ele murmurou:

— Meu amor, vai dar tudo certo.

Ele não podia ter certeza disso, também. Mas não ia lhe dizer isso.

Fiquei em silêncio e o guiei até a loja de ferragens.

Tor se recusou a permitir que eu carregasse as sacolas até o apartamento (duas viagens!), me dizendo:

— Homens fazem o trabalho manual. Mulheres não, a menos que sejam serventes ou comuns.

Olhei para ele, em seguida, deixei para lá. Ele queria arrastar um zilhão de sacolas de compras e um milhão em mantimentos por dois lances de escadas? Estava ok para mim.

Liguei o som e peguei a caixa de ferramentas que o meu pai comprou para mim quando me mudei da casa dos meus pais. Tinha usado o martelo e um par de chaves de fenda, mas, fora isso, o conjunto de ferramentas estava quase novo.

Depois que o Tor terminou de trazer as compras, lhe entreguei a caixa de ferramentas, ele a observou com algum interesse, tirei todas as sacolas de roupas e de mantimentos do caminho enquanto ele

inspecionava a fechadura e, em seguida, como tudo sobre o Tor, a trocou sem qualquer demora.

Ele a estava testando enquanto eu ia até a secretária eletrônica porque a vi piscando. O visor numérico disse que eu tinha duas mensagens. Parei ao lado do aparelho, apertei o botão, a voz do Noc (em outras palavras, do Tor) encheu a sala e vi Tor enrijecer enquanto a ouvia.

— Cory? Espero que esteja se sentindo melhor, querida. Estou a caminho. Nos vemos em cinco minutos.

— Esse sou eu? — Tor perguntou.

— Não — respondi e seus olhos foram da secretária eletrônica para mim.

— Não, querida, quero dizer, o outro eu — explicou.

— Então, sim, — respondi e a próxima mensagem começou.

Era minha amiga Selena.

Recebi sua mensagem e só quero dizer, não ligue novamente porque entendi a sua outra mensagem, em alto e bom som. Não posso acreditar que você teve a coragem de me ligar depois que você fez o que fez. Não ligue novamente, Cora, nunca mais.

Fiquei congelada no lugar, olhando para a máquina.

— Cora? — Tor chamou. Não me movi.

Senti sua mão nas minhas costas.

— Cora, quem era essa?

— Minha... — Meu nariz começou a arder, oh, merda, ia chorar novamente! Dane-se a outra Cora! — Minha amiga, Selena.

— Amor...

— O que ela fez? — Sussurrei, olhando para a secretária eletrônica.

— Querida...

Olhei para ele, as lágrimas boiando nos meus olhos e sussurrei novamente.

— O que ela fez?

Em seguida, uma lágrima caiu, depois outra, porque eu podia dizer aos meus pais (talvez) que tinha estado em outro mundo, mas não podia dizer isso aos meus amigos.

Nunca acreditariam em mim, pensariam que eu estava louca ou dando desculpas malucas para o que quer que a outra Cora fez.

E o que quer que a Cora tenha feito, parecia ruim e sabia, por experiência própria, que o ruim da Cora era o pior que o ruim podia ser.

Tor me puxou para o sofá, se sentou ao meu lado e me acomodou nos seus braços. Me aninhei no em seu peito e o abracei enquanto as lágrimas caíam silenciosamente.

— Espero jamais conhecê-la — sussurrei depois de algum tempo.

— Espero que não conheça, amor, raramente é uma experiência agradável.

Depois que ele falou, por algum motivo, fiquei sentada lá, sendo embalada pelo Tor, e pensei sobre o fato de que nenhum dos meus outros amigos se preocupou em retornar minha ligação, sabendo, agora, o que isso significava. Então tentei pensar em como corrigir o que aconteceu. Então percebi que estava de volta ao ponto onde comecei em Bellebryn, quando o Tor me levou até lá pela primeira vez. Mas, desta vez, não era um monte de gente que eu não conhecia que me odiava, era um grupo de pessoas com quem eu me importava. Muito.

Suspirei contra o peito do Tor.

Tor murmurou:

— Este músico é um poeta — levantei a cabeça e olhei para ele.

— O quê? — Perguntei.

Os olhos dele foram até o meu rosto, em seguida, colocou a mão no meu rosto e usou o polegar para enxugar a umidade, enquanto

respondia baixinho:

— Essa música que acabou de sair daquela caixa, — inclinou a cabeça para o meu aparelho de som — o músico é um poeta.

Inclinei a cabeça para o lado porque tinha estado tão imersa nos meus pensamentos que não tinha prestado atenção no que estava tocando. Então me virei e estendi a mão para o controle do som na mesinha lateral. Usei-o para voltar para a música que estava tocando antes e os dedilhados da guitarra de *Crash Into Me*, de *Dave Matthews Band*, começou.

Olhei para o Tor, que estava estudando o controle remoto, sentiu meu olhar, o dele encontrou o meu e sorri.

— Eu amo essa música — disse a ele.

Seu olhar desceu para a minha boca, em seguida, sem dizer uma palavra, tirou o controle remoto da minha mão e aninhou meu rosto novamente no seu peito.

Acalentada pelo príncipe Nocturno Hawthorne no meu sofá, no meu mundo, escutei uma bela música.

Quando acabou, quase que imediatamente os dedilhados da guitarra soaram novamente (claramente, Tor tinha dominado o controle remoto) e a ouvimos mais uma vez, as palavras correndo dentro de mim e as ouvi, não pela primeira vez, mas descobri o seu significado pela primeira vez — eram palavras cheias de desejo, paixão, admiração e amor, que pareciam adoração.

E, novamente, quando acabou, a guitarra dedilhada voltou, mas, desta vez, Tor colocou o controle sobre a mesa lateral, me puxou para fora do sofá, colocou as mãos nos meus quadris e as deslizou à minha volta para poder me encaixar nos seus braços.

Fiquei tensa, pensando que estava querendo tentar começar alguma coisa, talvez me beijar. Mas não o fez, encostou a mandíbula no

lado da minha cabeça e os quadris dele começaram a balançar, as mãos na parte inferior das minhas costas me movendo junto com ele.

Caramba, ele estava dançando comigo, na minha sala de estar.

Não esperei nem mesmo um segundo antes de fechar os olhos e me mover, dizendo a mim mesma, apenas nesse momento, apenas dessa vez, apenas esses cinco minutos com Tor, *The Dave Matthews Band* e uma música incrivelmente fantástica.

Apenas esses cinco minutos.

Então inclinei o pescoço e apoiei a testa no seu ombro. Ele pegou minha mão, entrelaçou nossos dedos, os colocou no seu peito, a outra mão descendo para a parte inferior das minhas costas, encaixando meus quadris confortavelmente nos dele. Deslizei o outro braço em volta dos ombros dele e virei a cabeça para aninhar minha testa contra o seu pescoço. Com isso, ele inclinou o pescoço e encostou os lábios nos meus.

E nós dançamos. Mesmo quando o ritmo da canção aumentou, Tor manteve os nossos movimentos lentos, fluidos e na minha pequena e colorida sala, a chuva caindo lá fora, o dia cinzento, as ruas encardidas, com a ajuda de *The Dave Matthews Band*, Tor criou magia. Eu a senti a cada dedilhar das guitarras, cada palavra cantada, cada oscilação dos nossos quadris, a dureza do corpo do Tor pressionado ao meu, o calor da sua mão na parte baixa das minhas costas, os dedos fortes segurando os meus com firmeza.

Foi o mais surpreendente e belo momento da minha vida, insuportavelmente sexy e, mesmo que tivesse passado quase dois meses em um mundo de conto de fadas cintilante, na simplicidade encantadora daquele momento, foi de longe o mais mágico.

E quando a música terminou, não queria que esse momento acabasse. Queria trazer as notas de volta. Não queria cinco minutos, queria dez, queria uma hora.

Queria uma vida.

Os quadris do Tor pararam de se mover e sua mão apertou a minha no seu peito, antes de vir até o meu queixo, levantar meu rosto para o dele e pude ver, claramente, nos seus olhos, que ele sentiu tudo o que eu tinha sentido e aquela dor excruciante que senti ontem à noite, novamente me acertou.

Em seguida, declarou em voz baixa:

— O homem que escreveu as palavras dessa canção deu metade de sua alma para sua mulher. Há destino que você não pode controlar, mas este homem encontrou a mulher que o completou e entregou sua alma em sua liberdade.

E disse isso, como se soubesse por experiência própria. E disse olhando para mim.

Então abaixou a cabeça e tocou seus lábios com ternura em cada um dos meus olhos que, por sua vez, se fecharam e permaneceram fechados até depois que ele me soltou, ouvi as botas baterem no chão e então ouvi o som do barbeador elétrico, que vinha através do quarto, no banheiro.

Percebi que o meu peito estava subindo e descendo profundamente, meus olhos se abriram lentamente e olhei para a parede, enquanto me permitia mais uma coisa.

Me permiti sentir aquela dor excruciante, ao mesmo tempo que a sombra do toque dos lábios do Tor nos meus olhos ainda vibrava.

Então fui para o banheiro, para partilhar a pia com Tor enquanto arrumava minha maquiagem e decidia não compartilhar com ele que *Crash Into Me* tinha indícios de voyeurismo, ao mesmo tempo decidi que, para sempre e sempre, essa música significaria para mim, exatamente o que significava para Tor.

E agora estávamos no meu carro, indo para a casa dos meus pais e eu estava, mais uma vez, em pânico. E estava cansada de entrar em

pânico. Cansadíssima disso.

A mão do Tor veio até a minha e seus dedos se entrelaçaram nos meus enquanto falava baixinho:

— Gosto desse transporte. — Me virei para olhar para ele e o observei levantar minha mão e roçar seus lábios contra os meus dedos.

Droga. Lá estava ela aquela dor excruciante de novo.

Apoiou nossas mãos na sua coxa e, sem tirar os olhos da estrada, continuou:

— Mas prefiro Salem. No carro, você fica muito longe. — Minha respiração ficou presa. — No Salem, você está exatamente onde deveria estar.

Fechei os olhos, olhei para o lado, em seguida, suspirei profundamente.

Queria que ele parasse de falar (e fazer) coisas, enquanto, ao mesmo tempo, desejava que nunca parasse.

Droga.

A casa dos meus pais ficou à vista e sussurrei para o Tor, apontando com a mão não presa na dele:

— É aquela, bem ali. Pode estacionar na frente.

Com facilidade, Tor estacionou o carro junto ao meio-fio.

Olhei para a janela da casa dos meus pais, tentando me acalmar.

Senti o Tor apertar os meus dedos e virei a cabeça para

— Vai ficar tudo bem, meu amor — me assegurou calmamente.

— Certo — sussurrei, sem acreditar nele.

Sua mão levou a minha até o seu peito, enquanto a outra segurou o meu pescoço e me puxou para ele.

— Se isso não acontecer, vou fazer com que fique — declarou. — Isso é uma promessa.

Prendi a respiração. Tor sorriu para mim.

E, droga e maldição, olhando para o seu sorriso e a tranquilidade por trás dos seus olhos, encontrei a calma.

Capítulo 21

Conhecendo Os Pais

— Você o quê? — Meu pai gritou para mim, então seus olhos viraram para o Tor, bateu os punhos na mesa, levantou de um salto da cadeira e gritou: — Fique longe da minha filha!

Fechei os olhos com força.

Deixe apenas dizer que o jantar não estava indo bem. Tinha começado bem.

Claro, mamãe e papai tinham ficado um pouco intimidados de uma forma óbvia quando puseram os olhos no Tor pela primeira vez. Um, ele era muito mais alto do que qualquer um dos meus outros namorados (muito mais). Dois, também era muito mais forte (muito mais). E três, parecia muito mais assustador (muito mais).

Tor era *sexy*, mas isso não significava que parecia ser um cara com quem você pudesse ferrar. Todos os meus namorados eram, relativamente, bem-apessoados, mas também eram descontraídos, fáceis de se lidar e divertidos. Tor parecia ser o que era. Um guerreiro vestido de *jeans*, botas e uma camisa legal.

Sua cicatriz, não importava quão *sexy*, obviamente ajudava.

Mas meus pais pareciam à vontade e foram eles mesmos, acolhedores e charmosos.

As coisas desandaram quando Tor foi, bem, Tor. Ele era sensível, muito mesmo. Também era muito atencioso, muito mesmo. E era possessivo, muito claramente. Eu realmente não podia explicar como demonstrou o último, mas demonstrou. E mamãe e papai captaram isso. E mamãe, que por duas décadas da minha vida (para o meu constrangimento absoluto quando adolescente) não usou um sutiã e

papai, que lia os boletins da mamãe, da Organização Nacional para as Mulheres, do início ao fim (às vezes fazendo marcações para que a mãe, durante a sua leitura, não perdesse as coisas que o paizinho pensava ser importante notar), não aceitaram isso muito bem.

Não ajudou em nada eu estar apavorada, preocupada, confusa e minha vida estar uma bagunça... e demonstrar isso. Eles repararam e não aceitaram muito bem, também.

Começaram a perguntar sobre os últimos dois meses da minha vida, especificamente quando me envolvi com o Tor e, querendo escolher o melhor momento para dar a notícia de que Tor e eu estávamos à mercê da imprevisível magia da névoa azul, minhas respostas foram cautelosas. Tor seguiu minha liderança e manteve completo silêncio sobre o assunto. Novamente, não aceitaram isso muito bem, também.

A conversa ficou forçada. Mamãe e papai trocavam olhares infelizes. Tor estava procurando o meu olhar, me comunicando que se eu não fizesse alguma coisa, ele faria. Não queria que ele fizesse qualquer coisa da maneira Tor, o que provavelmente não iria ser encarado muito bem, então, por isso, depois de comer o delicioso frango com ervas da mamãe, purê de batatas de queijo com alho e as verduras cozidas, mas antes que ela trouxesse a sobremesa, disse a eles que Tor era de um universo paralelo, o mesmo universo paralelo para o qual tinha sido arremessada enquanto dormia e residi nos últimos dois meses e estávamos sob o capricho de uma névoa azul mágica.

— Forrest! — Mamãe exclamou quando o pai terminou gritando.

— Pai, por favor, se sente acalme-se — insisti.

— Não! — Papai respondeu para mim. — Que poder esse homem tem sobre você? — Perguntou, então, não me permiti responder e olhei para o Tor. — O que está fazendo com a minha filha? Por que não temos visto ou ouvido falar dela nos últimos dois meses? Por que

ela acredita nesta história maluca? Você está drogando seu suco de fruta?

Eu não bebia suco de frutas, principalmente porque preferia mastigar minhas calorias, a menos que fosse alcoólico (não que mastigasse muitas frutas, mas você sabe o que estou dizendo), e meu pai sabia disso (não sobre as calorias, só que eu não tomava suco). Estava sendo dramático. Também estava falando alto.

— Perdão? — Perguntou Tor, seu tom calmo, mas também mortal. Ele não gostou das palavras do meu pai ou a forma como foram jogadas para ele, era o futuro rei, afinal de contas, e um príncipe, para começar e, bem, era o Tor, e podia vê-lo lutando para manter o controle.

— Drogar seu suco de fruta? — Continuou o pai. — Bagunçar sua mente? Um universo paralelo! Isso é insano! Você está em algum tipo de culto?

— Pai! — Exclamei. — Tor não faz parte de nenhum culto!

Meu pai me ignorou.

— Que tipo de nome é Tor, de qualquer maneira? Você nasceu com esse nome? — Papai perguntou ao Tor, se esquecendo, em seu histerismo, que tinha, por um breve período de tempo, chamando a si mesmo (e fez os outros chamá-lo) de Eaglethorn. Mamãe tinha tomado o nome Jasminevine, felizmente pararam de fazer isso antes de eu nascer.

— Não — Tor respondeu calmamente, em seguida, anunciou com sua voz profunda e firme — Sou o príncipe Noctorno Allegro Hawthorne, da Casa de Hawthorne, herdeiro do Reino de Hawkvale e governante de Bellebryn. Aqueles próximos a mim, incluindo a Cora, me chamam de Tor.

Oh, oh.

O que disse era verdade, mas não foi a coisa certa a dizer. Pude ver isso porque minha mãe ficou pálida, mas meu pai ficou vermelho que

nem uma beterraba.

— Príncipe... Príncipe... que diabos! — Se exaltou. — Você é insano e está com a minha filha!

— Senhor, estou longe de ser insano — Tor falou entre os dentes.

— Pai, ele não é insano — me apressei a dizer. — Sei que isso parece... — minha mente procurou uma palavra, meus olhos encontraram os do Tor e, em seguida, ela surgiu — fantástico. — Ouvi e vi o Tor engolir um suspiro irritado e meus olhos voltaram para o meu pai. — Mas é verdade.

— Hum, talvez... uh, Tor — mamãe interrompeu. — Não quero ser rude, mas as coisas estão ficando, uh... intensas e não vemos a Cora há algum tempo, talvez possa sair para que possamos ter algum tempo a sós com a nossa filha?

— Não vou fazer isso — Tor respondeu imediatamente.

— E por que não, inferno? — Meu pai rebateu imediatamente.

— Porque, senhor, — afirmou Tor lentamente, visivelmente lutando para manter o controle — como a Cora explicou a vocês, estamos à mercê da magia e não quero estar longe dela, se começar a tomá-la... ou a mim.

Papai olhou para ele, então voltou a olhar para a minha mãe.

— À mercê da magia. Isto é insano — suspirou com desgosto.

— Agradeceria se parasse de dizer isso — Tor falou suavemente, os olhos do meu pai voltaram para ele, então se inclinou para ele, a mão sobre a mesa e tudo.

— E eu agradeceria se você levantasse da minha mesa e desse o fora da minha casa, mas especialmente, enquanto estiver fazendo isso, desse o fora da vida da minha filha!

O rosto do Tor se transformou em pedra, se levantou do lugar, jogou o guardanapo na mesa e eu soube que era hora de intervir.

Então levantei da minha cadeira e corri ao redor da mesa para colocar a mão no braço do meu pai.

— Pai, ouça — implorei.

Ele nem sequer olhou para mim, apenas continuou encarando o Tor.

— Estou ocupado, querida. Estou prestes a escoltar este cara para fora.

— Pai — apertei o braço dele — ouça. Por favor, escute. É verdade. Tudo. Eu acordei em um universo paralelo. Uma terra de conto de fadas. A terra da fantasia. Onde eles montam cavalos, aves falam com você e o ar brilha como se tivesse glitter nele. Mas há uma outra eu lá, como há um Tor aqui. Todas as mesmas pessoas estão em ambos os mundos, acho, e eu estava ligada com a Cora do mundo dele.

Papai virou a cabeça lentamente para me encarar e olhar nos olhos dele fez meu coração apertar. Ele realmente pensava que eu tinha ficado maluca e esse pensamento lhe doía. Então, cheguei mais perto e o fiz me encarar, levantando a outra mão para segurar o outro braço dele.

— Eu sei que parece loucura, confie em mim, eu sei. Mas não é. Acordei e todos os móveis no meu quarto eram estranhos, como se tivessem saído de um filme de animação. E não era o meu quarto. E, em seguida, minha irmã veio dançar e ela era tão bonita, tão graciosa, era irreal. Seu nome era Rosa e...

Parei, porque na hora que disse o nome Rosa, o corpo do meu pai que ainda tinha as minhas mãos, ficou imóvel, seus olhos dispararam para a minha mãe e o ar da sala ficou pesado.

— Rosa? — Minha mãe sussurrou e virei a cabeça para olhar para ela. — Neste universo paralelo, você tinha uma irmã chamada Rosa?

— Uh... sim — respondi, olhando para a minha mãe, que estava ainda mais pálida e, enquanto a olhava, os olhos dela se moveram rapidamente para o meu pai e ela apoiou a mão na mesa.

— Mãe? — Chamei e soltei o meu pai, a fim de ir até ela, porque parecia que estava prestes a chorar ou desmaiar.

— Rosa — minha mãe sussurrou novamente quando me aproximei dela, me abaixei, seus olhos continuavam encarando os do meu pai, cobri a mão dela com a minha e apertei. Quando o fiz, sua cabeça lentamente se virou para mim. — Rosa estava viva nesse mundo?

Oh. Meu. Deus.

— Pelos deuses — Tor murmurou, olhei para ele e vi que estava olhando para a minha mãe com o rosto contemplativo, mas seu corpo tinha perdido sua energia raivosa.

Olhei novamente para a minha mãe e sussurrei:

— Existe algo que eu não saiba?

Lágrimas tremeram nos olhos da minha mãe antes dela responder.

— Nós tivemos uma menininha. — Oh, meu Deus.

— Ela morreu ao nascer. — Oh, meu Deus! — Nós a chamamos de Rosa.

Fechei os olhos, em seguida, os abri.

— Por que não me contaram? — Perguntei.

Eu... eu não podia. Não podia falar sobre isso. Foi ruim, querida. O parto foi difícil. Para mim, também. Depois disso, não pude ter mais filhos. Seu pai e eu queríamos uma casa cheia e nós perdemos isso, perdemos Rosa e eu...

— Pare — sussurrei quando as lágrimas transbordaram. — Pare, mamãe. Entendi.

— Não foi como se eu estivesse tentando esconder algo de você, apenas...

Eu a interrompi novamente.

— Pare, mamãe. Entendo.

Ela piscou e mais lágrimas caíram, em seguida, se virou para o Tor.

— Rosa está viva no seu mundo?

Fiquei tensa, pois Rosa estava viva, mas também era refém de uma bruxa-deusa cruel, mas Tor simplesmente disse:

— Viva e amada. A única beleza na terra mais primorosa que a dela, é a da Cora. As únicas qualidades na terra mais estimadas são as da minha Cora, a Cora deste mundo.

Senti meu corpo estremecer diante das suas palavras e sussurrei:

— Essa última parte não é verdade — e o olhar do Tor veio até mim.

— É, minha querida.

— Não é, quase todo mundo me odeia — o lembrei.

— Não, Cora, todo mundo odeia a Cora do meu mundo.

Me levantei, dizendo:

— Mas eles acham que ela sou eu.

— Na verdade, acham, mas tem sido você a agraciar o meu castelo nas últimas semanas e você e o seu louco comportamento, não condizente com o comportamento de princesa que você exibiu em cidades e aldeias por quilômetros e quilômetros, que as pessoas têm observado. Palavras voam. Eles costumavam chamá-la de Cora, a Primorosa, devido à sua beleza. Agora, você está se tornando conhecida como Cora, a Benévola.

Cora, a Benévola? Uau. Gostei disso.

— Sério? — Perguntei.

Os olhos do Tor se tornaram calorosos.

— Você leu para uma mulher cega, amor, salvou um selvagem pássaro ferido e tornou seu animal de estimação. Você sorri para cada criança que vê e toca suas bochechas ou despenteia os cabelos delas, o que, por sinal, deve parar de fazer. — Mesmo que suas palavras estivessem derretendo meu coração, meus olhos se estreitaram e ele sorriu para mim. — Você é amigável, é educada, é gentil e é misericordiosa. Você é Cora, a Benévola.

Oh, meu. Eu era Cora, a Benévola. Que incrivelmente legal!

— Isso é incrivelmente legal! — Exclamei, sorrindo para ele, virei a cabeça e olhei para a minha mãe.

Esta linguagem e a teimosia inquebrável em ser invulgarmente amigável com todos que encontra não é um comportamento condizente com o de uma princesa. Insisti em lhe dizer isso, mas ela não escuta. Suponho que tenho que lhe agradecer por isso.

— Eu, uh... uh... uh... — Mamãe balbuciou, olhando para o Tor e, pude ver, chegando à conclusão que tinha um ser de um universo paralelo à sua mesa. — Minha filha é uma princesa?

— Claro, ela é minha esposa — Tor respondeu.

— Continuo dizendo a você, Tor, não sou sua esposa — rebati e os olhos se voltaram para mim.

— E eu continuo dizendo a você, meu amor, que vai ser e, pela parte que me toca, já é.

— Você está casado com a minha gêmea do mundo paralelo! — Exclamei.

— Isso vai ser desfeito oficialmente mediante o nosso regresso. Felizmente, Cora e eu nos casamos em Bellebryn e a pessoa que concede as anulações em Bellebryn sou eu. Portanto, basta simplesmente uma assinatura em um pedaço de papel e, em seguida, você e eu vamos nos casar.

— Você vai se casar com ele? — Papai perguntou.

— Não! — Exclamei com veemência.

— Sim — Tor respondeu.

— Não vou! — Disse, o tom da minha voz subindo.

— Meu amor, você vai — disse Tor para mim.

— Não, não vou. Você consegue ser um idiota — informei a ele.

— E você não é uma de mão cheia? — Rebateu.

— Não! Você acabou de dizer que eu sou Cora, a Benévola — retorqui e Tor olhou para o meu pai.

Ela é extremamente amigável com todas as criaturas do meu reino. Até mesmo as aves migram para lhe dar bom dia e o meu cavalo disse que morreria por ela. Mas, para mim, ela pode, às vezes, ser extremamente irritante.

— Salem disse isso? — Sussurrei, sentindo meu coração se apertar e os olhos do Tor vieram até mim.

— Ele se preocupa profundamente com você — sussurrou em resposta.

Em seguida, percebi outra coisa que ele disse e falei:

— Não sou irritante!

Ele cruzou os braços sobre o peito e fixou o olhar em mim.

— Cora, você limpou a minha caverna e deixou os pés em carne viva fazendo isso. Fugiu depois da nossa luta com os vickrants e colocou todo o reino em perigo. Me fez subir em uma árvore para salvar um pássaro meio morto...

— Tudo bem, tudo bem, posso ser irritante — concedi, em seguida, respondi — Mas você é mais irritante!

Não era bom, mas era tudo o que eu tinha.

— Quando eu sou irritante? — disse rapidamente quando abri, instantaneamente, a boca para falar — Exceto, quando não estou fazendo as suas vontades.

— Tor, você comprou dois carrinhos cheios de alimentos no supermercado.

— Você pagou por aquele alimento? — Perguntou Tor.

— Não — respondi secamente.

— Será que você o levou até o seu apartamento? — Continuou.

— Não! — Rebatí.

— Então, por que isso é irritante? — Perguntou de forma sensata e lógica.

Virei o pescoço para poder olhar para a minha mãe e anunciei:

— Ele é o único sensato e lógico, até mesmo no meu mundo. Digo a você, mamãe, é irritante. Quando cheguei no seu mundo e a maldição começou a ter início, me apavorei pra cacete. Eu estava um desastre! Mas, o Tor aqui?

Me inclinei para trás e balancei a cabeça.

— Não. — Soltei o “não” por alguns segundos. — Ele não surtou. Ele quer dirigir um carro, eu lhe mostro como ligar, os sinais de trânsito e, — levantei a mão e estalei os dedos — ele está dirigindo um carro. Precisamos mudar uma fechadura, vamos para a loja de ferragens, pegamos o material, vamos para casa e — estalei os dedos de novo — ele muda a fechadura. Estou lhe dizendo, isso me deixa louca.

Tor chamou minha atenção para ele, perguntando:

— Querida, você preferia que eu estivesse tremendo, com medo da minha sombra e incapaz de cuidar de você?

Não! Mas você podia me conceder alguma coisa.

Por quê? Você não concedeu a mim qualquer coisa. Você manteve o fogo aceso. Cozinhou os coelhos no espeto. Limpou a caverna. Disse que você era uma negação, meu amor, mas não vi nada disso. Pelos deuses, empunhou uma adaga e lutou contra os vickrants junto comigo.

— Uma adaga? — Sussurrou minha mãe.

— Sua filha é talentosa com um punhal — Tor informou à minha mãe, orgulhoso, me virei e sorri para ela.

— Completamente, mãe. Você devia ter me visto. — Me gabei, em seguida, apontei para mim. — Princesa guerreira, em carne e osso.

— Maldição, princesa guerreira — Tor resmungou e meus olhos correram para ele.

— Bem, eu fui! Você mesmo disse isso! — Exclamei.

— Preciso de um uísque — papai falou neste momento, meu corpo ficou rígido e olhei para o meu pai, que tinha uma expressão no rosto que nunca tinha visto antes. Estava achando que ele, agora, queria que eu fosse realmente louca ou simplesmente tivesse agarrado o líder de uma seita que seduzia mulheres débeis mentais e as convencesse que ele era de um universo alternativo, em vez de estar ligada a um príncipe guerreiro real vindo de um mundo paralelo.

— Pai — comecei, mas papai estava olhando para o Tor.

— Você bebe uísque? — Perguntou ao Tor.

— Bebo — Tor respondeu.

— Providenciando — papai murmurou e se voltou para o armário de bebidas na parede.

Meus olhos foram até o Tor e os dele vieram até mim. Suas feições suavizaram, um dos lados da sua boca se curvou um pouco para cima e piscou para mim. Respirei fundo e retribuí o sorriso. Ele inclinou a cabeça para minha cadeira e esperou até que a minha bunda estivesse nela antes de voltar a sentar.

Papai voltou com dois uísques e trouxe a garrafa.

Mamãe completou o seu e o meu copo de vinho.

Papai tomou seu uísque como se estivesse tomando uma dose de tequila, então encheu o copo novamente.

Seus olhos vieram até mim. Então o assisti tomar fôlego.

Em seguida, falou calmamente:

— Tudo bem, querida.

Vamos começar do começo.

Apertei os lábios e olhei para o Tor. Ele se sentou e tomou um gole do uísque, seus olhos me observando por cima da borda do copo o tempo todo. Tomei um gole de vinho, olhei para a mãe e o pai e, então, comecei do início.

Papai e o Tor estavam na sala de jantar, tomando uísque.

Mamãe e eu estávamos na cozinha, lavando os pratos.

Não queria que a mãe tivesse que lavar os pratos sozinha, mas não achava sábio deixar o Tor com o meu pai.

Contei a nossa história e meus pais acreditaram.

Ficaram chocados, mas acreditaram.

Isso era bom.

Tinha deixado de fora a parte da Rosa sendo raptada pela malvada Minerva, mas Tor entrou em detalhes, quão doce, bem-humorada e amável ela era, como estava destinada a casar com o irmão dele e o quanto era amada por sua família, por aqueles ao seu redor e, especialmente, pelo seu futuro marido. Isso fez com que os olhos dos meus pais ficassem marejados. Incluindo a informação que já tinha dado a eles sobre o Tor cuidar e me proteger, os fizeram gostar dele. E do jeito que estavam olhando para ele, estava presumindo que gostavam muito dele.

Isso eu não estava certa de ser bom.

— Você acha que é uma boa ideia deixarmos o pai e o Tor na sala de jantar... — Os olhos de minha mãe vieram até mim e terminei — sozinhos?

— Por que não seria uma boa ideia? — Mamãe perguntou.

Peguei um copo de vinho e comecei a secá-lo, murmurando:

— Não sei.

Mamãe hesitou, enxaguou um prato e o colocou no escorredor, antes de perguntar:

— Existe algo que não está me dizendo?

Mordi o lábio, guardei o copo, estendi a mão para o prato e então, menti.

— Não.

— Cora. — Mamãe falou baixinho e odiava quando ela falava meu nome assim. Com suavidade, mas decepção. Odiava decepcionar minha mãe. Isso era o pior.

Sequei o prato, o deixei em cima da pia, me virei para o balcão e me inclinei sobre ele. Então encontrei os olhos da minha mãe e sussurrei:

— Estou apaixonada por ele.

Minha mãe, que nunca escondeu suas expressões de mim ou de qualquer um (ela era quem ela era, pensava o que pensava), não fez isso naquela hora, também. E seu rosto parecia em guerra. Parecia esperançosa e feliz, mas ao mesmo tempo, parecia assustada e preocupada.

Tirou o pano de prato das minhas mãos, secou as dela, largou o pano no balcão e se aproximou de mim.

— Você está apaixonada por ele?

Balancei a cabeça.

— Se está apaixonada por um homem que, obviamente, adora você por tudo que você é, querida, por que parece que o seu cão acabou de ser atropelado?

— As coisas são complicadas... — expliquei.

— Você tem esse direito — ela murmurou e balancei a cabeça.

— Não, não é apenas essa coisa do universo alternativo — disse, e ela franziu o cenho.

— As coisas são mais complicadas do que essa coisa do universo alternativo? — Perguntou e eu assenti. — Como?

— Bem... — Comecei, rapidamente pesei os prós e contras de confidenciar a plenitude da minha história com o Tor para a minha mãe, então decidi fazê-lo. Não tinha mais ninguém com quem falar sobre isso, minha mãe era incrível, também era sábia, por isso quem mais eu poderia escolher?

— No mundo dele, estava tentando convencê-lo sobre quem eu era, de onde vinha. Ele não acreditou em mim.

Sua cabeça inclinou para o lado.

— E?

— Durante dois meses ele não acreditou em mim, mãe. A Cora do seu mundo é diferente de mim. Muito diferente. Ela não é uma pessoa muito agradável e... ele não gosta muito dela.

Sua cabeça se endireitou, seus olhos ficaram alertas e ela repetiu.

— E?

— Ele costumava amá-la. Mas Cora rejeitou seu amor, entendi na essência que ela não era agradável sobre isso e estavam profetizados a se casar, assim, ele estava *meio que* preso a ela. Cheguei lá, ele não sabia que eu era eu, lhe disse quem eu era e ele achou que eu estava jogando um jogo com ele. Então jogou comigo. Fingiu que acreditava em mim. Durante este tempo, me apaixonei por ele. Descobri, logo antes de virmos para o meu mundo, que ele achava que eu era uma mentirosa e estava jogando comigo.

— Bem, estou supondo que ele sabe que você não é uma mentirosa, agora — ela respondeu.

— Sim, sabe — afirmei o óbvio.

— Então isto é um problema...? — Ela parou e suas sobrancelhas se ergueram.

— Mãe! — Vociferei, me inclinando para ela. — Ele achou, durante dois meses, que eu estava mentindo para ele. Brincou de ser o marido devotado, adorando a esposa, e a palavra imperativa nisso é fingindo. Nunca acreditou em mim, mas me levou a crer que acreditava!

Diante disso, seu cenho franziu.

— Sim, querida, entendo isso. Mas isso foi antes. Isto é agora.

Me inclinei para trás e sussurrei:

— O quê?

Ela pegou minha mão e a segurou com firmeza.

— Cora, aquele homem lá dentro não acha que você é uma mentirosa e não está fingindo ser devotado, nem adorar você. Não sei o que se passou entre vocês dois nesse outro mundo, mas, o que quer que tenha acontecido, enxergou você por quem é, e agora está plenamente devotado e te adora.

Prendi a respiração e olhei para ela. Ela apertou minha mão.

— O amor é uma coisa poderosa — prosseguiu. — Quando lidamos com as pessoas que amamos, tudo o que fazem, não importa quão pequeno ou quão grande, tem um poder incrível sobre nós, nossas emoções, nosso comportamento, nossas reações. Você ama este homem e se sente traída por ele não acreditar em você, mas fingir que acreditava. Entendi. Até entendo por que você iria se aferrar a isso e o poder que essa traição teria sobre você. Mas, querida, você disse a ele que era de um mundo diferente. Se a Rosa não estivesse naquele mundo, o nosso jantar — apontou com a cabeça para a parede entre a cozinha e sala de jantar — teria tido um final muito diferente. De maneira nenhuma, diabos, você, ou o Tor, teriam sido capazes de convencer seu pai ou a mim que ele era de outro mundo. Eu ainda acho inacreditável. E a única maneira pela qual consigo acreditar sem que

isso me assuste é entender que a menina que eu perdi, não foi perdida naquele mundo, ela tem uma bela vida naquele mundo. O resto... — ela parou e balançou a cabeça.

— Sinto muito que isso te assuste — sussurrei.

— Sinto muito que esteja passando por isso. E estou preocupada por você estar passando por isso — ela sussurrou em resposta.

— Eu também — concordei, com muita emoção.

— Mas tenho que lhe dizer, querida, se você tem que passar por isso, estou feliz da vida porque está passando por isso com aquele homem lá dentro.

Pisquei.

— Está?

Ela assentiu com a cabeça.

— Aquele homem atravessaria o fogo por você.

Oh, Deus.

— Você acha? — Sussurrei.

Sua cabeça se inclinou para o lado novamente.

— Você não?

— Eu...

— Deixe isso para lá — mamãe me interrompeu com um aceno da mão. — Cora, você pode fechar os olhos à noite e estar em qualquer lugar amanhã. A única maneira com a qual vou ser capaz de viver com isso, é a esperança, por tudo que é sagrado, que onde quer que acorde amanhã, esse homem estará com você.

Senti meu nariz arder (sim, outra vez!) E sussurrei:

— Mãe.

— Estou sendo franca com você. Eu poderia... poderia... inferno, eu realmente a perdi por dois meses e... — ela parou e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mãe — sussurrei de novo e a puxei para os meus braços, os braços dela à minha volta ficando apertados e nos abraçamos enquanto chorávamos.

Então, de repente, ela me soltou, mas suas mãos se ergueram, agarraram as minhas bochechas e ficou cara a cara comigo. Seus olhos eram brilhantes e intensos e, ao vê-los, minha respiração falhou.

— Eu poderia perder você amanhã e nunca mais vê-la novamente — ela me disse ferozmente e minha respiração falhou novamente. — E a única coisa na qual posso me agarrar para poder deitar minha cabeça no travesseiro à noite, é o pensamento de que onde quer que esteja, você está com ele e ele está montando seu cavalo, ou dirigindo seu carro, ou voando na sua nave espacial, não ligo, mas ele está fazendo isso com você, não vai te abandonar e não vai deixar nenhum mal chegar até você. Essa é a única coisa que tenho. E agora, isso é o que o seu homem está assegurando ao seu pai. Então, acho que é muito sensato deixar o seu pai ter tanta paz de espírito quanto o seu homem puder dar a ele, antes de tudo o que quer que aconteça, acontecer. — Seus polegares deslizaram pelo meu rosto e terminou com um sussurro. — Você entendeu?

Balancei a cabeça, ergui minhas mãos e segurei os seus pulsos.

— Entendi, mãe.

— Prometa, aconteça o que acontecer, você ficará segura — pediu com fervor.

— Prometo — assegurei com outra falha na respiração.

— Nada mais de adagas sendo empunhadas — ordenou e apertei os lábios, porque quem sabia o que poderia acontecer? Não podia prometer isso.

— Que tal, prometo não empunhar adagas a menos que seja absolutamente necessário? — Respondi, ela olhou para mim, um segundo depois começou a rir e me abraçou mais uma vez.

Aninhei meu rosto no pescoço dela e, quando sua risada diminui, falei contra a sua pele:

— Eu te amo, mãe, e quando estava fora, senti sua falta e a pior coisa sobre ter partido foi achar que nunca mais veria você e o papai de novo, e não tive nem chance de dizer adeus.

Seus braços me deram um aperto e ela sussurrou:

— Oh, querida.

Meus braços a apertaram e sussurrei em resposta:

— Então, se formos embora de novo, quero que saiba, e nunca se esqueça, que vou sentir sua falta e sempre vou te amar. Sempre.

Ela aninhou ainda mais o rosto no meu pescoço e me abraçou com mais força.

Momentos se passaram enquanto acalentamos uma à outra, e só quando estava prestes a soltá-la, ela disse:

— Só mais uma promessa, Cora.

— Qualquer coisa, mãe — respondi, ela recuou a cabeça, mas seus braços permanecerem em torno de mim.

— Segure-o com força. Não deixe esse homem partir. Por mim, pelo seu pai e, principalmente... principalmente, minha linda menina engraçada — a mão dela veio até meu rosto e os olhos fitaram profundamente os meus — por você. Sim?

Mordi os lábios e assim mesmo, eles tremeram.

Eu os soltei e falei baixinho:

— Ele poderia estar perdido para mim.

— Então segure-o bem.

— Ele pode não...

Seu braço me deu um apertão.

— Segure-o firme.

— Ele...

— Cora, aprenda isso com a sua mãe. Não há muitos homens como ele no mundo, ou no dele, eu acho. Homens como ele não aparecem frequentemente. Homens como ele, que olham para a minha garota como se ela carregasse a outra metade da sua alma e ele não pudesse existir sem ela, são ainda mais raros. — Prendi a respiração diante das suas palavras, uma parte da história do Tor e da Rosa que não compartilhei, mas palavras que ela usou, de qualquer maneira, enquanto concluía — Então, segure... bem... firme.

— Ok — sussurrei.

Sério, o que mais eu podia fazer?

— Promete? — Insistiu.

— Prometo — cedi. Mamãe sorriu.

Rapaz, eu estava ferrada.

Mamãe me soltou, se voltou para a pia, enxugou o rosto e disse:

— Ok, vamos acabar com isso e voltar para lá. É bom que estejam se entendendo, mas estão fazendo isso com uísque. E uísque faz com que o seu pai vire um tagarela. Tagarela significa que pode pegar os álbuns de fotos. E você passou por aquela fase do punk infeliz quando tinha quinze anos. Nós não queremos que o Tor veja isto.

Oh, droga.

Não. De acordo. Nós absolutamente, definitivamente, não queríamos que o Tor visse minhas fotos com cabelo espetado, muito delineador preto e roupas rasgadas presas com alfinetes.

Peguei um prato do escorredor e o sequei, advertindo-a.

— Depressa, mãe. Papai já tinha tomado três doses antes mesmo de tirarmos a mesa.

— Certo — mamãe murmurou e começou a lavar os talheres.

Terminei de lavar a louça com a minha mãe e, enquanto fazia isso, memorizei cada maldito segundo.

Capítulo 22

Algo Para Comemorar

Fiquei em silêncio na volta para casa, principalmente porque estava pensando em tudo que a minha mãe tinha dito, tudo o que tinha acontecido entre mim e o Tor e sobre a letra de *Crash Into Me*.

Só quando o Tor destrancou a porta do apartamento que me dei conta que tinha estado em silêncio toda a volta para casa, também.

Ele abriu a porta para mim, eu o precedi, ele a fechou, trancou e correu, sim, correu para a cozinha.

Humm. Parecia que eu tinha perdido alguma coisa.

Vi a luz da cozinha ser acesa, acendi algumas lâmpadas na sala de estar, então o segui e parei na porta, vendo que estava abrindo e fechando armários.

— Posso lhe ajudar? — Perguntei calmamente e seus olhos vieram até mim.

Estavam pensativos e intensos.

Oh, Jesus.

— Você tem alguma bebida? — Perguntou em resposta.

Oh, Deus!

— Humm... você já tomou uísque com o meu pai — apontei.

— Sim, e sabia que teria que dirigir o veículo, sem dúvida nenhuma, na chuva, o que acontece o tempo todo aqui, diabos, então não tomei tanto quanto teria gostado e dirigir o veículo embriagado não seria sábio. — Respondeu.

Ele estava certo.

— No armário de parede. — Tardamente respondi sua pergunta.

Ele foi até o armário, procurou no meio da miríade de garrafas, pegou uma garrafa de uísque, abriu, cheirou foi até o armário que continha as taças.

Eu o vi se servir de uma dose bastante generosa enquanto me sentia mais desconfortável.

Tor estava pensativo, algo que ele podia ser, mas, geralmente, era *meio que*... abertamente pensativo. Assim, era raro não me dizer o que estava passando pela cabeça dele.

Teve apenas um jantar emotivo com os meus pais e não estava me dizendo o que estava na sua cabeça.

— O que está passando pela sua cabeça? — Perguntei depois que ele engoliu um grande gole.

Ele olhou para mim e declarou estranhamente.

— As coisas aqui no seu mundo são mais avançadas.

— Bem... sim — respondi.

— Também é assim com a medicina?

Inclinei a cabeça para o lado.

— Medicina?

— Você não chama de medicina? — Perguntou, não esperou pela minha resposta e explicou o uso da palavra. — Cura.

— Sim, nós chamamos de medicina e, sim, é mais avançada.

Mostrou uma carranca para mim por um segundo, em seguida, esvaziou o copo. Depois serviu outra dose generosa.

— Tor — comecei hesitante, sem saber o que fazer com ele neste estado de espírito — tem alguma coisa o incomodando?

Ele respondeu imediatamente.

— Enquanto você estava com a sua mãe na cozinha, seu pai falou bastante.

Oh, oh.

Papai podia ter dito a ele qualquer coisa. Sobre a minha fase punk, ou pior, minha fase de militante vegetariana, ou pior, o momento terrivelmente desconfortável quando encontrou o Tad Millstrom chegando na segunda base comigo, no nosso porão.

— E? — Sussurrei.

— E ele me falou sobre a Rosa, sua Rosa, a irmã que você não teve.

— Sério? — Perguntei em voz baixa, surpresa com isso. Papai podia virar um tagarela quando bebia demais, mas isso era compartilhar demais, até mesmo para o papai. Sabia disso porque tinha estado perto do papai quando ele bebeu um monte, várias vezes, e ele (obviamente) nunca mencionou a Rosa.

— Sério — Tor respondeu então sorveu um outro grande gole.

— Tor, eu não...

Seus olhos encontraram os meus e o olhar que vi neles me fez fechar a boca.

Em seguida, ele anunciou:

— Você está grávida do meu filho.

Meu corpo virou uma estátua, exceto os olhos. Eles piscaram.

Deus, esqueci o teste de gravidez. Como podia esquecer uma coisa dessas?

— Eu... — Comecei, a única sílaba saindo trêmula.

— Você esteve na minha cama todas as noites e eu estive dentro de você em todas elas, durante seis semanas, e nós estivemos juntos dia sim, dia não, por muito mais tempo. Você não teve nenhum ciclo.

Oh, Deus.

— Tor...

— Sua mãe quase morreu quando a sua irmã, de fato, morreu.

Meu estômago se contraiu.

— Verdade? — Ele olhou para mim.

— Minha mãe quase morreu, quero dizer.

— De fato — respondeu e bebeu mais uísque.

Embora esta notícia me chateasse, muito, senti necessidade de manter o foco sobre o que estava incomodando Tor.

— Tor, eu não...

Ele me encarou de novo e, mais uma vez, fechei a boca imediatamente.

— As mulheres no meu mundo morrem, frequentemente, durante o parto. Acontece com tanta frequência, que as parteiras pediram ao meu pai, no reino dele, e para mim, em Bellebryn, para criar uma lei para quando a situação ficar preocupante e a decisão, salvar a mãe ou a criança, é extremamente emocional. Acharam que os homens não tinham um bom estado emocional nessa hora para tomar uma decisão tão grave. E aqueles em torno deles podiam dar conselhos e estes conselhos podiam ser egoístas ou equivocados. Depois de muita discussão sobre a matéria e debates, e você pode imaginar, considerando a história do meu pai com suas esposas, que havia muito pesando no assunto, meu pai e eu concordamos que a parteira deve sempre salvar a mãe. Portanto, isto foi transformado em lei.

Meu coração se contraiu e soube por que estava pensativo e lutando com seu temperamento. Também entendi por que estava sendo tão romântico, maravilhoso, protetor e... e... tudo isso.

Porque achava que eu estava grávida do seu herdeiro e estava tentando me convencer e me levar de volta para o seu mundo, não por mim, mas para me manter tranquila para que ele pudesse ter o que mais queria no mundo.

E agora estava pensando que, se eu fosse ter esse herdeiro e fosse transportada para o seu mundo, ele mesmo tinha criado uma lei na qual, se eu tivesse alguma dificuldade, escolheriam me salvar, não o seu maldito herdeiro precioso.

Levantei a mão e meus dedos agarraram o batente da porta enquanto olhava para ele, imaginando por que eu continuava a ter esperança com esse cara e sempre era chutada no estômago.

— Eu simplesmente não acredito em você — sussurrei, minha voz trêmula, agora, por um motivo diferente.

Seu cenho se franziu.

— Perdão?

Olhei para ele. Então gritei:

— Não acredito! Você não é um idiota, ou um babaca, ou um imbecil. Você é um porco!

Então me virei e marchei para o meu quarto. Estava a meio caminho do banheiro quando fui parada com um braço em volta da minha cintura e virada com o rosto para o Tor.

— Pode parar de fazer isso! — Gritei. — Se eu quiser ir a algum lugar, eu devo apenas ser capaz de ir!

— Cora, o que diabos te deixou nesse estado? — Tor resmungou, estava com raiva, dava para ver, e iludido também, também dava para ver, o porco.

— Você! — Rebatí, em seguida jogando para ele. — Mas você também tem sorte, visto que é o grande homem em Bellebryn. Se voltarmos, logo em seguida, juntamente com a anulação do seu casamento com a outra Cora, você pode mudar a lei, então a criança é que será salva, não a mãe. Então, se eu tiver um parto difícil, você vai ter a certeza de não perder o seu precioso herdeiro!

Sua cabeça recuou como se eu o tivesse esbofeteado, em seguida, seus olhos enfrentaram os meus, antes de dizer em voz baixa:

— Por favor, me diga que você não acabou de dizer isso.

— Eu disse, maldição! — Respondi. — Nós dois sabemos que eu falei e sempre tive um propósito para você. Ser o navio que proporciona segurança ao seu sucessor.

— Agora, preciso que você me diga que não acabou de dizer isso — falou entre os dentes.

— Não finja que não é verdade — vociferei e ele me soltou, como se me tocar fosse semelhante a se queimar com ácido, e deu um passo para trás.

Em seguida, falou suavemente, seus olhos presos nos meus.

— Você se convenceu sobre mim, então não vai acreditar, mas se me fosse dada a escolha, tanto naquela época quanto agora, especialmente, entre salvar o nosso filho ou salvá-la, não teria que pensar nisso nem por um segundo. Eu iria salvá-la.

Prendi a respiração, minha cabeça ficou leve e a única razão pela qual não desmaiei foi que permaneci focada nele.

Ele continuou.

— Então, porque podia fingir durante os dias em que você estava longe de mim, mas especialmente durante as noites, quando a tinha, que você era a Cora que eu precisava que fosse. E, minha querida, pode não acreditar nisso, mas a verdade é, apreciei cada maldito segundo. E agora, porque sei que você é.

Meu Deus.

— Tor...

Ele levantou uma mão.

— Você já disse o suficiente.

Então se virou nos calcanhares e seguiu para fora do meu quarto. Pisquei para a porta, congelada, em choque, diante do que ele tinha dito. Ouvi a tranca ser aberta, a porta abrir e fechar. Descongelei muito tarde, corri através do quarto e da sala, abri a porta e corri para o corredor.

Tor tinha ido embora.

Corri para a escada e desci os dois lances (muito lentamente, devido às sandálias de salto alto), atravessei o hall e as portas da frente

do meu prédio.

Olhei para a calçada, à minha esquerda, em seguida, à minha direita.

E, novamente, Tor tinha ido embora.

Olhei para a calçada escorregadia enquanto a chuva fina molhava minha pele e o meu cabelo. Então corri novamente para dentro do prédio, subi os degraus, entrei no apartamento e peguei minha bolsa.

Corri para a loja da esquina e comprei um teste de gravidez.

Trinta minutos mais tarde, minhas mãos seguravam o volante com força para impedi-las de tremer, estava no meu carro voltando para o supermercado, embora metade das suas mercadorias estivessem enfiadas nos meus armários e na geladeira da minha cozinha.

Mas não tínhamos comprado os ingredientes para fazer um bolo *Red Velvet*.

E tão loucos e incertos quanto nossos mundos eram, Tor e eu tínhamos algo para comemorar.

Isso é, se ele voltasse para casa.

Estava aninhada na espreguiçadeira rosa, a manta roxa enrolada a minha volta, cochilando, quando ouvi a chave raspar a fechadura.

Abri os olhos, me sentei e coloquei os pés no chão, meu coração subindo até a garganta quando ouvi e vi a maçaneta girar. Prendi a respiração, minha mente tentando lembrar da ideia que tive, ao pensar em fazer o bolo como uma forma de me desculpar com o Tor, quando a maçaneta girou novamente.

Inclinei a cabeça para o lado, olhando para ela e, em seguida, ouvi a chave raspar na fechadura novamente.

Oh, oh. A fechadura nova do Tor não estava funcionando.

Então pulei quando ouvi uma batida na porta.

— Cory, *baby*, abra a porta!

Oh, droga. Não era o Tor. Era o Noc. Congelei.

Não houve mais batidas e, em seguida:

— Cora! Estou vendo a luz pela fresta da porta. Sei que você está acordada. Abra!

Meus olhos voaram para o aparelho de DVD e vi que eram quase duas da manhã. O que estava fazendo lá, às duas da manhã?

— Cora! Caralho, *baby*, abra a porra da porta! — Gritou, em seguida, mais batidas.

Olhei para a porta, meu corpo imóvel.

Ele era um cara grande, tão poderosamente construído como o Tor. Minha porta era uma porcaria porque meu senhorio era uma porcaria. Ele podia arrebentar minha porta, fácil, fácil.

Merda!

Houve um silêncio, em seguida, falou atrás da porta:

— Certo, fechadura trocada. Entendi. Estou tomando um gelo.

Oh, merda.

— Me faça um favor — continuou. — Coloque minhas coisas de merda em uma mala e a deixe no corredor. Volto amanhã para pegá-la.

Então houve uma batida forte na porta e, em seguida, mais nada.

Prendi a respiração. Quando estava prestes a desmaiar, respirei fundo e segurei. Quando não ouvi mais nada, afastei a manta e fui, na ponta dos pés (com foco na tarefa em mãos, ainda não tinha tirado minhas sandálias), até a minha bolsa e peguei o celular.

Amanhã, Tor deveria estar de volta (e, Deus, esperava que ele voltasse), nós iríamos direto para o shopping e eu compraria um maldito celular para ele.

Olhei para o telefone e vi que tinha cinco chamadas perdidas, enquanto meu celular estava na bolsa, na casa dos meus pais, sem

mensagens de voz. Verificando o histórico, vi que quatro eram do Noc e uma era da minha amiga Phoebe.

Phoebe. Caraca!

Era tarde demais para retornar a chamada da Phoebe, então larguei o telefone, ele caiu na minha bolsa, fui na ponta dos pés até a cozinha, peguei a maior e mais afiada faca que consegui encontrar e voltei, na ponta dos pés, para a sala de estar. Desliguei as luzes, então me recostei na espreguiçadeira, jogando a manta sobre mim.

Olhei para a porta, meus dedos seguraram o punho da faca e esperei pelo retorno do Noc.

Cerca de meia hora mais tarde, adormeci.

Capítulo 23

Vamos Comê-lo No Café Da Manhã

Meus olhos se abriram quando Tor me levantou para me carregar nos seus braços.

— Tor? — Perguntei, sonolenta.

— Só para você saber, amor, uma verdadeira princesa guerreira não permitiria que um homem se aproximasse e a desarmasse, enquanto continuava dormindo.

Humm.

Não sabia o que fazer diante disso, exceto pelo fato de que era verdade.

Ele me levou até o meu quarto e, como fez na noite anterior, me colocou de pé ao lado da cama. Em seguida, fez menção de se afastar, mas eu, sacudindo o sono residual que me reivindicava, o detive, levantando as duas mãos e colocando-as em volta do pescoço dele.

— Querido? — Sussurrei, e as mãos dele foram até os meus quadris, os dedos me apertando.

Então senti sua testa encostar na minha. Prendi a respiração.

— Senti saudade de você me chamar desse jeito — ele murmurou.

Meu coração deu um pulo.

— Você não está com raiva de mim? — Perguntei, minha voz cheia de esperança.

Sua testa se afastou da minha.

Oh, oh.

— O que você disse foi cruel — falou e não consegui interpretar o seu tom.

Apertei os dedos no pescoço dele e sussurrei:

— Eu sei.

— E falso — continuou.

Arrisquei e me movi ligeiramente para mais perto dele.

— Eu sei — repeti não porque sabia então, só porque sabia agora.

— Eu quero um herdeiro porque é minha responsabilidade fornecer um. Mas, principalmente, quero um herdeiro porque quero filhos — disse.

— Ok — falei baixinho.

— Mas, mais do que isso, quero você — ele concluiu, seus dedos apertaram mais fundo a minha carne e contrai os lábios enquanto meu coração não ficava excitado... ele voava.

— Sério? — Sussurrei.

— Cora, meu amor — começou, então vi o rosto sombreado se aproximar. — Sei que a sua vida está em um turbilhão, mas você, realmente, deve começar a prestar atenção.

Apesar do tanto que doeu admitir isso, ele não estava errado.

Engoli em seco, então, calmamente concordei.

— Tudo bem.

Seus dedos me apertaram novamente e, em seguida, começaram a me soltar, então meus dedos o apertaram e fiquei na ponta dos pés para que ficássemos cara a cara.

— Por favor, não fique mais com raiva de mim — sussurrei. — Eu não devia ter dito o que disse. Não por nada, mas especialmente diante do que aconteceu com a sua mãe e suas madrastas. Estou realmente muito, muito arrependida.

Ele assentiu.

— Tudo bem, Cora. — E mais uma vez começou a se afastar.

Eu o segurei firme e me estiquei ainda mais para que os meus lábios ficassem a um sopro de distância dos dele.

— Não fique zangado comigo — repeti e ele parou.

— Eu não estou com raiva, querida — sussurrou.

Encostei minha boca na dele e falei mais uma vez.

— Não fique zangado comigo.

Os dedos dele se flexionaram na minha pele novamente e ele respondeu baixinho:

— Cora.

Encostei minha boca na dele novamente, meus dedos deslizando do seu pescoço para o seu cabelo, meu corpo se aproximando dois centímetros, então estava contra o dele.

Tor entendeu a mensagem. Soube disso quando gemeu contra os meus lábios, inclinou a cabeça, com a boca aberta sobre a minha e sua língua deslizou para dentro.

— Sim.

Gemi na sua boca e o beijo ficou instantaneamente selvagem. Seus braços me envolveram e me esmagaram, então me aproximei mais ainda, apertando meus dedos no cabelo dele, mantendo sua boca na minha enquanto ele a sorvia dei a ele... tudo o que tinha.

Então, de repente, ele afastou a boca da minha, me virou para que as minhas costas ficassem contra ele e, com uma mão entre as minhas omoplatas, me empurrou para a frente. Ergui os braços para amortecer minha queda, minhas mãos se apoiando na cama, ao mesmo tempo em que ele puxava a saia do meu vestido para cima.

Oh, Deus.

Meus joelhos tremiam e senti a umidade encharcar entre as minhas pernas.

Ele puxou minha calcinha.

Meus joelhos quase envergaram.

— Tor — sussurrei.

Ele deslizou a calcinha pelas minhas pernas.

— Tire-as — comandou, a voz rouca.

Movi os pés para tirá-la, em seguida, ele me empurrou com os quadris e subi na cama de joelhos. Senti sua mão trabalhando na minha parte de trás, em seguida, ele montou em mim, me preenchendo completamente.

Lancei a cabeça para trás ao senti-lo.

— Sim — sussurrei.

Ele me empurrou com seu corpo e ficou de joelhos na cama, em seguida, se inclinou para frente, envolveu um braço em torno do meu peito, o outro nas minhas costelas e me arrastou, ainda com o pênis empalado.

— Boca — grunhiu, virei a cabeça e, no instante em que o fiz, sua boca encontrou a minha e me beijou.

Esse beijo era mais selvagem, sem controle, nem do Tor, nem meu, e eu adorei cada maldito segundo.

Sua boca se afastou da minha e ordenou:

— Tire o vestido.

Com mãos trêmulas, tirei o vestido e o joguei de lado.

— Agora, isso — pediu, puxando a alça do meu sutiã.

Arqueando as costas (o que fez com que se enterrasse mais profundamente em mim e me senti incrivelmente ótima), alcancei os ganchos na parte de trás do sutiã, os abri desajeitadamente, o deslizei pelos braços e joguei-o de lado.

Uma das mãos dele foi até o meu seio calorosamente, a outra mão deslizou entre as minhas pernas, o dedo médio alcançando meu clitóris.

Diante das sensações causadas por eles, minhas costas se arquearam de novo e gemi. O polegar e o indicador encontraram meu

mamilo e o puxaram.

— Quem está dentro de você?

— Meu príncipe — sussurrei, virei a cabeça, aninhei minha testa no pescoço dele e cobri a mão que estava no meu sexo, onde o dedo dele estava fazendo mágica.

Ele puxou meu mamilo novamente e fogo disparou através de mim.

— Certíssima — ele grunhiu, os quadris mergulharam, me golpeando novamente.

— Querido — sussurrei, minha mão enrijecendo sobre a dele.

— Quem você é? — Perguntou, dando outro puxão no meu mamilo causando outra rajada de fogo.

— Sua princesa — respondi imediatamente, querendo a minha recompensa.

E a tive, outro golpe inebriante do seu pênis.

— Quem você é? — Repetiu e fechei os olhos enquanto seu dedo se movia entre as minhas pernas, e me arqueei contra ele.

— Querido — suspirei. Estava perdendo o controle.

Outro puxão no meu mamilo, mais nítido, mais firme, melhor e, em seguida:

— Quem você é, Cora?

— Sua esposa — sussurrei, seus quadris mergulharam e recuaram novamente, puxando meu mamilo e massageando meu clitóris ao mesmo tempo, e gritei. — Tor! — Enquanto aquilo me esmagava.

Mal comecei a gozar quando ele me empurrou novamente contra a cama e, em seguida, começou a se mover dentro de mim, revirando os quadris enquanto se movia, as mãos nos meus quadris me puxando para trás, enquanto me penetrava profundamente.

Deus, era belo.

Me apoiei nos braços, arqueei as costas, levantei a bunda para ele e ele estendeu a mão, os dedos segurando o meu ombro, me puxando contra ele, permitindo que golpeasse mais fundo dentro de mim. Estremeci e terminei de gozar enquanto ele mergulhava, o ritmo lento e constante, os quadris girando, a mão no meu ombro me puxando para trás, enquanto se movia para a frente e dava início a um novo orgasmo.

— Querido — sussurrei, sem fôlego, agarrando o edredom.

Sua mão soltou o meu ombro e ambas seguraram os lados das minhas costelas.

— Quando voltarmos para o meu mundo, encontraremos alguém que possa fazer mais destes sapatos declarou ele com voz rouca.

— Sim — sussurrei.

Seus quadris recuaram e ele empurrou profundamente mais uma vez.

— Dezenas deles — prosseguiu.

— Sim — repeti.

— Minha esposa tem uma bela bunda — grunhiu, os quadris girando e me penetrando novamente.

Fechei os olhos, arqueei as costas e estiquei os braços para a frente, empurrando contra ele, mesmo quando ele me puxava.

— Me foda — sussurrei e suas estocadas aceleraram. — Sim — sussurrei.

— E a boceta mais molhada e mais gostosa, caralho. — Grunhiu com voz rouca, suas estocadas ficando mais rápidas.

Minha cabeça inclinou para trás, meu cabelo voou, meu sexo ainda pulsando.

— Oh, meu Deus — gemi.

— É isso aí, meu amor — os dedos nas minhas costelas se flexionaram, me puxando para trás violentamente — me dê o que é meu

por direito.

— Ok — sussurrei, em seguida, meu corpo ficou rígido e gritei mais uma vez quando um orgasmo ainda mais intenso me atravessou, Tor me penetrou, me puxando de volta para ele, suas estocadas selvagens, enquanto o ouvia grunhir e penetrava com força, uma vez, duas, três, quatro, cinco, seis vezes, em seguida, ficou imóvel e gemeu.

Meus olhos lentamente se fecharam, assim como lentamente um sorriso curvou meus lábios.

Ele esperou até a minha respiração desacelerar, em seguida, me puxou para cima novamente, os braços apertados em volta do meu peito e das costelas, nossos corpos ainda unidos e afundou o rosto no meu pescoço.

— Quem dera pudéssemos ser transportados para um mundo onde você pudesse passar os dias com a minha semente plantada profundamente dentro de você — Tor sussurrou contra o meu pescoço.

Fechei os olhos novamente, o calor renovado inundando a minha alma.

— O que significa — Tor prosseguiu calmamente — que eu passaria meus dias plantando-a lá.

Meu corpo tremeu e, em seguida, engoli em seco. Tor continuou falando.

— Estamos entendidos, você e eu? — Murmurou.

— Sim, Tor — sussurrei, levantando a mão para apoiá-la suavemente no pescoço dele.

E estávamos. Ou, pelo menos, esperava que estivéssemos.

Seus lábios foram até o meu ouvido.

— Nós temos desafios suficientes à nossa frente, minha querida. Não precisamos nos arriscar e ferir um ao outro.

Rapaz, ele estava certo.

— Certo — concordei em voz baixa.

Seus braços me deram um aperto, em seguida, o que estava nas minhas costelas afrouxou, sua mão deslizou para baixo para tocar minha barriga brevemente, ao mesmo tempo que beijava o meu pescoço. Então se retirou de dentro de mim, me pôs de joelhos na cama e deitou de lado, agarrando minha mão enquanto fazia isso. Me deitei, ele virou de costas na cama e me puxou para os seus braços, assim fiquei pressionada ao lado do corpo dele, uma das mãos se erguendo para brincar com as pontas do meu cabelo.

— Humm... Tor? — Chamei.

— Estou bem aqui — respondeu, e me aconcheguei mais, porque era verdade.

Então disse a ele algo que tinha que dizer, mas não queria.

Ainda assim, tinha que dizer.

— Mais cedo, hoje à noite, uh... o Noc passou por aqui.

— Eu sei.

Ergui a cabeça abruptamente e olhei para ele através das sombras.

— O quê?

— Estava subindo as escadas quando ele estava gritando através da sua porta. Me escondi, observei e me preparei, no caso dele perder a calma, para intervir. Ele não perdeu. Saiu e o segui.

Minha mão apoiada no seu peito se fechou.

— Você o seguiu?

— Segui. E, Cora, vou dizer que é muito estranho ver outro você — disse.

Tinha certeza que sim, mas também estava focada no Tor seguindo o Noc.

— Você o seguiu? — Repeti e ele suspirou.

— Sim.

Meu punho se abriu e dei um tapa no peito dele.

— Por que fez isso?

— Pela mesma razão pela qual passei um dia vagando no seu mundo quando aqui cheguei. Você não trava uma batalha se não conhece a extensão da terra. E nunca luta contra um adversário que não conhece, e o entende ainda melhor do que ele entende a si mesmo. O que disse foi muito sábio e tal, mas ainda olhei para ele através da escuridão.

— Mas, ele poderia ter visto você! Poderia ter se apavorado! Poderia ter perdido a razão! Poderia ser um cara ruim e ter levado você para algum lugar que você não deveria estar. — Um pensamento me atingiu e perguntei:

— Aonde ele o levou?

— Me levou para o que vocês chamam de delegacia de polícia.

Pisquei. Então exalei.

— O quê?

— Ele me levou ao que vocês chamam de delegacia de polícia.

— Tor repetiu.

Que diabos?

— Por quê?

Pelo que observei através das portas quando ele entrou, parece que é conhecido por lá, por isso, o meu palpite seria que ele vai lá muitas vezes.

Minha voz ficou mais alta quando perguntei:

— Ele é um policial?

— Um o quê?

— Um policial. Um oficial da lei. Um...

— Esses homens carregam emblemas dourados? — Tor me interrompeu para perguntar.

— Você quer dizer, um crachá? — Perguntei em resposta.

— Possivelmente. Ele carregava algo assim no seu cinto.

— Sim, um distintivo e, sim, policiais usam distintivos.

— Então, sim, — Tor afirmou — ao que parece este homem é um... policial.

Caraca!

Me virei para poder sentar e olhei para a escuridão. Isso, pensei, não era bom.

Tor se sentou e chamou:

— Cora?

Me concentrei na sua sombra.

— Não acho que isso seja bom, Tor.

— Eu diria que não há nenhuma dúvida sobre isso, meu amor — respondeu e eu olhei para ele.

Ótimo.

— Por que você diria isso?

— Este tal pôquer é ilegal? — Perguntou.

— Humm... não, se for jogado em um cassino, sendo que há alguns desses por aqui. Mas, sim, se os jogos são ilegais.

— Então a Cora está participando de jogos ilegais — declarou Tor e eu pisquei.

Então exclamei:

— Como ela conseguiu encontrar jogos ilegais? E, como chegou a aprender a jogar pôquer? Estava aqui há menos de dois meses! Eu nem sequer sei onde começar a procurar por um jogo de pôquer ilegal e nunca entendi pôquer. E... e... não só como, mas... por quê?

Ergueu os braços e me puxou para ele, dizendo:

— A Cora do meu mundo é o que ela é, e faz o que ela faz, e muito pouco disso tudo é bom. Não devemos perder nossa energia tentando entender como ou o porquê, pois, a resposta à primeira é supérflua e, até mesmo, se soubéssemos a resposta para a segunda,

não iríamos compreendê-la. No que precisamos gastar nossa energia é sobre em que tipo de perigo ela te colocou.

Ok, devo dizer, às vezes, o Tor ser sensato e lógico era uma coisa boa.

— Certo — concordei.

— Compartilhe seus pensamentos — pedi e relaxei contra ele.

— Bem — comecei, processando-os na minha cabeça. — O melhor cenário é o qual ele é um policial corrupto e está por dentro de tudo o que ela está aprontando, estão jogando juntos. Isso seria bom já que eu não vou a nenhum jogo, deixarei claro a ele que isso está fora de cogitação e ele vai ter que encontrar uma outra mulher que possa contar cartas para sustentá-lo.

— Vá em frente — Tor pediu quando parei.

— O pior cenário, e aquele que estou achando que é, é aquele no qual está disfarçado e investiga suas atividades ou a usa como entrada para desbaratar alguns jogos ilegais.

— Isso seria ruim — Tor resmungou. Ele tinha entendido isto certo.

— Mas gostaria de saber por que acha que é o pior cenário — afirmou Tor.

Me movi para poder ver o seu rosto e expliquei:

— Bem, você disse que ela era fria. Ele mesmo disse que ela era fria. E você disse que, humm... ela não muito é boa com brincadeiras no departamento da cama.

Senti seu corpo tremer com os risos e ouvi a sua voz tremer com eles, quando confirmou:

— Realmente, ela não é muito boa com brincadeiras no departamento da cama.

Dei um tapa no braço dele.

— Tor, isso é sério!

— Sim — concordou, com a voz ainda tremendo — continue.

Respirei fundo, irritada, e então disse a ele:

— Nós não temos nenhuma maneira de saber, já que ela é tão diferente de mim, quanto ele é. Fiquei apenas alguns minutos perto dele, mas ele pareceu, não sei, doce.

Seus braços enrijeceram em torno de mim e rapidamente segui em frente.

— De qualquer forma, ela é quem ela é, então meu palpite seria, ela pensa que está brincando com ele. Ele disse que ela era uma gata selvagem. Se ela fosse uma gata selvagem e ele estivesse ligado a ela, e ele é mesmo um pouco parecido com você, de nenhuma maneira algumas chamadas não atendidas e a Cora não abrir a porta, significaria que ele ia desistir e dizer a ela para colocar suas roupas em uma mala e deixá-la no corredor. Isso é dizer que acabou e ele está bem com isso. Se ela estivesse dando a ele o que ele gosta e ele estivesse ligado a ela, não ia desistir tão fácil. A menos que ela não esteja lhe dando o que ele gosta e ele está fingindo que gosta, como um meio para um fim, ela está lhe dispensando e está pressentindo problemas, o que, como policial, pressentiria, então está cortando suas perdas e caindo fora.

— Isso faria sentido — Tor respondeu.

— Sim — concordei.

— Também significa problemas — observou e inclinei a cabeça.

— Problemas?

— Amor, não temos nenhuma maneira de saber quanto tempo ele investiu nesta situação.... O que eu sei por experiência própria é que é altamente improvável que a Cora do meu mundo pudesse jogar esse tipo de jogo, especialmente se ela o levou para a cama, e ser convincente. Talvez para um homem normal, mas não para aquele que é treinado para examinar o comportamento humano e está em alerta por causa da sua própria segurança e para o sucesso dos seus

empreendimentos. Não acho que, depois de ter dedicado tempo e energia para o seu inquérito, ao mesmo tempo resistindo aos seus... limitados encantos... que estaria disposto a cortar suas perdas, como você diz.

Isso fazia algum sentido, mas não entendi completamente.

— Não entendi.

— Ele não vai admitir. Vai te observar.

Oh, merda.

— O que significa — Tor continuou — se não tivermos cuidado, vai chegar até mim.

Oh, merda!

— Tor — sussurrei.

— Portanto, temos que ter cuidado — Tor concluiu.

— E se já está me observando e te viu? — Perguntei.

— Considerando a sensação desconfortável que eu senti vendo meu outro eu e já sabia que ele existia, podemos supor que saberíamos se este fosse o caso.

Prendi a respiração. Então assenti.

— Então, o que vamos fazer? — Perguntei.

— Não sei. Preciso pensar sobre isso.

Olhei para o rosto sombreado. Então balancei a cabeça novamente.

Ele começou a nos deitar na cama.

— Mas, para pensar claramente, preciso dormir.

Gentilmente, me afastei dos seus esforços para me ajeitar na cama.

Ele podia precisar de sono, mas não iria obtê-lo. Pelo menos, não por enquanto.

— Cora? — Chamou.

Enfie a mão sob o travesseiro e peguei minha camisola, dizendo baixinho:

— Só um minuto.

Felizmente, dando apenas um olhar penetrante para mim, me deixou ir. Vesti a camisola enquanto ele rolava para fora da cama para terminar de se despir. Então me sentei ao lado da cama, tirei as sandálias e marche para o banheiro para pegar o dispositivo branco com o sinal de mais nele. Então corri para fora do banheiro, fui até a cozinha, me certificando de não olhar para ele no caminho, e também tentando não hiperventilar porque estava nervosa. Na cozinha, acendi as duas velas de aniversário no topo (uma rosa, uma azul), ele queria um filho, mas Deus sabia que, neste ponto, era um tiro de cinquenta por cento. Então caminhei com o bolo, lentamente, até o quarto.

Quando cheguei perto da cama, vi que Tor estava sentado e os seus olhos, que pude ver pela mínima luz das velas, não estavam no topo do bolo. Estavam em mim.

E eram ardentes.

— Amor — ele sussurrou, a voz estranhamente profunda, como se estivesse sentindo dor.

Me sentei na cama e segurei o bolo entre nós. Seus olhos finalmente foram para o bolo. Então voltaram para os meus e lá estava.

Definitivamente, dor.

— Você não precisa fazer isso para se desculpar — falou baixinho, em seguida, seus olhos voltaram para o bolo e entendi sua dor. Estava se lembrando da última vez que entrei em uma sala com um. — Especialmente isso — completou.

— Querido — respondi calmamente. — Não fiz isso como um pedido de desculpas. Fiz isso para uma celebração.

Ele olhou para mim.

— Perdão?

Equilibrei o bolo com uma mão e levantei o dispositivo branco com a outra.

— No meu mundo, você pode comprar testes de gravidez na farmácia. Quando você foi embora, comprei um, o peguei e...

Do nada, o bolo foi arrancado da minha mão e as velas cintilaram enquanto ele era rapidamente depositado na mesinha de cabeceira. Em seguida, o dispositivo foi arrancado da minha outra mão e Tor o jogou no chão.

Então eu estava de costas com o corpo do Tor cobrindo o meu.

Suas mãos emolduraram meu rosto.

— Está confirmado, você está carregando meu filho — declarou ele.

— Uh... sim — sussurrei.

— E você acha que isso é motivo para comemoração — observou ele, com a voz rouca.

— Humm... estou com medo — sussurrei minha confissão. — Mas... uh... sim — concordei com voz trêmula.

Mal terminei de falar o M quando a boca do Tor encostou na minha e me deu um beijo, profundo, molhado, firme e com força, e enquanto estava fazendo isso, com os braços fechados à minha volta, se virou, então eu estava por cima.

Suas mãos foram até a minha camisola, puxando-a para cima e tive que me afastar da sua boca quando a puxou pela minha cabeça.

— Tor, o bolo — comecei.

Uma das suas mãos segurou o meu cabelo, a outro envolveu uma das bochechas da minha bunda.

— Vamos comê-lo no café da manhã — respondeu.

— Você não pode comer bolo...

Seus dedos apertaram a minha bunda.

— Quieta.

— Mas...

Ele rolou novamente para ficar por cima, movendo os quadris insistentemente, até que abri as pernas e seus quadris encaixaram entre elas.

— Quieta — repetiu com um grunhido. — Estou prestes a foder a minha mulher e as únicas palavras que a quero dizendo enquanto faço isso, são “*sim*”, “*Tor*”, “*meu príncipe*”, “*querido*” e “*oh, meu Deus*”. Entendeu?

Deus, ele era mandão.

— Deus, você é mandão. — Rebatu.

Ele deslizou para dentro de mim e o meu pescoço arqueou.

Porra, eu amava senti-lo dentro de mim.

— Cora, *estou entendido*?

— Você foi entendido — suspirei.

Sua boca veio até a minha e sussurrou:

— Bom.

Então me beijou, começou a se mover e, pela próxima meia hora, as únicas palavras que eu disse foram “*sim*”, “*Tor*”, “*meu príncipe*”, “*querido*” e “*oh, meu Deus*”.

Um sol fraco tocava o céu quando meus olhos se fecharam e o sono começou a me tomar.

— Querida? — Tor falou e minha única resposta foi me aconchegar mais ainda. Ele, no entanto, entendeu minha resposta e continuou falando. — Aquele bolo estava excelente.

Meus olhos se abriram e vi seu peito.

Fez amor comigo, então fui até a cozinha, peguei uma faca, cortei uma fatia do bolo e o alimentei com os dedos. Então cortei outra fatia e ele me alimentou. Então lambi seus dedos para limpá-los. Seus olhos

observavam minha boca através de cada segundo enquanto eu fazia isso, escureceram de uma forma que era muito sexy para descrever com palavras e, quando seus dedos estavam limpos, fez amor comigo novamente.

Havia tido quatro orgasmos, um pedaço de bolo muito bom mesmo (disse a mim mesma), e o homem que eu amava estava nos meus braços. E, de acordo com a minha mãe e, finalmente, prestando atenção, parecia que o homem que eu amava tanto, era dedicado a mim e me adorava.

Não estava tudo bem no meu mundo, mas tudo estava maravilhosamente ótimo comigo, agora.

Enfiei a mão no pelo do seu peito e respondi calmamente.

— Estou feliz que você tenha gostado.

— Gostado — murmurou, me apertando nos braços e me segurando — não é a palavra que eu escolheria.

Não acho que estava falando apenas do bolo.

Sorri contra o seu peito e meus olhos começaram a se fechar devagar.

— Cora? — Chamou novamente.

— Sim, querido — sussurrei, sem abrir os olhos.

— Quem você é? — Sussurrou em resposta.

— Sua esposa — respondi, sonolenta, e me afundei ainda mais contra ele.

— Certíssima — ele murmurou e eu sorri novamente, em seguida, caí no sono.

Capítulo 24

A Única Esperança Que Temos

A batida forte na porta da frente nos assustou e acordamos.

Pisquei, rolei para fora dos braços fortes do Tor, me afastei do seu corpo quente, sentindo como se tivesse tido uma hora de sono (que, com um olhar para o relógio de cabeceira, estava perto da verdade).

Tor teve uma reação diferente.

Arrancou as cobertas e grunhiu:

— Pelos deuses, que diabos, é agora?

Com fascínio sonolento, o assisti amarrar o cordão de uma calça de pijama e, em seguida, ainda com fascínio sonolento, o assisti caminhar para a porta, logo depois, de repente, não estava mais com sono ou fascinada porque me apavorei imediatamente, joguei as cobertas para o lado, pulei da cama e retruquei:

— Tor! Aonde você vai?

Ele parou, virou a cabeça para mim, comecei a procurar a camisola e a calcinha, as encontrei no chão, puxei a calcinha para cima em um movimento fluido, a cabeça inclinada para trás para olhar para o Tor quando ele falou.

— Vou atender a maldita porta.

Enfiei a camisola e vi que ele continuou andando e atravessou a porta do quarto.

Corri atrás dele, sussurrando:

— Você não pode atender! E se for o Noc?

Tor parou em frente à porta, levantou uma mão enorme e apontou um dedo para o olho mágico.

— Você tem uma pequena vigia — respondeu em voz baixa, os olhos azuis em mim.

Oh. Certo.

— Eu tinha. Tinha uma pequena vigia.

A batida veio quando ele se inclinou e olhou através dela, em seguida, sua cabeça se virou para mim, a expressão ilegível então parei de tentar compreendê-lo quando ouvi a Phoebe gritar:

— Cora! Sei que você está aí! Abra! Não tenho o dia todo.

Phoebe!

Meu coração começou a disparar.

Ela ligou ontem à noite. Agora, estava aqui.

Não sabia se ficava aterrorizada, feliz ou me preparava.

Meus olhos focaram novamente o Tor quando ele destrancou a porta, a abriu, e quando o fez, decidi que minha melhor opção era me preparar.

Então vi a minha amiga, pequena, o cabelo negro cortado curto, o que a fazia parecer uma fada, o rosto adorável, calçando lindos sapatos plataforma de saltos altíssimos, vestindo um *jeans skinny* e uma camisa linda de morrer, parada na porta, uma mão levantada pronta para bater de novo, a outra mão segurando uma sacola de loja de departamentos pelas alças, o corpo tenso e cabeça inclinada para trás, ficando boquiaberta quando avistou o Tor.

Oh, Jesus.

Ela piscou os olhos, em seguida, fez uma varredura dos pés à cabeça. Eles pararam no caminho de volta ao topo, presos no peito dele, piscou de novo e tive a sensação de que também ia começar a salivar (tive essa sensação porque foi o que fiz quando vi o peito de Tor), em seguida, seus olhos deslizaram todo o caminho de volta, se moveram sobre o seu rosto, em seguida, sussurrou:

— Cara. O que aconteceu com você? Você não tinha uma cicatriz a última vez que te vi.

Oh, Jesus!

— Phoebe — falei cautelosamente, me movendo na sala de estar, sua cabeça se virou para mim, seus olhos perderam a admiração e seu rosto instantaneamente se fechou.

Meu coração se contraiu e parei de me mover.

Tive razão em me preparar. Cora tinha feito alguma coisa para ela.

Sério, sério, Deus, sério, esperava nunca conhecer essa mulher pavorosa!

Ela abriu a boca para falar, mas Tor chegou lá antes dela, se movendo um pouco, mas um movimento difícil de não reparar, desde que ele era um cara grande, mas também porque era vagamente ameaçador e Phoebe não perdeu o movimento ou a ameaça vaga. Sua cabeça se moveu para trás enquanto os olhos voltavam para ele e vi o corpo dela ficar estático.

— Você é, claramente, uma conhecida da minha esposa e não desconhecemos que outros conhecidos estão descontentes com ela, ou, com a outra ela. O que você deve ficar ciente é que não vou tolerar que seja indelicada com ela, ou seja, a verdadeira ela — declarou Tor, Phoebe piscou mais uma vez e rebati:

— Tor!

Ele olhou para mim e perguntou:

— O quê?

Não respondi porque Phoebe sussurrou, chocada:

— Sua esposa?

Olhei da Phoebe para o Tor, apontei para a minha amiga e disse:

— É isso mesmo.

— O quê? — Tor respondeu.

— Sua esposa? — Phoebe repetiu.

Dei mais três passos na sala de estar, parei e apoiei as mãos nos quadris.

— Você não pode sair por aí dizendo a todo mundo que estamos casados.

Tor se virou para mim, cruzou os braços sobre o peito, inclinou um pouco a cabeça, mas perigosamente, para o lado e retribui a pergunta.

— E por que não?

Porque isso vai assustá-los pra cacete! — Gritei.

— A outra ela? — Perguntou Phoebe.

— Ah, pelo amor de Deus — vociferei, marchei até a porta, alcancei a Phoebe, agarrei seu braço, a puxei e me virei para ela. Então, apresentei minha amiga para o meu marido do mundo paralelo, apontando a mão para um e para o outro, e vice-versa enquanto falava — Phoebe, meu *meio que* marido, Tor, Tor, minha, ainda espero, melhor amiga, Phoebe.

Phoebe piscou novamente e perguntou:

— *Meio que* marido?

— É uma longa história — murmurei.

— Eu não sou seu meio de nada — afirmou Tor neste momento.

— Sou seu marido, ela é minha esposa e mãe do meu filho por nascer.

Meu Deus!

Os olhos da Phoebe se arregalaram. Me virei e exclamei:

— Tor!

— O quê? — Grunhiu, perdendo a paciência.

— Você também não pode sair por aí dizendo a todos que estou grávida! — Exclamei.

— Aquela barra branca, há pouco, disse que você estava, e eu sabia que estava antes mesmo daquela engenhoca confirmar, então por que diabos não? — Tor rebateu.

— Simplesmente não pode — respondi.

— Você está grávida? — Phoebe sussurrou, me virei, vi o rosto pálido e os olhos ainda arregalados estavam em mim.

— Uh... sim — sussurrei em resposta.

Seus olhos arregalados correram para o Tor, em seguida, de volta para mim, em seguida, de volta para Tor, em seguida, para mim.

Então soube que ela chegou a uma decisão (e não uma boa para mim) quando endireitou os ombros e respirou fundo, enquanto eu observava sua expressão se fechar.

Então ergueu a sacola e me informou:

— Dave disse que você estava de volta. Também me contou alguma história estúpida sobre como você teve amnésia ou o que quer que seja. Uma novela, mas ele engoliu porque é um grande idiota. Então, o que quer que seja. Estou aqui para devolver a bolsa *Coach* e aquela blusa que você me emprestou. Então, vou embora. — Balançou a sacola. — Aqui está.

Não olhei para a sacola; mantive meus olhos colados na minha amiga.

A outra Cora tinha feito algo a ela, obviamente, só não tinha ideia do quê.

E também não tinha ideia do que fazer para resolver isso.

O que sabia era que não conseguiria nem aguentar pensar que estava com raiva de mim, afinal de contas, e muito menos deixá-la neste mundo depois de tudo o que aconteceu comigo e com o Tor sabendo que ela iria sempre me odiar por qualquer coisa que a outra Cora fez, então eu tinha que fazer alguma coisa.

— Pegue-a — disse ela, balançando a sacola novamente.

— Ela te machucou — sussurrei.

— Tudo bem, não pegue — Phoebe declarou, entrou na sala de estar, jogou a sacola sobre a poltrona e arrumou a bolsa no ombro,

murmurando — Tenha uma vida feliz com o seu cara *sexy*, *meio que* marido.

Em seguida, se dirigiu para a porta, que o Tor ainda não tinha fechado.

— O nome dele é Príncipe Nocturno Allegro Hawthorne. Ele é da Casa dos Hawthorne, herdeiro do reino de Hawkvale, governante de Bellebryn — anunciei, os ombros da Phoebe se ergueram até a altura do pescoço enquanto eu falava, ela parou e lentamente se virou para mim.

Continuei falando.

Que diabos? Não tinha nada a perder.

— Obviamente, tudo isso em um universo alternativo que, as evidências sugerem, tem as mesmas pessoas nele, como nós temos aqui, mas mesmo que tenham a mesma aparência, são diferentes. Fui transportada para lá quando dormia, há dois meses, e a Cora de lá foi enviada para cá. Ela é uma cadela, como toda cadela que há por aí. Ela não devia discriminar ninguém, já que é uma cadela. E é uma cadela com todos, aqui e no outro mundo, o mundo do Tor. Todo mundo a odeia lá, mas ela passou a vida toda sendo assim. Isso prova a verdadeira força da sua idiotice, considerando que está aqui há pouco menos de dois meses, e conseguiu fazer com que todos me odiassem.

Phoebe olhou para mim e não disse uma palavra. Então, segui em frente.

— De qualquer forma, ainda não sabemos o que está acontecendo, mas uma atualização rápida, fui levada para lá e, em poucos minutos, acidentalmente dei início a uma maldição que, se ela se concretizar, vai levar a peste e a fome para toda a terra do Tor. Tor é casado com a outra Cora, mas ele a odeia, tipo, profundamente, intensamente, por isso, uma vez que este negócio de viajar entre mundos é tão habitual aqui quanto lá, melhor dizendo, de jeito nenhum,

achou que eu fosse ela então não gostou de mim, também. Obviamente, uma vez que estou grávida, superou isso. Em seguida, fomos ambos transportados para cá e não sabemos por que isso aconteceu também. Também não sabemos como voltar. O que sabemos é que, quando conseguirmos, ele vai se divorciar dela, se casar comigo e vou ter o seu bebê. Então, sou *meio que* sua esposa...

— Cora — Tor resmungou atrás de mim, me interrompendo e expressando seu descontentamento com o final da minha frase.

Portanto, apressadamente, expliquei:

— Embora o Tor não goste da parte *meio que* e já nos considera casados.

Phoebe piscou. Então olhou para Tor e piscou. Então, olhou novamente para mim e, quando não piscou, continuei falando.

— Então, como se essa viagem incerta entre os universos paralelos não fosse o suficiente para lidarmos, a Cora daquele mundo, quando estava nesse mundo, foi uma cadela com todos os meus amigos, incluindo, obviamente, você, e agora todos me odeiam. Também deixou a minha casa e o meu carro um desastre total, o que não foi bom, mas, por sorte, pelo menos, foram facilmente arrumados. Também se meteu em algum tipo de problema. Descobrimos que anda jogando pôquer. O Noctorno desse mundo é policial e está envolvido com ela de alguma forma. Há uma porrada de dinheiro no rack da televisão e ele está, isto é, o outro Noctorno, ou, melhor dizendo, o Noctorno desse mundo vai voltar para pegar suas roupas mais tarde. Ele não pode ver o meu Noctorno, — apontei para trás — principalmente porque iria pirar. E agora precisamos voltar, para garantir que a maldição não desça sobre a terra do Tor, e fazer isso antes de sermos presos ou o que quer que seja.

Phoebe não disse nada, apenas olhou para mim.

Encarei seu olhar e tentei descobrir alguma coisa, qualquer coisa.

Não havia nada. Estava simplesmente olhando para mim.

Meu coração falhou.

Mas minha boca sussurrou:

— Sei que parece loucura, mas é verdade. Não posso provar, exceto apontar que o outro Noctorno que você viu não tem uma cicatriz e o meu Noctorno tem. Assim, poderia acreditar em mim se visse Tor e Noc juntos, mas não posso te dar isso, assim... bem... — balancei a mão. — Não sei mais o que dizer. Só que espero que um dia, quando souber que parti, saiba que voltei para lá com o Tor, para o seu mundo, casada com ele e formando uma família, porque o amo e você vai saber que não fui eu quem te magoou, mas fui eu que sempre te amei e sentirei sua falta.

Ela continuou me olhando, imóvel, sem piscar. Não tinha mais nada para dizer.

Em seguida, ela perguntou em voz baixa:

— Você está grávida?

— Sim — respondi suavemente.

— De um cara sexy?

Apertei os lábios e tentei não ter esperança. Não podia ter esperança.

Balancei a cabeça e senti as lágrimas ardendo nos meus olhos quando a esperança entupiu minha garganta.

Então, sussurrei:

— No mundo do Tor, também sou uma princesa, posso falar com as aves e elas respondem, o ar brilha como se tivesse glitter e minhas roupas são de arrasar.

Phoebe olhou para mim.

Então perguntou em voz baixa:

— Você o ama?

Inspirei pelo nariz e senti o calor do Tor se aproximar das minhas costas.

Então, assenti.

Em seguida, de repente, ela jogou a cabeça para trás e gritou para o teto:

— Minha melhor amiga está grávida de um cara sexy e é uma princesa em um universo alternativo!

Em seguida, inclinou a cabeça para baixo e se lançou sobre mim, explodindo em lágrimas, me segurando com força e me balançando violentamente de um lado para o outro.

Ouvi o Tor fechar a porta cerca de meio segundo antes de também passar meus braços em volta dela e começar a chorar, mas minhas lágrimas eram de alívio, assim como de alegria.

Balançamos para frente e para trás, chorando, por algum tempo, em seguida, ela recuou, agarrou meus braços, os balançou, seus olhos correram para o Tor e voltaram para mim, antes de gritar:

— Olhe para ele! Ele é alto, sexy, essas cicatrizes são muito sexys, nunca vi nenhum homem ficar tão bem de pijama e ele tem a quantidade exata de cabelo no peito! Menina, você fez tudo certo.

Viu! Havia uma razão para Phoebe e eu sermos melhores amigas.

— Menina, eu sei! — Gritei em resposta.

— Querida — Tor murmurou atrás de mim e senti a mão quente na parte inferior das minhas costas antes de virar o pescoço para olhar para ele — você pode querer se acalmar e se alegrar um pouco mais em silêncio.

— Querida — Phoebe sussurrou reverentemente — quente.

Sorri diante das palavras da Phoebe, mas meus olhos não deixaram o rosto do Tor e vi seus olhos retribuírem meu sorriso, antes de dizer:

— Certo. Isso provavelmente seria prudente.

— Certo — respondeu, se inclinou e encostou a boca na minha.

— Sexy. — Phoebe suspirou e, a propósito, não soltou meus braços.

Tor recuou, seus olhos deslizaram para Phoebe e voltaram para mim antes de murmurar:

— Vou me vestir.

Phoebe finalmente se afastou de mim e enquanto fazia isso, afirmou:

— Por favor, se você está fazendo isso por minha causa, estou completamente bem com você, exatamente do jeito que está.

Tor olhou para ela, em seguida, olhou para mim, em seguida, sua boca se contraiu, balançou a cabeça, não respondeu e caminhou para o quarto.

Phoebe e eu o observamos.

Então ouvi a Phoebe repetir, meio sem ar:

— Quente.

Olhei para ela e vi que estava olhando para mim.

Então, como muitas vezes aconteceu, várias vezes, por qualquer razão, nós duas caímos na gargalhada. E os nossos risos ficaram descontrolados quando ambas ouvimos um murmúrio vindo do meu quarto:

— Maldição.

De fato, diante disso, desabamos nos braços uma da outra e gargalhamos de novo.

Era muita coisa para ficarmos em silêncio.

Fiz para o meu príncipe e para minha melhor amiga panquecas de mirtilo e bacon, e exageramos, comendo, em seguida, bolo *Red Velvet*.

Mas, seja como for, era hora de comemorar. Estava apaixonada por um príncipe sexy (e futuro rei), grávida do seu filho e ainda tinha a minha melhor amiga. Se isso não significasse celebração, nada significaria.

E, além do mais, se havia um momento em que eu podia comer demais, era agora.

Enquanto Tor tomava banho, enchi a Phoebe de mais detalhes sobre o Tor e ela sussurrou a palavra “sexy” ou balbuciou a palavra “lindo” cerca de sete mil vezes enquanto eu fazia isso.

Então, enquanto eu cozinhava e nós comíamos (em pé na cozinha, com nossos pratos perto da boca, outra coisa que fez os lábios do Tor se curvarem), enchi a Phoebe com mais detalhes sobre todo o resto.

Em seguida, fomos para a sala de estar.

Tor estava vestido com *jeans* e uma camisa azul clara que não colocou para dentro da calça, eu estava usando camisola com o meu robe curto amarrado sobre ela e estávamos bebericando café depois do café da manhã, constituído de bolo.

Phoebe estava aninhada na minha espreguiçadeira. E eu estava acomodada ao lado do Tor no sofá, as solas dos meus pés no assento, minhas pernas sobre as coxas dele; seu braço à minha volta, me segurando com firmeza quando me ocorreu.

E o que me ocorreu foi que a minha melhor amiga era, definitivamente, louca, doida de carteirinha, mas, mesmo assim, tinha acreditado na nossa história igualmente, definitivamente, louca, com muita facilidade.

E isso era estranho.

— Uh... Phoebe — chamei quando ela tinha feito uma pausa de me atualizar sobre a sua vida (fazendo-o e ao mesmo tempo mostrando

ao Tor o fato de que ela era definitivamente louca e uma doida de carteirinha) e estava tomando um gole da sua xícara.

— Sim, querida — respondeu.

— Não querendo olhar os dentes de um cavalo dado, porque estou feliz por você ter acreditado na nossa história, mas por que acreditou na nossa história? Quero dizer, quando contamos a ele, meu pai se assustou, tipo, pra cacete. Acusou o Tor de ser o líder de uma seita e tentou expulsá-lo da casa. Você nem sequer piscou.

Bem, ela piscou, repetidamente, mas não surtou.

Sorriu com o comentário, em seguida, balançou a mão e, como se não estivesse abalada pelo mundo do Tor e do meu, disse alegremente:

— Porque a Circe, que é amiga da Brianna, que é amiga da Marlene, vive em um universo alternativo.

Desta vez eu pisquei e também senti minha boca se abrir.

O corpo do Tor ficou rígido ao meu lado.

— O quê? — Sussurrei.

— Perdão? — Tor resmungou.

Ela nos estudou, os olhos indo e voltando entre nós. Em seguida, repetiu:

— Porque a Circe, que é amiga da Brianna, que é amiga de Marlene, vive em um universo alternativo.

Tor se inclinou para frente e, uma vez que não moveu o braço que estava à minha volta, me levou junto com ele.

— Explique — ordenou, sua voz baixa e autoritária.

Os olhos da Phoebe não se moveram dele quando sussurrou:

— Bem, quero dizer, não conheço a Circe e só encontrei a Marlene uma vez, em uma festa. Mas todas nesse círculo sabem que a Circe foi para a cama uma noite, outra Circe estava lá no dia seguinte e a Circe daqui se foi. A Circe daqui também voltou para casa, assim, por algum tempo havia duas Circes e, em seguida, a Circe daqui foi para lá.

Está lá agora, pelo que sei. — Desviou o olhar do Tor e olhou para mim.
— Ela também estava grávida quando voltou, a propósito.

Olhei para a minha amiga.

— Mais — Tor pediu, sem mudar o tom da voz e os olhos da Phoebe voltaram para ele.

— Eu... bem... — Respirou fundo, então olhou para mim e continuou. — Não sei a história toda e, pelo que você disse quando estava fazendo o café da manhã, Cora, parece que este outro mundo é diferente. Talvez seja outro. Quero dizer, as aves não falam com ela, acho. O ar não brilha tanto. Definitivamente. Pelo que ouvi, era primitivo, selvagem mesmo. O lugar que ela caiu era estéril, com pedras e outras coisas, viviam em tendas e muita coisa aconteceu quando ela estava lá, tipo, coisas sérias, e quando digo isso, quero dizer, como arquivos ultrassecretos. Ela é uma rainha, entretanto, casada com o rei do que eu acho que a Marlene chamou de horda.

— Korwahk — Tor sussurrou.

Olhei para ele e perguntei:

— O quê?

Ele se recostou (mais uma vez me levando com ele) e virou para mim.

— Ela descreveu Korwahk.

— Isso soa familiar — Phoebe colocou e olhamos para ela. — Ela é, tipo, a rainha dourada? — Perguntou, como se pudéssemos confirmar, em seguida, balançou a cabeça e murmurou — Não sei, alguma coisa assim.

— A Rainha Guerreira da Dinastia Dourada — afirmou Tor, olhei para ele e vi estava olhando para a Phoebe. — Ela tem os olhos dourados? — Perguntou.

— Não sei sobre os olhos, mas, sim, acho que ela é loira

Phoebe respondeu.

— Querido? — Chamei o Tor e seus olhos vieram até mim.

Foi relatado por meio de despachos diplomáticos enquanto você estava comigo no nosso outro mundo, que Dax Lahn, o rei de Korwahk, conhecido como Dax na sua língua, finalmente reivindicou sua rainha. Ela é conhecida como a Rainha Guerreira Dourada e dizem que ele também alegou que sua união deu início à Dinastia Dourada.

Uau. Isso parecia legal.

— Isso parece legal — disse calmamente, mas um brilho estranho nos seus olhos me fez pensar que era tudo, menos legal, então perguntei — O quê?

— Não é nada — murmurou, voltando sua atenção para a xícara de café e, portanto, soube, também, que estava mentindo completamente.

Então repeti.

— O quê?

Tomou um gole e seus olhos vieram até os meus.

— Não é nada, meu amor.

Mas seus olhos estavam preocupados.

Não precisava de olhares conturbados. Tínhamos problemas suficientes.

Então repeti, com mais firmeza, desta vez.

— Tor, o quê?

Ele encarou meus olhos por um momento, então olhou para a Phoebe.

— Ela voltou?

Olhei novamente para a Phoebe e a vi acenar, mas respondeu verbalmente também.

— Sim.

— Ela desejou voltar? — Perguntou Tor.

Esta era uma questão interessante e seu reforço no “*desejou*” tornou isso mais interessante ainda.

Phoebe balançou a cabeça.

— Não sei, quero dizer, não tenho certeza.

— Você sabe como ela voltou? — Tor continuou. Agora, essa foi uma excelente pergunta.

Phoebe balançou a cabeça novamente.

— Não, mas posso pedir à Brianna para perguntar para a Marlene.

— Por favor, faça isso. — Tor murmurou, então, com os olhos fixos na Phoebe, concluiu — imediatamente.

— Agora mesmo. — Phoebe sussurrou, porque a minha amiga podia ser teimosa, mas estava longe de ser estúpida, porém, até mesmo um idiota podia sentir a intensidade do Tor. Então, imediatamente se levantou, colocou a xícara na mesa de centro, em seguida, se virou e se reclinou sobre o braço da cadeira para erguer a bolsa do chão e pegar o telefone.

Tor tomou outro gole de café e não foi difícil ver que estava fazendo isso para me evitar, embora estivesse pressionada na sua lateral.

— Querido — chamei.

— Humm — murmurou.

— Me evitando completamente.

— Uh, Tor. — Chamei novamente e ele virou a cabeça para mim.

— O que não está me dizendo?

Finalmente respondeu, mas, não foi a resposta certa.

— O que não é para os seus ouvidos.

— Tor... — Comecei a advertir.

Ele colocou a caneca na mesa ao lado, virou o peito para ficar de frente para mim e apoiou levemente a outra mão no meu quadril.

— Cora, não é para os seus ouvidos. Confie em mim.

— Uh, garotão, acha que há alguma coisa que tenha a ver com tudo isso que eu não deveria saber?

— Sim — respondeu imediatamente. — Isso.

— Sou uma menina grande, posso aguentar.

— Meu amor, não quero que você aguente isso.

— Não estou certa de que a escolha seja sua — rebati. Ele encarou meus olhos e retribuí sua encarada.

Depois, suspirou.

Então, quando a Phoebe se levantou, murmurando ao telefone e se movendo para a cozinha, Tor falou.

— Se este mundo que a amiga da amiga da sua amiga conhece é, de fato, Korwahk, e esta Circe foi reivindicada pelo rei daquela nação, fico preocupado.

— O que o preocupa?

— Korwahk fica nas Southlands, longe de Bellebryn e Hawkvale. As coisas são muito diferentes lá, incivilizadas, alguns consideram primitivas, mas na verdade, não são. É apenas diferente. Quero dizer, é selvagem.

Prendi a respiração. Isso não pareceu bom.

— Você acha que ela foi...? — Comecei.

— O que sei é que qualquer guerreiro da Horda Korwahk, e, definitivamente, o seu rei, ganha sua esposa de uma maneira. — Fez uma pausa, me inclinei para mais perto, ele viu que não ia escapar de me contar a história toda, assim, concluiu. — Ele a caça.

— Oh, meu Deus — sussurrei, me inclinando para trás.

— Sim — murmurou em concordância.

Continuei olhando para ele.

Com um suspiro, continuou falando.

— Esta Caça à esposa é bem conhecida, meu amor. Tem ainda a presença de espectadores que viajam de longe para assistir, embora eu não consiga entender o que lucrariam com isto. Para a minha cultura, esta prática é sórdida, embora seja perfeitamente aceitável nas terras do Sul, e vem acontecendo há séculos. Mulheres são reunidas, desfilam para os guerreiros da Horda, são soltas, os guerreiros as caçam e as reivindicam lutando com seus irmãos de armas por elas e, em seguida, se vitoriosos, tomam as mulheres no local.

— Oh, meu Deus — sussurrei novamente. — Toma-as, tipo...? — Parei, esperando que me entendesse sem ter que dizer isso e soube que me entendeu quando os dedos dele apertaram o meu quadril e concordou. — Oh, meu Deus — eu suspirei, desta vez.

— Diria que essa também não é uma prática comum no seu mundo — afirmou.

Caçar mulheres e estuprá-las?

— Não! — Exclamei.

— Também não é na minha terra, ou em qualquer dos países das Northlands — murmurou, então, seus olhos encontraram os meus. — Ela, esta Circe deste mundo, se foi levada antes da Caça, teve que suportar isso, amor. Não tenho nenhuma dúvida.

Meu Deus!

Olhei para fora e fechei os olhos, agora preocupada com a Circe, uma mulher que nem mesmo conhecia!

— Cora — me chamou e olhei para ele, abrindo os olhos. — Como expliquei, isso me preocupa, mas Dax Lahn declarou que a união com esta Circe, seria o início da Dinastia Dourada. Dizem que se gaba muito da sua beleza e espírito. Dizem que se preocupa profundamente com ela. Ele é conhecido, e é conhecido por ser brutal, implacável e que tem a força de dez homens. Há muitas pessoas que pensam que é um deus na terra, um guerreiro imbatível, um rei formidável, um líder astuto. Ele

tem grande força, mas também tem grande inteligência. Mesmo assim, governa uma terra selvagem com práticas selvagens. No entanto, os relatórios afirmam que sua noiva é adorada, não só pelo seu rei, mas pelo seu povo. Dizem que ela detém a mais nobre magia e é deusa para o seu deus. Dizem que ele mostra ternura por ela, mesmo publicamente, o que nem sempre é a prática dos guerreiros dessa Horda, mas definitivamente uma característica que ele já demonstrou. E dizem que ela o deixa de bom humor. — Se inclinou para perto de mim. — Talvez seja um pouco como nós. Talvez, querida, ele ou ela tenham encontrado uma maneira de atravessar. Talvez ela tenha ficado contente por carregar seu filho e desejou retornar.

— Espero que sim — sussurrei.

— Como eu — sussurrou também.

— Iupi! — Phoebe falou da porta da cozinha. — A dica é, o cara do universo alternativo da Circe, o mesmo da Cora, pelo jeito — olhou para mim — aparentemente, é também muito sexy. — Nos observou e continuou: — Foi ele que encontrou uma maneira de recuperá-la. Ela estava em uma festa e, de repente, — levantou as mãos e, mesmo com uma delas segurando o celular, esticou os dedos — dissolveu no ar.

— Maldição — Tor resmungou.

Mas tudo que eu consegui pensar foi *“dissolveu”*.

Eu não gostava da ideia da névoa azul e não estava com intenção de ver isso. Certamente não queria dissolver.

— Essa é a má notícia. — Phoebe anunciou, em seguida, afirmou — A boa notícia é que, quando ela se foi, seu pai e a Circe do universo alternativo encontraram uma bruxa aqui que sabia como trazê-la de volta. Eles simplesmente nunca tiveram a chance, pois a Circe daqui voltou por conta própria, de alguma maneira.

Ambos, Tor e eu, nos endireitamos, mas fui eu quem disse:

— Sério?

Ela assentiu, se aproximando e parando atrás da minha poltrona, apoiando as mãos nas costas dela.

— Sim, a Brianna está ligando para a Marlene agora mesmo, para saber a história toda e contar a ela sobre você. Brianna vai resolver tudo isso e nós vamos encontrá-las para um café mais tarde.

— Excelente — Tor afirmou e virei a cabeça para ele.

— Excelente? — Perguntei.

Ele olhou para mim.

— Claro. Isso é bom.

— Como isso é bom, Tor? — Perguntei. — Não temos magia em nosso mundo! Esta bruxa é, provavelmente, uma charlatã ou algo assim!

— Uh, nós temos mágica, menina — Phoebe colocou. — Você estava na festa da Selenia comigo, quando aquela garota colocou o feitiço naquela outra garota por flertar com o seu namorado e ela caiu da escada.

— Seu “*feitiço*” — levantei as mãos e fiz o gesto de aspas, ainda segurando a xícara de café, abaixando-as antes de lembrar à minha amiga, — consistiu em empurrar a garota que flertou escada abaixo.

— Ela não estava nem por perto — Phoebe retornou.

— Isso foi o que ela disse, mas a outra garota disse que ela estava lá, porque sentiu sua mão nas costas e a viu no topo da escada quando estava começando a descer — Rebatí.

Tor (sabidamente) interrompeu esta troca de palavras, afirmando:

— Não há nenhum mal em falar com esta Marlene e, depois, com esta bruxa.

Olhei para o Tor e falei:

— Ok, você está certo, querido, mas, e se o que encontrarmos lá fora for magia deste mundo. Esta mulher for inexperiente. E se ela bagunçar tudo? E se nos enviar para, não sei, algum outro lugar? E se

lhe enviar para um lugar e me enviar para outro? E se a Circe não estiver em Korwahk, mas em algum outro lugar selvagem e estéril, com hordas primitivas? E se um de nós for enviado para lá? Não quero ir para um lugar inóspito e selvagem com hordas primitivas!

Sentindo meu pânico aumentar (embora fosse difícil não sentir), o braço à minha volta se moveu para cima e seus dedos envolveram o meu pescoço enquanto se inclinava e dizia gentilmente:

— Há muitos “se”, meu amor, mas esta é também a única esperança que temos. Neste momento, somos impotentes. Mas se houver qualquer possibilidade desta bruxa conseguir controlar a névoa azul, então temos que falar com ela, saber se pode controlá-la e, se puder, a convencer a usá-la para nos enviar para casa.

Olhei nos olhos dele pensando que estava certo, ao mesmo tempo pensando que era uma merda. Portanto, suspirei, Tor soube que isso significava que eu estava cedendo e sorriu, dando um aperto no meu pescoço e me puxando para ele, até meu rosto estar descansando no seu ombro.

— Vocês dois são realmente bonitos — Phoebe anunciou, sorrindo radiante para nós, então, seus olhos deslizaram para o Tor. — Cara, você é, tipo, incrivelmente sexy de uma maneira machista e assustadora, mas, ainda assim, sabe como usar o seu lado suave.

Não pude evitar, estava pirando, mas ainda assim, o que a Phoebe disse me fez rir.

Então o telefone dela tocou, ela o levantou, olhou para ele e nos disse:

— Brianna. — Então o atendeu, o colocou junto à orelha e caminhou novamente para a cozinha, ordenando autoritariamente:

— Fale comigo.

Então, desapareceu.

Em seguida, ouvi o Tor murmurar:

— Sua amiga é muito estranha.

Depois, ainda em pânico, mas também ainda incapaz de evitar, passei o braço em torno do seu abdômen, o abracei com força e caí na risada.

Capítulo 25

Você Possui A Outra Metade Da Minha Alma

Nos sentamos na cafeteria; Tor reclinado contra a sua cadeira, as pernas esticadas, os tornozelos cruzados, bebericando seu café, calmo como você pode imaginar; eu com as pernas cruzadas, balançando o pé, os dedos de uma mão batendo na mesa enquanto engolia meu terceiro café com leite (café descafeinado devido à gravidez confirmada, iupi!), nada calma, de forma alguma, mas elétrica, como se tivesse realmente tomado muita cafeína.

— Amor — Tor chamou e virei a cabeça para ele, surpresa ao ver seus olhos em mim. Um segundo atrás, estava observando os arredores movimentados da casa de café e as calçadas movimentadas lá fora, com ávido interesse.

— Sim? — Respondi.

Ele se inclinou enquanto esticava a mão e cobria meus dedos agitados, seus dedos envolvendo calorosamente os meus.

— Calma — disse baixinho. Tudo bem, certo. Calma.

Estávamos à espera da Brianna e sua amiga aparecerem, ao mesmo tempo que estávamos à espera da Phoebe, que estava no meu apartamento, depois de ter se oferecido para entregar ao Noc a mala dele e ver se conseguia arrancar mais informações.

Não estava muito animada com esse negócio de controlar aquela névoa azul mágica e não era porque qualquer coisa poderia dar errado. E se o mundo para onde essa Circe tinha ido não fosse a Korwahk do mundo do Tor? E se houvesse um monte de mundos e o Tor e/ou eu

fôssemos enviados para um desses - onde havia reis selvagens e poderosos, com a força de dez homens?

Sem mencionar, e se a Phoebe fizesse alguma coisa para alertar o Noc do fato de que nem tudo estava certo com a Cora que ele conhecia e fizesse algo que não fosse nada bom para o Tor e para mim? E, devo mencionar, não estava gostando nada da Phoebe estar envolvida em tudo disso, especialmente com o Noc investigando a outra Cora. Minha amiga não era exatamente uma super detetive. Era uma assistente administrativa, como eu. Não podia ser levada para uma terra de contos de fadas, segura, como eu. Ficaria para trás, talvez fosse considerada cúmplice em tudo o que Cora aprontou... ou algo assim.

Mas Phoebe não teve escrúpulos em prosseguir com isso e realmente parecia animada em ficar por dentro de tudo.

Então, mais uma vez, como já havia mencionado anteriormente, Phoebe era mais do que um pouco maluca.

Mas muita coisa podia dar errado. Não estava empolgada em ficar à mercê da névoa mágica azul ou o que quer que o Noc estava fazendo com a Cora, mas também não estava animada para enfiar o meu nariz onde não devia. E, tinha que ser dito, não tinha interesse algum em me dissolver.

— Tor... — Comecei, seus olhos deslizaram para o lado e sua mandíbula ficou assustadoramente rígida.

Olhei para onde ele estava olhando e vi um homem carregando um copo de papel em uma embalagem de papelão olhando para os meus pés cruzados enquanto passava. Tor se moveu, os olhos do homem se moveram para ele, seu rosto empalideceu e ele saiu correndo.

Olhei para o Tor e o vi girando no assento, a fim de continuar mostrando a carranca assustadora para as costas do homem e virei a

mão para poder apertar os dedos dele.

— Querido. — Chamei baixinho e seu olhar voltou para o meu.

— Embora sua vestimenta seja apropriada, Cora, não gosto da quantidade de pele que expõe — grunhiu.

— Tor...

Ele me interrompeu com:

— Você tem lindas pernas.

Uau. Aquilo foi legal.

Sorri para ele.

— Obrigada, querido.

O rosto dele ficou tão rígido quanto a sua mandíbula.

— Lindas demais — continuou. — E são minhas, e não gosto que outros homens olhem para elas.

Oh, Jesus.

— Tor, esta é a forma como nos vestimos no meu mundo — disse a ele algo que ele tinha que saber porque estava usando outro vestido curto com um casaco leve e sapatos de salto alto, mas havia outras mulheres em torno de nós usando calças capri, minissaias, calças justas ou tops com decotes enormes. Não era como se ele fosse cego.

— Estou ciente disso, Cora, mas não significa que tenho que gostar de como você se veste neste mundo.

Prendi a respiração, esperando que dissesse alguma coisa do jeito Tor para me irritar, como ter que ir para casa e colocar algo que ele preferia, digamos, um vestido de algodão tipo vovó, que me cobrisse do pescoço, até o pulso e o tornozelo. Mas, surpreendentemente, não disse nada. Soltou a minha mão e seus olhos deslizaram ao redor da sala. Em seguida, a raiva desapareceu do seu rosto e ficou pensativo.

— Tor? — Falei e seus olhos se moveram novamente para mim. Antes que pudesse perguntar o que estava passando na sua cabeça, ele falou.

— Por que você não está comprometida, nesse mundo?

— Perdão? — Perguntei.

— Você é muito bonita — afirmou como se isso fosse verdade, minhas entranhas aqueceram e continuaram assim quando ele prosseguiu. — Muito mais bonita do que qualquer mulher que já vi, não só no meu próprio mundo, mas especialmente neste. Não há como comparar.

— Tor — sussurrei, meu coração ficando mais leve.

— Isso não faz sentido para mim. Se a Cora do meu mundo não tivesse sido destinada a mim, os homens travariam batalhas por ela. Eles realmente escreveram canções e poemas dedicados à sua beleza. Ela pode não ser agradável, mas isso não significava que sua beleza não fosse desejada e muito admirada. Você possui não só a sua beleza, mas um coração bondoso e um humor afiado. É... — fez uma pausa — estranho que nenhum homem tenha te reivindicado.

Jesus, eu amava esse cara.

— Humm... o jogo dos encontros é diferente neste mundo e... — comecei.

— Jogo dos encontros?

— Uh... cortejar — expliquei — você sabe, cortejar.

Ele balançou a cabeça e disse:

— Besteira.

Inclinei a cabeça para o lado e respondi:

— Não, querido, é verdade.

Seus olhos encararam os meus. Então se inclinou, estendeu a mão sobre a mesa, entre nós, e novamente pegou a minha mão. Estudei o olhar no seu rosto e virei meu corpo para encará-lo, me inclinando também, dando a ele toda a minha atenção.

Quando a tinha, ele falou.

— Cora, estive pensando sobre isso, observando a resposta dos homens a você, a resposta do seu povo para nós, e me ocorreu que pode haver outros poderes trabalhando aqui.

Ótimo. Outros poderes trabalhando. Fantástico. Apenas o que precisávamos.

— O que quer dizer? — Sussurrei.

— Você não foi reivindicada neste mundo. Isso não é natural. Com sua beleza, sua personalidade...

— Tor, honestamente, é diferente aqui. É totalmente natural. Boas mulheres constantemente...

Ele balançou a cabeça e apertou a minha mão.

— Isso não é natural.

— Tor.

— Eu sou um homem, no seu mundo ou no meu. Acredite em mim, meu amor, isto é antinatural — disse com firmeza.

Ok, não podia discutir com ele, já que era um homem.

Definitivamente, era isso.

Me inclinei mais ainda e perguntei:

— O que está pensando?

— As pessoas nos observam — ele declarou e mordeu os lábios, porque tinha percebido isso também. — Isto é estranho. Poderia entender os homens olharem para você; você é linda, isso acontece no meu mundo também. Mas a forma como os seus olhos são atraídos para nós, não só os homens, mas as mulheres...

— Tenho notado isso também — disse a ele.

— Alguma coisa não está certa nisso — confirmou que estava sentindo a mesma coisa que eu.

— Por que acha isso? — Perguntei.

— Não acho, querida, sinto isso.

Oh, Jesus.

Sim, estava sentindo a mesma coisa que eu.

— E o que você sente? — Perguntei, hesitante.

— Você não tem destinos escritos no céu no seu mundo, não é?

— Tor perguntou e balancei a cabeça. — Portanto, almas não são divididas neste mundo. — Balancei a cabeça novamente e Tor me estudou. Em seguida, disse baixinho — Cora, acho que você possui a outra metade da minha alma.

Me endireitei rapidamente, meu coração se contraindo, em seguida, batendo loucamente, olhei para ele, então falei com voz aguda:

— O quê?

Sua mão puxou a minha e me inclinei.

— A magia da Minerva é azul.

Balancei a cabeça, mas mantive os olhos nos dele.

— Não entendi.

— Os vickrants não nascem, são criados. O mesmo com os toilroys. E os hewcrows. Minerva os cria. É por isso que, quando atingidos, sangram magia azul. Foi por isso que me ofendi quando você sugeriu que eu tinha sangue azul.

— Isso é um ditado no meu mundo, Tor, sobre a realeza...

Ele apertou minha mão e me acalmei.

— Eu sei, amor. Mas essa névoa que nos pegou, também é azul.

Oh, merda! Não tinha pensado nisso.

— Oh, meu Deus — sussurrei.

— E Minerva está impaciente. Foi frustrada, geração após geração. E estou achando que ela sabe sobre este mundo e sabia da sua existência. E, portanto, para alimentar sua necessidade de fazer o mal, dividiu minha alma, mas não colocou a outra metade na Cora do meu mundo, a colocou em você.

Eu queria que isso fosse verdade. Realmente, queria.

Mas não achava que fosse verdade.

— Tor — lembrei a ele suavemente — você se apaixonou por ela à primeira vista quando a conheceu.

— Não sabia que existia outra dela e cresci, desde que me entendo como gente até a primeira vez que coloquei os olhos nela, ouvindo que ela era meu único e verdadeiro amor, feita para mim, meu destino, o ser que continha a metade da minha alma. Foi por essa razão, por isso ter sido enraizado em mim desde que consigo me lembrar, que minha mente conjurou um amor que, na verdade, não existia.

— Ela te magoou — falei baixinho. — Você não consegue magoar alguém se...

— Ela é linda e eu queria a magia que, supostamente era para ser minha, mas nunca, até conhecer você, me magoou tão completamente, a menos que estivesse misturada com a decepção quanto a um sonho perdido. Nunca meu sangue ferveu com qualquer movimento, palavras ou sorrisos dela. Ela nunca chorou na minha presença, mas cada lágrima que vi você chorar marcou minha alma e não creio que se a visse chorar, experimentaria a mesma sensação.

— Tor — sussurrei, minha mão enrijeceu na sua, assim como suas palavras marcaram a minha alma, mas não podia dizer que não era uma bela dor.

— Não quero me lembrar disso ou lembrá-la disso, meu amor, mas quando você entrou no meu escritório carregando o seu presente de aniversário, o olhar no seu rosto... — Balançou a cabeça. — Senti sua dor e a senti tão profundamente, que devo ter sentido tão profundamente quanto você.

Minha mão ficou mais tensa ainda e senti o indício de lágrimas arderem no meu nariz.

— Querido.

— Você é a minha outra metade, Cora.

Senti as lágrimas encherem os meus olhos.

— Oh, querido — sussurrei.

— Essas pessoas, o seu povo — inclinou a cabeça para o lado, apontando as pessoas na cafeteria — eles veem isso ou sentem. Esta magia que temos. Esta conexão de almas. Não entendem, mas sentem isso.

Senti minhas sobrancelhas se erguerem.

— Você acha?

— Sim.

— Mas... o que a Minerva ganharia com isso?

— O que ela tem conseguido nos últimos cinco anos desde que conheci a outra você. A oportunidade de se alimentar da minha frustração, do meu desgosto. Não é um reino inteiro cheio de desespero, mas é alguma coisa. E se ela fez isso, teria a minha vida inteira de frustração, pois nunca teria você.

— Mas se a névoa azul...

— Brincadeira dela — Tor me interrompeu. — O que, meu amor, é pior do que não ter o amor que você sempre soube que teria? — Não esperou pela minha resposta, mas respondeu assim mesmo. — O que é pior do que tê-lo por um tempo e, em seguida, ser arrancado de você? Meu pai me ensinou isso quase todos os dias em que meramente existiu sem uma das suas esposas.

Oh, Deus. Ele estava certo.

— Então você não acha que a Cora está por trás disso? — Perguntei.

— Não tenho certeza. O que eu acho é que a Cora é tão preguiçosa, quanto é cruel e quanto é gananciosa. O que eu acho é que a Cora realmente se importa... muito... com o meu irmão, o que seria mais uma prova de que ela não é a outra metade da minha alma, pois, não se sentiria assim sobre o Dash se fosse. Sempre achei isso

estranho, porque eu, até conhecer você, nunca tive sentimentos por qualquer outra além dela, e até chegarmos a seu mundo, achava que você era ela. Isto — ele apertou minha mão — explicaria os sentimentos dela pelo meu irmão.

Isto era verdade.

Tor continuou.

— O que também acho é que a Cora pode ter conspirado com a Minerva para ter algum ganho, ou algo assim, pois ela mesma não passaria uma vida inteira observando a sua irmã e o seu amor serem descontroladamente felizes juntos. O que eu acho é que ela pode ser astuta, mas não tem sequer o humor afiado que você tem. O que eu acho é que a Minerva escolheu aquela Cora com cuidado e, ao fazê-lo, escolheu você com cuidado, sabendo que tudo isso iria acontecer. O que acho é que a Cora se convenceria que ela poderia jogar com a Minerva, mas Minerva está manipulando a Cora e se alimentando do seu amor não correspondido, ou da sua ganância, ou da sua malícia ou de todos os três.

— Mas isso significaria que você acredita que a Cora deu início à maldição — comentei.

Ele balançou a cabeça.

— Não consigo sequer imaginar a Cora fazendo isso. Ela sabe como funciona a maldição. Me conhece. Só concordei em conhecê-la depois de reassegurar meu direito de primogenitura. Ela conhecia o guerreiro que eu era. Saberla que eu iria fazer tudo em meu poder para impedir a maldição. É minha conjectura que a Cora concordou em deixar aquele mundo para não ter que assistir meu irmão com a irmã dela e que ela iria supor que eu impediria a maldição. De qualquer forma, sua presença aqui significa que ela não ficaria nas garras da Minerva, assim a maldição nunca se completaria totalmente.

— Talvez ela não tenha feito nada disso, Tor. Minerva não teria apenas feito o que ela queria para brincar com quem quisesse?

— Os deuses são poderosos, meu amor. A deusa, cujo poder é imenso, mas se trata da sua própria magia conjurada, não é. Independentemente disso, todos os deuses nos concedem o livre arbítrio e podemos usá-lo como acharmos conveniente, para o bem ou para o mal. Minerva, no entanto, tira proveito para o mal. Ela se insinua e manipula. Precisa de um ser para fazer as escolhas erradas, ou utiliza meios mal-intencionados para guiar o fraco a fazer escolhas erradas para que ela possa explorar essas escolhas. E a outra Cora, como acho que já sabe, querida, é muito boa em fazer as escolhas erradas.

Algo me ocorreu.

— Você acha que ela tinha algo a ver com a Rosa estar na casa dela no dia do casamento?

— Sim — Tor respondeu prontamente. — Pode ter sido o pagamento para a Minerva concordar em trazê-la para o seu mundo.

— Mas isso daria início à maldição! Ela devia saber disso — exclamei.

— Isso seria uma coisa horrível de se fazer, até mesmo para a Cora, enviar sua frágil irmã para as garras da Minerva, mas acho que você já descobriu que a Cora não faria algo tão horrível, até mesmo para a sua própria irmã. Dito isto, ela também sabe que eu iria fazer com que a Rosa fosse resgatada, o que fiz.

Todo o meu corpo congelou, exceto meus olhos. Eles piscaram.

Então, sussurrei:

— O quê?

Tor me observou e enquanto fazia isso pude, realmente, sentir o sangue correndo para o meu rosto diante da enormidade da raiva que corria, quente, nas minhas veias.

— Cora, amor, me escute — insistiu, sua mão segurando a minha tão firmemente que não tive qualquer esperança de afastá-la, o que me chateou... muito.

— Ela foi resgatada? — Perguntei, minha voz calma e tremendo de raiva.

— Sim — respondeu, e meus olhos se estreitaram. — Orlando estava hesitando. Enviei uma carta para ele e pedi que fosse a Bellebryn. Me encontrei com ele e os meus guerreiros, escondido de você, e planejei uma estratégia. Eles a executaram e foram bem-sucedidos. Rosa foi entregue com segurança aos seus pais algumas semanas atrás. Desde então, ela tem se empenhado no replanejamento do seu casamento. Ela e os seus pais estavam perguntando por você, mas enviei uma missiva explicando que você não estava bem e, quando estivesse melhor, iria levá-la até eles.

Humm. Parecia que durante a parte do dia que ficava longe de mim, meu príncipe guerreiro tinha estado ocupado.

O grande e imenso babaca!

— Ela foi resgatada algumas semanas atrás — falei suavemente.

Sua mão deu um aperto suave na minha.

— Cora...

— Ela foi resgatada algumas semanas atrás! — Gritei e senti os olhos dos clientes virarem na nossa direção.

— Cora, se acalme — Tor ordenou laconicamente.

— Me acalmar? Você está louco? — Rebatí. — Eu estava doente de preocupação! E você mentiu para mim, me dizendo que nada havia mudado! Me levando, devo acrescentar, a acreditar que a minha irmã estava nas garras malvadas de uma Deusa!

Senti mais atenção vindo em nosso caminho enquanto o Tor se inclinava para mim sobre a mesa.

— E eu não sabia que você era você — me lembrou. — E você não fez nada para impedir a Rosa de ver o Dash. Agora sei que não fez nada, porque tinha acabado de acordar em um novo mundo. Pensei, então, que não fez nada porque você era ela. Só podia supor que fez isso porque queria fazer mal à Rosa. Eu também poderia especular que você estava unida com a Minerva para algum propósito desprezível. Devido a isso, não poderia lhe dar essa informação. Você tem que entender isso.

— O que eu entendo, Tor — vociferei, tentando e falhando em livrar minha mão da dele, o que me irritou ainda mais porque estava doente de quão desgraçadamente forte ele era. — É que temos estado aqui há alguns dias e você sabe que eu sou eu há dois dias e meio e não compartilhou essa informação comigo! — Estava quase gritando a última parte e sua mão me deu um empurrão áspero.

— E por que, meu amor, você acha? Talvez porque está reagindo da maneira que está reagindo agora? Ou, pode ser que eu tenha te machucado gravemente antes de irmos para este mundo, tão gravemente, que fugiu de mim e vi você despencar de uma maldita escada de mármore, batendo a cabeça e deixando hematomas no seu corpo no processo? Contusões que você ainda carrega em um corpo bonito, que está para dar à luz ao meu filho? Uma criança que nós dois tivemos uma sorte extrema de não abortar com este acidente? E, só depois disso, te segurando inconsciente nos meus braços e me perguntando se você acordaria, de repente, eu estava em um mundo novo, com você irritada e magoada, se afastando. E, pelos deuses, eu tinha acabado de entender que você era quem você é, e estava apaixonado por você, então talvez tinha outras coisas em minha mente, além do fato que a sua irmã está feliz, saudável e decidiu mudar o buquê do casamento, de flores de laranjeira e jasmim para rosas e

margaridas, porque acha que o cheiro do jasmim irá combinar incrivelmente com as flores?

Olhei para ele. Então sussurrei:

— Você está apaixonado por mim?

— Deuses, Cora, acabei de lhe dizer que você é a outra metade da minha alma.

— Você está apaixonado por mim? — Repeti.

Ele se recostou na cadeira, em seguida, inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto enquanto murmurava:

— Me poupe.

— Tor — falei, puxando levemente a mão e sentindo algo dentro de mim inchando, inchando rápido, tão rápido, que ia explodir a qualquer segundo.

Ele olhou para mim e ergueu as sobrancelhas.

— Está tudo bem no seu mundo? — Perguntei a ele em voz baixa.

— Sim, Cora, está tudo bem no meu mundo.

— A maldição não está mais pendente. Rosa está salva — continuei.

— Sim, amor, acabei de lhe dizer isso.

— Então, se conseguirmos voltar, ter o Dash casado em segurança com a Rosa, então a terra estará segura para a nossa geração.

— E você vai se casar comigo — declarou com firmeza.

— E eu me casarei com você — sussurrei suavemente. Ele olhou para mim.

— Então tudo ficará bem — sussurrei.

— Sim, Cora, tudo ficará bem — ele *meio que* me repetiu, com óbvia paciência tensa.

— Então isso significa — continuei a sussurrar — que posso dizer para a mamãe, o papai e a Phoebe que, quando eu voltar com você, vamos ser apenas você, nosso filho, eu e a minha irmã, viva e feliz, em uma terra de conto de fadas e eles vão se sentir melhor em me deixar ir.

Assisti o corpo de Tor enrijecer. Então observei seu rosto suavizar e seus olhos se tornarem calorosos.

Em seguida, sussurrou:

— Sim, meu amor, é o que significa.

— Isso vai fazer com que me sinta melhor — sussurrei para ele em resposta.

Ele me encarou por cerca de um milésimo de segundo, antes (sem soltar a minha mão) de se levantar, contornar a mesa, me levantar da cadeira e me puxar direto para os seus braços, onde me colou ao seu corpo e me deu um beijo molhado, quente, fantástico e muito longo, o qual retribuí com a mesma intensidade, derretendo em seus braços.

Quando levantou a cabeça, olhei em seus olhos e sussurrei:

— Eu te amo, meu príncipe.

Diante das minhas palavras, Tor sorriu seu incrivelmente belo sorriso de arrasar.

Em seguida, fomos atingidos por uma onda de som, quando uma torcida espontânea e alta eclodiu na cafeteria.

— Isso mesmo, cara! — Um cara gritou.

Senti calor invadir minhas bochechas e mordi o lábio. O sorriso do Tor ficou ainda maior.

— Eita, vocês dois, sério, se continuarem com isso, precisam providenciar um quarto, assim, imediatamente — Phoebe disse e virei a cabeça para ver minha amiga sorrindo, sua amiga Brianna, quem eu já tinha encontrado algumas vezes e outra mulher se juntar à nossa mesa.

A outra mulher estava olhando com aberta fascinação para o Tor e soube que ela era a amiga da Circe lá do outro mundo. E soube que

ela tinha o conhecimento que Tor era de um universo paralelo.

E também soube que a minha vida louca estava prestes a melhorar... ou, decididamente, piorar.

Oh, Jesus.

Capítulo 26

Arrancada De Mim

Estava sentada na poltrona da sala de estar, os pés sobre a mesa de centro, as pernas dobradas, um bloco de papel apoiado nos joelhos, fazendo listas. Tor estava estirado no sofá, seus dedos segurando uma garrafa de cerveja que estava descansando no seu abdômen, os olhos em um jogo de *beisebol* que passava na TV.

Assim... absolutamente... um homem.

Isso foi depois da nossa conversa com Phoebe, Brianna e Marlene. Depois de termos ido ao shopping para comprar um celular para o Tor. E depois, ao voltarmos para casa, Tor parou há alguns quarteirões de distância e saiu do carro para percorrer o restante do caminho a pé, no caso do apartamento estar sob vigilância (de alguma forma, ele estava parado na minha porta depois que passei para o banco do motorista, dirigi até em casa, encontrei um lugar para estacionar na rua e caminhei até o apartamento, provando que não era apenas forte, meu homem era rápido e, esperava, furtivo). Tinha feito um jantar para o Tor com massa em espiral, molho de almôndegas, pão de alho, salada e cerveja (normal para ele e sem álcool para mim) e Tor declarou que gostou muito mais desta refeição do que os sanduíches de mortadela e *Cheetos*. Obviamente, terminamos o jantar com bolo *Red Velvet*, porque esse bolo podia ter uma semana e ainda estaria bom pra burro.

Na cafeteria, descobrimos com a Phoebe que o Noc não lhe deu informação alguma. Não foi a primeira coisa.

Exceto que parecia chateado porque, em primeiro lugar, ela estava lá e não a Cora (como qualquer pessoa que estivesse recebendo

um fora estaria), e segundo, que ele estava recebendo um fora sem explicação e, ao que parecia, sem nenhuma razão. Ela tentou descobrir alguma coisa, mas ele se fechou totalmente e, depois de agarrar a alça da mala, não demorou muito tempo.

Ela percebeu, no entanto, que ele parecia chateado, mas teve a sensação que ele sentiu alívio e que, principalmente, só queria as coisas dele. Também informou que parecia distraído, agiu como se tivesse coisas melhores para fazer e que só queria dar o fora de lá.

Isso foi uma decepção, mas não inesperada.

O que não foi uma decepção, mas um choque (uma parte desse choque foi incrivelmente boa e outra foi ruim, incrivelmente ruim), foi o que descobrimos com a Marlene.

Primeiro, descobrimos que a Circe alternativa, em um esforço para trazer de volta a, humm, Circe de verdade, tinha feito de tudo para encontrar uma bruxa neste mundo que seria capaz de trazer a verdadeira Circe de volta ao seu mundo (quão confuso é isto?).

Então soubemos, felizmente, como Tor confirmou a partir da informação adicional da Marlene, que este mundo era, de fato, Korwahk. E a bruxa nos tinha informado que não havia um número infinito de mundos. Havia o do Tor e o nosso.

Então, diante disso, foi confirmado que a Circe não foi enviada de volta pela bruxa. O Rei Lahn da Circe tinha descoberto algum meio para levá-la de volta para ele. No entanto, a bruxa assegurou com grande convicção ao pai da Circe, que assegurou para a Marlene que a Circe retornou em segurança para onde queria estar. No entanto, embora a bruxa não tenha enviado a Circe de volta, Marlene estava bastante certa (bastante, iupi!), que ela tinha o poder de enviar o Tor e eu de volta.

E Marlene também tinha, antes da nossa reunião, falado com o pai da Circe, descoberto seu endereço e passado no trailer da tal bruxa

(sim, trailer), apenas para descobrir que ela não estava mais lá. Na verdade, o trailer também tinha sumido.

Isso foi ruim.

O que foi uma surpresa é que a Marlene disse que a bruxa era velha, cega e seu nome era Clarabelle. Diante disso, ofeguei e os olhos do Tor se voltaram para mim. Não ofereceu nem compartilhou qualquer resposta, nem mesmo quando o interroguei sobre isso mais tarde, no carro, lhe dizendo que achava que esta era uma boa notícia.

Sua resposta foi, simplesmente:

— Você não é a outra Cora, aquele Noc não sou eu e essa bruxa não é a Clarabelle de outro mundo. Não temos nenhuma ideia do seu caráter. O que sabemos é que é uma bruxa, e quem brinca com magia é suspeito. Temos que ter muito cuidado.

Tinha que admitir, estava completamente chateada com isso.

Questionei Marlene um pouco mais sobre a Circe do outro mundo e descobri que o que o Tor e a Phoebe haviam dito era verdade. As coisas para a Circe, assim como para mim, não tinham começado tão bem para a Circe e o seu Rei Lahn, isto para dizer o mínimo (ela foi, realmente, caçada, *“reivindicada”*, *meio que* estuprada pelo tal Rei Lahn, em seguida, instalada como sua rainha), mas de alguma forma, se uniram, acabaram se dando bem, assim, muito bem, tão bem que ela estava desesperadamente apaixonada por ele, desesperadamente de coração partido quando o deixou, amando completamente o fato de ter seu filho e, aparentemente, muito feliz quando voltou, lhe deu gêmeos e estava vivendo sua vida como uma rainha (literalmente).

Estava tão feliz, que, aparentemente, estava se sentindo bem em deixar tudo para trás e viver com esse cara, no seu mundo primitivo, pelo resto dos seus dias de vida.

A boa notícia nisso tudo foi que, aparentemente, o pai da Circe tinha conseguido enviar uma mensagem para ela, no seu mundo, e ela

conseguiu mandar uma, acalmando o seu pai (e a Marlene) sobre a sua situação. A razão pela qual essa também não foi uma boa notícia era que, embora a Circe tivesse voltado para lá há algum tempo, a comunicação entre os mundos era imprevisível e, embora a Marlene dissesse que o pai da Circe continuava tentando, e Circe havia prometido ao seu pai que também o faria, não tinha mais recebido notícias dela.

Isso era uma merda. Contudo, onde havia esperança... bem, havia esperança.

Obviamente, a rainha Circe (ou a rainha Circe, a verdadeira Rainha Guerreira Dourada de Korwahk, quão irado pode ser esse título?), seu rei bárbaro e sua prole crescente não tirariam férias em Seattle, o que também era uma merda. Soubemos pela Marlene que a razão da Circe não poder ir e voltar era porque a bruxa Clarabelle informou ao pai da Circe, e a outra Circe (que era, mais novidades, uma feiticeira) confirmou isto, que necessitava uma grande quantidade de energia para viajar entre os mundos. Não havia simplesmente pequenas comunicações com o outro mundo, o pouco que havia era aleatório, estava sob o controle de ninguém e, portanto, a bruxa não sabia quem controlava as viagens do outro lado e não podia garantir que essa pessoa conseguisse receber mensagens de lá, ou para lá, para trazer ninguém de volta. E, mesmo que o fizesse, seria uma viagem, de maneira que, uma vez que os trouxesse para cá, não poderia levá-los para casa, pois trazê-los até aqui consumiria toda a sua magia. Levaria décadas para sua magia se recuperar o suficiente para tentar outra viagem.

Viu? Uma merda completa.

Assim, quando Circe tomou a decisão de enviar a mensagem para o pai dela, avisando que permaneceria lá, isso significou que Circe sabia que era o mundo do rei Lahn ou o dela própria.

Circe escolheu o Rei Lahn.

Entendi suas escolhas, embora tivesse preferido ser capaz de ir e vir à vontade, para ter o meu filho no meu mundo onde a medicina era mais avançada e, assim, os meus pais poderiam conhecê-lo ou conhecê-la e, é claro, quando transmitissem o tapete vermelho do Oscar, porque era meu evento favorito do ano (que era um programa sobre os vestidos e, devo acrescentar, os penteados e as joias).

Infelizmente, isso não era possível.

Mas já fiz minha escolha, não importa o quão difícil ela seja. E fiz isso porque o Tor não podia ser um príncipe no meu mundo, seu povo dependia dele e tinha feito um grande esforço (e tinha as cicatrizes para provar isso) para reconstruir o seu reino. Eu não podia lhe pedir para abrir mão de desfrutar o resultado triunfante de algo que importava tanto para ele e deu cinco anos do seu suor, do seu sangue e dos seus esforços para recuperá-lo, que ficaram marcados no seu rosto e no corpo, nem podia lhe pedir para abdicar da eventual sucessão para governar um reino que era seu de direito, por primogenitura.

Eu era uma assistente administrativa, apenas o Dave dependia de mim e os únicos ferimentos que já recebi foram de cortes de papel.

Não pensei nos meus pais, na Phoebe, no Dave, no tapete vermelho do Oscar, nem nada disso. Não consegui. Tinha que me concentrar. Estava apaixonada. Estava grávida. Meu homem estava longe da sua família, com quem se preocupava, e do seu povo, que dependia dele.

E eu tinha uma irmã para conhecer.

O resto eu lidaria quando chegasse o momento. E se não conseguisse lidar com isso, sabia que o Tor ia me ajudar ou, pelo menos, fazer tudo o que podia tentando.

Antes de sairmos da cafeteria, Marlene se virou para o Tor.

— Você tem escutado histórias sobre ela? — Perguntou.

— De fato — respondeu.

— E ela está, humm... feliz? — Continuou, a voz baixa, o olhar intenso e a resposta do Tor, obviamente, significava o mundo para ela.

Diante disso, tentei não olhar para a Phoebe, mas não significou que não procurei sua mão sobre a mesa, a encontrei e a mantive apertada.

— São considerados um casal apaixonado, ela é reverenciada como uma deusa, então sim, diria que está feliz — Tor respondeu calmamente.

Ela assentiu com a cabeça, em seguida, perguntou:

— Korwahk é longe do seu reino?

— Muito longe — respondeu, e ela pareceu desapontada, mas assentiu com a cabeça novamente, em seguida, passou a língua nos lábios e desviou o olhar.

Então chamei o nome dela e quando ela olhou para mim, perguntei:

— Existe alguma coisa que você queira?

Marlene me observou. Em seguida, balançou a cabeça.

— Gostaria de mandar uma mensagem para ela, só... para que saiba que sinto falta dela e estou feliz por ela estar feliz — disse Marlene, baixinho.

Humm. Marlene era doce e parecia tranquila, ao contrário da Phoebe, que tinha um tipo diferente de doçura, não totalmente tranquila, mas, ao que parece, Marlene era a melhor amiga da Circe, justamente como a Phoebe era a minha. Isso me fez sorrir para ela, mas também fez a minha mão apertar mais ainda a da Phoebe.

— Vamos ver isso quando voltarmos — Tor ofereceu e Marlene olhou esperançosamente para ele, em seguida, Tor continuou, compartilhando honestamente. — No entanto, essa terra é distante, as vias de comunicação não são confiáveis, este rei é nômade e, portanto,

não podemos garantir que vamos encontrá-lo, mas posso garantir que vamos tentar.

Lutei contra a vontade de chutá-lo sob a mesa, pois era legal que estivesse sendo honesto, mas ela não tinha que saber sobre as rotas não confiáveis de comunicação, pelo amor de Deus.

Ela acenou para o Tor, em seguida, olhou para mim.

— Ele a levou quando eu estava com ela. Eu estava realmente bem do lado dela. Eu a vi desaparecer. Ela apenas... se dissolveu no ar. — Caraca! Lá estava, de novo! — E nós tínhamos acabado de falar sobre o fato dela não querer voltar quando, de repente, ela se foi. — Diante disso, Phoebe apertou minha mão e retribuí o seu aperto. — Sei que está tudo bem com ela, agora, e está feliz..., mas seria legal que ela, você sabe, encontrasse alguém de casa, para, tipo, saber que não está sozinha. É uma merda o seu reino ser tão longe.

— Talvez, depois que eu tiver o bebê, Tor e eu possamos fazer uma aventura — sugeri, para trazer a esperança de volta para o seu rosto, isso funcionou, seu rosto se iluminou, mas o do Tor se fechou. — Apenas dizendo, talvez... — murmurei na sua direção.

Seus olhos miraram o teto.

Quando Marlene foi embora, prometeu fazer o possível para encontrar essa tal Clarabelle e nos avisar imediatamente. Mas meus pensamentos eram, Clarabelle estava desaparecida e eu tinha estado no mundo do Tor por quase dois meses. Isto significava que nós poderíamos ficar aqui por algum tempo, ou muito tempo. E quem sabia quando, ou se iríamos encontrar Clarabelle.

Assim, tanto quanto estava preocupada, estava seguindo em frente, me ocupando, como de costume.

— Querida? — Tor chamou e desviei o olhar da minha lista para ele. — Largue esse papel e venha deitar comigo — ordenou.

Olhei para a TV, em seguida, de volta para ele.

— Tenho que fazer isso e não gosto de *beisebol* — respondi.

— Vou trocar o canal — rebateu.

— Tenho que fazer isso — falei para ele, seus olhos foram até os meus joelhos, em seguida, de volta aos meus.

— Você pode fazer isso mais tarde — afirmou.

— Não, quero acabar logo com isso.

Ele se virou de lado, me deu toda a sua atenção e, quando o fez, notei a mudança nos seus olhos, e senti isso em três diferentes partes específicas do meu corpo.

— Coloque-o de lado — falou baixinho — e nós dois vamos para a sua cascata interna.

Aquelas três partes específicas do meu corpo vibraram diante da ideia de um banho com o Tor.

— Cinco minutos, querido — respondi suavemente. — Vou terminar e nós podemos tomar banho.

Ele apoiou a cabeça na mão, o cotovelo no sofá.

— O que está fazendo?

— Fazendo listas — respondi, olhando de volta para o papel.

— Listas de quê? — Perguntou e olhei para ele.

— Planos de emergência. — Suas sobrancelhas se levantaram, assim, expliquei — Não sabemos quanto tempo vamos ficar aqui. Então, se ficarmos aqui por algum tempo, como fiquei no seu mundo por algum tempo, há coisas que tenho que fazer e coisas que não quero que você perca. — Olhei para o papel e comecei a enumerar. — Tenho que ir ao médico, ter a gravidez confirmada por exames, ver algumas vitaminas ou qualquer outra coisa do tipo, começar todo esse show. Quero que você, mamãe, papai e eu vamos a um restaurante de frutos do mar, onde o meu pai pediu a minha mãe em casamento, e para onde vamos todos os anos, em todos os nossos aniversários. Quero levá-lo para passear de carro pela costa para que possa ver que todo o meu mundo

não é triste e um pouco dele é realmente muito lindo. Já que está interessado em *beisebol*, quero levá-lo para ver um jogo do *Seattle Mariners*^[10] antes da temporada terminar. E quero que você vá até a casa da Phoebe para que ela possa fazer para você um dos seus martinis indecentes, que são divinos. E esqueci de comprar chiclete para você, no supermercado, por isso temos que comprar alguns chicletes para que você possa experimentar...

— Cora — Tor interrompeu e ergui a cabeça.

— O quê?

— Coloque sua lista de lado e venha aqui — ordenou.

— Tor, tenho que colocar isso no papel para não esquecer nada.

— Coloque-a de lado e venha aqui — repetiu.

— Querido, você dedicou um tempo no seu mundo para me mostrar lugares e me permitir conhecer pessoas, e quero lhe dar isso também.

— Amor, deixe-a de lado e venha aqui. — Sua voz era tão firme e eu estava tão concentrada na lista, que perdi o olhar no seu rosto.

Mas não o perdi, agora.

Coloquei a lista de lado e fui até ele.

Quando estava estendida totalmente em cima dele, ele levantou ambos os lados do meu cabelo e os segurou na parte de trás da minha cabeça com uma mão, o outro braço se fechando em volta da minha cintura.

— Você pode voltar para a sua lista em um segundo, mas quando fizer isso, vai precisar alterá-la. Precisa listar todas as coisas que você quer fazer, as pessoas que você quer ver, por ordem de prioridade. Então, vamos fazer essas coisas e ver essas pessoas — disse.

— Mas eu quero que você... — Comecei, mas parei quando ele levantou a cabeça e roçou os lábios contra os meus.

Ele abaixou a cabeça e sussurrou:

— Não sou eu que estou desistindo de tudo por amor, minha querida.

Meu coração se apertou, assim como o braço dele.

Tor continuou falando e o fez com aquele olhar terno nos olhos e um tom rouco na voz.

— Você deve preencher o tempo que lhe resta aqui com as pessoas que você quer ver e lugares que você quer estar, e vou experimentar o seu mundo com isso. Quero que você tenha isso. Vai precisar disso. E isso vai permitir que eu me sinta mais em paz enquanto as décadas passam no meu mundo, sabendo que fui capaz de dar isso a você antes que você desse tudo por mim.

Lágrimas apareceram, de repente, e rapidamente encheram meus olhos.

Deus, meu Deus, amava esse homem.

— Querido — sussurrei enquanto uma lágrima deslizava pela minha bochecha, mas não chegou muito longe antes do Tor soltar meu cabelo e o seu polegar a limpar.

— Agora, me beije, meu amor, e em seguida, conclua a sua lista para podermos tomar banho juntos.

Fiquei olhando, através dos olhos lacrimejantes, o meu lindo príncipe guerreiro.

Então abaixei a boca até a dele, os dois braços à minha volta me apertaram, inclinei a cabeça para o lado, ele inclinou a sua para o outro, minha boca se abriu, mas antes da sua língua deslizar para dentro e poder provar a sua magnificência, me senti voando pelo ar.

Sim, voando pelo ar!

Gritei, em choque, mas meu grito parou abruptamente quando minhas costas bateram duramente contra a parede e faíscas azuis dispararam em torno de mim.

Oh, Deus.

Sabia o que aquilo significava.

Oh, Deus!

— Não!

— Tor! — Gritei depois que deslizei pela parede, caí de bunda no chão e levantei a cabeça.

Mas o sofá, todo o sofá, estava envolto em uma névoa azul. Tão encoberto que não podia vê-lo, nem mesmo um pedaço dele. Nada.

— Não!

— Tor! — Exclamei, ficando de pé e dando um passo em direção a ele, só para sentir uma mão invisível no meu peito e fui empurrada de volta contra a parede, violentamente, faíscas azuis voando novamente quando aterrissei e aquela pressão no meu peito não foi embora.

Lutei contra o domínio invisível que me segurava contra a parede, empurrando para a frente e gritando:

— Tor! Não! Meu Deus! Por favor, não!

Então ouvi uma risada malévola, que só tinha ouvido uma vez antes, meu sangue se transformou em gelo, a névoa azul desapareceu do meu sofá e a força invisível que me tinha sob o seu controle desapareceu.

Meu sofá estava vazio. Tor tinha ido embora.

Caí no chão, não só em desespero, mas com uma dor excruciante. Dor excruciante e insuportável que me fez enrolar o corpo, automaticamente, em uma bola apertada, protetoramente.

E sabia o que essa dor era. Sabia exatamente o que era.

Metade da minha alma tinha acabado de ser arrancada de mim.

Capítulo 27

Coloque Os Sapatos

Duas semanas depois...

— Nada? — Perguntei, o celular apertado no meu ouvido, meus joelhos apertados contra o meu peito, minha bunda no chão de azulejos do banheiro.

— Sinto muito, Cora. Ela está longe de ser encontrada. Harold e eu perguntamos a todas as pessoas com quem a outra Circe conversou, fomos a todos os lugares que ela nos disse que foi e ninguém sabe nada sobre a Clarabelle — Marlene respondeu no meu ouvido.

Fechei os olhos com força e apoiei a testa nos joelhos.

Então sussurrei para o telefone:

— Lembre-se, tenho dinheiro. Pode usar todo ele. Tenho setenta e cinco mil dólares. Lembre-se disso.

— Eu me lembro, Cora, mas não há nenhuma informação, nem mesmo informação de alguém para pagar e você pode precisar desse dinheiro — disse Marlene calmamente em resposta e sabia, que até mesmo através do telefone, ela podia sentir na minha voz, podia sentir a dor que eu sentia a cada dia, a dor que piorava a cada porra de segundo.

— E a outra Circe, o poder dela? — Tentei, mas Marlene me interrompeu.

— Ela diz que está aumentando, mas não tem o suficiente, nem chega perto do suficiente. Está perguntando por aí. Diz que há uma grande quantidade de magia em torno de New Orleans. Me pediu para lhe dizer que, se encontrar alguém, vai nos avisar imediatamente e você pode voar para lá. Mas vai precisar poupar o seu dinheiro, Cora.

Disse que se ela conseguir encontrar alguém, pela quantidade de magia que vai precisar usar, vai ser caro.

Levantei a cabeça.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer. — Parei, porque ela já sabia, disse isso um milhão de vezes antes. Duas semanas atrás, Phoebe e eu tínhamos estado com a Marlene e o pai do Circe, Harold, a cada passo do caminho, mas a cada beco sem saída, cada decepção, a dor piorou e Harold e Phoebe, me vendo passar por isso, bateram o pé. Quando os ignorei, Phoebe contou para o meu pai. Tentei ignorar o pai, mas ele contou para a mãe e, bem, foi isso.

— Harold, Phoebe e eu estamos cuidando disso, Cora, juro. E a Brianna está perguntando por aí, também, os seus pais, os amigos do Harold, os antigos amigos da Circe. Mas se houver, vou te dizer. Prometo, querida, ok?

Prendi a respiração e minha voz tremeu quando respondi em um sussurro:

— Ok.

— Vamos continuar procurando — disse.

— Ok — sussurrei.

— Nós não vamos desistir.

Fechei os olhos com força, novamente. Então os abri e disse:

— Obrigada.

— Aguenta firme, levante a cabeça, vamos te levar para casa.

Casa.

Deus. Sim, casa. Casa era o Tor. Precisava voltar para casa.

— Ok — falei baixinho.

— Tchau, querida.

— Tchau, Marlene.

Desliguei a ligação. Então, liguei para o investigador particular que contratei. Ele não atendeu, então deixei uma mensagem de voz. Era

a minha terceira mensagem naquele dia. Sabia que estava incomodando, mas não me importava, e ele estava me evitando porque parecia não estar fazendo qualquer coisa e sabia disso porque o idiota nunca retornou minhas chamadas, portanto, nada estava sendo feito.

Ele estava acima do peso, tinha dentes podres e olhou para os meus seios o tempo todo que estive sentada no seu escritório. Também exigiu um adiantamento de cinco mil, o que achei que era um pouco alto, mas dei a ele. Tinha me contatado uma vez, desde então, e disse que estava *“trabalhando nisso”*, embora parecesse que estava seguindo uma pista.

Acomodei a bunda no chão e olhei para os armários do banheiro, achando que talvez precisasse de um detetive particular diferente. Então respirei fundo, a fim de me mover. Doía para me mover. Doía para me sentar. Doía para me deitar. Doía para dormir. Doía respirar. E todos os dias, doía mais ainda.

Eu não estava sangrando, minha pele não estava rasgada, meu cabelo não estava caindo. Mas eu estava morrendo. Morrendo por dentro, podia sentir isso.

Lentamente, andei através do banheiro, abri a porta, em seguida, saí pela porta, atravessei o quarto e parei na entrada da sala de estar. Ouvi o murmúrio de vozes e parei, me inclinando contra a parede para me apoiar. Então escutei:

— Estou preocupada — mamãe sussurrou.

— Eu também — Phoebe sussurrou em resposta. — Fica pior a cada dia.

— Ela está tomando as vitaminas? — Papai perguntou, como se isto fosse melhorar com vitaminas.

— Não sei. Ela pegou a receita que o médico lhe deu quando confirmou a gravidez. Eu mesma a levei para comprá-las. Mas não sei se está tomando. — Mamãe falou.

— Um de nós devia ficar com ela o tempo todo — afirmou papai.
— Se certificar que está tomando as vitaminas. Ter certeza de que está dormindo. Se certificar que ela está comendo.

— Concordo — disse Phoebe, instantaneamente. — Posso me mudar para cá e dormir aqui.

— Posso ficar durante o dia — mamãe acrescentou.

— Nós vamos ficar nos fins de semana, Phoebe, para lhe dar um descanso — papai falou para a minha amiga e fechei os olhos novamente.

Não podia suportar outro fim de semana sem o Tor. Não sabia se podia aguentar mais um segundo sem ele, muito menos outra semana inteira.

— Ela tem aquele dinheiro da outra Cora, Phoebe. — Papai continuou. — Mas Dara e eu guardamos vinte e cinco mil dólares para o casamento da Cora. Se você, Harold ou a Marlene encontrarem alguém que saiba de alguma coisa que possa ajudar, não vão fazer isso sem serem pagos, se precisarem, você acrescenta isso, entendeu?

Abri os olhos.

Meu Pai. Deus, era um cara incrível e extraordinário.

E, vinte e cinco mil dólares para o meu casamento? Isso era muito legal e teria me dado um casamento de arrasar, algo que ele sabia que eu sempre quis.

Sim, meu pai era um cara incrível e extraordinário.

— Sim, Forrest — Phoebe sussurrou.

Houve silêncio, em seguida, mamãe falou, sua voz cheia de preocupação.

— Se ela está passando por isso, o que o Tor está passando?

Virei o pescoço para pressionar a bochecha contra a parede.

Só de pensar nisso já doía muito, porque sabia que ele estava experimentando a mesma coisa. Meu príncipe guerreiro e poderoso,

atingido por essa dor horrenda. Ninguém conseguia suportar isso, ninguém, nem mesmo ele.

E, certamente, nem eu.

— Ela me disse que detém metade da alma dele e ele está sentindo o mesmo que ela — Phoebe respondeu para minha mãe.

— Deus, aquele homem, nem posso imaginar — mamãe sussurrou.

— Não — meu pai interrompeu. — Só podemos imaginar uma solução para este problema. Phoebe e seus amigos vão encontrar um caminho. Pensamento negativo nunca ajudou em nada.

— Você está certo, meu amor — mamãe sussurrou.

— Eu sei, meu amor — papai sussurrou em resposta. Meu amor.

Eu não aguentava mais.

Me obriguei a ir para frente e parei na porta da cozinha, vendo três pares de olhos espantados virarem para mim, olhos que estavam fixos em rostos abatidos e preocupados.

— Você devia estar deitada — mamãe declarou, se apressando para a frente.

— Preciso de algum tempo sozinha — falei para ela.

— Querida, você pode tê-lo, vá para o seu quarto e... — Mamãe começou.

— Preciso que vocês saiam — anunciei, seus olhos se arregalaram e seu corpo recuou abruptamente.

— Cora, querida, isso não é...

— Sei que estão preocupados comigo, ouvi vocês falarem e mesmo que não estivessem, é impossível não perceber. E, tudo bem, querem cuidar de mim, isso é legal. Mas, me deem uma hora. Apenas uma hora. Só preciso descansar, limpar a mente e não pensar em vocês aqui sussurrando ou se preocupando. Só preciso ficar sozinha e quieta por uma hora. Então, podem voltar. Podem me fazer esse favor?

— Nós podemos ficar quietos aqui, querida — meu pai falou baixinho.

— Não é a mesma coisa, pai — respondi.

— Cora, você não está muito... — Phoebe começou, e foi quando perdi a calma.

Estava me aguentando, me segurando por um fio, segurando esse fio por duas semanas, vivendo por duas longas semanas com a constante sensação que esse fio estava escapando entre os meus dedos. E, então, o fio se soltou. Não era bom, não era nada bom, mas foi então que o perdi.

— Eu sei como estou, ok? — Gritei, fechei os olhos para não ver a preocupação em seus rostos e balancei a cabeça bruscamente uma vez. Abri os olhos e olhei para eles. — Estou machucada e, sinto muito, nada disso está no controle de ninguém e vocês todos foram arrastados para isso, estão preocupados comigo, estão investindo tempo e energia e isso está fazendo eu me sentir culpada, acima de todo o resto, e só preciso ficar livre disso. Apenas por uma hora.

— Não fez nada para se sentir culpada, querida — mamãe disse calmamente e olhei para ela.

— Sei disso, mãe, mas isso não me faz sentir menos culpada, — rebati, ela mordeu o lábio, puxei outra respiração dolorosa e peguei de volta aquele fio, segurando-o com a minha vida.

Então, falei baixinho:

— Sinto muito. Amo vocês. Amava-os antes de fazerem tudo para me ajudar, para ajudar o Tor, e se preocuparem comigo. Vou sempre amar vocês, não importa o que aconteça. Mas posso ter só uma hora para tentar esquecer? Posso apenas ter uma hora sozinha? E então todos nós podemos voltar a nos preocupar.

E, para mim, voltar a ter aquela dor... a dor que nunca mais ia embora.

Nunca.

Todos olhavam para mim.

— Apenas uma hora — sussurrei. — Por favor?

A mãe olhou para o pai. Papai olhou para a mãe. Phoebe me estudou.

Então os olhos do papai vieram até mim.

— Tudo bem, querida, uma hora. Apenas uma.

Me larguei contra a porta, tal foi o meu alívio.

— Obrigada, pai.

Ele se aproximou, colocou uma mão na minha nuca, me puxou para ele e beijou a minha testa. Mamãe se aproximou, apertou a minha mão e beijou o meu rosto. Phoebe se aproximou e me deu um abraço apertado.

Então saíram e fizeram isso sem que eu deixasse o batente da porta.

Depois que ouvi a porta fechar, olhei por um longo tempo para a minha cozinha, que ainda estava cheia dos alimentos que o Tor comprou. Estava tomando minhas vitaminas (é claro que estava, forçando-as goela abaixo pelo bebê) e estava comendo. Não tinha fome, mas estava grávida, então comia pelo nosso filho. Mas Tor comprou comida pra caralho...

Fechei os olhos para afastar essa memória. Em seguida, fui até o sofá, deitei, peguei o controle remoto, liguei o aparelho de som e fiz o que já havia feito o que parecia um milhão de vezes, desde que ele foi arrancado de mim.

Coloquei *Crash into Me*, que já estava na fila e pronta para tocar.

Quando terminou, apertei o play novamente. E quando terminou, novamente.

E de novo.

— Querido, — sussurrei para o teto, as lágrimas escorrendo pelos lados dos meus olhos, pelas minhas têmporas, encharcando o meu cabelo — volte para mim. Encontre uma maneira de voltar para mim. Juro, juro, juro, se você voltar para mim, nunca mais vou brigar com você novamente. Nunca mais. Não vou ser muito amigável com as pessoas que são comuns, não vou salvar pássaros meio- mortos, não vou esgueirar maçãs para o Salem nos estábulos, ou para... todos os cavalos dos estábulos, embora não ache que você saiba que fiz isso... e não vou bagunçar os cabelos das crianças. Serei a princesa perfeita. Serei sua princesa perfeita. Vou viver cada segundo fazendo tudo que posso para fazê-lo sentir nada menos que felicidade, para fazer você não querer fazer mais nada além de me dar seu sorriso lindo, lindo. Eu juro. Eu juro — forcei através da garganta bloqueada. — Apenas volte... querido, volte e me atinja de novo^[11].

Minha garganta fechou, ouvi uma batida forte na porta e pulei.

Eita, não podia ter passado uma hora, já.

Com um suspiro, rolei para fora do sofá, caminhei até a porta e olhei pelo visor.

Meu Deus!

Meu coração subiu até a boca, destranquei a porta, a abri e me atirei nos braços do Tor.

— Querido — sussurrei, meus braços segurando seus ombros, aninhando o rosto no pescoço dele, pressionando o corpo no seu, enquanto sentia as mãos e os dedos fortes segurarem os meus quadris. — Querido, oh Deus, senti sua falta. Deus, querido — gemi contra sua garganta.

— Cora? — Sua bela voz soou, afastei o rosto do seu pescoço, movi as mãos para ambos os lados da sua cabeça e, em seguida, o puxei para mim, pressionando minha boca na dele, deslizando a língua

dentro e o beijei. Me aninhei profundamente no seu corpo, segurando sua cabeça firmemente, o beijando com toda a minha alma.

Os braços dele se fecharam em torno de mim, me empurrou para dentro do apartamento, enquanto ainda me beijava e, vagamente, senti e o ouvi fechar a porta com o pé. Deslizei as mãos para o seu pescoço e me afastei, olhando nos lindos olhos azuis claros.

— Vamos para a cama. Agora. Depressa, preciso de você, querido. Como na nossa primeira vez, igual àquela vez, preciso de você agora, — sussurrei freneticamente, querendo-o, necessitando estar conectada a ele, tão perto quanto podia ficar. Estava andando para trás, tentando levá-lo comigo, mas seu corpo enrijeceu e ele ficou parado.

Então, falou.

— Jesus, querida, o que deu em você? Duas semanas atrás, me mandou embora e agora está pulando em mim. Que porra é essa?

Me afastei subitamente dos seus braços, dei dois passos para trás, meus olhos analisando o seu rosto.

Nenhuma cicatriz. Não era o Tor. Noc.

Fechei os olhos e abaixei a cabeça, assim meu rosto estava nas minhas mãos.

Não era o Tor. Noc.

Caraca! Ia começar a chorar de novo.

Eu tinha razão. Comecei a chorar novamente. As lágrimas voltaram, a dor voltou e meus ombros começaram a tremer, sacudidos pelos soluços.

— Cora, maldição dos infernos, o que...? — Noc perguntou suavemente, seus braços deslizando à minha volta, mas me movi para longe dele, recuando dois passos rapidamente, levantando a mão.

— Fique longe de mim! — Gritei e sua expressão mudou, instantaneamente, de preocupação para raiva.

— Qual é o problema com as múltiplas personalidades, querida?

— Perguntou, cruzando os braços sobre o peito.

Olhei para ele. Deus, exceto pela cicatriz e pelas palavras que usou, era igual. Absolutamente igual. Cada centímetro dele, até a voz.

Dor me invadiu de novo, me rasgando por dentro. Eu não conseguia aguentar, não conseguia suportar o fato dele estar ali.

— Saia — sussurrei.

— Veja bem, isso não vai acontecer — me disse, abaixou os braços, deu um passo na minha direção, dei um passo para trás, ele parou e colocou as mãos nos quadris. — Você tem alguma coisa para me dizer? — Perguntou.

— Não — respondi honestamente. — Não tenho nada para dizer a você.

— Nada sobre uma consulta com um ginecologista e pegar uma receita de vitaminas para gestantes? — Perguntou, a mandíbula contraída, os olhos brilhando com raiva.

Oh, merda.

Ele continuou:

— Querida, usei proteção, mas merdas acontecem e tenho que saber se a criança que está esperando é minha.

— Não é — falei rapidamente.

— Isso é interessante, já que sei que você não esteve com mais ninguém além de mim.

Oh, merda.

— Bem, você está errado, eu estive — rebati.

— Difícil ter estado, já que mantive sua bunda sob vigilância — falou e minha boca se abriu. — Você está grávida de oito semanas e sei que outro cara esteve por aqui há umas duas semanas atrás, mas, além disso, foi você, suas compras, suas mudanças de humor súbitas, seus

jogos, seu jeito louco de dirigir que quase matou pedestres, cada vez que ficou atrás da porra do volante... e eu.

— Você me tinha sob vigilância? — Sussurrei.

— Se liga, Cora, sou um policial. Jesus, caralho, você é assim tão burra? — Perguntou. — Cristo, você encontrou a porra do meu distintivo, olhou diretamente para ele, o segurou na mão, pelo amor de Deus, olhando para ele como se nunca tivesse visto nada assim na vida. Eu estava saindo do banheiro e vi você. Você o colocou de volta onde o encontrou, fuçou as minhas roupas, posso acrescentar, e depois, não mudou nada. Estivemos juntos por semanas depois disso e não mudou nadinha, porra. Você me assustou pra caralho não saber qual era o seu jogo, não esperava estar na sua casa com o meu distintivo, mas você pulou em cima de mim e não tive escolha, apenas ir levando. E, no final, isso funcionou para mim. Sem ofensa, querida, mas você não é muito brilhante, a menos que esteja contando cartas, então pensei, que porra é essa?

Oh, Jesus. A Cora faria isso porque realmente nunca viu nada como um distintivo na sua vida.

Minhas costas ficaram eretas e o informei.

— Sei que é um policial.

Ergueu o queixo e seu olhar endureceu.

— Então, você realmente não é muito brilhante, e pensei que estava brincando comigo — decidiu, então, se inclinar, a face parecendo esculpida em pedra. — Um aviso. Você tem que melhorar no jogo. — Olhei para ele, que continuou. — Como, por exemplo, aquele beijo que me deu antes de começar a chutar a minha bunda para fora, ou melhor, o que acabou de me dar. Isso é melhorar no jogo.

— Por que está me dizendo isso? — Perguntei. — Isso não interfere com a sua investigação?

— Eu acabei com os jogos há uma semana, querida. Meu palpite é, você sentiu que aquela merda ia cair desde que embalou as minhas coisas e parou de ir aos jogos. Pensei que você tinha virado história e, lamento dizer, não estava muito chateado com isso. Até que uma supervisão contínua sobre você me deu a informação que estava indo para um obstetra/ginecologista e comprou vitaminas para gestantes. Infelizmente isso significava que eu tinha que voltar.

— Por que você continuou a me vigiar?

— Porque você gosta do jogo, Cora, gosta do dinheiro, gosta das roupas, dos sapatos e toda essa merda. — Apontou com o braço na direção do meu quarto. — Você gosta bastante disso, achar que está fodendo alguém, contando as cartas. Você se excita com isso. Na verdade, acho que é a única coisa que faz você se excitar. Se excita tanto, que não se importa em estar fodendo um policial. Você me conduziu ao jogo; está no seu sangue, precisa de uma dose, precisa tanto dela que me pegou e, ainda assim, não parou, então eu sabia que você encontraria um outro jogo, por isso, ficamos em cima de você.

Oh. Isso fazia sentido. Era irritante, mas fazia sentido.

Então, um pensamento me veio.

— É procedimento normal da operação dormir com pessoas que está investigando?

Ele cruzou os braços sobre o peito e seus olhos se moveram pelo meu corpo todo, da cabeça aos pés e todo o caminho de volta.

— Querida, você estava dando em cima de mim. Você é gostosa. Achei que isto seria quente. Mas não foi. Mas fui por esse caminho, você pensou que tinha me pego pelas bolas e eu tinha que seguir do jeito que estava.

— Isso não é legal — sussurrei, ofendida, embora não soubesse por que, já que ele não estava falando de mim, e seus olhos se estreitaram quando sua cabeça inclinou para o lado.

— Não é legal? — Retribui minha pergunta, a voz suave.

— Para falar desse jeito — expliquei — sobre, humm... mim.

Ele olhou para mim com os olhos apertados, em seguida, se inclinou para trás um centímetro.

— Bem, foda-se — murmurou. — Ela tem sentimentos sob todo esse gelo.

— Não — sussurrei — ela não tem, mas eu tenho.

Sacudiu a cabeça, em seguida, perguntou:

— Diga de novo?

Olhei para ele. Em seguida, ele veio até mim.

Eu tinha um endereço anterior e um primeiro nome, Clarabelle.

E ele era um policial, e policiais tinham acesso a bancos de dados que continham todos os tipos de informações.

E ia me matar, estar perto de alguém que se parecia com o Tor e agia como o Tor, mas se pudesse convencê-lo a me ajudar a encontrar Clarabelle, era o que eu ia fazer.

O problema era que não tinha maldita ideia de como convencê-lo.

— Estou apaixonada por outro homem — disse calmamente.

— Bem, parabéns — respondeu, sua boca não se curvando muito, o suficiente para exibir um sorriso de escárnio.

Minha mente girou e então lembrei de uma tática que havia funcionado antes com o meu chefe, Dave.

Novela.

— E — tentei — você conheceu Rosa, não Cora. Sou Cora e Rosa é minha irmã gêmea. Gêmeas idênticos, mas ela é a gêmea do mal. Ela é um pé no saco. Estava cuidando do meu apartamento quando estava...

— Jesus, — ele me cortou, suas sobrancelhas subindo

— Sério?

Olhei para ele.

Ok, obviamente o Noc não era tão idiota quanto o Dave, meu patrão, que engoliu a história da amnésia, sem um pio.

Merda.

— Não, isso foi uma mentira — admiti.

— Não me diga? — Perguntou sarcasticamente. Merda!

Então decidi parar, a fim de planejar uma estratégia diferente, então perguntei:

— Quer uma cerveja?

— Não, quero falar sobre o que vai fazer sobre o nosso bebê — respondeu.

— Acho que você precisa de uma cerveja — disse a ele.

— Não, querida, preciso falar sobre esta confusão, então saber com o que estou lidando. O que tem que entender é que sou um policial. Se você resolver ter o bebê, não posso dizer que vai me fazer feliz, mas vou cuidar do meu filho. O que não vou fazer é ralar a bunda para pagar uma porrada de pensão para a criança, para que você possa gastar mil e quatrocentos dólares em sapatos. E também vai ter que mexer sua bunda preguiçosa para fazer alguma coisa que não seja contar cartas e ir ao shopping, pois a mãe do meu filho não vai fazer essa merda. Nada parecido com isso. Me entendeu?

Humm. Parecia que conhecia os segredos da Cora, também.

Nada bom.

— Vou pegar uma cerveja para você — falei e comecei a ir para cozinha.

Segurei meu braço enquanto eu caminhava, me virei e inclinei a cabeça para cima quando ele explodiu.

— Porra, Cora, não quero a porra de cerveja nenhuma!

Foi quando anunciei:

— Estou apaixonada por um homem de um universo paralelo. Não é seu o filho que estou carregando, é dele. Ele é igual a você, exceto que tem uma cicatriz no rosto... — Me virei para ele, estendi a mão e toquei seu rosto de leve. Seu rosto, notei distraidamente, ficou congelado, em choque, mas os meus olhos se moveram para o meu dedo, contra a pele perfeita dele. — Começa aqui — sussurrei, em seguida, deslizei o dedo pela maçã do rosto — e termina aqui.

— Caralho, você é louca — sussurrou em resposta, seus olhos, quando os meus se deslocaram até eles, estavam se movendo sobre o meu rosto.

Mas, realmente, não o ouvi. Fiquei paralisada pelo seu rosto, assim como o do Tor, tão amado, mas não do Tor.

— Ele é um guerreiro — sussurrei. — Tem cicatrizes aqui, — movi o dedo para tocar o seu peito, onde a cicatriz do Tor ficava — aqui — continuei a sussurrar, tocando outro lugar no seu peito — e... aqui. — Terminei com outro toque e inclinei a cabeça para trás para desviar o olhar do seu peito para os seus olhos. — Ele tem seus olhos, tem a sua voz e tem metade da minha alma.

Noc não falou, apenas olhou nos meus olhos. Então continuei.

— Sei que você acha que é loucura, que parece loucura, e é loucura, mas é verdade. Há dois mundos, as mesmas pessoas em cada mundo. A Cora daquele mundo veio para cá, você a conhece, não a mim. Eu não sou fria, não sei contar cartas. Nem sei como jogar pôquer. E sou legal. Faço as pessoas rirem. Elas se preocupam comigo. Quando eu estava lá, conheci você, mas o você de lá. E me apaixonei pelo você de lá, e vou ter o seu bebê... — balancei a cabeça — o bebê dele. Ele foi o homem que o seu pessoal viu, mas estou achando que não deram uma boa olhada nele, ou teriam dito que se parecia exatamente com você.

Sua cabeça sacudiu, seu olhar ficou mais intenso, meu coração pulou e me inclinei para mais perto dele.

— Eles disseram — sussurrei. — Disseram que se parecia exatamente como você.

— Eles acharam que era eu — Noc respondeu, a voz calma.

— Fizeram vídeo? Fotos? — Perguntei esperançosamente, porque se não conseguisse voltar para o Tor, pelo menos, talvez, pudesse convencer o Noc a me dar as fotos.

— Só da parte de trás da sua cabeça — respondeu Noc, fechei os olhos e me afastei um centímetro. — Querida — ele chamou e abri os olhos. Quando o fiz, ele não disse uma palavra, apenas olhou nos meus olhos, em seguida, seu olhar se moveu sobre o meu rosto antes de voltar para o meu. — Jesus, caralho, — murmurou — você acredita nesta merda.

— Apenas porque é verdade — respondi, então perguntei baixinho — Parada aqui, falando com você, sou absolutamente igual a ela? E, olhando em volta do meu apartamento, está parecido como quando ela estava aqui?

Sua mandíbula se apertou e nem sequer se preocupou em olhar para o apartamento arrumado.

Esta foi a minha resposta. Não era e não era.

— Ao nascer, no seu mundo, metade da sua alma foi separada dele e foi colocada em mim. Agora que nos conhecemos, nossas almas foram unidas, por isso quando ele foi levado embora, nossas almas foram dilaceradas — expliquei. — Você nunca vai ser capaz de compreender isso, e estou contente por isso, mas deixe-me apenas dizer que a dor de ter a outra metade de sua alma arrancada não é nada agradável... — me inclinei novamente e minha voz carregava a dor que eu sentia por dentro, quando terminei — nem um pouco.

Ele ouviu isso, até mesmo sentiu isso e soube disso porque o fez estremecer.

Em seguida, levantou a mão, envolveu o meu pescoço e sussurrou:

— Cora.

Fechei os olhos e abaixei a cabeça cair. Seu toque, tão forte, tão quente..., mas não era do Tor. Sua voz dizendo meu nome, tão profunda, tão rouca, a mesma... mas não era do Tor.

Deus, essa porra machucava.

Erguei a outra mão; segurou o meu queixo e gentilmente puxou minha cabeça para cima. Abri os olhos e encarei seu rosto. Então, falei:

— Você não acredita em mim.

—Acredito que você acredita em você.

Balancei a cabeça e tentei me afastar, mas a mão no meu pescoço me segurou com mais força e parei.

— Querida, — falou suavemente, tão suavemente que essa palavra e a maneira como a disse provou... sim, ele era doce, provavelmente muito doce — você tem que procurar ajuda.

— Eu sei — respondi com sentimento, porque sabia que tinha, mas simplesmente não conseguia encontrá-la.

Sua mão soltou o meu queixo e ele abaixou o braço para poder envolver minha cintura e me puxar para mais perto, enquanto continuava falando baixinho.

— Você carrega o meu filho dentro de você, querida, temos que colocar sua cabeça em ordem. Depois de fazermos isso, lidamos com as outras merdas, sim?

Prendi a respiração.

Ele pensava que eu estava com problemas mentais.

Isso não estava se encaminhando do meu jeito. Foi quando decidi negociar.

— Tudo bem, Noc. Vou fazer um acordo. Conheço alguém que pode me levar de volta ao mundo do Tor — disse a ele.

— Tor?

— O outro você.

Seus olhos brilharam.

— Você me chamou assim.

— Eu sei, naquela outra semana, quando voltei e a outra Cora partiu. De qualquer forma, prometo... — hesitei antes de falar — ver alguém, se você me ajudar a encontrar a pessoa que pode me ajudar a voltar para o Tor. Se ela não me ajudar, então vou procurar outra pessoa para me ajudar, alguém que você escolher.

— Querida...

— Isso não vai machucar e não vai demorar muito. Tenho um nome e o endereço de onde ela morava. Se você puder localizá-la... — parei de falar quando seu rosto começou a endurecer.

— Cora, não posso usar recursos do departamento para rastrear uma mulher qualquer. Essa merda não é certa.

— E dormir com alguém que você está investigando? Você jogou com isso, Noc, entendo, mas continuou jogando, pois muitas das suas roupas estavam no meu armário. — Rebatí e marquei um ponto, soube disso quando seus olhos brilharam novamente.

Ainda assim, disse:

— Querida, eu estava disfarçado. Essas merdas acontecem.

Droga. Estava certo e eu estava ficando desesperada.

Tentei algo novo.

— Ok, a merda que aconteceu é que você acha que me engravidou. Isso significa que acha que estamos conectados. E isso significa que, como a mulher que acha que está carregando o seu filho, você sendo um policial e tudo, um dos mocinhos, tem que me ajudar.

Basta procurá-la, se a encontrar, me dá o endereço dela e eu vou até ela.

— Não vou lhe fornecer um endereço para que possa visitar alguém que provavelmente tem um trabalho louco.

— Ela não tem um trabalho louco — respondi, embora não pudesse saber disso, com certeza, talvez ela tivesse, mas não podia me preocupar com isso agora. — Ela pode ajudar.

— Querida, você carrega o meu filho dentro de você e esta mulher pode trabalhar dando golpes e também pode ser perigosa.

— Eu não estou carregando o seu filho, Noc.

Sua mão apertou o meu pescoço.

— Cora, você está.

— Noc, não estou — repliquei. — Mas tudo bem, você acha que estou, então, você pode ir comigo ver a Clarabelle.

— Clarabelle?

— A senhora que preciso encontrar.

— Cora.

Perdi a paciência, ergui as mãos e agarrei sua camisa.

— Tudo que tem a fazer é procurá-la! — Exclamei. — É isso. Procure-a, me leve até ela se a encontrar, e se não funcionar, vou fazer o que quiser que eu faça, exceto — falei bruscamente quando ele abriu a boca para falar — fazer um aborto. Se não puder voltar para o Tor e tiver que viver com essa dor, vou manter o seu bebê.

— Jesus — murmurou.

Apertei os dedos na sua camisa, fiquei na ponta dos pés e implorei:

— Por favor.

Noc me encarou e fez isso por algum tempo, enquanto meu coração batia forte dentro do peito. Em seguida, ordenou:

— Coloque seus sapatos. Virei a cabeça.

— O quê?

— Querida, coloque os seus sapatos. Você está indo para o Distrito comigo. No estado em que está, não vai ficar fora da minha vista.

Me inclinei para trás e seu braço me apertou mais, a mão no meu pescoço se movendo para que o outro braço pudesse me segurar, mas nas minhas costas.

— Por que está me levando para o Distrito? — Perguntei, desconfiada.

— Assim, vamos poder procurar essa tal Clarabelle, posso levá-la até ela, em seguida, o que acha que está acontecendo não vai acontecer e então eu posso conseguir uma ajuda de verdade.

Caraca!

Ele ia me ajudar! Uhuuu!

Senti a dor mudar, se tornar mais leve, e sorri para ele um segundo antes de soltar sua camisa e jogar os braços ao redor dos seus ombros largos.

— Obrigada — sussurrei contra o seu pescoço.

— Maldição dos infernos — murmurou, mas depois de um segundo, seus braços me deram um aperto.

Sim, um cara doce, completamente.

Talvez, antes de deixar este mundo, deveria apresentá-lo à Phoebe.

Humm... não. Isso pode ser muito estranho.

Então, por outro lado, podia não ser estranho, porque eu estaria no meu mundo, com o meu Tor.

Meu Tor.

Estou voltando para casa, baby, enviei minha esperança para o universo.

Então me afastei dos braços do Noc, lhe dei outro sorriso brilhante e corri para pegar meus sapatos.

Capítulo 28

Crash into Me Parte Dois

— Não posso acreditar nisso! — Phoebe gritou no meu ouvido.

Observei os faróis da van do Noc na estrada costeira, sinuosa molhada, sua luz mal cortando a noite escura, o nevoeiro denso e a garoa, e respondi:

— Acredite e se apresse. Já liguei para a mamãe e o papai. Estão a caminho.

— Já estou fora da porta — falou, em seguida, perguntou — Ele está com você agora?

Minha cabeça se virou para a esquerda e vi o perfil do Noc iluminado pelas luzes do painel. Olhei para frente novamente.

— Sim.

— Puta merda. Não é estranho? Você está bem?

— Totalmente. E definitivamente não.

— Oh, querida — sussurrou.

Amava a minha amiga, eu realmente a amava, e sua doçura e compreensão eram algumas das razões pelas quais a amava, mas ela tinha que começar a se mexer, porra.

Portanto, exclamei em voz alta e autoritariamente:

— Será que pode parar de falar e trazer sua bunda para cá? Vai dar tudo certo, mas não vou para o mundo do Tor sem me despedir, então você tem que se apressar!

— Certo, estou virando a chave na ignição agora. Estarei aí em um instante.

— Phoebe, é a uma hora de distância. Cuidado. Está chovendo, há nevoeiro e as estradas estão escorregadias — avisei.

— Certo.

Minha voz abaixou.

— Mas se apressa, querida. Não quero perder a chance de me despedir.

— Vou me apressar — sussurrou em resposta. — Até logo, querida.

— Até mais tarde, querida.

— Até mais tarde. Encerrei a chamada.

Apenas atualizando, obviamente, o Noc tinha encontrado Clarabelle. Depois de duas semanas de buscas, ele a encontrou em apenas dez minutos. Quando me disse que a encontrou, gritei “Uhuuu!”, me joguei nos seus braços e beijei sua bochecha bem na frente de todos os seus colegas, mas não me importei.

Ele a encontrou. Ele a encontrou. E agora eu podia ir até o Tor.

Quando meus braços se fecharam em volta dele, Noc tinha hesitado, em seguida, me abraçou, antes de inclinar a cabeça para trás, olhar para mim e estudar o meu rosto com uma intensidade estranha, antes de me soltar, anotar o endereço, pegar minha mão e me puxar através do Distrito.

E agora estávamos na direção dela.

— Jesus, querida, não posso acreditar que convenceu seus pais e sua amiga que esta merda é verdade — Noc falou suavemente e olhei para ele.

— Isto é verdade — afirmei. — E, a propósito, eles também conheceram o Tor, o outro Tor que é você, então eles vão corroborar completamente o que eu disse quando você os encontrar. Ou seja, antes de me ver desaparecer, indo para outro reino.

E isso era verdade, tão verdadeiro, que deveria ter pensado nisso antes; tão verdadeiro, que deveria ter pensado nisso há duas semanas e, em seguida, tentar entrar em contato com o Noc.

Infelizmente, não o fiz, mas agora, estávamos a caminho. Então, se Deus quiser, tudo fica bem quando termina bem.

Ele olhou para mim. Então olhou novamente para a estrada, balançando a cabeça.

Em seguida, murmurou, nem um pouco convencido.

— Aham.

Não importa. Ele veria, em breve. Eu esperava.

Nós ficamos em silêncio, então quebrei o silêncio porque estava com medo, nervosa e animada, então tinha que fazer alguma coisa.

— Obrigada por fazer isso — disse a ele.

— Assim que terminarmos essa merda, vou levá-la até alguém que pode realmente fazer alguma coisa para ajudá-la, e só então, você pode me agradecer — murmurou.

— Eu não sou louca — falei para ele algo que eu sabia que nunca acreditaria, até que ver o fizesse acreditar.

Mais uma vez, esperava.

— Sim, querida. — Ainda estava murmurando.

Viu. Ele não acreditava em mim. Achava que eu sou completamente louca.

Não importa.

— Sinto muito que tenha sido arrastado para isso — falei. — Tive que limpar a bagunça da Cora por algum tempo, e por tudo o que pude reunir, ela é desagradável.

— Aham — murmurou novamente. — Ela é desagradável. — Falou a última parte como se estivesse brincando com uma criança pequena.

Ignorei o seu tom e continuei falando.

— Então, bem, é um saco que você a tenha conhecido e esteja preso em toda essa confusão. Quero dizer, talvez não, já que ela o ajudou a derrubar um jogo ilegal, porém, ela, *meio que* não sabia que

estava fazendo isso. Ainda assim, você fez isso, mas, sabe, desculpe se ela foi fria, ou desagradável ou uma verdadeira cadela.

Noc ficou em silêncio. Eu não.

— Como realmente você a encontrou, posso perguntar?

— *Baby* — disse suavemente — você estava lá.

— Não, não estava.

— Certo — murmurou.

Ok, vou deixar isso quieto.

Então, soltei (principalmente porque eu era estúpida, uma estúpida curiosa):

— Por que você dormiu com ela?

— Você é *sexy* — respondeu imediatamente. — Fora o pequeno fato que estava dando em cima de mim e não aceitou um não como resposta.

Bem, foi bom saber que ele me achava *sexy*.

Ok, então por que continuou a dormir com ela?

Esticou a mão, a colocou sobre a minha coxa, onde apertou, em seguida, a soltou.

— Cora, querida, desculpe, mas no início, isso serviu a um propósito e você... — ele balançou a cabeça. — Tem algo sobre você. Uma promessa. Simplesmente nunca foi cumprida e, por alguma razão, sinais que você me deu ou coisas nas quais eu queria acreditar, continuei achando que seria. Tenho que dizer, houve momentos em que eu esperava que fosse, quando pensei que, talvez, não importava a maneira fodida pela qual estávamos ligados, conseguiríamos arrumar a nossa bagunça. Mas então, você... — fez uma pausa — foi você. Você tentou, posso dizer que tentou, mas não conseguiu evitar. Mas, se isso ajuda, sei que tentou.

Deus, ele pensava que eu era uma débil mental e estava tentando me fazer sentir melhor sobre a Cora não ser capaz de jogar com ele.

Absolutamente, um cara doce.

Olhei novamente para fora da janela da frente e murmurei para mim mesma.

— Me pergunto por que ela iria se entregar a você e não ao Tor, que é seu marido. Isso é estranho.

— Você disse que se apaixonou por mim — respondeu a minha pergunta e olhei para ele.

— Eu disse? Quero dizer, ela disse?

— Você disse.

— Eu disse que tinha me apaixonado por você?

— Não com essas palavras. Quando era ela, você não falava do jeito que fala agora.

— Então, o que eu disse? Algo como *“Você é minha lua e minhas estrelas, meu amor?”*

Ele ficou em silêncio e entendi a mensagem.

Me virei para a frente de novo.

— Desculpe, não deveria perguntar sobre...

— Caralho — murmurou e olhei para ele.

— O quê?

— Caralho — repetiu.

— O quê? — Perguntei mais alto.

Ele olhou para mim, em seguida, novamente para a estrada.

— Você disse que eu era perfeito. Completamente perfeito. Disse exatamente isso. *“Você é perfeito. Completamente perfeito. Como deveria ter vindo para mim”*.

Ele era perfeito, tanto quanto eu podia afirmar (hummm... principalmente, quando não estava com raiva e dizendo coisas idiotas), embora não fosse tão perfeito quanto o Tor (que também podia ficar com raiva e dizer coisas bruscas, a propósito, mas decidi não pensar nisso).

— Isso foi uma coisa agradável para dizer, certo? — Perguntei.

— Foi bom e foi estranho.

— Estranho como?

— Disse isso tocando o meu rosto, onde você tocou, mais cedo.

Prendi a respiração.

Noc continuou falando e agora ele estava falando como se fosse para si mesmo. — Mais tarde, quando estávamos na cama, beijou meu peito e sussurrou;

“Perfeito, sem cicatrizes, sem aquelas malditas cicatrizes”.

Meu Deus!

— Cora não gosta do Tor por que ele tem cicatrizes? — Fiz uma pergunta que já tinha, inadvertidamente, respondido.

— *Baby...*

Balancei a cabeça e vociferei:

— Aquela vadia!

— Cora...

— Tor só tem aquelas cicatrizes porque salvou o seu povo, dominado por um governante tirânico, o Rei Baldur. Ele é um guerreiro. Tinha um reino para reconstruir. Merdas como essas acontecem quando se está em guerra!

— Jesus — Noc sussurrou e deu um suspiro.

— Tor estava certo. Ela, então, não é, absolutamente, a outra metade da alma dele, vou dizer isso para ele! — Soltei.

— Faça-me um favor — ele falou e eu rebati.

— O quê?

— Se acalme, ok?

Cruzei os braços sobre o peito e grunhi:

— Sim. Cora, tão... inteiramente... uma cadela.

Respirei fundo e, enquanto estava puxando a respiração, percebi como a minha explosão deve ter parecido, sem mencionar todas as

outras coisas que tinha dito, então comecei a sorrir. Então, comecei a rir. Então comecei a rir mais alto ainda.

— Oh, merda — Noc falou — você não está rindo de mim, não é? Balancei a cabeça e inspirei, tentando controlar as risadinhas, e me forcei a falar: — Percebi como o que eu disse deve ter parecido.

Noc ficou em silêncio.

— Não é à toa que você acha que sou louca.

Noc permaneceu em silêncio.

Lutei para conter as risadas e respirei fundo.

— Você está bem? — Perguntou baixinho quando meu riso acabou.

— Sim — respondi baixinho.

— Você tem uma bela gargalhada, querida. — Ainda estava falando em voz baixa.

— Você nunca me ouviu rir? — Perguntei.

— Não — respondeu.

Já tinha ouvido isso antes.

Olhei para a estrada, escorregadia e escura, os limpadores de para-brisa se movendo lentamente para clarear e afastar a névoa, e sussurrei:

— Você é, sabe, tanto quanto posso afirmar.

— Sou o quê?

— Perfeito.

Ouvi ele respirar fundo. Ignorei isso também.

— Você quer ter filhos? — Perguntei em voz baixa. Ele hesitou, antes de responder calmamente:

— Sim.

— Quantos?

Desta vez, não hesitou. Desta vez, falou como se soubesse exatamente o que queria.

— Não ligo. Enquanto forem saudáveis, felizes e puder fornecer uma vida boa para eles, vou em frente.

Me virei para ele, olhei para o belo perfil e sussurrei:

— Espero que você encontre alguém realmente fantástico, uma pessoa tão bonita quanto você, que ache que você é perfeito, tenha uma grande risada e queira continuar com ela.

Ele olhou para mim novamente e quando o fez, estava sorrindo e seu sorriso ficou preso na minha garganta.

Era quase tão bonito quanto o do Tor.

Querida, você acabou de se descrever.

— Merda — sussurrei e virei para a frente. — Eu *meio que* fiz isso.

Ele riu.

— Embora eu não seja fantástica, sou fria e ruim de cama — lembrei a ele, que começou a rir.

Esse ficou preso na minha garganta também, porque também era quase tão bom quanto o do Tor.

Ele parou de rir, mas declarou:

— Querida, se me fizesse rir assim quando estávamos juntos, eu não teria deixado você arrumar minhas malas.

Humm.

— Ainda bem que arrumei, considerando que sou louca — o lembrei.

— Eu poderia lidar com a loucura, se você me fizesse rir e beijasse como me beijou, hoje à noite.

Senti meus olhos se arregalarem e me virei para olhar para ele novamente.

— Noc, você está flertando com uma mulher lunática, que acha que tem múltiplas personalidades, é viciada em jogo e está grávida do seu filho?

Ele olhou para mim antes de voltar o belo rosto, ainda mais bonito com seu sorriso, para a estrada.

— Cora, se há alguém com quem eu posso flertar, é com a mulher que está grávida do meu filho.

Me virei para frente novamente, murmurando:

— Não posso discutir com isso.

Noc riu novamente.

Eu, finalmente (tardia e sabiamente), fiquei em silêncio. Foi o Noc que falou, a seguir.

— Qual delas é você?

Fechei os olhos.

Então os abri e respondi:

— Acho que ambas são eu, Noc, de certa forma.

— Prefiro esta você.

Pobre Cora. Que idiota.

— Todo mundo prefere — sussurrei.

— Eu poderia lidar com isso — murmurou, mais uma vez, como se falasse consigo mesmo.

Oh, Jesus.

Me virei para ele.

— Noc...

Parei de falar quando seus olhos se estreitaram olhando para a estrada e falou:

— O que é...?

Me virei e vi o que pareciam ser... me inclinei mais... estrelas. Pequenas e brilhantes estrelas, centenas, talvez milhares delas e estavam dançando em uma ampla linha perpendicular à estrada.

— Que porra é essa? — Noc sussurrou enquanto as estrelas começavam a aumentar em brilho e em número, Noc diminuiu a velocidade, mas continuou dirigindo diretamente para elas.

Oh, merda.

— Noc — sussurrei, mas não disse mais nada, porque as estrelas explodiram, expandindo para os lados, e irromperam em uma luz ofuscante. Vacilei contra o brilho súbito, levantando uma mão para proteger os olhos e, quando me recuperei, do meio delas surgiu uma linha preta, dividindo-as.

— Puta que pariu! — Noc gritou.

Em seguida, um cavalo preto com um cavaleiro surgiu através da fenda.

Meu Deus!

— Puta que pariu! — Noc repetiu quando os cascos do cavalo atingiram o asfalto liso e vieram rasgando diretamente para nós. — Segure! — Noc gritou e desviou a van, passando a poucos centímetros do cavalo e o cavaleiro.

Agarrei o painel, mas virei a cabeça para olhar para trás, vendo o cavaleiro puxar as rédeas bruscamente para o lado, para fazer o cavalo circular e voltar.

— Pare! — Exclamei.

— Que porra é essa? — Noc perguntou, olhando para o retrovisor.

— É o Tor! Pare! Pare. Maldição, pare!

Noc pisou no freio, a van parou de deslizar, eu já tinha tirado o cinto de segurança e saí do carro antes do Noc poder terminar de gritar:

— Cora!

Comecei a correr e ultrapassei a parte de trás da van, vendo Salem galopando na minha direção, Tor sobre as suas costas, e continuei correndo, mas, desta vez, mais rápido.

Diante da visão dele, a dor que tinha diminuído com a promessa da esperança, sumiu.

Tor manteve o Salem vindo até mim e, quando chegou perto, se inclinou para o lado. Seu braço enganchou a minha cintura, me levantou e me pôs sobre o cavalo, na frente dele.

Não hesitei. Passei os braços ao redor dos ombros dele, encostei minha boca na dele e, no minuto em que os nossos lábios se tocaram, se abriram e a língua deslizou na minha boca.

Oh, sim. Lá estava. Eu estava em casa.

Não reparei o Salem diminuir até parar sob nós, porque os braços do Tor estavam ao meu redor, sua boca estava na minha, o aroma de sândalo enchendo minhas narinas e sua força me cercando. Me beijou com força e retribuí o beijo com a mesma intensidade, me empurrando para ficar mais próxima, o drenando.

Sua boca deixou a minha e suas mãos vieram para cada lado da minha cabeça, onde me segurou, enquanto seus olhos vasculhavam o meu rosto, então aproveitei a oportunidade e permiti que os meus percorressem o rosto dele.

Em seguida, soltou minha cabeça, seus braços me esmagaram contra ele e aninhou o rosto no meu pescoço.

— Meu amor — disse ele, a voz baixa e rouca, com alívio indisfarçável.

Sentindo isso, ouvindo isso, minhas lágrimas chegaram imediatamente e comecei a chorar.

— Querido — sussurrei contra a sua pele, o segurando com força, mas meus braços ainda se contraíam, em um esforço inútil para segurá-lo mais apertado. Em troca, seus braços me deram um aperto.

— Estava morrendo sem você — falei para ele, minha voz trêmula por causa das lágrimas.

— Eu sei, querida — me disse.

— Você veio para mim — sussurrei. — Rezei para você vir. — Afastei meu rosto do pescoço dele, ele ergueu a cabeça e dei um sorriso trêmulo para o belo rosto. — Orei para você me acertar, querido, mas não quis dizer isso literalmente.

Um lento sorriso se espalhou pelo seu rosto e, em seguida, me abraçou novamente. Enfiei o rosto novamente no pescoço dele e observei-o com todos os meus sentidos, abrindo-os para poder sugar tudo que pudesse dele.

E foi por isso que, imediatamente, senti quando seu corpo ficou rígido.

— Puta que pariu — Noc murmurou.

Oh, oh.

— Pelos deuses, me diga que você está de brincadeira, Cora — afirmou Tor.

Oh, oh!

Afastei o rosto do seu pescoço e olhei para ele. Estava olhando para baixo, mas para além de mim. Segui o seu olhar e vi o Noc parado sob a chuva que caía, os braços cruzados sobre o peito, as pernas afastadas, parecendo muito com o Tor. Bem, exatamente como ele, na verdade.

Oh, merda.

— Uh... — Comecei, mas parei quando senti o calor do olhar do Tor, então olhei novamente para ele.

— Você estava com esse homem.

— Tor, querido...

— Jesus, Cora, gata, caralho. Você não estava mentindo — ouvi o Noc dizer, sua voz pesada com a surpresa chocante, e os olhos do Tor se estreitaram.

— Cora, gata? — Ele perguntou.

— Tor.

— Pensei que lhe disse que não era para estar na presença desse homem.

— Você disse, mas...

— Me parece, minha querida, que você está na presença deste homem.

— Estou, mas, veja você, ele estava...

— Eu estava no meu mundo, procurando para cima e para baixo pela magia que me traria de volta para você, e você estava seguindo em frente com esse homem — ele falou entre os dentes.

Agora, espere um segundo.

Minhas costas ficaram eretas e me afastei o melhor que pude, visto que estava sobre o Salem, vociferando:

— Eu não estava seguindo em frente com o Noc! Ele estava...

— Você estava no seu transporte com ele — Tor me interrompeu, para apontar esse fato.

— Ele estava me levando até a Clarabelle, para encontrar você, seu idiota! — Gritei, a cabeça do Tor balançou e bati no seu bíceps, antes de continuar. — A Clarabelle que Harold, Marlene, Phoebe, Brianna, o pai, a mãe e metade de Seattle estavam à procura, para cima e para baixo, mas o Noc a encontrou para mim, tipo, em dez minutos. Então você devia estar lhe agradecendo, porque estávamos indo nos encontrar com ela para que eu pudesse voltar para você, antes que você viesse rasgando o céu na sua poderosa besta! — Diante da minha menção ao nome dele, Salem jogou a cabeça para trás e relinchou, me alertando da sua presença, e quando o fez, instantaneamente me virei, me inclinei para afagar o seu pescoço e murmurei — Ei, Salem, saudades de você, garoto.

Ele bufou, balançou a cabeça e bateu o pé.

— Obrigada por terem vindo me buscar. — Continuei arrulhando e o acariciando.

Salem soltou um relincho suave e doce, e soube o que aquilo significava.

— Eu também te amo, amigo — sussurrei.

— Isso não é incomum — Tor anunciou. — Nossas almas estão despedaçadas, eu movo céus e terra, atravessando o meu reino distante para encontrar a magia que vai me trazer de volta para ela, ela gasta cerca de cinco minutos me cumprimentando e depois fica bajulando o meu cavalo. — Girei para olhar para ele, vendo que estava se dirigindo ao Noc. — Isso me irrita — afirmou e seus olhos voltaram para mim quando concluiu. — Muito.

— Jesus — Noc murmurou.

Olhei para o meu homem. Então encarei o meu homem. Então coloquei as mãos em ambos os lados do rosto dele, o puxei para baixo, contra o meu, e o beijei.

Ele retribuiu o beijo.

O beijo começou a ficar quente, de um jeito bom, quando ouvi o Noc dizer:

— Crianças, posso ver este é um reencontro comovente, mas está chovendo pra caralho e nós estamos no meio da maldita estrada.

Tor levantou a cabeça e voltou seus olhos para o Noc. Mantive meus braços o envolvendo enquanto girava para fazer o mesmo.

— Você encontrou a bruxa? — Tor perguntou e vi o Noc olhando para ele.

— Jesus, não sei se fico assustado por que estou olhando fixamente um outro eu, aliviado por não estar incentivando um caso perdido de loucura ou irritado por não ter encontrado esta Cora antes de você — Noc murmurou, sem tirar os olhos do Tor.

Pressionei meus lábios para evitar rir.

Tor, por outro lado, não parecia ter achado nada divertido.

— Você já encontrou a bruxa? — Tor repetiu, seu tom avançando em direção à impaciência.

— Sim, cara, encontrei a... bruxa — Noc respondeu, falando as palavras que, na verdade, desejava não ter que dizer.

— Você deve nos levar até ela — Tor ordenou.

Noc encarou o Tor por mais um segundo, em seguida, murmurou:

— Caralho, esta merda é doida.

— Senhor, você deve nos levar até ela — Tor ordenou novamente, definitivamente perdendo a paciência.

Noc ergueu a mão e acenou com a cabeça.

— Sim, sim, entendi isso. Desça a Cora para que ela possa entrar na van comigo — respondeu e o corpo do Tor ficou tenso.

Oh, céus.

— Ela vai comigo, vamos segui-lo — Tor decretou.

— Uh... Tor, não é? — Noc perguntou.

— Esse sou eu — Tor confirmou.

— Tenho que apontar, homem, que está chovendo e você está em um cavalo, porra — Noc observou.

— Estou ciente disso — Tor respondeu.

— E sua amada está grávida. Ela precisa ficar em um carro, onde está quente, seco e seguro, não cavalgando na traseira de um cavalo na chuva. — Noc comentou de forma sensata, lógica, e, devo acrescentar, docemente.

Eu tinha que apresentá-lo à Phoebe, definitivamente.

Os braços do Tor estremeceram em torno de mim e um grunhido baixo escapou da sua garganta. Ele não queria me deixar ir, mas sabia que devia.

Deus, eu amava o meu homem.

Noc deu um passo para frente e continuou em voz baixa:

— Entendo que vocês dois estiveram separados por algum tempo, tiveram suas almas dilaceradas e toda essa merda, mas juro que não vou deixar nada machucá-la. Ela está segura comigo. Ok?

Tor franziu o cenho para o Noc, mas assisti sua expressão suavizar quando inclinou o pescoço para poder olhar para mim.

— Você vai com o outro eu — disse ele em voz baixa.

— Tudo bem, querido — sussurrei.

Seus braços me deram um aperto e seus lábios roçaram os meus. Noc se aproximou quando Tor me desceu do Salem, as mãos de Noc seguraram minha cintura e firmaram minha descida. Isso fez com que a mandíbula do Tor ficasse tensa e tive que admitir, era uma sensação estranha ter as mãos de dois exatamente iguais, mas inteiramente diferentes, em mim.

Quando meus pés tocaram o asfalto, Noc pegou minha mão e me puxou um par de passos para longe do Tor e do Salem.

— Não podemos perder tempo, — Tor anunciou, seus olhos se movendo da mão do Noc na minha, para o Noc.

— Eu tenho muito mais cavalos de força debaixo do meu capô, do que onde você está sentado. — Noc apontou.

— Vamos acompanhá-lo, apenas prossiga com urgência — Tor ordenou.

— Prosseguir com urgência, certo — Noc murmurou sob a respiração e sua voz tremia de tanto rir.

Apertei a mão dele ao mesmo tempo que a chacoalhei.

— Tor é de outro mundo — sussurrei para ele. — Você sabe que eles falam de forma diferente.

Noc olhou para mim com diversão nos seus olhos. Foi uma boa olhada.

— Certo — murmurou, em seguida, a diversão fugiu dos seus olhos enquanto se moviam sobre o meu rosto. Sua mão apertou a

minha, enquanto eu o via se tocar que eu era quem disse que era, não um caso de demência mental que estava cuidando, e isso estava realmente acontecendo. — Certo — murmurou novamente, seu tom suave, até mesmo doce, e acenou com a cabeça antes de sussurrar — Vamos levar vocês dois para casa.

Eita. Um cara completamente doce.

Nós fomos para a van, e quando o fizemos, Salem bateu um casco e balançou o pescoço. Olhei na direção do cavalo enquanto caminhava com o Noc, e vi o Salem bater o casco novamente, jogar a cabeça para trás e relinchar.

Em seguida, começou a se mover com agitação.

Oh, merda, não tive um bom pressentimento sobre isso. Parei, Noc parou junto comigo e nós dois olhamos para o Salem.

— Salem, o que você sente? — Tor perguntou com urgência, Salem dançou, girou a cabeça para mim e para o Noc, e relinchou mais ansiosamente. Foi quando o Tor gritou:

— Leve-a para o seu transporte!

Noc olhou do cavalo para o Tor.

— O quê?

— Agora! — Tor gritou, pegando a espada na bainha da sela do Salem e Noc ainda estava parado ao meu lado quando ouviu o assobio do aço enquanto ia sendo puxado. Os olhos do Tor estavam apontados para a distância, no escuro, mas já era tarde demais.

O ar ao nosso redor se tornou azul, sabia o que isso significava, meu organismo se inundou, de imediato, com adrenalina, mas não tive tempo para reagir. No instante seguinte, o ar que nos rodeava explodiu em faíscas azuis que se lançaram por toda a parte, enchendo o espaço, rodeando os nossos corpos.

— Que porra é essa? — Noc gritou, sua mão agarrando a minha ao mesmo tempo que começava a me arrastar para o seu carro.

Mas nós não chegamos lá, porque o céu estava cheio de vikrants e, pior, o que parecia ser um exército de seres curvados, com dois braços, duas pernas, enormes orelhas pontudas e deformadas, rostos enrugados, cabeças calvas e olhos saltados, estava marchando diretamente para nós.

Capítulo 29

Ajuda

— Abaixе a cabeça! — Noc gritou, eu estava escondida contra o seu corpo enquanto nos movíamos, quase agachados até a sua van, do lado do passageiro, as faíscas azuis dos vickrants cortados pela espada do Tor voando, enquanto ele e Salem nos forneciam cobertura para os nos nossos corpos.

Noc puxou a porta da van para abri-la, mas ela estava balançando, aquelas outras... coisas estavam do outro lado, empurrando-a para tombá-la de lado, provavelmente, fazendo isso para não podermos usá-la para fugir.

Me mantendo junto a ele, Noc não tardou. Alcançou e puxou a tampa do porta-luvas, pegou uma arma e dois pentes de munição.

Estendeu os pentes para mim.

— Segure-os — ordenou.

Eu os peguei e os enfiei nos bolsos traseiros da calça enquanto ele soltava a trava de segurança da arma e nos puxava para longe da van, estremecendo assim que ela oscilou e tombou de lado.

— Cora! — Tor gritou, olhei por trás do Noc e vi o Tor. Estava usando a espada nos vickrants com uma mão, ao mesmo tempo que puxava uma adaga do seu cinto com a outra.

Me abaixei atrás do corpo do Noc, corri rapidamente até o Tor, peguei a adaga dele, ele alcançou o outro lado e pegou outra. Peguei essa também.

— Rochas! — Noc gritou para o Tor, o braço serpenteando em torno de mim, me colocou novamente na sua frente e corremos para fora da estrada, através de um matagal e da areia, em direção a

algumas pedras enormes. O tempo todo, Tor e Salem nos seguiram, continuando a proporcionar uma cobertura para nós, enquanto Noc apontava a arma para as criaturas com patas avançando atrás de nós.

Ele puxou o gatilho e uma das criaturas uivou, caiu de costas e explodiu em faíscas azuis.

— Jesus Cristo, caralho! — Noc murmurou, mas não hesitou, mirou novamente e puxou o gatilho. Outra criatura uivou, entrou em colapso e explodiu em faíscas azuis.

O resto continuou avançando enquanto continuamos correndo em direção ao abrigo, o que não é uma coisa fácil de se fazer através da areia.

Um vickrant voou abaixo, passando sob o pescoço do Salem, o cavalo relinchou, mas balancei o braço para baixo do meu corpo, o puxei de volta para cima, cortei o peito do vickrant, faíscas azuis espirraram no meu rosto e o vickrant desapareceu. Outro, instantaneamente, o seguiu e fiz o mesmo com o outro punhal, cortando a coisa na garganta e ele desapareceu em um faiscar de brasas azuis. Fiz tudo isso enquanto o Noc continuava atirando e nos movendo, eu no meio, Salem e Tor próximos, ao meu lado.

Peguei outro vickrant antes de chegarmos perto da pedra alta, embaixo da qual o mar tinha erodido, nos fornecendo uma saliência e abrigo dos vickrants, que, incapazes de chegar até nós, mas vindo do mesmo jeito, voaram direto para o topo da rocha em sua missão kamikaze, explodindo a si mesmos.

Uau.

Tor desmontou e Salem ficou vigilante ao nosso lado, usando seu corpo enorme para impedir o acesso na parte da frente da rocha e observei, em choque, quando Salem acertou um vickrant que voava baixo, com um estalar desagradável dos seus dentes de cavalo.

Uh... uau!

Então Noc gritou para mim:

— Pente!

Transferi um punhal para a outra mão, puxei um pente do bolso de trás e o entreguei a ele. Ele o pegou, descartou o pente usado, que caiu com um baque na areia e encaixou o próximo. Mirando em torno da rocha, disparou contra as criaturas com patas, não errando, porém, tinha que ser dito, seria difícil errar, pois havia muitos deles.

— Fale comigo — grunhiu para o Tor que estava parado com as pernas plantadas, bem na beira da rocha, golpeando os vickrants com cada balanço poderoso da espada.

— As criaturas aladas são vickrants, os monstros com patas, toilroys — Tor explicou, depois resmungou através de um outro balanço que acertou três vickrants de uma vez. Em seguida, continuou — O bom é que qualquer coisa que penetra sua pele, eles perecem. — Outro balanço, outro grunhido, mais dois vickrants explodindo em faíscas azuis. — E outra coisa boa, eles não têm cérebro, são programados apenas para uma missão, então não têm táticas e não são capazes de ajustar seu avanço, por exemplo, se são confrontados com um terreno que é difícil de manobrar.

— E a ruim? — Perguntou Noc, apontando e disparando contra os toilroys enquanto outro vickrant voava baixo, perto do Salem, vindo na minha direção, então avancei com punhal, o enfiei sob a sua barriga e flashes azuis voaram.

— Há muitos deles — Tor respondeu ao Noc.

— Caralho, que ótimo — murmurou o Noc, mirando e fazendo outro monstro virar poeira. — Estou quase sem munição, homem, restam um pente e meio — Noc informou ao Tor.

— Salem! — Tor gritou, o cavalo se virou e Tor parou de golpear apenas o tempo suficiente para pegar um machado de aparência letal de

um suporte na sela, se virou e o atirou, a lâmina para cima, para o Noc, que o pegou pelo punho.

Bem, outra coisa boa, meu homem era um guerreiro e veio fortemente armado.

— Ótimo — Noc murmurou, não sentindo a minha vibração positiva, mas mantendo controle sobre o machado e se virando para mirar e atirar, derrubando outro monstro. — Fico sem munição e tenho que chegar perto desses filhos da puta para derrubá-los.

— É preciso uma quantidade extraordinária de magia para a Minerva poder conjurar este tanto de criaturas, e assumiria uma quantidade incomparável para enviá-las para um outro mundo — afirmou Tor enquanto continuava balançando a espada, o ar repleto de flashes azuis onde os atingia, outro vickrant veio por baixo, os pés em garras, preparadas, com o objetivo de me pegar. Pulei para frente e enfiei um punhal na sua barriga enquanto outro veio pelo lado e o golpeei com a outra mão, o acertando na garganta. — Descobrimos, no passado, que se formos capazes de reduzir o seu número pela metade, — Tor continuou, grunhiu ao dar outra estocada e concluiu — eles têm ordens para recuar.

— É uma boa notícia, não é? — Perguntei, mergulhando a adaga em outro vickrant que voava baixo, enquanto outros dois vinham voando pelo meu outro lado. Girei e abri os braços novamente, acertando os dois com o outro punhal.

— Gata, há milhares dessas coisas fodidas — Noc grunhiu, mirando, disparando, em seguida, descartando o pente, que caiu na areia debaixo dos nossos pés. — Pente! — Eu o puxei do bolso de trás, me virei e o joguei-o para ele, que o pegou, em seguida, gritou — Cora!

Eu senti garras na minha camisa, começando a me puxar pelas costas. Me virei rapidamente, as garras me soltaram, golpeei para fora, o punhal rasgou o vickrant que tinha me agarrado e ele explodiu em

azul, assim como um outro que entrou, girei o outro braço, e o acertei também.

— Caralho! — Noc trovejou, enfiando o novo pente em sua arma.

— Maldição do caralho! — Tor gritou e os dois homens se aproximaram de mim.

Continuamos nos movendo, esfaqueando e exterminando.

— Você tem alguma outra ideia? — Noc perguntou ao Tor enquanto as criaturas continuavam vindo até nós em uma onda crescente.

— Não desista — Tor respondeu ao Noc.

— Merda — Noc murmurou, mirando, atirando e outro monstro entrou em colapso em uma bola de faíscas.

Eles continuaram vindo até nós, nós continuamos lutando, meus braços estavam ficando cansados, mas meu corpo estava cantando pela adrenalina surgindo através de meu sistema.

Salem relinchou e sacudiu o corpo maciço. Noc saiu do abrigo, vi a mão que empunhava o machado balançar, em seguida, abaixar, e flashes azuis voaram. Salem entrou ainda mais sob a abertura, mais perto do Tor e eu.

— Noc! — Gritei. — Volte aqui!

Ele contornou o cavalo, um vickrant voou baixo, as garras apontadas para as costas do Noc. Ele o atingiu, Noc começou a ser puxado para trás, mas Tor foi para frente e, com um poderoso golpe para cima, o vickrant explodiu.

Os dois homens se moveram novamente para o abrigo, Noc esvaziou o pente, soltou a arma e avançou, as duas mãos no machado, balançou para frente e para trás, rasgando o fluxo de toilroys que avançavam.

— Isto não é, — ele grunhiu com um balanço, um monstro desapareceu — exatamente, — outro grunhido, outro balanço, outro

monstro desapareceu — fazer do nosso jeito, homem — outro grunhido, outro monstro sumiu.

Em seguida, os vickrants pararam de atacar, mas foi porque os monstros haviam nos cercado por todos os lados. Salem se deslocou, me empurrando para a face da rocha enquanto Noc e Tor se moviam em torno do cavalo, Tor próximo à sua cabeça, Noc no seu flanco, e continuaram lutando. Fizeram isso sem trocar uma palavra e eu estava fora da ação.

— Me deixe ajudar! — Gritei sobre o cavalo enquanto os observava em batalha.

— Fique em segurança! — Tor gritou em resposta.

— Tor! Eu posso ajudar!

— Segura! — Ele gritou.

Os toilroys chegaram mais perto, faíscas azuis voavam, dançando ao redor, iluminando a superfície da rocha, mas onde um evaporava, mais três estavam lá, pressionando.

— Deuses! — Tor explodiu em um poderoso golpe que atingiu quatro toilroys, mas mais quatro tomaram imediatamente seus lugares.

— Puta que pariu! — Noc rugiu, cortando dois toilroys com o machado, mas três subiram para preencher o espaço vazio.

Assisti o avanço sobre as costas do Salem enquanto meu homem, seu cavalo e seu irmão gêmeo foram obrigados a fechar fileiras, enquanto os toilroys implacavelmente pressionavam.

Estávamos perdendo. Perdendo. Merda!

Fechei os olhos, descansei a testa contra a pele brilhante do Salem, ele chegou mais perto, empurrando as minhas costas contra a rocha e sussurrei:

— Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor.

Ouvi o Tor grunhindo e, depois, ouvi o Noc grunhindo.

Então ouvi um grito poderoso perfurar o ar ou, devo dizer, o que soava como se milhares de gritos poderosos rugissem simultaneamente. Soltei automaticamente os punhais para poder cobrir meus ouvidos contra o som medonho, alto e ensurdecedor, ergui a cabeça novamente, meus olhos se abriram repentinamente e vi uma onda de luz rosa avançar na nossa direção, faíscas azuis brilhando em seu caminho, tantas, que o céu se iluminou, brilhando com as cores azul e rosa, iluminando tudo ao nosso redor, saturando-o com uma cor tão brilhante, que estremeci.

Então, de repente, tudo ficou escuro e não havia mais nada. Nada de vickrants, nada de toilroys, nada, apenas os sons do mar lavando a costa e nossa respiração pesada.

— Pelos deuses — Tor resmungou.

— Puta merda — Noc sussurrou.

Lutei para recuperar o fôlego enquanto a escuridão e o silêncio permeavam minha consciência. Então passei sob o pescoço do Salem e me aproximei com cautela do Tor. Quando o fiz, seu corpo ficou alerta — ou, mais alerta ainda — esticou o braço, me pegou pela cintura e me puxou para trás dele.

— Quem está aí? — Falou para a escuridão. Por vários segundos, não houve resposta.

— Mostre-se! — Tor ordenou.

Coloquei as mãos nos quadris dele e olhei em torno do corpo enorme.

Então meu corpo congelou, enquanto o do Tor congelava sob as minhas mãos e senti Noc e Salem congelarem quando uma suave luz rosa iluminou o espaço à nossa frente. A luz vinha de uma esfera brilhante que estava suspensa sobre a mão virada para cima de uma mulher.

Meu queixo caiu.

A mulher apontou os olhos cegos na nossa direção.

— Harold me disse que vocês iriam precisar de alguma ajuda —

Clarabelle comentou.

Fiquei imóvel.

Então sorri.

Ale-uhuu-luia!

Capítulo 30

Para Sempre

— Nós não temos muito tempo — Clarabelle sussurrou para mim com urgência.

Estávamos no seu trailer, que estava no meio de sei lá onde, chegando lá depois da Clarabelle endireitar a seriamente danificada van do Noc usando magia, que, permita-me dizer, foi surrealmente irado. Ela veio com o Noc enquanto Tor e eu seguimos no Salem. Chuviscando ou não, grávida ou não, depois do que aconteceu, de maneira nenhuma, Tor ia me deixar fora da sua vista.

Seu trailer era absolutamente incrível. Parecia pertencer a uma bruxa, iluminado apenas por luzes mágicas e bruxuleantes de velas perfumadas, iluminando os cristais de várias cores e os belos símbolos nos vitrais pendurados ao redor. Havia uma grande bola de cristal apoiada em uma macia almofada rosa sobre uma mesa, mantas de veludo macias, sofás fofos e lenços jogados sobre as lâmpadas, a finalidade disso eu não sabia, já que nenhum deles estava aceso e a senhora não podia enxergar. Só podia presumir que uma bruxa tinha que ter uma decoração de bruxa. Talvez fosse uma regra.

Clarabelle e eu estávamos paradas em uma extremidade da sua pequena sala de estar, as mãos dela segurando as minhas, ambas estávamos completamente molhadas. Noc e Tor, também ambos molhados, ambos com os pés afastados, os braços cruzados sobre o peito largo e ambos lançando idênticos olhares para nós, da outra extremidade. Podia ouvir o Salem bufando sua impaciência lá fora, pela porta ainda aberta.

Olhei para a mulher cujo rosto eu conhecia, mas alguém que eu não conhecia, porém, sabia que podia confiar e gostaria que tivesse tido a oportunidade de conhecê-la melhor. Seus olhos estavam apontados para mim, sem ver, mas seus dedos estavam trabalhando nos meus como se pudesse ler os pensamentos através da minha pele.

— Eu quero isso — assegurei.

— Você tem que ter certeza — ela respondeu.

Olhei para o Tor. Sua carranca se intensificou. Estava ficando impaciente.

Olhei novamente para Clarabelle e segurei suas mãos com mais força.

— Tenho certeza.

— Não há como voltar — me avisou.

— Eu... — comecei, me virando para olhar novamente para o Tor.

— Ele explicou que fez um acordo com uma bruxa do outro lado — me lembrou rapidamente. — Ele lhe deu muito ouro, teve que dar, e seu poder foi esgotado ao lançar o feitiço para trazê-lo até você. Vai levar décadas para o repor. Nesse meio tempo, estará vulnerável. E há muitos poderes pairando no seu mundo, nem todos eles bons, e é muito perigoso para uma bruxa ficar vulnerável. Pelos seus esforços esta noite, ela vai virar um alvo. Ele lhe ofereceu proteção, mas naquele mundo, como nesse aqui, esses poderes podem ser insidiosos. Ela pode acabar precisando do seu ouro para comprar segurança.

Uau.

— Uh... — comecei.

— O que estou dizendo a você, Cora, é que ela não pode trazê-la de volta — Clarabelle passou a explicar. — Sei de apenas quatro bruxas na sua terra que têm esse tipo de poder e seu príncipe encontrou a única boa. Não vai querer barganhar com as outros. Com nenhuma delas.

— Minerva — imaginei.

— Ela é uma — Clarabelle assentiu. — Mas há outras duas em Hawkvale. Elas estão tramando, isso eu sei, o que estão tramando, não sei. Mas elas se mantêm escondidas e ambas são indiscutivelmente piores que a Megera.

Fantástico.

Bruxas conspirando, piores que a Megera. Brilhante.

Ainda assim, minha decisão já estava tomada.

Me aproximei dela.

— Juro, eu tenho certeza. Sei o que estou fazendo.

Os olhos cegos deslizaram na direção do Tor, em seguida, voltaram para mim.

— Amor — ela sussurrou o palpite exato, os lábios se curvando.

— Sim... amor — sussurrei em resposta, meus lábios fazendo o mesmo — e a nossa família — acrescentei, colocando uma das suas mãos na minha barriga.

— Ah... — ela suspirou, seus lábios formando um sorriso completo.

— Podemos, apenas... esperar alguns minutos? — Pedi. — Meus pais e minha melhor amiga estão a caminho...

— Podemos, se você quiser lutar contra hewcrows — me interrompeu para responder. — A deusa está trabalhando para montar seu próximo ataque. — Clarabelle se aproximou de mim, também. — Ela é mais poderosa do que eu, minha querida. Custou um grande esforço para vencer seu exército. Tenho magia suficiente para enviar a ambos, e o seu cavalo, de volta, mas não tenho o suficiente para derrotar as criaturas que ela vai enviar em sua segunda onda e mandá-los de volta. Esta magia se reabasteceria mais rápido do que o tempo que vai levar para enviá-los para o outro mundo, mas ainda levariam anos antes que

eu pudesse reunir o suficiente para garantir que você e o seu amor retornem em segurança.

Sua ênfase não foi perdida por mim e meus olhos se viraram para o Tor enquanto meu coração apertava.

— Não há tempo para esperar pela mãe, o pai e a Phoebe, — Disse a ele, que devia ter ouvido, já que estava há apenas alguns metros de distância. Ainda assim, vi sua mandíbula se contrair.

— Eu vou explicar isso, dizer a eles que queria esperar, Cora — Noc falou para mim e meus olhos se moveram para ele. — Apenas faça isso. — Engoli em seco e mordi o lábio. — Vá, *baby* — Noc pediu suavemente.

Acenei para o Noc, meus olhos se desviaram para o Tor e ele ergueu o queixo sinalizando um “*vai ficar tudo bem*”, que, pela primeira vez, vindo do Tor, não me fez sentir completamente bem.

Então olhei para a Clarabelle.

— Se você gastar toda a sua magia, isso significa que você vai ficar vulnerável? — Perguntei a ela.

Ela não respondeu, mas seu rosto disse tudo.

— Quando meu pai chegar, diga a ele que eu falei para lhe dar o dinheiro... todo ele — falei para ela.

Clarabelle balançou a cabeça.

— Sou um tipo especial de bruxa e a minha especialidade é o amor. Sou uma bruxa protetora do amor, entre outras coisas. Eu o consagro. É meu dever. Faço isso como minha religião, Cora, querida. Então, isso é... — ela começou a recusar, apertei suas mãos, e fiz isso com cuidado, mas com firmeza, deixando meu ponto claro.

— Todo o dinheiro, Clarabelle — salientei. — Você tem que prometer aceitar tudo. Não posso partir, a menos que faça a minha parte para mantê-la segura e, talvez, você possa usar esse dinheiro para se manter segura. — Ela parecia pronta para protestar novamente, então

falei — Não posso usá-lo, querida. Então, como você pode e, confie em mim, minha mãe e meu pai realmente não vão aceitar um não como resposta, você poderia muito bem guardar a sua energia.

Ela me olhou, sem nada ver, por um longo momento, antes de assentir.

— Vamos acabar logo com isso — sussurrei, suas mãos agarraram as minhas com força e ela balançou a cabeça mais uma vez.

Então falou baixinho

— Harold me pediu que, se você conseguir encontrar uma maneira de contatar a sua Circe, para dizer que ele está bem, sente a sua falta e ela está sempre em seus pensamentos, ele vai apreciar muito.

— Com certeza, Clarabelle — sussurrei. — Por favor, diga ao Harold que vamos fazer isso o mais rápido que pudermos.

Clarabelle assentiu com a cabeça novamente. Então, se aprontou para agir e endireitou os ombros.

— Você e o príncipe, montem o cavalo — ordenou, me soltou e o Tor caminhou até mim.

Me segurando com o braço em torno da minha cintura, me guiou até a porta e, gentilmente, me colocou na sua frente, para descer com cuidado os frágeis degraus do trailer, se juntou a mim, do meu lado, enquanto eu descia e nos guiou até o Salem.

— Cora, preciso saber se está certa sobre isso — sussurrou para mim e inclinei a cabeça para trás, para olhar para ele quando paramos ao lado do Salem.

— Que escolha temos? — Perguntei.

Me virou de frente para ele e passou os braços em torno de mim.

— Eu fico aqui, no seu mundo, com você.

Olhei para ele.

— Mas os hewcrows... — comecei.

— Nós vamos combatê-los — declarou com firmeza.

— E se ela enviar outra coisa? — Perguntei.

— Vamos vencê-la — declarou.

Eu continuei o encarando, mas não disse mais nada.

— Cora, vamos ganhar.

— Eles quase nos venceram com a primeira leva — o lembrei.

— Vamos ganhar — repetiu.

— Não pode ter certeza disso — disse a ele.

— Tenho — respondeu.

— Como? — Perguntei.

Suas mãos se ergueram para segurar meu rosto e ele abaixou a cabeça, então ele era tudo o que eu podia ver.

— Porque, após estas últimas semanas, sei que não vou permitir que nada a afaste de mim. Não vou morrer lutando. Vou ficar de pé, até que tenha o gosto da vitória.

Me aninhei contra o corpo forte, passando a mão em volta do pescoço dele e sussurrei.

— Tor.

— Agora, preciso saber, tem certeza que quer escolher o meu mundo?

— Você gostaria de ficar aqui comigo? — Perguntei.

Sem hesitar, respondeu:

— Sem dúvida nenhuma.

Sorri para ele, tendo a estranha sensação que o meu coração estava cantando.

— Então isso é bom o suficiente para mim — sussurrei, suas mãos me apertaram mais ainda, sua face fez a pergunta e virei a cabeça para Clarabelle, que estava do lado de fora do trailer, ao lado do Noc. Tor abaixou as mãos, mas seus braços me circundaram novamente antes de falar:

— Nos envie de volta, por favor.

Ela assentiu com a cabeça. Noc olhou para os pés. Os braços do Tor ficaram mais apertados.

Então, me soltou e me guiou até Salem, mas me afastei um pouco, olhei para o belo rosto e sussurrei:

— Um segundo.

Corri até o Noc, me joguei nos seus braços e lhe dei um grande abraço. Ele, imediatamente, retribuiu o meu abraço.

— Cora — sussurrou no meu ouvido.

— Obrigada, Noc — sussurrei por cima do seu ombro.

— Não posso dizer que foi divertido, querida, mas posso afirmar que foi uma experiência e tanto.

Sorri para a escuridão.

Então falei baixinho:

— Desculpe pelo seu carro.

— Merdas acontecem — respondeu e o segurei com mais força.

Hesitei apenas um momento antes de sussurrar:

— Eu estava certa, você é perfeito.

Senti o movimento do seu rosto no meu pescoço.

— Seja feliz, *baby* — disse ele, me dando um aperto dos seus braços e assenti.

Em seguida, lágrimas encheram meus olhos.

— Você vai dizer a eles? — Perguntei, com a respiração entrecortada.

Outro aperto, então disse.

— Claro — em seguida, outro aperto e sussurrou — Vá para o seu homem, Cora.

Balancei a cabeça, o segurei por mais um segundo e, em seguida, o soltei. Sem olhar para trás, corri até o Tor. No instante em que

estava nos braços dele, me pegou e me colocou em cima do Salem, montando atrás de mim antes da minha parte inferior estar acomodada.

Os braços do Tor me envolveram, puxaram minhas costas contra o seu peito e levei os até o meu rosto para limpar as lágrimas.

— Faça a sua mágica, bruxa — Tor exigiu, olhei para o Noc e a Clarabelle, e mais lágrimas vieram aos meus olhos.

Clarabelle levantou ambas as mãos para o céu. Prendi a respiração.

Então, gritei:

— Noc! Quando a Phoebe chegar aqui, preste atenção nela. Ela é minha melhor amiga, faz excelentes martinis, é um pouco louca e realmente gosta de sapatos, mas, acredite em mim, não é brincadeira, ela é leal, engraçada e incrível!

Os braços do Tor me apertaram enquanto eu observava o sorriso que o Noc exibia para mim e sacudia a cabeça.

— Sério! — Gritei. O ar ficou rosa.

— Cale a boca e vá para casa, *baby* — Noc gritou em resposta.

— Seja feliz também, Noc — gritei mais uma vez.

Seu rosto se abriu em um sorriso e ouvi a profunda risada dele.

As mãos da Clarabelle começaram a brilhar e olhei para ela.

— Obrigada, Clarabelle! — Gritei.

— Meu amor, fique quieta e deixe a bruxa se concentrar — Tor grunhiu no meu ouvido.

— Nós temos que agradecer, Tor, ela...

Seu braço me apertou e espremeu o ar para fora de mim.

— Quieta — grunhiu e afrouxou o abraço.

— Mandão — rebati, quando tive ar novamente nos meus pulmões.

A névoa rosa surgiu nos cascos do Salem e se moveu para cima.

Me pressionei mais ainda contra o corpo forte do Tor e tentei controlar a respiração acelerada.

— Nós vamos ficar bem — sussurrou no meu ouvido.

Faróis bateram no chão enlameado na frente do trailer da Clarabelle nos iluminando do outro lado. Virei a cabeça e vi o *Volvo* do meu pai seguido pelo Mazda da Phoebe.

Eita, papai estava dirigindo o *Volvo*. Foi uma maravilha terem conseguido levá-lo para fora da cidade.

Esse pensamento fez minha garganta queimar e minhas narinas coçarem. A névoa rosa tinha encoberto mais do Salem e estava nas nossas cinturas quando levei a mão até a boca, toquei meus lábios, fechei os dedos e soprei o beijo.

Salem tinha desaparecido e a névoa rosa estava nos nossos peitos quando os carros pararam, três portas se abriram e três corpos amados correram, com urgência, para fora.

— Eu amo vocês! — Gritei, levantando a mão para acenar sobre a névoa que avança. — Para sempre! — Gritei, antes da minha garganta fechar e da neblina os esconder da vista.

— Para sempre! — Ouvi a Phoebe gritar.

— Para sempre, minha menina divertida! — Gritou a minha mãe.

— Para sempre, querida! — Papai berrou.

O soluço brotou na minha garganta e fechei os olhos. Tor enterrou o rosto no meu pescoço, seus braços me apertaram, Salem lançou a cabeça para trás e bufou.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e abri os olhos.

A luz suave de lampiões coloridos ao redor e a que vinha da cidade iluminava o pátio do Tor, onde Salem estava parado. Vi os navios flutuando no mar, os lampiões lançando longos reflexos através da água transparente. Ouvi a água tilintando suavemente na bela fonte circular

do Tor. Acima de nós, milhares e milhares de estrelas piscavam intensamente, uma cortina de brilho no céu noturno.

A boca do Tor se moveu para o meu ouvido.

— Estamos em casa, meu amor.

— Casa — sussurrei. Salem bateu um casco.

Prendi a respiração.

Então me virei nos braços do meu homem, lancei os meus ao redor dos seus ombros largos e o segurei firme enquanto apoiava meu rosto no seu pescoço e começava a chorar.

Um dos braços do Tor me amparou enquanto a outra mão deslizava pelas minhas costas, para brincar com as pontas do meu cabelo, e fez isso por um longo tempo, enquanto eu chorava.

Capítulo 31

Compaixão

Seis semanas mais tarde...

Podia ouvir a cidade de Bellebryn agitada com a atividade e ver as guirlandas de flores brancas e frescas na decoração das lojas e casas. Havia tantas delas, que o próprio ar cheirava como uma flor. Todos os lampiões tinham sido trocados, até mesmo aqueles nos barcos que balançavam, ancorados no mar verde-esmeralda. Eram todos brancos agora. O enorme portão de ferro forjado e incrustado com prata do castelo do Tor foi enfeitado com tecidos drapeados de seda cor de marfim presos nos lados com enormes buquês de flores, em formato de rosa. E na fonte do pátio, flores flutuavam enquanto a água caía, brilhando como diamantes sob os raios do sol.

Era um dia de celebração.

Mas, primeiro, havia algum negócio desagradável para resolver e não estava ansiosa por isso. Para dizer o mínimo.

Dedos seguraram a minha mão e a apertaram.

— Me fale outra vez sobre os nossos pais no seu mundo, Cora — Rosa sussurrou do meu lado, me virei para a minha irmã e sorri.

Ela já me pediu para fazer isso várias vezes e percebi que fazia isso porque sabia que ajudava a amenizar a dor no meu coração.

E estava certa.

— Eles são engraçados, loucos e amariam você — disse o que sempre dizia a ela, que também passou a ser verdade. Rosa, tinha descoberto o que achava ser verdade quando a conheci, era incrivelmente adorável.

Ela inclinou a cabeça para o lado e seus lindos olhos azuis brilharam.

— Você acha que a nossa mãe falou para o nosso pai se livrar do seu... — ela hesitou, em seguida, finalizou — carro?

Balancei a cabeça, olhei novamente para a maravilhosa vista e sussurrei:

— Provavelmente, não.

E isso, provavelmente, era verdade.

Rosa se aproximou de mim e soltei a mão dela para poder deslizar meu braço em volta da sua cintura. Ela retribuiu o gesto.

Aggie, no meu ombro, saltou suavemente e emitiu um suave

— Piu, piu? — que significava — Tudo bem, Cora?

— Estou bem, Aggie — sussurrei.

Aggie deu um beijo suave no meu pescoço e isso me fez exibir um sorriso suave.

Rosa estava indo bem após o cuidado amoroso que Dash e os seus pais haviam dedicado a ela, uma vez que foi resgatada das garras da Minerva. Não tinha falado comigo sobre isso, em vez disso, parecia ter a intenção de descobrir mais sobre mim. Esta foi, provavelmente, uma tentativa de criar uma substituta para a irmã que a tinha traído, uma irmã que amava, uma irmã que nunca mais poderia voltar a confiar.

Estava deixando ela fazer este jogo porque a Rosa era delicada e precisava disso, mas não estava sendo totalmente altruísta.

Gostava de ter uma irmã.

Deixei a vibração feliz no ar me preencher enquanto a abraçava e soltei um suspiro, ao mesmo tempo que ouvi a batida de botas sobre o piso de mármore atrás de nós.

Soltei a Rosa, me virei e vi o Tor caminhando, decidido, na nossa direção.

Deus, ele era sexy.

Tor parou perto de nós, me varreu com os olhos, em seguida, olhou para sua futura cunhada.

— Você vai ficar nestes aposentos, não importa o que houver. Sim, Rosa? — Perguntou suavemente.

Ela assentiu com a cabeça.

— Não importa o que houver, Tor.

Ele olhou para ela por um segundo, em seguida, seus olhos vieram até mim. Ele me alcançou, pegou a minha mão e suspirei novamente.

— Venha, meu amor — murmurou, claramente esperando por isso tanto quanto eu. — Deixe o pássaro — ordenou e assenti.

Rosa ergueu a mão e o Aggie pulou de mim para ela. Sem demora, Tor me afastou da minha irmã.

Bem, melhor acabar logo com isso.

Quando Tor me puxou para junto dele, olhei novamente para a Rosa.

— Vou estar de volta a tempo de ajudá-la a se arrumar — prometi.

— Vou estar aqui — respondeu com um sorriso que era meio brilhante, meio triste.

Ela sabia aonde estávamos indo. Pobrezinha.

Enquanto me apressava atrás do Tor, dei a ela o que esperava ser um sorriso tranquilizador, em seguida, me virei para segui-lo através do quarto e vi a Perdita correndo, carregando uma cesta de costura.

— Ela não sai destes aposentos — Tor ordenou.

— Sim, sua graça — Perdita falou, fazendo uma rápida reverência.

Sorri para ela e lhe dei uma piscadela. Perdita sorriu e retribuiu a piscadela. Não fez uma reverência para mim porque disse para ela não fazer. Não gosto que as pessoas façam reverência para mim, era

esquisito, e um número suficiente de pessoas faziam reverência para mim em todos os lugares, na cidade, no pátio e na maior parte do castelo, não precisava que as minhas servas mais próximas fizessem reverência para mim (em outras palavras, Perdita, todas as meninas da cozinha e todas as servas que limpavam o castelo). Então, pedi para pararem de fazer isso.

Tor me guiou para fora dos nossos aposentos e, quando atravessamos as portas e andamos pelo largo corredor, com a cabeça inclinada para mim, chamou minha atenção.

Seu olhar era de desaprovação.

Ele me viu piscar para a Perdita e notou a ausência da reverência.

Desviei o olhar, mordendo o lábio.

Ok, então, prometi nunca mais o aborrecer e ser a princesa perfeita. E estava quebrando a promessa.

Humm.

Tendo um momento de reflexão, balancei os ombros mentalmente.

Oh, bem, que seja. Ele vai superar isso. Ele sempre supera.

— Você entende o que está confessando, Cora? — O pai do Tor, o Rei Ludlum, estava sentado na cadeira... humm, do príncipe (ou do que quer que queira chamá-la) na sala do trono do Tor. Não era exatamente um trono, como tal, mas era uma cadeira exageradamente grande, o assento e um grande painel no encosto coberto de veludo azul *royal*, a madeira esculpida pintada de um preto reluzente e tinha um monte de detalhes em prata, que pareciam reais.

Não sabia como era a mãe do Tor. Mas, agora, conhecendo o seu pai, sabia que o Tor puxou a ele. E espero que o Tor envelheça como

ele. Seu pai, definitivamente, ainda tinha aquele algo mais. Ainda conseguia não parecer idiota usando uma grande coroa de ouro com montes de safiras brilhantes sobre ela, e, sério, alguém que podia fazer aquilo, definitivamente, ainda tinha aquele algo a mais.

Tor estava parado no lado direito do seu pai, Orlando à esquerda do seu pai. Dash estava a caminho de Bellebryn, tendo passado a noite em uma vila há quilômetros de distância.

Não estavam arriscando nada naquele dia.

Eu estava parada ao lado do Tor. Havia quatro sentinelas em toda a sala, parados de dois em dois em ambos os lados da porta.

O Forrest e a Dara Goode deste mundo estavam na base dos degraus, à direita, de mãos dadas e pareciam fazer exatamente o que eu estava certa que estavam fazendo. Se afligindo.

Ver os pais da Rosa não me machucou como eu achava que machucaria. Isto, principalmente, porque já havia encontrado os dois, e estava começando a conhecê-los muito bem. Eles podem parecer com a minha mãe e o meu pai, mas não eram como eles. O Forrest deste mundo seria um férreo republicano conservador no meu e a Dara não era assim tão brilhante (embora fosse doce e gentil).

Sabia que estavam preocupados com a sua filha, mas já estavam me tratando como uma, mesmo que pudesse afirmar que os assustava olhar para mim (ainda). Então, por outro lado, eu era uma especialista neste negócio, e eles não.

Eles iriam se acostumar com isso.

A Cora Goode deste mundo estava curvada em uma reverência, diante de nós. Esta foi a primeira vez que a vi, ela tinha sido isolada no minuto que o Tor voltou ao seu mundo (o momento que retornou sem mim, é claro) e não tinha sido autorizada a falar com ninguém, apenas com o Orlando e membros da sua guarda de confiança.

Ao vê-la, me apavorei. Definitivamente, vários quilos mais leves que eu, no mínimo, mesmo com toda aquela comida para viagem e os lanches que comeu enquanto estava fora.

Mas, fora isso, era igualzinha a mim. Estranhamente arrepiante.

Tor teve a anulação elaborada na noite que chegamos no seu mundo, acordando algum oficial para fazê-la. Assinou o papel antes da tinta estar seca.

Então me levou para a cama.

Eu teria preferido começar por esta última parte, mas, no final, consegui o que queria (três vezes), então quem era eu para reclamar?

Quatro dias depois, Rosa, Dara, Forrest, o rei, Orlando e o Dash, todos os descendentes no castelo, e Tor e eu nos casamos nesta mesma sala.

Eu usava um vestido novo, lindo de morrer, feito de seda marfim. Tor usava o habitual preto, mas acrescentou um colete de brocado para a ocasião.

Queria convidar todos os servos do castelo para as festividades, mas não tive permissão. A informação de que eu não era deste mundo seria conhecida apenas por um círculo secreto (um círculo secreto formado por quem o Tor deixou entrar, podia acrescentar). Foi o que o Tor decidiu, mas, pelo menos, mesmo sendo mandão, dedicou um tempo para explicar isso para mim. Fazia sentido, então cedi.

Tivemos mais um convidado. Aggie participou da cerimônia e fez isso empoleirado no ombro do pastor.

Salem, embora a sala do trono fosse grande o suficiente para acomodá-lo, não foi convidado. Tor bateu o pé, dizendo:

— Já cedi sobre o pássaro, não vou ter um cavalo no meu casamento, maldição.

Apenas por segurança, não vi o Tor no dia do nosso casamento, até Rosa e eu entrarmos de mãos dadas na sala do trono.

Nós nos casamos às sete horas da manhã.

Foi outra decisão do Tor. Não queria esperar para me ter como sua esposa, disse. E, depois de duas semanas suportando a mesma dor que eu, enquanto estava procurando pelo reino, de cima a baixo, por uma bruxa que pudesse enviá-lo de volta ao meu mundo, não estava com vontade de perder nem metade de um dia sem mim.

Entendia como se sentia.

Era uma droga me levantar cedo para me preparar para o meu casamento. Mas o fiz. E, nos dias anteriores ao casamento, pensei que era uma merda eu não ter um grande baile para celebrar as minhas núpcias, núpcias que me ligavam a um belo príncipe de uma terra de contos de fadas. Todas as heroínas dos filmes de animação tinham seu grande baile. Mas Dara e Rosa tinham organizado para mim um lindo buquê feito de rosas cor de pêssego e lírios brancos, Tor tinha providenciado que todos nós tivéssemos um suntuoso café da manhã após a cerimônia, logo, Perdita e as meninas estavam todas na luxuosa tenda.

Perdita e as meninas, obviamente, estavam no círculo secreto do Tor, uma vez que estavam lá quando nos viram desaparecer, juraram segredo, e, assim, sabiam qual era a importante ocasião para a qual estavam me preparando, então estavam todas lá fora.

Depois, Tor me levou direto para os nossos aposentos e nenhum de nós dois os deixou, por vinte e quatro horas.

Então, no final, não foi um casamento extravagante, mas ainda foi doce, e isso significava que eu era a mulher de verdade do Tor, e uma princesa de verdade, então certamente não estava reclamando.

Observei a Cora levantar a cabeça e começar:

— Sua graça...

O Rei Ludlum a interrompeu.

— Você procurou a companhia de bruxas para fins condenáveis, a fim de encontrar meios para evitar que a sua irmã, que você deveria valorizar e fazer tudo em seu poder para evitar que se machucasse, e seu pretendente, que, aliás, é meu filho e um príncipe deste reino, se casassem. Você descobriu a existência de um outro mundo e conspirou com a Megera para se transportar deste mundo para aquele. Planejou colocar sua irmã em perigo. E todas as suas maquinações se concretizaram, fazendo com que sua irmã ficasse nas garras da Deusa, colocando-a, ao seu príncipe, o seu outro eu e o seu mundo em grande risco.

Era verdade. Ela tinha pedido por isso. Tor me disse.

Tudo por causa do Dash. Cadela idiota.

Cora voltou para este mundo, Tor presumiu, porque Minerva a tinha traído, não querendo enviá-la para o meu mundo por todos os dias da sua vida, como Cora disse que a Minerva tinha prometido que faria. Quando voltamos, Tor tinha vindo junto na viagem, novamente um palpite, porque me segurou nos seus braços — um erro que a Minerva corrigiu com a devida pressa, afastando o Tor de mim, mas nos separando antes que o fizesse.

Uma vez que ninguém tinha (ou queria) uma ligação direta com a malvada Minerva, nunca saberíamos. Exceto, é claro, Cora, e já que a Minerva não podia chegar até ela em terra sagrada, não podia perguntar também.

O certo era que Tor e eu compartilhávamos uma alma. Isso nós sabíamos (cara, como sabíamos). E, diante da batalha no litoral, Minerva estava disposta a apostar tudo para nos manter separados, o que se podia supor, significava que era seu plano o tempo todo, nos juntar, então nos separar... para sempre.

E a Cora deste mundo havia sido seduzida lindamente em seu esquema.

Felizmente, no entanto, seu enredo não teve sucesso.

— Mas, sua graça, ao fazer isso, o Príncipe Noctorno encontrou a verdadeira metade da sua alma... — Cora começou.

— Uma feliz coincidência — Rei Ludlum a interrompeu secamente e Dara Goode ficou visivelmente trêmula.

Os lábios da sua filha se curvaram. Tor se moveu ao meu lado, olhei para ele e vi sua mandíbula enrijecer. Ele tinha visto o curvar dos lábios dela e se irritou.

Olhei novamente para a Cora quando ela continuou falando e vi que tinha conseguido controlar a expressão.

— Eles estão felizes, seu filho é feliz, isso não conta para nada?

— Você não armou seus esquemas com a intenção de fazer o meu filho feliz, Cora — Rei Ludlum falou baixinho, ela perdeu o controle da expressão e seu rosto se contorceu.

Em seguida, gritou:

— Isso não é justo! Isso não é justo! Ele não foi destinado a mim. — Inclinou a cabeça para o Tor. — Ele não foi destinado para mim! Você não vê? Por isso eu tinha sentimentos pelo Príncipe Dashiell. Foi por isso que encontrei meu companheiro naquele outro mundo! Será que ninguém se importa comigo?

— Oh, Jesus — murmurei e a mão do Tor se moveu, seus dedos se entrelaçando aos meus.

— Você encontrou o seu companheiro no outro mundo? — Perguntou o Rei Ludlum, as sobrancelhas subindo.

— Sim! Ela — apontou para mim — é o destino do príncipe Noctorno, mas eu estou destinada ao Noctorno do outro mundo! — Anunciou.

— Oh, Jesus — repeti e Tor apertou meus dedos.

— Meu Noctorno é perfeito! — Ela continuou. — Meu Noctorno é lindo. Ele combina comigo!

Meu corpo enrijeceu e sussurrei:

— Humm... de jeito nenhum.

— Quieta, amor — Tor ordenou e fiz o que pediu. Foi difícil, mas fiz.

— Me envie de volta para o outro mundo para que eu possa estar com o meu companheiro! — Pedi. — Isso é justo! Isso e só! E no final, tudo estará bem para todo mundo!

Isto foi um erro. Soube disso quando senti o ar na sala ficar pesado; senti o corpo do Tor enrijecer e olhei em torno do Tor para ver o rosto do Rei Ludlum ficar duro como granito.

— Acredito, minha querida, que eu sou seu rei e eu decido o que é justo e equitativo — disse calmamente, olhei novamente para a Cora e a vi ranger os dentes para manter a boca fechada, mas seus olhos estavam piscando.

— Dói em mim — Rei Ludlum continuou — ver que você não lida com as consequências das suas ações, que não deseja expiar as decisões que tomou, que causou danos a outros, que não entende que, ao conspirar com a Minerva... — balançou a cabeça — Cora, só isso já é um ato de alta traição.

— Não o faço, sua graça, porque o Príncipe Nocturno está ligado à sua verdadeira companheira e minha irmã se casa com o dela, hoje. Se não fosse por mim, o que se passou nunca teria acontecido, e tudo, no final, está como deve ser — respondeu.

Os dedos do Tor apertaram os meus e respirei fundo. Fiz isso porque, era uma droga, mas isso era verdade.

— Isso também me dói — o Rei Ludlum afirmou — concordar que isso é verdade.

Virei a cabeça para olhar para o Rei novamente, mas não perdi o rosto da Cora brilhar com esperança.

Rei Ludlum olhou para mim.

— Cora, a Benévola, — caraca, eu realmente amei isso — é do meu entendimento que você veio a conhecer o meu filho do outro mundo.

— Sim, sua graça — respondi.

— É desejo dele ser ligado a esta Cora? — Perguntou, inclinando a cabeça para a Cora.

Oh, céus.

— Humm... — Evitei olhar para os pais da outra Cora e, em seguida, disse honestamente — Não. Ele não foi feito para ela.

Senti o Tor se mover, olhei para cima e vi sua cabeça inclinar ligeiramente para trás, mas também pude vê-lo lutando contra um sorriso.

— Não a quer para ele? — Perguntou o rei Ludlum, levando minha atenção de volta para ele.

— Ele não gosta muito dela — expliquei.

— Ele me ama! — Cora exclamou. — Ele é dedicado a mim! Completamente dedicado a mim.

Olhei para ela.

— Humm... não tanto — murmurei e ouvi o Orlando sufocar uma risada.

— Ela mente! — Cora gritou, meu corpo ficou tenso, mas não tão tenso quanto o do Tor.

— Cuidado, Cora — alertou em voz baixa. Ela não estava sendo cuidadosa.

— Ela não sabe e você não sabe o que nós compartilhamos.

— Receio que sabemos. Ele era um membro da guarda da cidade. Estava investigando um jogo ilegal e usando você para fazer isso — Tor falou e ela engasgou. — Quando a minha Cora voltou e terminou as coisas com o outro eu, ele não disse sequer uma palavra e explicou, mais tarde, para a minha Cora que ele ficou aliviado por

seguir em frente. Disse que você não era muito brilhante, era preguiçosa e a desdenhava por causa do seu vício em jogo... — os olhos do Tor apontaram para ela incisivamente — entre outras coisas.

Seu rosto empalideceu antes dela sussurrar:

— Não pode ser.

Oh, céus. Ela se apaixonou pelo Noc. Ela realmente tentou. E falhou.

Pobre Cora.

Tor não respondeu.

— Não pode ser — ela repetiu baixinho, seus olhos procurando o rosto do Tor.

Então viu a verdade, abaixou a cabeça e seus ombros caíram, enquanto olhava para o chão.

— Cora, seu rei exige seus olhos — Rei Ludlum ordenou e, lentamente, ela olhou para ele. — Você vai ser relegada à solidão, com exceção da sua guarda, em Merrygate, pelo resto dos seus dias.

O ar no aposento mudou novamente. Ambos os Goodes, notei, pareceram aliviados diante deste anúncio. Orlando enviou um olhar sombrio para o Tor, que também estava olhando para o irmão, então não pude ver sua reação. Depois peguei o olhar do Orlando, me virei para a Cora e vi que não estava feliz, tanto quanto o Orlando.

— Merrygate? — Ela sussurrou.

— É uma encantadora propriedade, com vastos jardins. Vai ser feliz lá.

— É uma viagem de cinco dias, distante de qualquer coisa! — Gritou.

— De fato, e também rodeada de terra sagrada, o que significa que vai ser difícil para você encontrar problemas — Rei Ludlum respondeu.

— Mas...

— Eu posso lhe dar uma escolha — Rei Ludlum a interrompeu. — Você pode viver seus dias em Merrygate ou pode vivê-los nas masmorras do Castelo Tristrom. Sua escolha.

Ela fechou a boca.

Bem, diante dessa reação, imaginei que o Castelo Tristrom não era o Club Med.

Então ela se esforçou para falar.

— Merrygate, sua graça.

— Excelente, está decidido — Rei Ludlum começou a se levantar, mas Cora falou novamente.

— Tenho permissão para ver os meus pais e a Rosa?

Rei Ludlum se recostou no assento.

— Eles têm uma nova filha e irmã, agora. — Meu corpo estremeceu diante desse anúncio, o rosto da Cora congelou e ele continuou — Mas eles se preocupam com sua antiga filha, embora ainda me surpreenda que minha futura nora mantenha qualquer relação com você, depois dos seus atos hediondos. No entanto, ela não fez nada de errado, nem os seus pais, então não vejo qualquer razão para puni-los. Eles vão visitá-la, mas como sua existência será mantida no mais profundo segredo, estas visitas serão raras, por isso vou aconselhá-la a tirar o máximo partido deles, quando você os tiver.

Sua boca se contraiu, mas ela não disse uma palavra.

Rei Ludlum continuou e fez isso como um aviso tranquilo:

— E devo lembrá-la, Cora, que a sua existência vai ser mantida no mais profundo segredo. Se você for conivente com qualquer forma de revelar esse segredo a alguém, será considerado traição à coroa, sua segunda infração, e não vai ser tratada com a generosidade que estou concedendo a você, hoje. Entendido?

Ela olhou para ele, medo absoluto no seu rosto.

Acho que traição não compra uma viagem para o Castelo Tristrom, mas algo muito menos divertido.

Oh, céus.

— Cora, está entendido? — O Rei solicitou.

Ela olhou para ele um pouco mais. Em seguida, cedeu com um suave:

— Sim, sua graça.

Ele balançou a cabeça, em seguida, ficando de pé, declarou:

— Estamos terminados aqui.

Uma vez que estava de pé, apontou um pulso na direção dos quatro guardas parados na extremidade do salão. Eles avançaram para frente e os olhos do Rei foram até os Goodes.

— Se despeçam, minhas boas pessoas, então vamos seguir em frente, partir desta triste reunião de negócios para a celebração.

Os Goodes assentiram, Forrest se inclinou, Dara fez uma reverência rápida, então foram até sua filha e a rodearam quando foi conduzida para fora da sala.

Cora não olhou para trás. Cora não teve palavras para o Tor ou para mim. Cora não teve palavras para o Orlando, que se esforçou incrivelmente e gastou uma energia considerável salvando a irmã dela. Cora estava pensando nela mesma.

Cadela idiota.

Deslizando um braço em volta da minha cintura, Tor me virou para ele e olhei nos seus olhos.

— Acabou, meu amor — murmurou. — Vá até a sua irmã, compartilhe esta notícia, vá levar alívio para ela, para que ela possa deixar isso de lado e se concentrar no dia do seu casamento.

— Seu pai tomou uma decisão compassiva, suponho — murmurei em resposta.

— É o jeito dele.

Sim, estava percebendo isso. O Rei Ludlum era um cara decente. Balancei a cabeça. Em seguida, comentei:

— Orlando não pareceu feliz com isso.

— Orlando resgatou a Rosa, acabada e aterrorizada, das garras da Minerva. Orlando também foi chamado pelo Algernon para assumir o meu trono, enquanto estava no seu mundo, tornando-se, assim, aquele que testemunhou nosso desaparecimento, não falou nada sobre isso, assumiu todas as minhas responsabilidades enquanto eu estava fora, ao mesmo tempo tentando descobrir que poderes estavam trabalhando, que me levaram embora. Orlando não pode ter muita compaixão pela Cora, a Primorosa.

Humm. Compreensível.

Abaixou a cabeça e roçou a boca contra a minha. Eita, gostava quando fazia isso.

— Vá até a sua irmã — insistiu baixinho, enquanto recuava alguns centímetros.

— Ok — sussurrei, sorri para ele e percebi que tinha acabado. Terminado. Toda aquela merda ruim ficou para trás e todos nós tínhamos que olhar para frente, para as boas novas.

Foi por isso que o meu sorriso ficou mais brilhante. Os braços do Tor me apertaram mais ainda quando testemunhou isso, me ergueu na ponta dos pés, tocou minha boca com a dele, em seguida, se afastou.

— Vejo vocês no casamento — falei, começando a descer os degraus que levavam até a plataforma do trono na qual estávamos acenando para Orlando e o Rei Ludlum enquanto descia.

— Minha querida — Tor falou, continuei andando, mas olhei para ele, levantando as sobrancelhas. Ele apertou os lábios, mas seus olhos brilharam com humor. Então, me lembrou — Cora, meu amor, você está deixando a presença do seu rei e dois dos seus príncipes.

Parei, virei de frente para eles e gritei:

— Oh, merda! Certo. — Então me curvei profundamente, fazendo uma reverência ao meu rei e dois dos meus príncipes.

— Levante, minha querida — Rei Ludlum ordenou, a voz trêmula de tanto rir e me levantei. — Que tal deixar essas formalidades para processos formais — sugeriu, em seguida, sorriu para mim. — Vamos ser apenas... nós quando estivermos em família.

Quando estivermos em família. Isso era bom.

— Está ok para mim — falei, dando um sorriso para ele e ouvi o Orlando abafar outra risada.

O rei e seu belo filho não abafaram a deles.

— Até mais tarde — falei, me virei e corri pela sala do trono.

— Até lá, minha querida — ouvi o rei dizer às minhas costas.

— É... até, Cora — ouvi o Orlando dizer.

Tor não respondeu, mas, na porta, me virei e o vi se reunir com sua família. Deve ter sentido o meu olhar sobre ele, pois olhou na minha direção, peguei seu olhar e soprei um beijo. Em seguida, corri para atravessar a porta e, em seguida, o castelo, para ajudar a minha irmã a se preparar para o casamento dela.

— Meu príncipe — engasguei.

— Olhos — Tor grunhiu, inclinei a cabeça para olhar para ele, nossos olhares se encontraram, em seguida, meu corpo caiu para frente, minha mão pousando na cama, perto do ombro dele, quando gozei.

Ainda estava gozando, quando ele me virou de costas e continuou a me penetrar, os lábios tão perto dos meus, seu toque era um sussurro e senti seu gemido contra eles, quando ele chegou ao clímax.

Agarrei seu corpo com todos os meus membros e os dedos de uma mão deslizaram pelo seu cabelo. O rosto dele se aninhou no meu pescoço e o senti me beijar lá.

Amava sua cama macia. Amava seus lençóis exuberantes. Amava a sala cheia de luz de velas. Amava a brisa suave, à deriva, que entrava pelas portas abertas para um mar esmeralda. Amava o peso dele sobre mim. Amava senti-lo dentro de mim. Adorava o seu cheiro em meu nariz. Amava a espessura do seu cabelo.

Amava tudo o que tinha a ver com o meu príncipe de conto de fadas.

Portanto, virei a cabeça e sussurrei no seu ouvido:

— Eu te amo, amor.

Ele levantou a cabeça e olhou para mim sob a luz bruxuleante das velas, os olhos carinhosos, o rosto suave.

— E eu amo você, minha querida — respondeu baixinho.

Ergui o pescoço até minha testa estar contra a dele e sorri.

Então, deixei cair a cabeça na cama e observei:

— Tivemos um dia lindo.

— De fato — concordou.

— Somos só você e eu, agora — falei.

— Por um tempo — respondeu, movendo o corpo, a mão deslizando para descansar na minha barriga, que agora tinha a simples sugestão de uma dura e amada protuberância — então vamos ser você, eu e o nosso filho.

— Ou filha.

Sem hesitação e sem nenhuma indicação de um pingo de preferência, ele repetiu:

— Ou filha.

Sorri para ele.

— É bom ser princesa.

Sua mão se afastou da minha barriga e veio até o meu rosto, o polegar acariciando minha bochecha, quando comentou:

— Acho isso surpreendente.

Inclinei a cabeça para o lado, sobre o travesseiro.

— Você acha?

— Sim, que a minha princesa não aja como uma princesa.

Deixei escapar uma risadinha, em seguida, o informei

— Sou um novo e melhorado tipo de princesa.

— Certo — murmurou, a boca se curvando.

Deus, ele ficava tão sexy quando sua boca se curvava assim. Então, por outro lado, sempre parecia sexy.

Me perguntei se nunca pensaria de forma diferente e decidi que não.

Nunca.

Nunca.

Suspirei, feliz, e quando o fiz, percebi que estava exausta.

Então perguntei:

— Você vai deixar sua princesa dormir? Tive um longo dia, dancei a noite toda e esse garoto está começando a tirar tudo de mim. Ontem, caí no sono no meio da leitura da Clarabelle. Aggie teve que bicar a minha mão para me acordar.

— Não, não vou deixar minha princesa ter seu sono — respondeu, e pisquei para ele.

— Não?

— Não, amor, você é uma princesa. Você pode dormir o dia todo.

— Sua cabeça mergulhou, o rosto desaparecendo no meu pescoço. — Seu príncipe é dono das suas noites.

— Tor...

Ele mordiscou minha orelha e ordenou:

— Quieta.

— Tor! — Rebatí.

Seus lábios se moveram para os meus, me beijou com força, profundamente, com doçura, e fiquei quieta.

Oh, bem, que seja. Estava certo, eu era uma princesa. Podia dormir o dia todo.

Então o empurrei para ficar de costas e, em seguida, eu o beijei.

Os fortes braços do meu príncipe me apertaram e ele retribuiu o meu beijo.

Epílogo

Comoção

Nove meses depois...

Ouvi a comoção do lado de fora, ergui a cabeça do livro que estava lendo e vi Clarabelle segurando meu filho de três meses, com cabelos pretos, Hayden Noctorno Hawthorne da Casa dos Hawthorne, herdeiro do Reino de Hawkvale e da cidade-estado de Bellebryn.

Eu adorava o título do meu filho, como qualquer mãe orgulhosa de um futuro rei devia adorar.

Vi a cabeça da Clarabelle inclinada para o lado e seus olhos cegos visavam a janela de frente para o mar. Meus olhos foram para lá, também, mas não consegui ver nada, apenas as águas verde-esmeralda e grandes galeões flutuando.

A comoção era proveniente da rua, que estava no lado oposto da casa, um local que eu não podia ver.

Aggie pulou animadamente no meu joelho e olhei para ele.

— Piu, piu, piu — que significava —Alguma coisa está acontecendo, Cora.

— Eu sei, Aggie — sussurrei então olhei para Clarabelle, que, instintivamente, tinha puxado meu filho protetoramente para mais perto do seu peito e virou a cabeça para mim. — Tem alguma coisa acontecendo hoje, Clarabelle? — Perguntei.

— Você é a princesa da nossa cidade, minha querida — me lembrou com um sorriso amável. — Você sabe de algo que vai acontecer?

Balancei a cabeça e, uma vez que ela não podia me ver fazendo isso, falei:

— Não. Eu...

Parei abruptamente quando ouvi a porta no térreo se abrir, bater de volta nas suas dobradiças, em seguida, passos altos e pesados se misturaram com leves e desajeitados, que estavam subindo as escadas.

Ficando de pé, enquanto dava ao Aggie meu dedo, que pulou sobre ele, me virei, alerta, para a porta, me posicionei entre ela, Clarabelle e o meu filho, enquanto a adrenalina inundava o meu corpo.

Desde o meu retorno, tivemos bons momentos... não, ótimos momentos, meses deles. Dias ensolarados, família, amigos, a entrega segura do próximo herdeiro do trono, que proclamou festas e folia por toda Bellebryn e Hawkvale (da qual não participei, já que tinha acabado de ter uma criança e estava exausta) mas foram todas coisas boas.

A única parte ruim era que não podia compartilhar isso com a mãe, o pai e a Phoebe, mas o resto era tão bom, que podia conviver até mesmo com isso.

Ainda assim, o que quer que fosse a comoção que levou alguém a correr pelas escadas não augurava nada de bom e esperava que não tivesse que assumir o modo princesa guerreira, considerando que não tinha nenhuma arma, minha experiência era limitada, já tinha passado algum tempo desde que tinha empunhado punhais e, portanto, estava um pouco enferrujada.

Diante deste pensamento, Blanche (felizmente, não uma ameaça), de repente, preencheu a porta, sua criança, agora muito maior, no colo (na verdade, a criança devia estar de pé, ela podia andar, não apenas de forma constante, e foi por isso que percebi que ela a estava carregando, devido à sua pressa — a mão da criança de cinco anos agarrada na dela. Tal era seu ímpeto, que a criança estava balançando, pendurada em sua mão, incapaz de parar de balançar, quando sua mãe parou abruptamente.

— O sargento de armas está vindo para cá, minha princesa. Sua presença é necessária no castelo — anunciou, e meu coração se contraiu porque minha presença nunca foi “*necessária*” no castelo. Meu filho precisava de mim, meu marido precisava de mim e Perdita, de vez em quando, precisava de mim. Tinha uma boa vida, uma vida bonita. Meu tempo era meu. Eu era uma princesa que fazia suas coisas de princesa do jeito que lhe convinha (que era a maneira sobre a qual Tor tinha finalmente parado de reclamar, apenas me deixando ser amigável e aberta entre o *meu povo*).

Duvidava muito que Perdita precisar discutir o cardápio da semana (que tínhamos combinado há dois dias) fosse o que enviou o Algernon para me buscar. Se a Perdita precisava de mim, ela geralmente esperava até eu chegar em casa, se não estivesse em casa já.

Portanto, não perdi tempo, me virei imediatamente para pegar meu filho com a Clarabelle, levantando a mão para o Aggie poder pousar no meu ombro.

Confirmando o anúncio da Blanche, uma batida forte pôde ser ouvida no andar de baixo, seguida por um grito.

— Princesa Cora! Seu príncipe exige sua presença no castelo, imediatamente!

Algernon.

E era o Tor que precisava de mim.

Maldição dos infernos. O que aconteceu?

Clarabelle levantou o Hayden para mim, o peguei dela, ele se mexeu dormindo por cerca de dois segundos enquanto sua transferência era concluída.

Meu bebê era um bom bebê, quieto, tranquilo e feliz na maioria das vezes, mas deixava saber de uma forma estranhamente autoritária quando estava com fome ou precisava ser trocado (herdou isso do seu

pai, decidi). Mas, principalmente, ficava feliz em observar os arredores, embora tenha que dizer, havia uma estranheza a considerar sobre isso, também, desde o nascimento, não estou brincando, era alerta, quase vigilante, como se pudesse ver, sentir e processar tudo o que estava acontecendo ao seu redor.

Como disse, era estranho, mas ainda assim, era legal

Eu o puxei para mais perto de mim, me inclinei rapidamente para beijar o rosto da Clarabelle, murmurei palavras de despedida, então me endireitei e fui até a Blanche, com quem fiz a mesma coisa.

Então Hayden, Aggie e eu desviamos da Blanche e do seu filho, que estavam saindo do nosso caminho, para podermos sair rapidamente o quarto. Desci as escadas, vendo meu guarda pessoal, Geraint, parado ao lado da porta aberta, o Algernon na entrada.

Desde antes do Hayden nascer, meu príncipe, não querendo correr riscos, decretou que se eu deixasse o castelo e ele não estivesse disponível, então Geraint iria comigo.

Geraint era um dos guerreiros do Tor.

Não, apague isso, de acordo com o Tor, ele era o melhor dos seus guerreiros, alto, largo, musculoso, cabelo loiro escuro, olhos castanhos claros e totalmente ameaçador. Quando o conheci, ele parecia tão feroz, tão capaz de ser um guerreiro por completo, que achei que não gostaria das suas novas funções, cuidar de uma mulher e da sua criança.

Estava errada.

Claro, não era tagarela. Também não era amigável, absolutamente. Era maciço e intenso. Mas levava a sério suas responsabilidades. Estava guardando a futura rainha e o futuro (futuro) rei do reino. Isto era um negócio sério e comunicava isso em cada ação, cada movimento, cada inclinação da cabeça ou deslize do olhar. Nunca o vi sem estar completamente armado (o que seria dizer, espada nas costas, punhais em ambos os lados da cintura e outra faca enfiada no

lado da bota direita). E nunca o vi aparentar estar cansado, distraído ou aborrecido.

Nunca. Inclusive agora.

— Há alguma coisa errada? — perguntei quando estava no meio da escada.

— Precisamos levar você até o seu príncipe — respondeu Algernon, com os olhos grudados em mim e os meus foram para o Geraint.

— Geraint? — chamei quando cheguei ao final das escadas.

— Rápido — ele grunhiu.

Geraint, a propósito, não fazia nada além de grunhir e, quando o fazia, geralmente eram palavras monossilábicas. Às vezes, uma sequência de duas ou três palavras monossilábicas juntas, mas isso era raro.

Não sabia por que não era muito comunicativo, mas, considerando a quantidade de tempo que passava com ele, tinha tentado pescar essas informações, então, quando isso não funcionou, tentei arrancá-las dele. Também não funcionou, então desisti e perguntei ao Tor.

A resposta do Tor foi um pouco mais elucidativa, mas não muito.

— Guerra é guerra, querida, e a maioria das coisas que precisam ser feitas durante a guerra não são agradáveis para todos os soldados — explicou, em seguida, seu olhar encarou o meu e vi que os dele estavam sombrios quando continuou.

— Então, há coisas que precisam ser feitas durante a guerra por alguns soldados que são ainda menos agradáveis. Geraint era o guerreiro que fazia essas coisas.

Decidi, depois de receber essa explicação, que não precisaria de mais informações.

Portanto, como sempre fazia quando Geraint se dignava a falar (ou, mais precisamente, grunhir) fiz o que me foi dito.

Me apressei para fora da porta e vi que Algernon não estava sozinho. Havia uma pequena guarda (se uma guarda de vinte homens podia ser considerada pequena) e isso não me deu uma sensação boa, já que nunca tive, nenhuma vez, uma guarda de qualquer número, exceto um (Geraint). Meu sentimento se tornou pior quando se moveram imediatamente, para me flanquear inteiramente, Geraint tomando a frente, Algernon andando bem do meu lado.

Não hesitei. Em vez disso, junto com a guarda, meu filho e eu nos movemos rapidamente pelas ruas de paralelepípedos até o castelo, atravessamos os portões, respirei fundo e puxei o meu filho, que ainda dormia, ainda mais perto do meu peito quando vi o que estava enchendo o vasto pátio da minha casa.

Soldados... Não. Guerreiros.

Centenas deles. Todos sobre cavalos. Todos com cabelos pretos, longos, trançados ou presos em rabos de cavalo pendurados nas costas, usando calças feitas de pele, camisas feitas de pele, espadas inclinadas nas suas costas, facas nos cintos, botas nos pés, seus olhos escuros e ferozes em rostos com pele morena e corpos imensamente enormes e musculosos, todos, claramente, em alerta.

Pareciam uma tribo de nativos americanos gigantes sem as penas e tal.

E soube imediatamente que eram Korwahks.

Que diabos?

Tínhamos, naturalmente, enviado várias missivas para Circe, mas também não tínhamos recebido qualquer comunicação em troca. E nada que dissemos em nossas cartas levaria um esquadrão de lindos, mas assustadores guerreiros, a ocupar o pátio.

Quando meu olhar se moveu sobre os Korwahk, vi parado sobre os degraus do castelo um grupo heterogêneo de cerca de uma dúzia de homens usando camisas, calças, botas e também estavam armados. Bárbaros até podem ser, mas também bonitos e bem construídos, apenas rudes até as pontas dos cabelos. Eles, também, estavam obviamente em estado de alerta.

E, por último, havia uma falange de cerca de cinquenta soldados em frente aos Korwahk. Estes homens estavam montados e pareciam ser de Hawkvale, exceto que as cores de Vale (bem como de Bellebryn) eram o azul e o verde, e os soldados estavam usando vermelho e dourado, o que significava que eram de algum outro lugar.

Parei de olhar ao redor quando Geraint abriu o caminho até os degraus. Segurei o Hayden mais perto, minha guarda se separou e Algernon me guiou pelos degraus até o topo, onde Tor estava atravessando a porta da frente.

Meu coração parou ao vê-lo, em seguida, pulou diante do olhar no rosto bonito.

Sim, se o guarda não tinha dito isso e o pátio cheio de guerreiros não disse isso, o rosto do Tor disse isso.

Alguma coisa estava errada.

— Sua graça — Algernon murmurou, sendo muito mais formal do que de costume, provavelmente devido ao grande público que tinha, antes de abaixar o queixo respeitosamente, levantar a mão em silêncio para pegar o Aggie (e Aggie, sentindo claramente a vibração, fez isso sem dar nem mesmo um gorjeio), em seguida, Algernon se afastou silenciosamente.

Sem dizer uma palavra, Tor habilmente tirou Hayden dos meus braços, o acomodou no lado do seu peito, na curva do seu braço, e colocou o outro braço em volta dos meus ombros, de forma rápida nos escoltando para o castelo.

Era seguro dizer que Tor adorava o seu filho. Considerando que seus dias eram preenchidos fazendo coisas de príncipe e os meus eram preenchidos fazendo coisas de princesa (o que significava dizer, qualquer que seja o inferno que quisesse fazer, e o que queria fazer era ser mãe, assim, gastava todo o meu tempo fazendo isso, mesmo quando estava fazendo outras coisas também), Tor havia decretado que, todas as noites, ele ficava com o Hayden. Isso, é claro, também acontecia comigo (que também era um decreto de Tor, mas não reclamei sobre isso também, vendo que estar com o meu marido e o meu filho era onde eu queria estar mesmo), mas se o Hayden estava acordado, Tor ficava segurando-o e brincando com ele. Quando era preciso que o Hayden fosse colocado para dormir, Tor o levava para o berço. Até mesmo se o Hayden precisasse ser trocado, Tor fazia isso também.

Era um pai presente, completamente. Algo que eu gostava, assim, muito. Definitivamente, podia afirmar que o meu marido sexy ficava incrivelmente sexy quando estava com o filho.

Definitivamente.

Também era seguro dizer que o Tor estava aliviado pela minha gravidez ter terminado. Embora tenha tido uma gravidez fácil, alguns enjoos pela manhã logo após chegarmos do meu mundo, foi apenas isso, meu trabalho de parto não foi a memória mais feliz do Tor, mesmo que o resultado final fosse espetacular (o que eu podia dizer? Nosso filho era lindo).

Na verdade, não foi tão ruim, embora o trabalho de parto tenha durado oito horas, o que definitivamente foi uma merda. Mas a parteira explicou que quantidade de tempo não era incomum e o nascimento não demorou muito (embora tenha sentido, naquele momento, como se tivesse durado anos).

Meu príncipe, no entanto, não gostava de me ver com dor e, já que não saiu do meu lado, do início ao fim, teve horas de sofrimento,

assim como eu. Além disso, seu pai tinha perdido três esposas, sua mãe tinha morrido ao dar à luz a ele, minha mãe quase morreu ao ter a minha irmã e minha irmã realmente morreu. Portanto, meus gritos, gemidos, grunhidos e, eventualmente, berros, eram pura tortura para ele, que não escondeu. Por ele, me esforcei para fazê-lo entender que era tudo natural, mas considerando que eu estava passando por um parto, e tendo um bebê sem coisas divertidas como drogas, não fui muito bem-sucedida nesses esforços.

Não gostei que ele tenha sofrido tão claramente junto comigo (talvez, se fosse possível acreditar, ele tinha sofrido mais do que eu).

Mas, ainda assim, o amei ainda mais por isso.

E, embora aliviado que a minha gravidez tivesse terminado, não significou que na primeira oportunidade após o Hayden dar entrada neste mundo, Tor não fizesse outra tentativa, ou, devo dizer, fizesse espetacularmente um sem número de frequentes tentativas (como de costume) para me engravidar novamente.

Quando estávamos fora do alcance dos ouvidos e passamos os quatro primeiros degraus da escada curva de mármore, sussurrei:

— Querido, o que...?

Ele me cortou, olhando para frente, os braços ainda embalando o seu filho e me mantendo perto.

— Nós tivemos notícias perturbadoras, meu amor.

Droga.

— O que foi? — Perguntei e Tor não respondeu até estarmos no topo das escadas e vários metros dentro do largo corredor.

Lá, ele me parou e me puxou para frente, para que meu filho, meu príncipe e eu estivéssemos todos em um amontoado.

Isso, normalmente, me fazia sentir muito bem. Diante do olhar perturbado nos lindos olhos azuis do Tor, não me senti bem.

Levantei a mão e a descansei no peito firme enquanto deslizava o outro braço em volta da sua cintura, em um esforço bem-sucedido para tornar a nossa aproximação mais estreita.

— Frey Drakkar e Apollo Ulfr, de Lunwyn, e o Rei Lahn de Korwahk, estão todos aqui — falou e eu pisquei.

Sabia de Lunwyn e sabia de Korwahk. Na verdade, sabia um pouco sobre ambos considerando a coisa que tinha acontecido em Lunwyn (o país gelado no extremo norte do continente, onde ficava Hawkvale, a antiga Middleland (que tinha sido um país próprio até a recente guerra, que significava que tinha voltado a ser Lunwyn) e, obviamente, Korwahk. Contos tinham se espalhado amplamente, sobre o que tinha acontecido em Lunwyn, Middleland e Korwahk, e tudo isso tinha algo direta ou indiretamente a ver com o agora deposto e realmente não bem quisto Rei Baldur, da antiga Middleland, que estava atualmente no exílio em alguma ilha, em algum lugar.

Também sabia sobre esses lugares porque, obviamente, a Circe do meu mundo era a Rainha de Korwahk.

— Por que estão aqui? — Perguntei.

Ele respirou fundo pelo nariz, mas não perdeu contato com os meus olhos, antes de começar:

— Em primeiro lugar, acabo de receber a notícia que Frey, que é um amigo meu de longa data, está casado com a princesa de gelo de Lunwyn.

Balancei a cabeça, sabendo que Frey Drakkar era amigo do Tor e, também, que parecia um cara legal pra cacete, considerando que comandava dragões (incrível!) e elfos (também incrível!) e era como um Viking, ou algo assim. Além disso, todos tinham ouvido falar dele e da princesa de Lunwyn, considerando que o seu romance foi um conto espalhado por todos, visto que seu casamento foi arranjado e ainda, em

apenas alguns meses, estavam, claramente, obviamente e indiscutivelmente, perdidamente apaixonados.

Tor prosseguiu.

— Essa não é a notícia, Cora, a notícia é, soube pelo Frey que a princesa Sjöfn, ele a chama Finnie (seu braço me deu um aperto e sua voz ficou mais baixa), ela é do seu mundo.

Pisquei e senti meus lábios se abrirem.

Então, sussurrei:

— Sério?

Algo na intensidade dos seus olhos mudou quando seus lábios se curvaram e sussurrou em resposta:

— Sério, amor.

— Uau — sussurrei.

Demais!

Ele me deu outro aperto e a intensidade voltou para os seus olhos, quando continuou:

— Você vai conhecê-la muito em breve. Como vai conhecer a Circe, que veio com o Dax Lahn. Estão todos no meu escritório.

Desta vez, fiquei boquiaberta. Demais!

Tor continuou falando,

— Eles não vêm com boas novas, Cora.

Minha boca se fechou e meu coração se contraiu. Então, sussurrei:

— O quê?

Aproximou mais ainda a cabeça enquanto abraçava a mim e ao nosso filho e disse baixinho:

— Aqueles que possuem magia em Korwahk e Lavinia de Lunwyn, uma poderosa bruxa, receberam a palavra dos deuses. Estas foram prontamente comunicadas ao Dax Lahn e ao Frey com a devida pressa.

Palavra dos deuses? Os deuses deste mundo falavam com as pessoas?

Não tive chance de perguntar, mas o Tor respondeu assim mesmo.

— Isso é altamente incomum, na verdade, nunca ouvi falar disto antes, meu amor, nunca mesmo.

Oh, Jesus. Tor prosseguiu.

— Sem saber que os outros também receberam essas mensagens, devido ao que foi comunicado, todos eles imediatamente vieram para cá, para se encontrar comigo e formar uma aliança, ao mesmo tempo enviar vários olheiros para verificar se as informações comunicadas pelos deuses estavam corretas.

— Quais são essas informações?

Tor não hesitou em responder.

— A informação é que o Baldur escapou da ilha e se juntou à Minerva e mais duas bruxas malévolas de Hawkvale. Eles pegaram Cora, a Primorosa, por razões que atualmente não conhecemos e estão muito perto de dar início a algum plano nefasto, cujos resultados e o que esperam conseguir, também não sabemos.

Olhei para ele enquanto meu corpo ficava mais tenso ainda.

Então, perguntei:

— A informação era correta?

Ele segurou meu olhar e disse com cuidado,

— O único olheiro que voltou, um guerreiro Korwahk, confirmou que sim.

O único olheiro? Meu Deus.

— Tor — sussurrei, chegando mais perto dele e do nosso filho, que ainda dormia.

— Essas bruxas são conhecidas, Cora — disse baixinho. — Elas não são boas mulheres. Têm sido vistas e se sabe que foram

acumulando energia durante décadas. Nós tínhamos conhecimento desta situação.

— Isso é bom, não é?

— Sim, amor, é. O que não é bom é que fomos tomados de surpresa por seus movimentos recentes, que foram totalmente encobertos. Além disso, não temos nenhuma ideia do que pretendem fazer, não temos ideia por que tomaram a Cora, as alianças que fizeram são mais do que um pouco preocupantes, incluindo o Baldur, que não era um bom homem antes, além da imaginação, mas que, agora, mais do que provavelmente tem vingança em sua mente, e, por último, que possuem enorme poder.

Fechei os olhos.

— Querida, olhos — Tor sussurrou, então os abri. — Lavinia de Lunwyn também é muito poderosa. Assim como o Frey, o poder que tem sob o seu comando está além de qualquer coisa, considerando que controla os dragões e comanda os elfos. E, por último, Lavinia chamou uma bruxa do seu mundo, uma mulher chamada Valentine, uma mulher que Lavinia diz ser a bruxa mais poderosa que já viu. Ela também é uma mulher que se comprometeu, por um pagamento, a ajudar.

— Bem, isso é muito bom, não é? — Repeti. Tor assentiu.

Relaxe um pouco. Tor seguiu em frente.

— Ao longo dos meses, desde o regresso do seu mundo, também recebi muitos relatos que a Minerva está enfraquecida, de uma forma significativa. O poder que é necessário para mover os seres entre os diferentes mundos, bem como os exércitos de vickrants e toilroys que ela foi forçada a criar quando estava brincando com a gente, a reduziu ao seu estado mais fraco em séculos.

Relaxe um pouco mais e sussurrei:

— Bom.

— Além disso, — continuou — meus guerreiros tiveram anos de paz, mas são guerreiros. Mesmo em paz, treinam e se mantêm em forma. E conhecem a batalha, mas também conhecem triunfo. Também são formidáveis.

Relaxe um pouco mais e assenti. Tor não havia terminado.

— E os homens do Frey também são altamente treinados em uma variedade de lutas, incluindo o uso de adagas e espadas, arcos, mas também astúcia e discrição.

Suspirei, relaxei ainda mais e assenti com a cabeça mais uma vez.

Tor ainda não havia acabado.

— E o primo do Frey, Apollo, é um estrategista reverenciado.

— Então, nós estamos bem — sussurrei, o senti ainda tenso, então voltei imediatamente para o modo não relaxada.

— Temo, querida, que enfrentaremos guerra, e na guerra, até que a vitória seja alcançada, você nunca comete o erro de pensar que está... — ele hesitou, em seguida, concluiu — bem.

Droga.

Abaixou a cabeça, então sua testa estava tocando a minha e murmurou:

— Não quero preocupar você, mas preciso prepará-la.

Respirei fundo e balancei a cabeça novamente, minha testa contra a dele, seu braço me deu um aperto, levantou a cabeça um centímetro, mas manteve o meu olhar.

— Isso não me escapou, Cora, ou aos homens no meu escritório, que todos nós somos casados com mulheres do seu mundo, nossos sentimentos em relação às nossas companheiras são extraordinariamente profundos e a perda de qualquer uma de vocês seria devastadora, não só para nós, seus maridos, mas também para cada um dos nossos países. Para os deuses de Korwahk e Lunwyn

falarem com as bruxas desses lugares e avisá-las do que está acontecendo em Hawkvale, instruí-los a vir em nosso auxílio... — ele parou.

Prendi a respiração.

Tor concluiu.

— Frey, Lahn e eu, assim como Apollo e Lavinia, achamos que isto não é uma coincidência.

Soltei a respiração diante da suposição.

— Minerva ainda não terminou com a gente.

Ele confirmou o meu palpite.

— Minerva ainda não terminou com a gente. Na verdade, querida, diria que a nossa vitória sobre ela e os seus planos cuidadosamente definidos, a quantidade de energia que teve de usar e, ainda assim, não vencer, está apunhalando sua garganta. E Baldur ainda não terminou com o Frey, Finnie, Circe e Lahn, todos pelos quais detém profunda antipatia por uma variedade de razões. Mas há mais, isto é maior do que ambos, Minerva e Baldur, nós simplesmente não sabemos quão grande isso é ou, se for o caso, se tem algo a ver com você, Circe e Finnie.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

— Então, e agora? — Perguntei.

Me observou por um momento.

Então, falou:

— Agora, você atende às suas compatriotas, seus maridos, seus filhos e, em seguida, se divirta com as mulheres, como só você sabe fazer, enquanto os homens se preparam para a guerra.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

Ainda assim, pelo lado bom, estava ansiosa para conhecer Circe e Finnie. Passar um tempo com pessoas do meu mundo seria fantástico.

E, de qualquer maneira, eu era uma princesa e, um dia, seria rainha, também era esposa de um guerreiro (e *meio que* uma princesa

guerreira não muito tempo atrás) então tive que engolir isso.

Nem todo minuto podia viver um conto de fadas, mesmo em uma terra de fantasia, descobri isso da maneira mais dura.

Então, respirei fundo, me afastei um pouco do meu marido, me inclinei para beijar a testa do meu (ele era um bebê tão bom) filho, que ainda dormia, ergui os ombros e, depois disto, encarei seu olhar.

Então, falei:

— Tudo bem, querido, vamos fazer isso. Vou divertir as meninas para que vocês, rapazes, possam planejar como chutar a bunda de alguns caras maus.

Tor olhou para mim por um momento, antes dos seus olhos se iluminarem com uma luz que só podia ser descrita como orgulho, antes de começar a rir.

Então se inclinou, roçou os lábios contra os meus, se virou e me guiou até o seu escritório. As portas duplas se abriram, andamos direto para elas, demos dois passos e, em seguida, paramos.

E, da minha parte, fiquei olhando.

E fiz isso porque havia três homens naquela sala que eram mais quentes do que quente. Tor, é claro, vencia todos eles em matéria de ser sexy (principalmente porque era meu marido), mas não com grande vantagem.

Lahn era enorme, sombrio, feroz e, repito, enorme. Frey era apenas um pouco menos enorme e feroz, com cabelo escuro, olhos castanho-esverdeados (ou verde-acastanhados, não conseguia determinar, exatamente, mas podia afirmar que poderia perfeitamente passar algum tempo tentando descobrir isso de perto, se já não tivesse meu próprio cara sexy, que governava uma cidade-estado e acabaria por governar uma nação) e lindo, l-i-n-d-o. O Apollo também era um pouco menos enorme, mas não menos feroz do que aparentava ser o

Lahn, com olhos verdes (definitivamente verdes, um lindo tom de verde, um inacreditável verde), e incrivelmente b-o-n-i-t-o.

E havia também três mulheres e, considerando os homens parados ao lado de duas delas, de forma protetora, da mesma maneira que o Tor estava me segurando, soube quem era cada uma delas; Finnie (cabelo loiro platinados, olhos azuis cristalinos como gelo, deslumbrante, usando calça, botas e uma camisa à moda antiga, o marido dela embalando um bebê, como o meu estava fazendo com o nosso), e Circe (cabelo dourado, olhos dourados, belíssima, vestindo um *sarongue* incrível, — um *sarongue!*—, sandálias, um tipo de camisa de manga curta, fina e justa, joias muito legais, e ela e o seu grande marido estavam embalando bebês, o bebê que ele segurava tinha cabelo loiro, o que ela segurava, tinha cabelo preto).

E, depois de observar todos eles, incluindo Lavinia de Lunwyn, que não estava abraçada a um cara quente, foram os olhos da Circe que peguei.

E quando o fiz, sorri e sussurrei:

— Harold mandou um oi.

Então assisti os notáveis olhos ficarem brilhantes e seu marido enorme, feroz, que usava camisa e calça de pele, carregava uma espada, ostentava um cinto com uma faca enfiada nele, a puxou ainda mais protetoramente quanto possível e ela retribuiu meu sorriso.

Valentine

— Você está aqui — ela ouviu a voz profunda e atraente do sexo masculino dizer, seu corpo se virou e seus olhos foram da bela vista do

mar verde escuro e seus navios com altos mastros, para a bela visão do homem alto e sombrio que saiu das sombras do castelo atrás dele.

— Estou aqui — concordou com o óbvio. Ele parou na varanda, há três metros dela.

— Já estou esperando há algum tempo — ele informou e a bruxa Valentine Rousseau soube, pelo tom da sua voz, que ele não gostava de esperar.

— Sei que está esperando — falou baixinho.

— E não tive nenhuma notícia — disse a ela mais uma coisa que mostrou, claramente, que não gostou.

— Ulfr — ela sussurrou, não acreditando que ia fazer isso, mas ia fazer, então, antes que se convencesse a não o fazer, falou rapidamente — Vou devolver o seu pagamento.

Ele olhou para ela, os olhos verdes brilhando, mesmo na noite escura iluminada somente pelas luzes suaves da cidade.

Finalmente, ele presumiu:

— Ela está morta no seu mundo, também.

Valentine balançou a cabeça e Ulfr arqueou as sobrancelhas.

— Então não a encontrou?

— Eu a encontrei. — Valentine falou cuidadosamente e viu seu corpo enorme e pesado enrijecer, o que o tornou ainda mais celestial.

— Então, o quê? — Começou.

— No meu mundo — rapidamente o interrompeu — Ilsa é casada.

Deve ser dito, enquanto observava o corpo celestial ficar ainda mais tenso, que Valentine achou esse show fascinante.

Ele permaneceu silencioso e somente quando falou de novo, entendeu que ele fez isso para considerar suas opções.

Em seguida, declarou o que havia decidido.

— Isso não importa.

Era uma escolha surpreendente, mas ditatorial, que Valentine não podia evitar de achar que ele estava certo, mas não importava. Contemplando com os olhos o modelo de homem diante dela, Valentine soube que uma mulher podia amar um homem no seu mundo, ser afastada dele, se oferecer para este homem e, definitivamente, ia esquecer que o seu outro homem existiu. Sabia disso, embora soubesse muito pouco sobre Apollo Ulfr. O que sabia era da profundidade da sua capacidade de amar, e sua experiência mostrou que apenas três homens eram comparáveis a ele, todos estavam neste mundo paralelo e todos estavam, atualmente, dentro deste castelo.

Infelizmente para ele, a única mulher que queria, na opinião da Valentine, era a única mulher que, em ambos os mundos, ele não tinha nenhuma esperança de conquistar.

— Importa sim — Valentine disse a ele com cautela.

— Não — respondeu imediatamente.

— Ulfr — ela começou.

— Traga-a para mim — ordenou.

— Ulfr, é do meu entendimento que você está à beira de uma guerra — lembrou ela.

— Esta é uma preocupação minha, não sua.

— Ulfr, a Ilsa do meu mundo é casada.

Ele a interrompeu.

— Você já disse isso, e...

— Com você.

O corpo do Ulfr novamente enrijeceu e ela o ouviu respirar fundo.

Em seguida, sussurrou:

— Comigo?

— Com o você do meu mundo — Valentine explicou. Ulfr não deu nenhuma resposta.

Valentine continuou.

— Isso não é incomum. Na verdade, é muito normal.

Os olhos do Ulfr se moveram para observar o mar, mas ela sabia que ele não o estava vendo. Em seguida, voltaram para ela.

— Isso também não importa.

Amor.

Deusa, mas este homem podia amar.

Cegamente.

— Ulfr.

— Não importa — repetiu.

— Ulfr, — Valentine se inclinou — isso importa. E não só porque ela não é profundamente apaixonada pelo seu marido, assim como você é pela sua esposa morta. Importa, porque o você do meu mundo não é um bom homem. Ele é um cara ruim. Um homem muito mau. Falso. Egoísta. Um criminoso. Cruel. E a razão pela qual tive dificuldade para encontrá-la é porque está fugindo dele. Ela não vai querer você, Ulfr. Ela não vai querer ter nada a ver com você. Se você a trouxer para cá, para passar um tempo com você, ela vai...

— Traga-a para mim — exigiu novamente.

Ela deu um passo na direção dele e, perdendo estranhamente o controle em defesa de uma companheira do sexo feminino (ou de todas), vociferou:

— Você deve me permitir explicar. Ele, o outro você, que se parece como você e age como você, não tem sido bom para ela e quando digo isso, Ulfr, quero dizer, em todos os sentidos que um homem consegue não ser bom para uma mulher. Ela o teme e o odeia com uma intensidade que vai ser impossível desenvolver...

— Traga-a para mim.

— Ulfr! — Vociferou e ele se inclinou ameaçadoramente, de um modo tão ameaçador, que até mesmo Valentine recuou.

Ela poderia ser uma bruxa poderosa, mas ele era um homem grande e poderoso, e ela era humana, não estava imune a ser ferida e ele era um homem que sabia o que queria e faria qualquer coisa para obtê-lo.

— Isto é problema meu, não seu — grunhiu. — Traga... ela... para mim.

Valentine encarou os olhos de jade.

Então se inclinou para trás.

Em seguida, sussurrou:

— Que assim seja.

Apollo Ulfr também se endireitou, seu corpo relaxou e declarou:

— Amanhã. Vou lhe dizer a hora e o lugar.

Valentine assentiu.

Ulfr não retribuiu o aceno. Girou nos calcanhares e se afastou.

Foi um bom show e, mesmo depois dessa cena, Valentine gostou.

Então, quando o perdeu de vista, suspirou delicadamente e se voltou novamente para o mar. Movendo-se para a balaustrada, apoiou as mãos sobre ela e sentiu, mais do que viu, a outra presença que havia estado escondida nas sombras sair e vir para o lado dela.

— Ele não vai ter sucesso — Valentine falou para o mar.

— O amor é poderoso — Lavinia de Lunwyn sussurrou em resposta.

— Na verdade, o amor é tudo, mas o ódio é o outro lado dessa moeda e detém igual poder.

— Humm — Lavinia murmurou, então perguntou baixinho — Mas a distância em torno dessa moeda não está longe, não é, Valentine?

Isso era verdade. A moeda do amor e do ódio girava e o fazia regularmente. Ainda.

Valentine olhou para o mar e, mais uma vez, estranhamente, sentiu um mal-estar, portanto, compartilhou calmamente:

— Ilsa está arrasada.

— Como está o nosso Apollo — Lavinia respondeu, e era a mais pura verdade.

— Mas ele não ama a Ilsa do meu mundo. Ele ama uma Ilsa que morreu — Valentine lembrou a amiga.

Valentine sabia que Lavinia tinha virado a cabeça para olhar para ela, quando falou de novo.

— Três vezes, Valentine, três vezes, o amor atravessou universos. Você já viu isso acontecer uma vez e sabe das outras duas vezes. Ele ama uma mulher morta, lamenta por ela, inabalável. Mas isso não significa que não pode encontrar o amor novamente, um amor diferente, com uma mulher diferente, mas que é ainda a mesma. Ele conheceu a beleza, mas sua história inteira é incalculável. E ela não conheceu a beleza. Quem pode dizer que ele não pode guiá-la para a beleza? Um homem como ele é capaz de muitos feitos, mesmo aqueles que parecem impossíveis. — Ela parou e sussurrou:

— O amor tem sua própria magia, Valentine, sabe disso também.

Valentine olhou para a outra bruxa.

— Você não sabe como é ruim. Eu não vejo coisas boas. Ele anseia por uma mulher morta. A Ilsa do meu mundo não vai agradecê-lo por arrancá-la do seu mundo, não importa que nesse mundo ela não possua nada além de terror e fuga, e forçá-la a viver com um homem que é fisicamente parecido, mesmo que não seja, com um homem que teme e detesta o tempo todo, e não quer nada além da esposa morta de volta, não ela. Ela não é a Ilsa que ele ama e isso é tudo o que ele verá, até que venha a entender que ela não é a mulher que ele tão desesperadamente quer de volta, e depois? Decepção, se ela tiver sorte. Raiva, se não tiver.

— Há outros resultados possíveis — Lavinia rebateu.

— Verdade, mas há também esses dois.

Lavinia encarou seu olhar. Então sorriu e sussurrou:

— Veremos.

Isso era verdade também. Valentine suspirou e imaginou por que ela se importava. Não chegou a nenhuma conclusão; era simplesmente isso, infelizmente, que ela fazia.

Então, olhou novamente para o mar e falou baixinho:

— Tenho trabalho a fazer.

— Você tem, de fato — Lavinia concordou. — Assim como eu.

Ela tinha. Tempos difíceis pela frente e, se Valentine não estivesse recebendo em troca baús cheios de joias e ouro, não teria nada a ver com isso.

Valentine não tinha um bom pressentimento sobre o que estava por vir para este universo. De jeito nenhum. E ela esteve presa nesse universo durante a guerra e não tinha gostado nem um pouco.

Dito isto, o trabalho que tinha que fazer naquele momento não tinha nada a ver com os problemas enfrentados neste mundo. Também não tinha a ver com Apollo Ulfr e sua devoção cega a uma mulher morta.

Tinha a ver com outra coisa.

Algo que não estava fazendo em troca de um pagamento.

Algo que estava fazendo apenas por diversão.

E, também, já que parecia ter ficado com o coração mole, recentemente (infelizmente), algo que estava fazendo por amor.

Então, por outro lado, tudo o que importava era o amor, então perdoou seu coração mole... desta vez.

Valentine se virou para a amiga.

— Até amanhã.

Lavinia levantou o queixo e sorriu.

Valentine levantou ambas mãos, em seguida, momentos depois, em uma névoa verde, desapareceu. Não reapareceu em New Orleans, na sua casa. Não, reapareceu em uma sala de estar em Seattle.

— Jesus, caralho! Que porra é essa? Quem, diabos, é você? — O homem que andava para fora da sua cozinha carregando uma garrafa de cerveja e a viu em sua sala de estar, explodiu.

Valentine se permitiu um momento indulgente para estudar o extremamente bonito Nocturno Hawthorne do seu mundo. Então, disse as palavras que ele iria, indubitavelmente, compreender imediatamente.

— Cora precisa de você.

Seu corpo poderoso ficou imóvel como uma estátua e olhou para ela, mas por trás dos olhos azuis, estava alerta, e nem mesmo tentou encobrir sua preocupação.

Em seguida, moveu o olhar para o teto e murmurou:

— Maldição.

Com isso, finalmente, Valentine sorriu seu sorriso de gato.

FIM.

Glossário do Universo Paralelo

*Lugares, mares, regiões da série Fantasyland de
Kristen Ashley*

Bellebryn — (lugar) Pequeno principado pacífico e do tamanho de uma cidade, localizado nas Terras do Norte e totalmente dentro dos limites de Hawkvale e do Mar Verde (oeste)

Fleuridia — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; com limites para Hawkvale (norte e oeste) e Mar Marhac (sul)

Mar Verde — (mar) Corpo de água parecido com o oceano, com costas próximas a Bellebryn, Hawkvale, Lunwyn e Middleland

Hawkvale — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; fronteiras com Middleland (norte), Fleuridia (sul e leste) e o Mar Verde (oeste) e Mar de Marhac (sul)

Keenhak — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com Korwahk (norte) e Maroo (oeste)

Korwahk — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com o Mar de Marhac (norte) e as nações de Keenhak (sudeste) e Maroo (sudoeste)

Korwahn — (lugar) Grande capital de Korwahk

Lunwyn — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nos lugares mais distantes das Terras do Norte; limites com Middleland (sul), Mar Verde (oeste) e Mar de Inverno (norte)

Mar de Marhac — (oceano) Separa Korwahk, Hawkvale e Fleuridia

Maroo — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas Terras do Sul; limites com Korwahk (norte) e Keenhak (leste)

Middleland — (lugar) Uma nação um tanto avançada com um rei tirano, localizado nas Terras do Norte; Limites com Hawkvale (sul), Fleuridia (sul), Lunwyn (norte) e Mar Verde (oeste)

Mar de Inverno — (oceano) Corpo de água no Ártico, que forma a costa norte de Lunwyn, cheia de grandes geleiras.

Northlands — (região) A região ao norte do equador na terra alternativa

Southlands — (região) A região ao sul do equador na terra alternativa

[1]¹ Referência ao filme “Monty Python em busca do Cálice Sagrado”

[2] Puget Sound é o nome de uma enseada profunda localizada na costa noroeste dos Estados Unidos.

[3]³ Tambor: coelho amigo do Bambi

[4] Coquetel feito de rum, açúcar, suco de limão, folhas de hortelã esmagadas, água de soda e gelo raspado.

[5] Banda norte-americana de rock formada em 1965 na cidade de São Francisco, Califórnia, berço do movimento hippie.

[6] É uma variedade de queijo de consistência muito cremosa, feito à base de leite de vaca e particularmente rico em gorduras. Sua cor é bege claro e o sabor é doce

[7] Marca famosa de eletrodomésticos e utensílios para cozinha.

[8] Jogo de tabuleiro originalmente publicado pela Out of Box Publishing, e agora distribuído pela Mattel

[9] Terceira música do álbum “Crash”, da banda Dave Matthews Band, foi lançado em 1996.

[10] O Seattle Mariners é uma equipe profissional norte-americana de beisebol sediada em Seattle, Washington.

[11] Referência da música “Crash Into Me”, de Dave Matthews Band.